

UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS - UNISINOS

PAULO RICARDO BAVARESCO

**O INDIVÍDUO URBANO: COTIDIANO, RESISTÊNCIA E POLÍTICAS PÚBLICAS  
EM PEQUENAS CIDADES DO OESTE DE SANTA CATARINA**

São Leopoldo/RS,  
Setembro, 2010

**PAULO RICARDO BAVARESCO**

**O INDIVÍDUO URBANO: COTIDIANO, RESISTÊNCIA E POLÍTICAS PÚBLICAS  
EM PEQUENAS CIDADES DO OESTE DE SANTA CATARINA**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS como requisito parcial para obtenção do título de Doutor em Ciências Sociais.

Orientador: Prof. Dr. José Ivo Follmann

São Leopoldo/RS,  
Setembro, 2010

## CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

---

B353 Bavaresco, Paulo Ricardo.

O indivíduo urbano: cotidiano, resistência e políticas públicas em pequenas cidades do oeste de santa catarina / Paulo Ricardo Bavaresco. --- 2010.

---- f.; 30 cm

Tese (Doutorado em Programa de Pós- graduação em Ciências Sociais) --  
Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS, São Leopoldo, Rio Grande do

Sul,

2010.

Bibliografia: f. 167.

1. Indivíduo urbano. 2. Cotidiano. 3. Políticas públicas. I. Título.

CDD 307.76

---

**PAULO RICARDO BAVARESCO**

**O INDIVÍDUO URBANO: COTIDIANO, RESISTÊNCIA E POLÍTICAS PÚBLICAS  
EM PEQUENAS CIDADES DO OESTE DE SANTA CATARINA**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS como requisito parcial para obtenção do título de Doutor em Ciências Sociais.

Aprovado em:

**BANCA EXAMINADORA**

Prof. Dr. \_\_\_\_\_  
Orientador: Prof. Dr. José Ivo Follmann - Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS

Prof. Dr. \_\_\_\_\_  
Prof. Dr. José Rogério Lopes – Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS

Prof. Dr. \_\_\_\_\_  
Prof. Dr. Aloísio Ruscheinsky – Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS

Prof. Dr<sup>a</sup> \_\_\_\_\_  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Arlene Anelia Renk. – Universidade Comunitária Regional de Chapecó - UNOCHAPECÓ

Prof. Dr<sup>a</sup> \_\_\_\_\_  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Teresinha Maria Gonçalves – Universidade do Extremo Sul Catarinense - UNESC

aos meus pais, Ariovaldo e Nair;  
à minha companheira, Giovana;  
à meu filho João Pedro.

## **AGRADECIMENTOS**

Esse trabalho é resultado de amplas trocas de informações e reflexões entre Professores e colegas de curso no Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS. Também é fruto de diversos depoimentos de indivíduos, que por meio de avaliações e reflexões de momentos de sua vida, contribuíram para com essa pesquisa.

Sou grato ao Prof. Dr. José Ivo Follmann pelas orientações, leituras críticas e pelo respeito a minha caminhada sempre estimulando à novas buscas durante aos períodos de estudo.

Agradecimentos aos professores Dr. José Rogério Lopes e Dr. Aloísio Ruscheinsky pelas valiosas considerações e sugestões no momento da qualificação, fundamentais para a conclusão da tese.

Ao Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS, Prof. Dr. Luiz Inácio G. Gaiger. Aos Prof. Dr. José Luiz Bica de Melo, Prof. Dr. Carlos A. Gadea e Prof. Dr. José Odelso Schneider quando pudemos trocar valiosas informações e sugestões, agradeço aos momentos de aprendizagem e conhecimento que construímos juntos.

Agradecimentos ao Prof. Dr. Arthur Blásio Rambo, Prof. Dr. Martin Norberto Dreher e ao Prof. Dr. Danilo Romeu Streck pela amizade e troca de experiências durante meus estudos na UNISINOS.

À Maristela Simon, secretária do PPG em Ciências Sociais pela disponibilidade e atenção aos estudantes.

À Nayr e Ângela pelos constantes questionamentos e sugestões sobre meus estudos.

À companheira Giovana que compartilhou todos os momentos de meus estudos.

Ao querido filho João Pedro pela alegria de sua chegada.

## RESUMO

Na presente tese, discutimos o cotidiano do indivíduo urbano e a trajetória das políticas públicas nas pequenas cidades do Oeste de Santa Catarina, a fim de compreender como essas políticas públicas urbanas são implantadas a partir da resistência e estratégias utilizadas pelos indivíduos na vida cotidiana. As análises bibliográficas subsidiaram o entendimento e a compreensão das relações entre políticas públicas e o cotidiano do indivíduo urbano. Com base em fontes primárias, como história oral de habitantes das cidades em estudo, observamos a vida cotidiana e as estratégias utilizadas para alcançar determinados objetivos individuais ou coletivos. Nesse aspecto, partimos do pressuposto de que o indivíduo é um ser de projetos e para alcançar determinados objetivos, cria estratégias para esse fim. A dimensão projetiva é motivacional e entre diversos fatores que a envolvem, os principais são valores, sentimentos ou até mesmo aventuras. A dicotomia entre público e privado é, por diversas vezes, manifesto em um sistema de percepções espontâneas como se fosse um contrato organizador da vida cotidiana. Assim, por meio de análises sociológicas, destacamos a dicotomia e a ambiguidade público/privado em seus múltiplos critérios de análises. Observamos que as estratégias e a resistência de sobrevivência cotidiana do indivíduo urbano e a promoção de políticas públicas é a tentativa de dar sentido à própria vida. Essa autonomia de criar e organizar estratégias para alcançar determinado fim, está em sua motivação íntima e é a própria liberdade do ser. Essa liberdade que o torna individualizante também é provocada pelo processo de globalização tecnológica, que aumenta os limites e as possibilidades do homem. Nesse cenário, as cidades estão sendo orientadas para o mercado mundial e moldadas a partir de valores culturais mundiais. Dessa forma, as pequenas cidades são colocadas nas mesmas *vitrines* que as médias e grandes cidades, ou seja, as políticas adotadas nas pequenas cidades são as mesmas políticas dos grandes centros urbanos. Isso demonstra que nos estudos sobre cidades, as análises dos dados das médias e grandes podem ser estendidas às pequenas cidades. Portanto, ao diferenciar pequenas e grandes cidades, é preciso observar as relações sociais e culturais no espaço vivido, bem como a interferência na racionalidade do indivíduo. Somente assim, é possível notar o desenvolvimento da cultura objetiva em relação à cultura subjetiva.

Palavras-chave: Indivíduo urbano. Cotidiano. Políticas públicas.

## ABSTRACT

In this thesis, we discuss the daily life of the urban individual and the trajectory of public policies in the small towns of the West of Santa Catarina, to understand how these urban public policies are introduced from the resistance and strategies used by individuals in everyday life. The Literature reviews supported understanding and comprehension of the relationship between public policy and everyday life of the urban individual. Based on primary sources like oral history of the inhabitants of the cities under study, we observed the daily life and the strategies used to achieve certain individual or collective goals. In this aspect, we assume that the individual is a being of projects, and to achieve certain goals he establishes strategies for this purpose. The projective dimension is motivational and among several factors that surround it, the main ones are values, feelings, or even adventures. The dichotomy between public and private is, by several times, expressed in a system of spontaneous perceptions as if it were an organizing contract of everyday life. Thus, through sociological analysis, we highlight the public / private dichotomy and ambiguity in its multiple criteria analysis. We observed that the strategies and the daily survival resistance of the urban individual and the promotion of public policies is the attempt to give meaning to life itself. This autonomy of creating and organizing strategies to achieve a certain purpose, lies in its inner motivation and is the very freedom of being. That freedom that makes him individualizing is also caused by the process of technological globalization process, which increases the limits and possibilities of man. In this scenario, cities are being world market driven and shaped from global cultural values. Thus, small towns are placed in the same *windows* that medium and large cities, namely, the policies adopted in small towns are the same policies of the large urban centers. This demonstrates that in studies about cities, the statistical analysis of medium and large can be extended to small towns. Therefore, when differentiating small and large cities, it is necessary to observe the social and cultural relations in the living space as well as the interference with the individual rationality. Only then you can note the development of objective culture in relation to subjective culture.

**Keywords:** Urban individual. Everyday life. Public policies.



## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

|   |     |
|---|-----|
| Tabela 01 - Urbanização no Brasil a partir das regiões - 1940 a 2000.....                                     | 29  |
| Tabela 02 - Crescimento populacional nas cidades em estudo. Divisão entre urbano e rural de 1991 a 2007 ..... | 30  |
| Figura 01 - Morador de Rua .....  | 114 |
| Figura 02 - Moradores de Rua .....  | 115 |
| Figura 03 - Estaleiro Só na orla do Guaíba .....  | 121 |
| Figura 04 - Área do Antigo Estaleiro Só .....   | 122 |
| Figura 05 - Panfleto.....   | 131 |
| Figura 06 - Espaço urbano e coletores de material reciclável.....   | 135 |
| Figura 07 - Poluição no leito do Rio Guamirim .....   | 149 |

## LISTA DE ABREVIATURAS

ACOMAR – Associação de Coletores de Materiais Recicláveis.

ARENA – Aliança Renovadora Nacional.

BNH – Banco Nacional de Habitação.

FGTS – Fundo de Garantia por Tempo de Serviço.

FMI – Fundo Monetário Internacional.

FPM – Fundo de Participação Municipal.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

IPTU – Imposto Predial Territorial Urbano.

MAB – Movimento dos Atingidos por Barragens.

MDB – Movimento Democrático Brasileiro.

MECs – Movimento Ecologistas Comunitários.

MENs – Movimentos Ecologistas Nacionais.

METs – Movimentos Ecologistas Transnacionais.

MMA – Movimento de Mulheres Agricultoras.

OIGs – Organizações Intergovernamentais.

ONGs – Organizações Não – Governamentais.

PND – Plano Nacional de Desenvolvimento.

SEDU – Secretaria Especial de Desenvolvimento Urbano.

UNISINOS – Universidade do Vale do Rio dos Sinos.

UNOESC – Universidade do Oeste de Santa Catarina.

## SUMÁRIO

|       |  |     |
|-------|--|-----|
| 1     | <b>INTRODUÇÃO</b> .....  | 12  |
| 2     | <b>HISTÓRIA DAS CIDADES NO SUL DO BRASIL</b> .....   | 20  |
| 2.1   | PROCESSO HISTÓRICO DO SURGIMENTO DAS CIDADES .....   | 22  |
| 2.1.1 | <b>Cidade de Iporã do Oeste</b> .....  | 25  |
| 2.1.2 | <b>Cidade de São Lourenço do Oeste</b> .....   | 26  |
| 2.1.3 | <b>Cidade de São Miguel do Oeste</b> .....   | 27  |
| 2.2   | A QUESTÃO DA URBANIZAÇÃO .....   | 28  |
| 2.3   | DIFERENCIANDO GRANDES E PEQUENAS CIDADES .....   | 34  |
| 2.3.1 | <b>Espaço e vida na cidade</b> .....   | 37  |
| 2.3.2 | <b>Proximidade do rural</b> .....  | 38  |
| 2.3.3 | <b>Relações sociais e culturais no espaço vivido pelos indivíduos e as combinações daí resultantes</b> ..... | 39  |
| 2.3.4 | <b>Interferência na racionalidade do indivíduo</b> .....   | 41  |
| 2.4   | PEQUENAS CIDADES NO ATUAL CONTEXTO DA GLOBALIZAÇÃO .....   | 43  |
| 2.5   | A INSERÇÃO DAS PEQUENAS CIDADES NO PROCESSO DE GLOBALIZAÇÃO .....  | 48  |
| 3     | <b>O PÚBLICO, O PRIVADO E AS POLÍTICAS PÚBLICAS URBANAS</b> .....  | 50  |
| 3.1   | O PÚBLICO E O PRIVADO .....  | 54  |
| 3.1.1 | <b>Percepção da dicotomia entre público e privado</b> .....  | 58  |
| 3.2   | AS POLÍTICAS PÚBLICAS E OS MOVIMENTOS SOCIAIS .....  | 62  |
| 3.3   | PLANEJAMENTO E POLÍTICAS PÚBLICAS URBANAS .....  | 69  |
| 3.4   | POLÍTICAS PÚBLICAS URBANAS NO MUNDO GLOBALIZADO .....  | 74  |
| 3.5   | O PÚBLICO E O PRIVADO NAS CIDADES VOLTADAS PARA O MERCADO MUNDIAL .....                                      | 77  |
| 3.6   | O PÚBLICO E O PRIVADO NAS PEQUENAS CIDADES .....   | 79  |
| 4     | <b>O SUJEITO INDIVIDUAL URBANO</b> .....   | 84  |
| 4.1   | A RACIONALIDADE E A PERSONALIDADE NO MUNDO URBANO .....  | 89  |
| 4.2   | O COTIDIANO URBANO .....   | 92  |
| 4.3   | O COTIDIANO NAS PEQUENAS CIDADES .....   | 97  |
| 4.4   | GLOBALIZAÇÃO E INDIVIDUALISMO .....  | 99  |
| 5     | <b>INDIVÍDUO, COTIDIANO E POLÍTICAS PÚBLICAS</b> .....   | 103 |
| 5.1   | O COTIDIANO E A RESISTÊNCIA .....  | 107 |
| 5.1.1 | <b>O caminho e o caminhante</b> .....  | 108 |
| 5.1.2 | <b>Coletores de materiais recicláveis</b> .....  | 109 |
| 5.1.3 | <b>A cidade e seu preço</b> .....  | 111 |
| 5.1.4 | <b>Viver na rua</b> .....  | 113 |
| 5.1.5 | <b>A concorrência empresarial no cotidiano e as políticas públicas</b> .....                                 | 116 |
| 5.1.6 | <b>Políticas públicas: poder e contra poder</b> .....  | 120 |
| 5.2   | O INDIVÍDUO, POLÍTICAS PÚBLICAS E REDES DE INTERCÂMBIO .....   | 125 |
| 5.2.1 | <b>A busca de moradia na cidade</b> .....  | 133 |
| 5.2.2 | <b>O sossego no espaço privado</b> .....   | 139 |
| 5.2.3 | <b>Políticas públicas de saneamento</b> .....  | 143 |

|     |   |            |
|-----|---|------------|
| 5.3 | A CARTA DAS CIDADES E ORIENTAÇÕES ÀS POLÍTICAS PÚBLICAS...              | 144        |
| 5.4 | ORIENTAÇÃO DAS POLÍTICAS PÚBLICAS URBANAS NO MUNDO<br>GLOBALIZADO ..... | 150        |
| 6   | <b>CONCLUSÃO.....</b>   | <b>154</b> |
|     | <b>REFERÊNCIAS .....</b>  | <b>160</b> |
|     | <b>ANEXO A - Entrevistas .....</b>                                      | <b>168</b> |

## 1 INTRODUÇÃO

Os estudos sobre as cidades, no Brasil, têm se voltado, geralmente, para análises dos problemas relacionados a situações econômicas, políticas, sociais, ambientais, de crescimento demográfico, violências, entre outros. Esses estudos têm como foco as cidades que estão inseridas em um amplo processo de metropolização, bem como de acelerado desenvolvimento econômico. Dessa forma, a maioria das pesquisas se concentram e se prendem às grandes e médias cidades do Brasil. As pequenas cidades não recebem atenção devida e, muitas vezes, são incluídas nas mesmas problemáticas das grandes e médias cidades. Além disso, as pesquisas e os estudos sobre as pequenas cidades permanecem à margem do interesse dos pesquisadores e/ou se voltam para reflexões geralmente localizadas e regionalizadas.

O problema está nos critérios utilizados para a definição de pequenas, médias e grandes cidades. Na maioria dos estudos, o critério está baseado no número de habitantes, e conforme esse critério, não se considera como urbanos habitantes de municípios com população inferior a 20 mil habitantes. De outro lado, também, para análises e estudos, é descartada a hipótese de ser cidade um aglomerado com menos de 10 mil habitantes. Em nosso estudo, propomos buscar uma tipologia para diferenciação entre pequenas e grandes cidades que fosse ao encontro das nossas análises psicossociológicas. Dessa maneira, valemo-nos de análises em que são observadas a vida cotidiana do indivíduo, suas relações sociais e culturais. Essa forma de encarar as cidades nos leva a observar uma interferência na racionalidade do indivíduo, que também, está incluído nesses critérios.

Nessa lógica de análises, a interferência na racionalidade do indivíduo é contrastante e difere o habitante da grande cidade com o da pequena cidade. Nas grandes cidades, segundo Simmel (1967), há uma intensificação dos estímulos nervosos provocada pela alteração brusca e ininterrupta entre estímulos exteriores e interiores. Nas pequenas cidades, as relações sociais estão marcadas mais profundamente sobre sentidos emocionais.

A cidade é a sede da economia monetária (SIMMEL, 1967) e ali se fazem múltiplas redes de relações econômicas. O indivíduo das grandes e médias cidades negocia com seus clientes e fornecedores e com as demais pessoas com que

mantém intercâmbio social. Esse uso da intelectualidade contrasta com os indivíduos das cidades menores, com quem mantêm relações mais próximas. Além do mais, estão envolvidos em um pequeno círculo natural, em que é possível conhecer a individualidade das pessoas. Em outras palavras, as relações que se mantêm nas pequenas cidades não estão baseadas na objetividade de serviços e retribuições. Essas relações vão além da simples troca entre produtor e consumidor, pois vêm carregadas de uma subjetividade somente encontrável em cidades pequenas, que são o foco do nosso estudo.

A economia do dinheiro foi o elemento principal no domínio do intelecto do indivíduo urbano. Logo, nos grandes e médios centros urbanos, o indivíduo passa a ser um número, um elemento indiferente. É que as relações comerciais e a economia do dinheiro exigiram do indivíduo reações calculistas e exatidão na vida prática. Diferentemente do que ocorre nas pequenas cidades, onde a vida parece não obedecer aos rigores dos grandes centros urbanos. De outra forma, a vida nas pequenas cidades, não exige do indivíduo as mesmas correntes psíquicas que as grandes e médias cidades. No entanto, algumas alterações são possíveis de serem observadas nas pequenas cidades, com base no processo de globalização. A inserção do indivíduo em um mercado econômico mais amplo e dinâmico, a aproximação e o conhecimento de outros espaços do planeta têm contribuído para estimular o intelecto e alterar o psíquico dos indivíduos das pequenas cidades. O que antes era exclusivo aos grandes centros urbanos, agora também é possível nas pequenas cidades. Essa realidade é comprovada pelo número elevado de meios de comunicação que encurtam as distâncias entre as nações.

Essa dinâmica de aproximar mercados e pessoas atinge todos os espaços do planeta, de modo que nas pequenas cidades, o mercado, que era restrito, torna-se mais amplo e dinâmico. Dessa maneira, as pessoas são colocadas próximas de produtos que antes estavam disponíveis somente em grandes cidades. Em outras palavras, o mercado está disponível, nas pequenas cidades, via meios de comunicação, como estava disponível anteriormente nas grandes cidades. Na verdade, o mercado atualmente é mais atrativo e muito mais *agressivo* do que anteriormente, dado o avanço tecnológico. Dessa forma, os habitantes das pequenas cidades são inseridos no mundo de consumo, tendo como limite somente o capital, pois as distâncias foram suprimidas pela dinâmica tecnológica.

A globalização econômica, provocada pelo avanço tecnológico, aproximou nações, encurtou o tempo, criando uma sociedade mais complexa. Essas mudanças privatizam as sociedades pelo recuo ou afastamento do Estado. Gilles Lipovetsky (2004) chama essa sociedade de hipermoderna e destaca que:

A cultura hipermoderna se caracteriza pelo enfraquecimento do poder regulador das instituições coletivas e pela autonomização correlativa dos atores sociais em face das imposições de grupo, sejam pela família, sejam da religião, sejam dos partidos políticos, sejam das culturas de classe. (LIPOVETSKY, 2004, p. 83).

Até mesmo o comportamento dos indivíduos sofre e se delinea no meio das relações do mercado, como por exemplo, o consumo anônimo (RUIZ, 2006). Não se trata somente de consumo de objetos, mas também do de serviços e de valores que passam a ser construídos no centro da sociedade de consumo. Isso tem mostrado que a sociedade se individualiza, pois ela desenvolve a cultura objetiva em detrimento da cultura subjetiva. Assim, a sociedade revela uma nova forma de enfrentamento, na busca de seus direitos e melhores condições de vida.

Nesse contexto, a questão que colocamos é: como o indivíduo, no seu cotidiano urbano, promove políticas públicas? Na verdade, as políticas públicas surgem do esforço de amplos setores da população na luta pela melhoria das condições de vida. Essas lutas reivindicativas, quando atendidas às demandas, concretizam-se, buscando a harmonia da sua finalidade no conjunto da estrutura social. No entanto, em uma sociedade onde as instituições coletivas estão enfraquecidas e de condutas individualistas, outras questões se apresentam: qual a relação entre a resistência e estratégias de sobrevivência cotidiana dos indivíduos urbanos e a promoção de políticas públicas nas pequenas cidades? A partir de que fatores surgem e são implantadas as políticas públicas urbanas em pequenas cidades? De onde surgiram as políticas públicas urbanas? Quem as implementou? Se os indivíduos conquistam políticas urbanas, quais são as estratégias usadas? Como se manifesta essa intencionalidade? Como os governantes municipais agem diante dessas reivindicações? E ainda, as políticas públicas urbanas, quando implantadas, a quem beneficiam? E os não beneficiados, como resistem a essa implantação? As políticas públicas são orientadas para contemplar a Carta das Cidades? Assim, esta pesquisa pretende analisar e responder a essas indagações,

buscando revelar que as políticas públicas implantadas, visando a assegurar o bem viver da sociedade, também surgem do indivíduo e não somente de movimentos sociais organizados.

De certa maneira, tanto os movimentos sociais como as associações deixam um espaço vazio, no qual emergem novos porta-vozes, ou seja, interlocutores individuais. Esses, entre as suas necessidades pessoais e as exigências da vida social, promovem políticas públicas nas cidades. Nesse sentido, o presente trabalho tem como objeto de estudo o indivíduo, no seu cotidiano urbano e a promoção de políticas públicas nas pequenas cidades. O planejamento urbano e a sua aplicabilidade derivam de conflitos e interesses dos componentes dos órgãos administrativos e os indivíduos que compõem a sociedade. Esse planejamento supõe, com uma aparência democrática, atender a toda população urbana a que esse órgão compete. Aos habitantes da cidade não atendidos ou não contemplados nas suas aspirações de mudanças e melhora de qualidade de vida, resta suportar os efeitos das decisões ou criar novas estratégias para atender a suas reivindicações.

No entanto, o cotidiano do indivíduo urbano e o modo como resolve seus problemas para sobrevivência, parece, também, influenciar nas políticas públicas das cidades. É que ao criar estratégias para sobrevivência, e nesse contexto, incluem-se todas as atividades de que o indivíduo necessita para sua vida, uma vez que respondem, de forma positiva, à sua demanda, logo são adotadas por um número cada vez maior de habitantes. Assim, o poder público urbano, objetivando atender aos habitantes, transforma, ou pode transformar essa demanda em políticas públicas. De outra forma, poderá também, por parte da administração pública, ser criada uma nova política que busca reprimir todos habitantes que utilizam essa estratégia para sobreviver.

A pesquisa tem por objetivo geral analisar como as políticas públicas urbanas são implantadas a partir da resistência e estratégias de sobrevivência utilizadas pelos indivíduos na vida cotidiana. O estudo tem como foco as cidades de São Miguel do Oeste, São Lourenço do Oeste e Iporã do Oeste. As três cidades fazem parte do Oeste do Estado de Santa Catarina e tiveram seu processo de colonização, a partir dos anos de 1940, com inúmeras semelhanças quanto à distribuição e ocupação do espaço.

Os objetivos específicos se apresentam da seguinte forma:



- (Re) Escrever a História da formação das cidades de São Miguel do Oeste, São Lourenço do Oeste e Iporã do Oeste;
- Observar, com base no contexto histórico, a implantação de políticas públicas em pequenas cidades;
- Compreender a construção da personalidade e a racionalidade do indivíduo urbano;
- Reconhecer na vida cotidiana dos indivíduos urbanos as estratégias para promoção de políticas públicas;
- Apontar políticas públicas implementadas a partir da resistência do indivíduo no cotidiano urbano;
- Analisar o indivíduo político e sua relação com a população urbana;
- Observar se as políticas públicas urbanas se aproximam do Estatuto da Cidade e/ou da Carta das Cidades.

Os procedimentos que nortearam a pesquisa foram leitura e análise bibliográfica disponível. Essas leituras nos subsidiaram na compreensão e entendimento do referencial da personalidade e racionalidade do indivíduo urbano. Da mesma forma, o procedimento bibliográfico está fundamentado nas áreas de ciências políticas, sociologia e história cultural. Também foram utilizadas fontes primárias como:

- Entrevistas com indivíduos de representações públicas, vereadores e prefeitos;
- Entrevistas com moradores de casas populares e integrantes da Associação de Coletores de materiais recicláveis - ACOMAR;
- Entrevistas com primeiros colonizadores das cidades em estudo;
- Análises de jornais, fôlderes e fotografias;
- Documentos das cidades em estudo junto ao Fórum de Desenvolvimento Regional, Casa da Cultura e Museus.

Foram realizadas 20 entrevistas ao todo, gravadas, transcritas e estão arquivadas para futuras consultas. Ao longo da tese, utilizamos partes das falas dos entrevistados, procurando preservar a identidade dos indivíduos, conforme solicitado. Por isso, as entrevistas foram numeradas, objetivando manter o anonimato dos participantes.

Os resultados são apresentados da seguinte forma:

No primeiro capítulo, procuramos fazer uma análise do surgimento das cidades no Sul do Brasil. A importância desse olhar sobre a formação das cidades consiste no fato de que no Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná, o processo de colonização ter sido organizado, em grande parte, por empresas de colonização particulares. Isso dá uma característica própria ao Sul do Brasil, por ser uma região de colonização europeia organizada em pequenas propriedades. Quanto às áreas de campo, onde a ocupação fugia ao controle governamental e das empresas de colonização, estabeleceu-se o grande latifúndio. Todavia, tanto a pequena propriedade quanto a agricultura familiar foram a base principal da ocupação desse território. Esse modo de ocupação e povoamento refletiu na formação das cidades, que surgiam a partir da capela, casa de comércio, ferraria. Ao mostrar a formação das cidades, observamos a migração campo/cidade no contexto da urbanização brasileira. As causas que estimularam a saída do campo, a exemplo do êxodo rural no Brasil, também se refletiram nas cidades em estudo. Em outras palavras, o crescimento das cidades a partir dos anos de 1980 se enquadra no processo de modernização agrícola do país. Ainda, nesse quadro, procuramos diferenciar grandes cidades de pequenas, esquivando-nos da categorização utilizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE. Assim, buscamos trabalhar com base na percepção dos indivíduos sobre a vida na cidade e as relações sociais daí resultantes. Ao fazer isso, destacamos a categorização feita por Saskia Sassen (1998) quanto à conjuntura global e à classificação das cidades. Embora essa classificação valha para os grandes centros do poder, nas pequenas cidades, também podem ser observados os impactos da globalização e a hierarquização que ela provoca.

As políticas públicas urbanas e a dicotomia público e privado são analisadas no capítulo II. Observando na Grécia Antiga o domínio público e privado, destacamos a separação entre as duas esferas. Todavia, é a partir do século XVIII, que mudanças mais significativas passam a ocorrer entre o público e o privado. De sorte que, com o aumento das trocas de mercadorias e o crescimento das cidades, as percepções da vida de domínio público e de domínio privado passaram a se confundir. As mudanças ocorridas a partir do século XVIII, segundo Richard Sennett (1998), teriam enfraquecido a vida pública. Tanto o crescimento das cidades, a ampliação do mercado e a secularização contribuíram para o surgimento de uma sociedade intimista. A sociedade intimista caracteriza um espaço em que mostramos

o que parecemos ser para outras pessoas. Assim, a personalidade depende de sua autenticidade em público que contribui para a criação de indivíduos narcisos. Analisamos, também, a dicotomia existente entre os conceitos de público e privado. Essa dicotomia é organizada na percepção dos indivíduos em seu cotidiano. Logo, procuramos demonstrar como os critérios de análise se organizam. Feita a análise sobre o público e privado, procuramos nos voltar para o surgimento das políticas públicas nas cidades. Nesse quadro, destacamos a intervenção do Estado na implantação das políticas públicas, bem como a ação dos movimentos sociais. A busca por políticas públicas nas cidades se multiplicou a partir de 1970 e 1980, fruto da ação da Igreja. Os diversos movimentos sociais que surgiram e as “redes de movimentos” foram fundamentais na promoção de políticas públicas, nesse período. Junto a isso, em um breve histórico, procuramos mostrar como vinha sendo feito o planejamento urbano antes do surgimento do Ministério das Cidades. E, criticamente, analisamos as políticas públicas para as cidades, no mundo globalizado.

No capítulo terceiro, procuramos localizar o indivíduo dentro de um debate dicotômico que envolve indivíduo/sociedade. Observamos, de forma simplificada, com base em Karl Marx (1818-1883), Émile Durkheim (1858-1917), Max Weber (1864-1920) e Georg Simmel (1858-1918), a concepção de indivíduo e sociedade e como se relacionam. Nesse sentido, damos destaque a Simmel, que mostra a interferência provocada pela cidade no psíquico do indivíduo. Segundo ele, a cidade altera as reações do indivíduo, pois intensifica os estímulos nervosos. A alteração na personalidade e na racionalidade do indivíduo urbano é maior nas grandes cidades. Nas pequenas cidades e no mundo rural, o ritmo de vida é mais habitual e uniforme. Nessa análise, procuramos observar como a vida nas cidades implica uma consciência cada vez mais elevada. Destacando que, à medida que cresce a cidade, maior é a exigência do consciente e da inteligência do indivíduo. Então, é no cotidiano urbano que nossas capacidades mentais são colocadas em funcionamento.

O cotidiano é visto como um espaço onde se cruzam o político, o econômico e o religioso. Assim, buscamos relacionar as transformações na racionalidade e na personalidade do indivíduo em seu cotidiano, provocadas pela busca da sobrevivência na cidade. Da mesma forma, observamos como a globalização, como fator econômico e tecnológico, contribui na individualização da sociedade.

No quarto capítulo, o objetivo é mostrar como o indivíduo promove políticas públicas no seu cotidiano. Para isso, partimos do pressuposto de que o indivíduo é um ser de projetos. Nesse contexto, analisamos a dimensão de projeto e a dimensão de cotidiano. Para a dimensão de cotidiano, temos um espaço de significações e ações, em que se cruzam o político, o econômico e o religioso. Em relação à dimensão de indivíduo como ser de projeto, está alicerçada em três postulados: (1) a dimensão do projeto, aquilo a ser alcançado, está sempre ligado a contextos específicos; (2) a dimensão da estratégia é a metodologia em um projeto, ou seja, são os caminhos percorridos ou a percorrer para alcançar determinado objetivo; (3) a dimensão da trajetória de vida supõe a ligação entre passado e futuro. Ainda nesse capítulo, mostramos a resistência cotidiana dos indivíduos e a promoção de algumas políticas públicas. Analisamos, de modo geral, o indivíduo em busca de sua sobrevivência na cidade e o confronto com o poder público. Procuramos observar também como os gestores municipais buscam encontrar alternativas para solucionar os problemas básicos, como saneamento, habitação e transportes.

## 2 HISTÓRIA DAS CIDADES NO SUL DO BRASIL

Ainda no início do século XIX, no Brasil, a população era formada principalmente de uma elite de senhores, grandes latifundiários e escravos. A população que desempenhava trabalho livre e sem posse da terra se encontrava ainda muito reduzida. No entanto, era dependente da elite aristocrática produtora de açúcar e, mais tarde, do café. Como as produções do açúcar e do café eram monoculturas e ocupavam grandes extensões de terra, havia preocupação por parte do governo em uma produção de policultura que fosse capaz de abastecer, com alimento, as populações das cidades em expansão ou o exército nacional. Outro impasse era a ocupação dos espaços vazios no país. É que o Sul do Brasil estava sujeito a ataques dos argentinos, enquanto o interior, área de densas florestas, estava sob domínio dos índios. Então para garantir a posse do território, o governo pretendia se valer da política do “*uti possidetis*”<sup>1</sup>. Assim, seria possível resolver dois entraves existentes na época: a soberania sobre o território nacional e a produção de alimento. Para que isso ocorresse de forma regular, a melhor alternativa era a fixação de imigrantes em pequenas propriedades agrícolas. Esses imigrantes deveriam ser colonos que cultivassem as terras de mata, com o auxílio de suas famílias e ainda, que não utilizassem trabalho escravo.

A primeira tentativa de criar uma classe média independente dos latifundiários, com produção em pequenas propriedades e de trabalho livre, ocorreu ainda no século XVIII. Para isso, foram recrutados casais de açorianos e desertores casados com portuguesas para colonizar o Vale do Amazonas, a Província de São Pedro do Rio Grande do Sul e Santa Catarina (OBERACKER JR., 1967). A esses colonos e suas famílias foram dados instrumentos agrícolas (enxada, machado, martelo, facão, entre outros), duas vacas, uma égua, sementes e uma propriedade agrícola de 500 a 1000 hectares, não lhes foram cobrados direitos, nem ganhavam remuneração por essas providências.

A terra recebida por essas famílias não era própria para desenvolver a agricultura com a qual estavam acostumados. O fator climático associado ao tipo de terreno, litoral catarinense, dificultou a produção de trigo de que essas famílias tinham conhecimento, “[...] impossibilitados de o fazer, e pior ainda, tiveram que se

---

<sup>1</sup> Segundo esse princípio, o direito de posse da terra cabe a seu primeiro e efetivo ocupante.

adaptar ao consumo de farinha de mandioca, como base alimentar.” (PIAZZA, 1983, p. 153). Dessa forma, os Açorianos passaram a se dedicar ao pastoreio e à pesca que lhes era familiar, pelo menos no Sul do Brasil. Assim fracassava a primeira tentativa do governo imperial em uma colonização em pequenas propriedades.

Estendeu-se, então, a concessão de terras, não somente aos portugueses, mas para a Alemanha e Estados vizinhos. Buscavam-se camponeses e soldados desengajados dos exércitos napoleônicos, que tanto poderiam defender a terra como cultivá-la.

Assim, iniciava a colonização sob um novo molde, ou seja, baseada na pequena propriedade agrícola, com trabalho livre. Para os imigrantes europeus, que partiam da sua pátria superpovoada, onde já não encontravam oportunidades de crescimento econômico e de um futuro melhor, as terras na América eram promissoras. Na nova terra, poderiam construir seus lares e dar a seus filhos melhores condições de vida, continuando sua reprodução social e cultural.

Foi o Rio Grande do Sul, portanto, que mostrou melhor a característica do novo modelo de colonização. No ano de 1824, ao norte de Porto Alegre, no Vale do Rio dos Sinos, foi fundada a primeira colônia alemã, com o nome de São Leopoldo. Em São Leopoldo, os colonos receberam glebas de 70 a 75 hectares; nas colônias posteriores, reduziu-se o lote para 50 há e mais tarde, para 25 há, o que vigora até hoje (OBERACKER JR., 1967; ROCHE, 1969). Nos anos de 1870, o governo brasileiro, através da propaganda na Itália, buscou atrair, também, imigrantes não germânicos. Assim de 1870 a 1871, foram fundadas três colônias povoadas por italianos, Caxias do Sul, Garibaldi e Bento Gonçalves. Num primeiro momento, os colonos receberam as terras do governo, bem como ferramentas e sementes, além de ficarem isentos de impostos. No entanto, a partir dos anos de 1880, foi vetado esse tipo de concessão, e inclusive o auxílio transporte até a respectiva colônia.

Em Santa Catarina, dada a impossibilidade de o governo promover a colonização, foi deixada ao encargo das empresas colonizadoras. A empresa alemã *Kolonisationsverein Von Hamburg* esteve à frente da organização, em 1849, da colônia Dona Francisca (Joinville). Em 1850, fundava-se a colônia de Blumenau, não por uma companhia, mas por uma pessoa em particular, Dr. Hermann Blumenau. A colonização se expandiu rapidamente, sempre por meio de pequenas empresas de colonização, que vendiam terras a antigos imigrantes e recém-chegados da Itália e Alemanha. Durante o século XX, depois de findada a I Grande Guerra, o Oeste de

Santa Catarina atraiu algumas empresas colonizadoras, que iniciaram a colonização, com imigrantes provenientes das colônias velhas do Rio Grande do Sul. Dessa forma, incorporava-se definitivamente o Oeste Catarinense ao restante do Estado, e economicamente ao país, por meio da comercialização da carne suína.

Esse recorte histórico inicial serve para que possamos entender o processo de colonização no Sul do Brasil. Portanto, pretendemos destacar as cidades que surgiram do processo de colonização organizado por particulares. Era muito comum às empresas de colonização a aquisição da gleba de terra e a escolha do local onde seria fundada a vila necessária para a edificação do Galpão do imigrante, como ficou conhecido, e a instalação do escritório, onde, se intermediava a legalização dos lotes de terras comercializados. De sorte que, nas proximidades, a empresa logo implantava a primeira indústria, a madeireira. Com base no exposto, é possível notar que a vila passava a ser o centro econômico do espaço de ação da empresa colonizadora. “Em torno de uma fábrica de porte médio, um vilarejo se constitui; ele engendra uma população tal que inevitavelmente outros industriais chegam para utilizar (explorar) essa mão-de-obra.” (LEFEBVRE, 1999, p. 11). Nesse caso, na vila, passaram a se concentrar os meios de produção e também as pessoas ligadas à divisão técnica e social do trabalho, articuladas ao processo produtivo. É certo que as empresas de colonização estavam em busca do lucro que teriam se fizessem bons negócios. Surgiu, então, a necessidade, de além do comércio dos lotes coloniais para os colonos, explorar os recursos naturais disponíveis.

## 2.1 PROCESSO HISTÓRICO DO SURGIMENTO DAS CIDADES

A dimensão histórica também é fundamental para compreender o surgimento da cidade, pois a cidade nasce da necessidade de se organizar um determinado espaço. Nesse caso, as colonizadoras preocuparam-se em estabelecer os colonos por proximidades étnicas e religiosas. Por isso, comumente surgiam vários pequenos núcleos coloniais, os quais eram organizados pela proximidade cultural. Esses núcleos de colonização se assemelhavam ao que Lewis Mumford (1982) escreveu sobre o surgimento da aldeia ainda no período neolítico. O colono, como ficou conhecido, ao adquirir o lote de terras da empresa colonizadora, iniciava seu

ciclo cultural. Derrubava a mata, queimava, plantava e criava animais para a subsistência. Tratava-se de relações muito próximas, em que a troca de experiências e informações eram vitais à sobrevivência.

A aldeia, no meio de seus canteiros e campos, formava uma nova espécie de colônia; uma associação permanente de família e vizinhos, de aves e animais, de casas e celeiros [...]. As atividades do dia tinham por centro a alimentação [...] (MUNFORD, 1982, p. 20).

Também em Max Weber, encontramos características que se aproximam do surgimento desses núcleos coloniais. Embora se tratando da antiguidade e da Idade média, não podemos deixar de ressaltar as semelhanças. A questão em destaque é a relação de associação institucional entre os colonos. Frisa Weber que:

[...] a cidade plenamente desenvolvida da Antiguidade e da Idade Média era, sobretudo, uma associação constituída como *irmandade*, ou compreendida como tal, à qual, por isso, não costumava faltar o símbolo religioso correspondente - um culto exclusivo da associação dos cidadãos, um Deus ou Santo da cidade que os protegesse como tais. (WEBER, 1999, p. 429).

Nos núcleos coloniais, quando as famílias tinham seus próprios oratórios, necessitavam de um espaço para comungar o cerimonial religioso. As venerações aos Santos e o sepultamento dos mortos, em um primeiro momento, realizados no espaço familiar, aos poucos, necessitavam de um local que aproximasse as demais famílias de colonos. Soma-se a isso o isolamento em que se encontravam, tudo exigia a proximidade entre os demais. Nesse caso, a Igreja teve papel fundamental no surgimento da vila, pois se tornava o local obrigatório dos encontros dominicais. O Pastor ou algum encarregado puxava as orações ou o culto, mas de tempo em tempo, era possível receber a visita de algum Padre que, no momento, encarregava-se, também, do batizado das crianças. “[...] a Igreja estava visivelmente presente em todas as comunidades: suas torres eram o primeiro objeto que o viajante divisava no horizonte e sua cruz o último símbolo levado diante dos olhos do agonizante.” (MUNFORD, 1982, p. 290). A Igreja passava a ser o centro do núcleo colonial e unia todos em um propósito comum.



A aproximação étnica nos núcleos colônia foi de extrema importância para o surgimento da vila. Principalmente no aspecto da língua falada, embora não se descarte a exclusão social que daí se originou, quando da ocorrência da diversidade étnica. No caso da Igreja, muitas vezes, o pastor ou o padre ministrava a missa na língua alemã ou italiana, e também, porém muito raro, em latim. Isso dificultava o entendimento e a participação da celebração. Algo parecido ocorria na alfabetização das crianças que, não raramente, eram alfabetizadas na língua materna. Quando não o fosse, havia maior dificuldade de relacionamento entre professor e aluno de etnias diferentes. À medida que avançava o processo de colonização para o Sul do Brasil, esses problemas iam sendo superados, porém o relativismo cultural deixaria marcas profundas na sociedade.

A partir de 1940, aumentou, significativamente, o número de núcleos de colonização e vilas no Oeste de Santa Catarina. A eficácia do crescimento da região, em parte, provinha da publicidade e dos vendedores de terras. Inúmeros núcleos coloniais, no Sul do Brasil, surgiram a partir daí, e dado o crescimento vegetativo e o processo migratório, aumentaram consideravelmente sua população. De sorte que esse processo ia dando a esses núcleos a característica de vila, que era o suporte para o surgimento das cidades. A vila possuía inicialmente o ponto de encontro para os estímulos espirituais. Em seguida, o comércio, que é um dos critérios fundamentais para sua existência, donde haveria de germinar a cidade (MUNFORD, 1982). É certo que os núcleos coloniais eram visitados pelos caixeiros viajantes, encarregados de abastecer os colonos, com produtos essenciais para a subsistência, dos quais se encontravam impossibilitados de produzir. Além disso, vinham munidos de notícias e informações de outros locais, com os quais não se tinha contato. Porém, logo surge a venda, a Casa de Comércio e essa desempenhava importante papel na vila. Também Weber destaca que outra

[...] característica que se tem que acrescentar para se poder falar em uma "cidade" é a realização de uma *troca de bens* não apenas ocasional mas regular, na localidade, como componente *essencial* das atividades aquisitivas e da satisfação das necessidades dos moradores: a existência de um *mercado*. (WEBER, 1999, p. 409, grifo do autor).

Agora não era só a Igreja ou a Capela que possuía poder de atração das pessoas, mas o local de comércio e de troca assumiu papel fundamental na vila. Da

mesma forma que passou ser o local de encontro, impulsionou a produção e geração de excedentes pelo colono. Se antes o excedente produzido pelas famílias tinha como objetivo honrar o compromisso do pagamento do lote colonial, agora, também, influenciava pela facilidade de comercializar a produção e adquirir bens para ampliar as colheitas, melhorar a saúde dos animais e, principalmente, melhorar as condições de vida familiar.

O surgimento da Igreja e das Casas de Comércio não impossibilitou que artesões e até mesmo pequenas indústrias ocupassem espaço nessa dinâmica. De sorte que a ferraria e a madeireira, também, logo se fizeram presentes na vila. No trecho abaixo, é possível notar a proximidade da vila com o que Weber chama de cidade de agricultores.

A relação entre as cidades e a agricultura de modo algum era unívoca. Havia e ainda há “cidades de agricultores”, isto é, lugares que, como localidade do tráfico de mercado e sede dos típicos ofícios urbanos, estão muito distantes do tipo médio da aldeia, mas onde uma ampla camada dos cidadãos locais satisfaz suas necessidades alimentares em economia própria e até para a venda. (WEBER, 1999, p. 412).

Weber (1999) busca explicar a origem e o desenvolvimento do capitalismo moderno, destacando o papel que a cidade desempenha nesse processo. Da mesma forma que visa a compreender o papel da cidade, suas pesquisas procuraram mostrar como a cidade constitui-se como mercado e busca sua autonomia política. Nesse aspecto, é certo que à medida que aumentava a população nas vilas do Oeste de Santa Catarina, crescia entre os administradores da colonizadora a preocupação pela emancipação política da colônia. Principalmente nas vilas cuja capacidade de atrair e aumentar o fluxo populacional era maior.

### **2.1.1 Cidade de Iporã do Oeste**

Entre as cidades em estudo, Iporã do Oeste teve o começo de sua colonização em 1926. O plano colonizador projetava uma colonização teuto-evangélica, através de Porto Feliz, atual Mondaí. Mas com o início da colonização

de Porto Novo, atual Itapiranga, chegaram os teuto-católicos. Assim, a população constitui-se de imigrantes evangélicos e católicos, descendentes principalmente de origem étnica alemã e italiana e, em menor proporção, de russos ucranianos. As primeiras famílias chegaram, em 1926, na seguinte ordem: família do Senhor Cristiano Wandscheer, natural da Holanda, seguida dos Senhores: Luiz Edvino Klaesner, Eduardo Gustavo Fetter, Walter Horst, Reinoldo Wandscheer, Horacildo Giodani e João Nottar. A Vila Pinhal, inicialmente assim denominada, atraía cada vez mais imigrantes italianos e alemães, das colônias velhas do Rio Grande do Sul, pela abundância de araucárias e pela boa qualidade da água. As famílias pioneiras, paralelo à extração de madeiras, desenvolveram a atividade agropecuária para subsistência em pequenas propriedades. A Vila Pinhal tornou-se distrito de Mondai e recebeu o nome de Iporã, que, em tupi-guarani, significa água boa. O município de Iporã do Oeste teve sua emancipação político-administrativa em 1988, por meio da Lei nº 1 098, e um plebiscito decidiu pela manutenção do nome atual.

Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE (2007), o último censo aponta que a população de Iporã do Oeste é de 7.877 habitantes, sendo que 2.851 pessoas vivem na cidade, ou seja, 36%. No espaço rural, encontramos 5.026 habitantes, número significativamente superior aos habitantes da cidade.

### **2.1.2 Cidade de São Lourenço do Oeste**

Anterior ao início efetivo da colonização de São Lourenço do Oeste, a denominação dada ao local era Catanduva, cujo nome era motivado pelo tipo de vegetação com o mesmo nome, que ali existia em abundância. Nos anos de 1950, a Empresa Colonizadora Saudades Ltda., instalada em Chapecó SC, iniciava o processo de colonização efetiva da área, passando a denominar o local de Bracatinga. Essa denominação surgiu, devido ao barracão da empresa colonizadora ser construído com madeira de bracatinga, árvore semelhante à acácia, encontrada em grande quantidade. Em 1951, a localidade recebeu o nome de São Lourenço, quando passou a distrito e em 1958, quando foi criado o município, passou à denominação de São Lourenço do Oeste.

O povoamento de São Lourenço do Oeste ocorreu das correntes migratórias do Rio Grande do Sul, mas também do litoral catarinense. Isso torna sua colonização um diferencial em relação aos demais municípios do Oeste Catarinense. Embora os colonizadores “barrigas verdes” do litoral fossem superados gradualmente, o contingente inicial de famílias foi muito importante no povoamento do município. Entre as principais famílias, destacamos: catarinenses - Desidério de Costa, Inocente Paganini, Paulo Salvador, Valentim Rosso, entre outros. Entre os gaúchos, citamos: Paulo Libardoni, João Lazzarotto, Constante Costa, Sebastião Muraro, Guerino Ecker, Sixto Ecker e outros.

O município atualmente conta com 19.647 habitantes, segundo os últimos dados divulgados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE (2007), Desses, 13.407 encontram-se na área urbana e 6.240 na área rural, o que corresponde a 68% vivendo na cidade.

### **2.1.3 Cidade de São Miguel do Oeste**

A Vila Oeste, atual São Miguel do Oeste, foi fundada nos anos de 1940 por intermédio da Empresa de Colonização Barth, Benetti e Cia Ltda. A grande maioria das famílias, provindas do Rio Grande do Sul, eram de etnia alemã e italiana. Em 1953, por meio da Lei nº 133, Vila Oeste passou a ser município e denominada até os dias de hoje de São Miguel do Oeste. As primeiras famílias de imigrantes, provenientes do Rio Grande do Sul, foram: Ângelo Longhi, Reinaldo Pimentel, Caetano Silvestre, Carlos Loesch, Fernando Lohmann, Pedro Mallmann, entre outros. A partir de 1944, à medida que aumentavam os fluxos migratórios para a região, deslocaram-se também Olimpio Dal Magro, Nadir Bertuol, Guilherme José Missen e várias outras famílias que contribuíram para o crescimento da região. Destacamos, aqui, a importância de nomear algumas famílias pioneiras nos primórdios da colonização, desses três municípios, dada as análises das políticas públicas que pretendemos fazer ao longo do trabalho.

São Miguel do Oeste atualmente conta com 32.324 habitantes e é a cidade pólo regional do Extremo Oeste Catarinense. Na área urbana, encontram-se 27.392

habitantes, aproximadamente 85% da população, e o espaço rural é composto por 4.932 pessoas (IBGE, 2007).

De modo semelhante, inúmeras outras vilas e pequenas cidades surgiram nesse contexto de colonização. Algumas se mantêm com baixo índice populacional com tendência a reduzir ainda mais. O principal motivo está na migração para centros maiores, em busca de oportunidades de trabalho, renda, saúde e educação. Dessa forma, cresce ainda mais o número de desempregados ou com empregos temporários, uma vez que nas cidades há limites para atender à demanda.

## 2.2 A QUESTÃO DA URBANIZAÇÃO

No histórico da urbanização, no Brasil, destacam-se os primeiros centros urbanos que surgem no século XVI, na costa litorânea, em razão da produção açucareira. A descoberta e a extração de ouro, nos séculos XVII e XVIII, fez surgir vários núcleos urbanos, trazendo novo impulso e nova lógica a essa dinâmica. Mas foi no século XIX, com a produção do café, houve um impacto marcante no processo de urbanização no Brasil. A expansão da agricultura e a extração mineral foram as bases do surgimento das cidades no litoral e no interior do território brasileiro. De modo geral, foi a partir do século XVIII que o processo de urbanização se desenvolveu, todavia, segundo ressalta Milton Santos, “[...] foi necessário ainda mais um século para que a urbanização atingisse sua maturidade.” (SANTOS, 1996, p. 19). O destaque maior está na segunda metade do século XIX, quando dados apontavam que a população urbana brasileira era aproximadamente 10% do total. Nas primeiras décadas do século XX, a indústria foi a nova impulsão para o crescimento urbano, e após a II Guerra, o processo de industrialização impulsionava a teia de relações sociais, econômicas e política, alavancando ainda mais o processo urbano no Brasil.

O processo de urbanização, no Brasil, é significativo a partir dos anos de 1940 a 2000, como podemos observar com base na tabela 1.

Tabela 01 - Urbanização no Brasil a partir das regiões - 1940 a 2000

| <b>Regiões</b> | <b>População/1940</b> | <b>População/2000</b> |
|----------------|-----------------------|-----------------------|
| Norte          | 26,2%                 | 69,9%                 |
| Nordeste       | 23,4%                 | 69,15%                |
| Sudeste        | 39,6%                 | 90,5%                 |
| Sul            | 27,7%                 | 80,9%                 |
| Centro-Oeste   | 22,9%                 | 86,7%                 |
| Brasil         | 31,3%                 | 81,2%                 |

Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - Censos 1940/2000.

No Brasil, a população urbana passou de 31,3% para 81,2%, um crescimento de 49,9% da população vivendo em centros urbanos. Para a região Sul, o crescimento da população urbana é ainda maior, ou seja, 53,2% da população vivem em centros urbanos (IBGE, 2007). Esse movimento de urbanização é reflexo do forte crescimento demográfico. As melhorias no padrão de vida e da própria urbanização contribuíram para o aumento da natalidade e redução da mortalidade. Se esses fatores contribuíram para o crescimento populacional, é certo que o processo de modernização, no campo, o qual o Brasil viveu nos anos de 1970, teve significativa importância na redução de pessoas no campo e conseqüentemente, o aumento de pessoas vivendo na cidade. Não é possível descartar a hipótese de que a modernização do campo teve tamanho impacto na urbanização brasileira.

Na região Sul do Brasil, outro fator que acelerou o processo de urbanização e que deve ser destacado foi a herança cultural. As famílias de agricultores, que se instalaram nessas terras tinham com mão de obra o trabalho familiar. Motivo que tornava necessário às famílias terem grande número de filhos para o trabalho agrícola. Quando os filhos cresciam e casavam, necessitam, também, de sua área de terras para dar continuidade ao ciclo reprodutivo. Por isso, muitos migraram do Rio Grande do Sul para o Oeste Catarinense e outras gerações avançaram para o sudoeste do Paraná. Porém a dificuldade de aquisição de novas áreas de terras encontrava seus limites, a falta de capital para a família ou para os recém-casados adquirirem seu lote colonial, ou ainda, a distância que os afastava da terra natal e seus familiares são fatores que provocaram o êxodo rural. Essa questão cultural deve ser levada em conta, quando se analisa o processo de urbanização no Sul do Brasil. A necessidade de dar aos filhos homens um lote de terras, onde poderiam

começar o seu ciclo vital, era de responsabilidade dos pais. Impossibilitados de adquirir novas terras, partilhavam o lote da família entre os herdeiros. Dessa forma, as áreas de terras tornavam-se pequenas para o sustento da nova família. (RENK, 2000) (BAVARESCO, 2005). Isso os obrigava, muitas vezes, a migrarem para os centros urbanos em busca de trabalho e renda, ampliando a população desses centros urbanos. A tabela 2 demonstra o crescimento da população urbana, nos municípios em estudo, nos anos de 1991 a 2007. Esse foi o período de maior impacto na migração populacional do campo para a cidade.

Tabela 02 - Crescimento populacional nas cidades em estudo. Divisão entre urbano e rural de 1991 a 2007

| Municípios            | 1991   |        | 2000   |       | 2007   |       |
|-----------------------|--------|--------|--------|-------|--------|-------|
|                       | Urbana | Rural  | Urbana | Rural | Urbana | Rural |
| São Miguel do Oeste   | 16.604 | 25.638 | 27.392 | 4.932 | 29.765 | 4.041 |
| São Lourenço do Oeste | 13.603 | 10.178 | 13.407 | 6.240 | 16.408 | 5.391 |
| Iporã do Oeste        | 2.222  | 5.496  | 2.851  | 5.026 | 3.606  | 4.485 |

Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – Censos 1990/2000.

Em 1991, São Miguel do Oeste possuía uma população total de 42. 242 pessoas, sendo que mais de 39% residia no espaço urbano. No ano de 2000, a população residente no município é reduzida para 32.324. Essa redução populacional ocorreu, devido à emancipação de dois novos municípios desmembrados de São Miguel do Oeste: Bandeirante e Barra Bonita. Logo, no ano de 2000, São Miguel do Oeste contava com uma população urbana de 27.392 habitantes, mais de 80% residindo no espaço urbano e em 2007, o número de habitantes no centro urbano era de 29.765, ou seja, 88% da população total do município (IBGE, 2007). Esses dados mostram o crescimento urbano registrado nos últimos anos para o município de São Miguel do Oeste, que tem se tornado um polo de atração de pessoas na região do Extremo Oeste de Santa Catarina.

O mundo urbano não é medido inteiramente pelos registros da população total que habita as cidades.

As influências que as cidades exercem sobre a vida social do homem são maiores do que poderia indicar a proporção da população urbana, pois a cidade não somente é, em graus sempre crescentes, a moradia e o local de trabalho do homem moderno, como é o centro indicador e controlador da vida econômica, política e cultural que atraiu as localidades mais remotas do mundo para dentro de sua órbita e interligou as diversas áreas, os diversos povos e as diversas atividades num universo. (WIRTH, 1967, pg. 98)

Nas grandes cidades existe a concentração de instalações e atividades industriais e comerciais, bem como, financeiras e administrativas. Possuem linhas de transporte e comunicação, equipamento cultural e recreativo, hospitais, instituições educacionais superiores, centros de pesquisa e publicação. Por meio desses instrumentos as cidades maiores exercem influência sobre as cidades menores. São Miguel do Oeste pela sua característica de urbana é uma cidade que atrai pessoas incorporando em seu sistema de vida.

O município de São Lourenço do Oeste, em 1991, contava com uma população total de 23.181 pessoas, sendo que desse montante, 13.003 viviam no centro urbano do município, mais de 50% do total da população. Em relação ao ano de 2000, houve uma redução populacional, em função da emancipação do município de Novo Horizonte, que se desmembrou de São Lourenço do Oeste. Dessa forma, a população total do município, em 2000, passou para 19.647 pessoas, sendo que desse total, 13.407 encontravam-se no centro urbano, ou seja, mais de 60% do total da população. Já no ano de 2007, os dados mostravam um crescimento urbano ainda maior, num total populacional de 21.799 habitantes, 16.408 ou 75% das pessoas habitavam o espaço urbano (IBGE, 2007).

O fato de um centro urbano possuir um número relativo de pessoas ou uma concentração de população relativamente densa, não pode ser ignorado ao se definir cidade. O mesmo critério equivale para a profissão dos habitantes, a existência de determinadas instalações, instituições, bem como, formas de organização política. “A questão não reside em se saber se as cidades na nossa civilização ou em outras possuem esses traços característicos, e sim em apurar sua capacidade de moldar o caráter da vida social à sua forma especificamente urbana” (WIRTH, 1967, pg. 102).

No município de Iporã do Oeste, a população atual é de 8.091 habitantes, segundo o último censo populacional realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia



e Estatística - IBGE. Entre os três em estudo, é o município que ainda mantém o maior número de pessoas vivendo na zona rural. Segundo os indicadores, a população urbana, em 1991, era de 2.222 pessoas, enquanto 5.496 habitavam o espaço rural. Gradativamente esses números têm mudado e, no ano de 2000, de um total populacional de 7.877 habitantes, 2.851, ou aproximadamente 36% viviam no espaço urbano. Já no ano de 2007, a população urbana passou para 3.606 pessoas, mais de 44% que se encontram habitando o espaço urbano, para um total populacional de 8.091 (IBGE, 2007). A saída de pessoas da zona rural contribui para o crescimento urbano nesses municípios em estudo, porém, destaca-se também a migração de um bom número de pessoas para outros centros urbanos, principalmente de jovens.

Um dos principais fatores do crescimento urbano é resultado do êxodo rural. E entre suas causas, há a modernização no campo como fator primordial. A modernização é a passagem do meio natural para a mecanização do território.

O meio natural era aquela fase da história na qual o homem escolhia da natureza aquilo que considerava fundamental ao exercício da vida e valorizava diferentemente essas condições naturais, as quais, sem grande modificação, constituíam a base material da existência do grupo. (SANTOS, 1996, p. 35).

A região Oeste de Santa Catarina tem sua inserção ao restante do Estado a partir dos anos de 1930. Mas é somente, no pós-guerra, que a integração se concretiza, com a abertura de estradas de rodagem. Milton Santos destaca que o Golpe de 1964 seria o marco que “[...] criou as condições para de uma rápida integração do país a um movimento de internacionalização que aparecia como irresistível, em escala mundial.” (SANTOS, 1996, p. 36). Junto a isso, é possível destacar que a integração do território brasileiro multiplicou consideravelmente a produção agrícola e agropecuária do país. O Estado de Santa Catarina tornou-se, no cenário nacional, o principal exportador de suínos. O Oeste do Estado, juntamente, ampliou a produção agroindustrial, principalmente o processamento de carnes de suínos e aves, tornando a região grande centro exportador. “É nesse cenário que a população aumenta, a classe média ampliada, a sedução dos pobres por um consumo diversificado e ajudado por sistemas extensivos de crédito, serve como impulsão ao sistema industrial.” (SANTOS, 1996, p. 36).

Com a ampliação da indústria e produção, a especialização da mão-de-obra é inevitável. E, com o mercado ampliado acentua-se a divisão do trabalho. A ampliação do mercado é suprido, em parte, pela população do interior, mas a fatia maior é dividida pela própria população que a cidade contém.

O extremo grau de interdependência e o equilíbrio estável da vida urbana estão intimamente associados com a divisão do trabalho e a especialização das ocupações. Essa interdependência e instabilidade é aumentada pela tendência de cada cidade em se especializar naquelas funções que lhe são mais vantajosas. (WIRTH, 1967, pg. 110)

Na medida em que o país aumenta o fluxo de mercadorias internamente, cresce consideravelmente o número de produtos que eram produzidos para consumo próprio ou consumo local. Essa tendência possibilita ampliar a produção de produtos que serão usados como bens de troca, ou seja, de mercadorias. Logo, um número maior de pessoas é incluído na economia monetária e principalmente no trabalho assalariado. Embora no trabalho assalariado não haja garantia de permanência, ele se torna o grande atrativo nos centros urbanos. A esse impacto no desenvolvimento urbano, embora desigual, Milton Santos tem chamado de meio técnico-científico-informacional.

O meio técnico-científico-informacional é marcado pela presença da ciência e da técnica nos processos de remodelação do território essenciais às produções hegemônicas, que necessitam desse novo meio geográfico para sua realização. (SANTOS, 1996, p. 36).

Nas cidades em estudo, que estão localizadas em região onde a agricultura e a agropecuária é o fator econômico preponderante, são indispensáveis os agrônomos, veterinários, especialistas em sementes, adubação e agrotóxicos, bem como técnicos em produtos lácteos. Nesse aspecto, as cidades mudaram de conteúdo e passaram a ser econômicas. Não se tem mais a igreja, a escola, o posto de saúde como centralidade, a indústria assume o lugar central (SANTOS, 1996).

Embora o trabalho assalariado não garanta condições de vida diferentes do rural, a cidade concentra os instrumentos de produção. Isso separa cada vez mais a cidade do campo. Sobre o assunto, vejamos a citação que segue:

[...] nessa separação, compete ao campo o trabalho material desprovido de inteligência; à cidade pertence o trabalho enriquecido e desenvolvido pelo intelecto, compreendendo as funções de administração e comando. (LEFEBVRE, 1999, p. 49).

Outro fator que tem aumentado a concentração de pessoas nos centros urbanos é a regulação que o mercado cria no campo. As exigências das agroindústrias sobre a qualidade da matéria prima obrigam os produtores a contratar mais e novas tecnologias. Além disso, aos produtores cabe não só a capacidade extrema de adaptações ao sistema, mas respostas cada vez mais imediatas. Esse quadro se adapta ao que Castells (1999) chama de *espaços de fluxos e espaços de lugares*. A crescente internacionalização do capital resulta em padrões, que modificam as características do espaço industrial, impactando no desenvolvimento urbano. Esses espaços de fluxo são os determinantes nas relações de poder e na circulação de bens e serviços. A reestruturação da indústria, segundo as perspectivas do capital global, impacta diretamente sobre onde, na maioria das vezes, encontra-se a matéria prima, ou seja, sobre o *espaço de lugares*, o local. A desintegração da cultura local, provocada pelas exigências das indústrias sobre a matéria prima, desaloja inúmeros produtores de suas propriedades rurais. Esse é outro fator contribuinte para o aumento da urbanização.

### 2.3 DIFERENCIANDO GRANDES E PEQUENAS CIDADES

O fenômeno da urbanização e os estudos sobre as cidades, por diversas vezes, acabam por englobar as cidades nos mesmos critérios. As análises, nesse sentido, recaem sobre as cidades grandes e médias do Brasil. No entanto, surge um vazio nos estudos sobre as pequenas cidades. Desse modo, os problemas que surgem nas grandes e médias cidades equivalem, no contexto geral, para todas. Isso representa, então, que os problemas encontrados nessas cidades são os mesmos para as pequenas cidades. Assim, as pequenas cidades ficam à mercê dos estudos, debates e análises feitos com base em grandes e médias cidades. O problema se encontra na diversidade de critérios que surgem para delimitar e classificar, praticamente em todas as classes, o tamanho das cidades. A

classificação utilizada está ligada a conceituações teóricas e epistemológicas conforme diversos autores.

Dentre a numerosa literatura que procura uma definição para cidade, na contemporaneidade, quando as comunicações, as atividades industriais, comerciais e financeiras, típicas das cidades, alcançam, com maior facilidade, o espaço rural, fica uma abertura no entendimento do que seja cidade. Até certo tempo, o diferencial se colocava entre rural e urbano, ou seja, o espaço urbano se diferenciava do rural pelas características de concentração populacional, mercado, fluxo financeiro, indústria e comércio. Para Castells, pode-se designar como urbano “[...] uma forma especial de ocupação do espaço por uma população, a saber o aglomerado resultante de uma forte concentração e de uma densidade relativamente alta, tendo como correlato previsível uma diferenciação funcional e social maior.” (CASTELLS, 2000, p. 40). Nessa dimensão, o que tem se estabelecido é uma categorização quantitativa dos aglomerados populacionais.

O órgão oficial do governo federal, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE (2006) - define o urbano, considerando as pessoas e domicílios recenseados em áreas urbanizadas ou não. Nessa concepção, urbano refere-se às cidades (sedes municipais), às vilas (sedes distritais) ou às áreas urbanas isoladas. A situação rural abrange a população e os domicílios recenseados em toda a área situada fora dos limites urbanos, inclusive os aglomerados rurais de extensão urbana, os povoados e os núcleos.

Para a definição de urbano é possível a associação de dois elementos fundamentais: primeiro, o espaço construído, a materialidade, como prédios, casas, pontes, fábricas e indústrias. Em segundo, as relações sociais que ali se estabelecem, ou seja, a vida. Dentre esses aspectos, a cidade é uma concentração de pessoas que exercem funções e atividades concorrentes, ou que se complementam, resultando, assim, como produto, o espaço urbano. Esse produto é determinado pelas características do processo e da dinâmica das relações sociais. A verdade é que a cidade se cria e se recria a partir das relações humanas (CARLOS, 2001).

Os critérios para delimitar e categorizar grandes cidades e pequenas cidades não são universais e tampouco obedecem a critérios únicos. Existe uma maleabilidade entre os estudiosos do urbano para a construção de delimitações entre urbano e rural; entre cidade grande e cidade pequena. É muito frequente

encontrar as delimitações para a dicotomia rural/urbano, sobretudo as que dão lugar para incluir as pequenas cidades na categoria de rural, uma vez que as cidades são entendidas como resultado das relações sociais estabelecidas entre os indivíduos em um modo de vida urbano, é possível, então, acrescentar que “Uma cidade pode ser definida como um núcleo relativamente grande, denso e permanente de indivíduos socialmente heterogêneos.” (WIRTH, 1967, p. 104). Dessa forma, a definição proposta esbarra na quantidade populacional.

Tentar descobrir as formas de ação e organização social de grupos heterogêneos é o problema central do estudo sociológico das cidades. É preciso destacar que o urbanismo assume suas formas e características próprias à medida que estiverem presentes as condições necessárias para tal. “Assim, quanto mais densamente habitada, quanto mais heterogênea fôr a comunidade, tanto mais acentuadas serão as características associadas ao urbanismo” (WIRTH, 1967, p. 105).

O debate não se encerra em si mesmo, nem há uma única categorização para as definições de pequena/grande cidade ou rural/urbano. Uma definição sociológica deve ser inclusiva para conter diferentes tipos de cidades. Algumas características das cidades são mais expressivas do que outras no que concerne a vida urbana. [...] “e podemos esperar que os fatores predominantes da cena urbano-social variem de acordo com o tamanho, densidade e diferenças no tipo funcional das cidades”. (WIRTH, 1967, p. 105).

Dessa forma, elaboramos a partir do debate da Escola de Sociologia alemã e sua influência e representação na Escola de Chicago, uma tipologia que vá ao encontro de uma categorização, da qual podemos nos valer, para o entendimento de pequena e grande cidade. Assim, a relação deve estar entre: espaço e vida na cidade, proximidade do rural, relações sociais e culturais no espaço vivido pelos indivíduos, e as combinações daí resultantes, bem como a interferência na racionalidade do indivíduo.

### 2.3.1 Espaço e vida na cidade

As funções típicas na cidade revelam a produção e reprodução do espaço urbano. Nessa dimensão, está o que é perceptível, real e aparente. É o concreto que se manifesta na cidade. Carros, ruas, pessoas, casas, prédios, praças, muros e espaços ocupados e espaços vazios. Cercas e grades que dividem diferentes formas arquitetônicas. Ruídos, cheiros e o corre-corre, que dão a característica da cidade. O trabalho, emprego, patrão e empregado, serviços, comércio, comunicações, hospitais, praças, escolas e creches, atividades financeiras, lazer e descanso, enfim é o emaranhado que constrói o espaço vivido na cidade. Ao refletir sobre espaço da cidade e espaço rural, devem ser levados em consideração, necessariamente, esses aspectos.

Há diferenças que são perceptíveis e aparentes, quando colocamos frente a frente o rural/urbano. As relações no mundo rural, a qualquer observador, são muito contrastantes com as da cidade. No entanto, não é tão simples, quando colocamos, lado a lado, cidades, as quais exigem diferenciação entre grande e pequena cidade. É nesse aspecto que, em primeiro momento, surge o diferencial dado pela quantidade populacional, embora não seja o bastante.

É certo que a vida nas grandes cidades, tendo uma quantidade populacional maior em relação a outras, cria o que conhecemos como caos urbano. A demora no trânsito, congestionamento, distância entre local de trabalho e o lar, horários estabelecidos, metrô, rodoviária com grande movimentação de pessoas, são apenas alguns dos aspectos. Ora, isso também ocorre em cidades com número de habitantes menor, talvez com menor intensidade. Mas também não podem ser levados em consideração somente esses aspectos. Há de ver que cidades turísticas, com pequeno número de habitantes, em determinadas épocas do ano, veem sua população duplicar ou triplicar, como é o caso de algumas cidades litorâneas, por exemplo. Nesse aspecto, a cidade aparece como aglomeração e concentração de pessoas e serviços, o que, todavia, poderá ser temporário.

As relações sociais resultantes nas grandes cidades não criam laços duradouros como ocorre em cidades menores. Wirth (1967) destaca que a variedade de tipos de personalidade, juntamente com a diversidade étnica, de linguagem e renda cria uma heterogeneidade. Esse resultado dificulta e torna problemática a

coletividade na comunidade urbana. A este respeito, as associações nas cidades pequenas ainda levam em consideração a ordem moral, valores e certos hábitos que inibem a ruptura. A escola, a família e a igreja estão entre os principais elementos aglutinadores da vida em coletividade.

No contexto atual, a escola, a família e a igreja são elementos que, aos poucos são dispersos, à medida que novos agentes entram em circulação. As atividades econômicas globalizadas, a telefonia móvel e as redes mundiais de comunicação enfraquecem a ordem moral antes estabelecida. Nas grandes cidades, o acesso à telefonia móvel e redes mundiais de comunicação é facilitado pela mesma tecnologia que o coloca no centro da comunidade. Nas pequenas cidades, existe, ainda, certa dificuldade de acesso a estas tecnologias, o que permite que a proximidade entre igreja, escola e família se mantenha. Embora, à medida que cresce a cidade, ocorra a melhoria nas comunicações e tecnologias, frente às novas que surgem e são disponibilizadas nos grandes centros urbanos. É nessa perspectiva que a vida nas pequenas e grandes cidades também deve ser levada em consideração, quando se propõe uma diferenciação entre grande/pequena cidade e urbano/rural.

### **2.3.2 Proximidade do rural**

Nesse aspecto, a presença do rural se percebe na questão demográfica e nos indicadores socioeconômicos. É notório que na questão demográfica existe uma proporção de pessoas que vivem na cidade, e no entanto, mantém forte vínculo com o rural, aliás, moram na cidade, porém trabalham no meio rural. Nesse caso, destacamos a cidade de Iporã do Oeste, que possui uma população urbana de 3.606 pessoas e 4.485 habitantes rurais (IBGE, 2007). Embora um relativo número de pessoas se encontre habitando o espaço rural, não se descarta que na cidade exista uma vida urbana, ou seja, relações socioeconômicas urbanas.

Se cidade caracteriza o afastamento do campo, e este último, o isolamento, a cidade, a concentração, essa caracterização implica necessariamente que as pequenas cidades mantêm certa proximidade com o rural. Esse afastamento ocorre na medida em que a cidade cresce. Cresce não somente demograficamente, mas há

um crescimento nas relações socioeconômicas. Nesse caso, a cidade aumenta a sua divisão de trabalho material e necessita de uma administração, de segurança, impostos, etc. (LEFEBVRE, 1999). Na cidade, o trabalho na indústria mantém uma divisão do trabalho que supera a divisão de trabalho no campo. Assim, mesmo nas pequenas cidades, a existência da indústria e a divisão do trabalho existente, as relações com o campo ainda são próximas. Essa proximidade provém, ainda, pelo motivo de muitas pessoas, embora residam no campo, desenvolverem atividades na cidade. Esse fato também ocorre nos grandes centros urbanos, então não é o bastante para diferenciar cidade de campo. Em função desses aspectos, as pequenas cidades não conseguem se impor como centralidade maior. Centralidade no sentido populacional (trabalhadores), de mercadorias, divisão do trabalho, reprodução, consumidores, e fluxo de mercadorias, populacional, de informações e tecnologia. É uma unidade dependente que tem como apoio uma cidade maior.

Outro fator de análise que deve ser levado em conta para as pequenas cidades é que estas têm a base produtiva e emprego relativamente fraco. Existe certo grau de dependência dos repasses federais e estaduais, dada a dificuldade de geração de receitas. Nesse sentido, o poder público é um grande empregador na cidade. É possível ainda destacar que existe certo isolamento das pequenas cidades em relação aos centros maiores. Da mesma forma que estão isoladas, as pequenas cidades possuem certas dificuldades de integração e inserção nacional e até mesmo internacional.

### **2.3.3 Relações sociais e culturais no espaço vivido pelos indivíduos e as combinações daí resultantes**

Jean Remy e J. P. Hiernaux no trabalho *Rapport a l'espace, rapport au corps et integration sociale*, publicado na *Recherches Sociologique*, procuram estabelecer uma análise relacional entre a cultura e o espaço concretamente organizado ou praticado. Destacam eles que os códigos que estruturam a percepção do espaço vivido - interior - pertencem a um nível de realidades distintas, mais desenvolvidas e que possuem certo número de relações importantes. Esses códigos espaciais são as origens da oposição/associação, e se estruturam na percepção. Assim, a



oposição espacial interior/exterior pode ser associada, respectivamente, ao espaço próximo ou distante (HIERNAUX; REMY, 1975).

O espaço é o ambiente onde o indivíduo e os grupos sociais vivem o cotidiano. As relações sociais e culturais que ocorrem no espaço concretamente organizado ou praticado, cidade, diferem das que ocorrem no rural. Da mesma forma, as relações sociais e culturais que ocorrem em grandes cidades diferem das ocorridas nas pequenas cidades. Esse fato está relacionado à percepção do indivíduo que vive em um espaço concreto. Essas relações sociais são definidas pelas ligações constantes que os indivíduos mantêm, como o econômico, político, social, tecnológico, etc. E é nesse espaço concreto e nas relações sociais ali existentes, que o indivíduo constrói sua subjetividade de pertencimento.

O espaço vivido, para Tonino Bettanini, está para o espaço da vida cotidiana. “Estudar o espaço vivido significa superar a dimensão do espaço-extensão, ou espaço-suporte das atividades, para acolher a noção de representação do espaço, como espaço construído através do olhar das pessoas que o vivem-habitam” (BETTANINI, 1982, pg. 118). No espaço vivido existe uma diversidade de noção de distância, ou seja, uma variedade de espacialidades. Uma “distância-qualidade” que difere da noção geométrica nada tendo de quantitativo. Nessa noção de distância existem dois modos de viver o espaço: espaço claro e o espaço escuro.

O “espaço claro” é o território preciso, natural, não problemático, onde eu compartilho com os outros tudo aquilo que nele se encontra: é o espaço “de domínio público”, *socializado*. O “espaço escuro”, obscuridade entendida não como ausência da luz, não se estende diante de mim, “me envolve, me aperta, até penetra em mim” (BETTANINI, 1982, 116)

A construção simbólica de pertencimento e apropriação do e no espaço do indivíduo e do grupo social supõem relações distintas como dentro/fora ou interior/exterior. O estar dentro ou interior é vivenciar as regras do jogo do espaço concreto vivido. O exterior ou fora é, portanto, o marco definitivo da separação, da não regra, onde regem as forças hostis (HIERNAUX; REMY, 1975).

A vivência do indivíduo e do grupo social, no espaço concreto, supõe também uma hierarquia que pode ser lida entre grande/pequeno ou alto/baixo. Nessa divisão hierárquica, o sentimento e a subjetividade do indivíduo ou grupo social manifesta o pertencimento de estar no grande/pequeno ou no alto/baixo. Portanto, é

nesse prisma de construções simbólicas, que está a possibilidade de diferenciar cidade grande/cidade pequena e urbano/rural. Em análise do modo de vida, por exemplo, a avaliação poder recair sobre as necessidades pessoais e recursos materiais, sociais, entre outros. Assim, os recursos para o indivíduo ou grupo social podem ser encontrados onde subjetivamente são maiores. A procura de certos produtos, que não são encontrados em sua cidade, logo, deverão ser encontrados em outra, que é maior. A relação que se estabelece varia da necessidade do produto a ser encontrado. Assim, estabelece-se a dicotomia, maior refere-se ao local onde estão os melhores centros médicos, hospitalares, universidades, comércio, etc. Menor, quando esses serviços são inexistentes ou em menor qualidade, dada à dificuldade encontrada pelo relativo afastamento físico dos centros maiores.

#### **2.3.4 Interferência na racionalidade do indivíduo**

Essa questão é reveladora e fornece elementos capazes de contribuir na diferenciação de cidade grande e cidade pequena. Para a compreensão dessa interferência na racionalidade do indivíduo, Wirth (1967) defende que a cidade é o centro iniciador e controlador da vida econômica, política e cultural. A cidade atrai indivíduos de diferentes áreas, povos e de diversas atividades para seu núcleo. Dessa forma, a cidade é o resultado de seu crescimento e a influência que exerce sobre o modo de vida de seus indivíduos, não é capaz de eliminar completamente a associação existente que predominava anteriormente. A cidade como atrativo e concentração de indivíduos têm como características as instalações, atividades de indústria e comércio, atividades financeiras e administrativas, transporte, comunicação, recreação e cultura, imprensa, estações de rádio e televisão, teatros, museus, bibliotecas, instituições educacionais e pesquisa, entre outras. Esse seria apenas um dos instrumentos, embora muito significantes, que separam o urbano do rural. E essa acumulação de instrumentos, também, é fator de diferenciação entre grande e pequena cidade.

Para Simmel (1967), a cidade altera as reações do indivíduo, pois intensifica os estímulos nervosos. A cidade como sede da economia monetária concentra a troca econômica.

Nela, a multiplicidade e concentração de troca econômica dão uma importância aos meios de troca que a fragilidade do comércio rural não teria permitido. A economia monetária e o domínio do intelecto estão intrinsecamente vinculados. (SIMMEL, 1967, p. 15).

A exatidão, a complexidade, a pontualidade e o cálculo criam relações distintas no modo de viver das pessoas. O reflexo disso é a individualização e a atitude reservada dos indivíduos do mundo urbano. O ritmo da cidade provoca uma mudança no indivíduo, de tal modo que exige cada vez mais o uso de sua consciência e sua intelectualidade. As alterações na psique do indivíduo tendem a aumentar, à medida que as relações nas cidades também se alteram.

A atitude *blasé* do indivíduo da cidade resulta dos “estímulos contrastantes que, em rápidas mudanças e compressão concentrada, são impostos aos nervos” (SIMMEL, 1967, p. 18). Essa atitude é consequência do indivíduo urbano ser constantemente estimulado por acontecimentos do cotidiano, aos quais surge a incapacidade de reagir a novas sensações com a energia apropriada. É como se o indivíduo sofresse uma espécie de anestesia, não se espantando com nada, tendo uma atitude distanciada e indiferente, produzido pelo excesso de estímulos nervosos.

A essência da atitude *blasé* consiste no embotamento do poder de discriminar. Isso não significa que os objetos não sejam percebidos (...) mas antes que o significado e valores diferenciais das coisas, e daí as próprias coisas, são experimentados como destituídos de substância. Elas aparecem à pessoa *blasé* num tom uniformemente plano e fosco; objeto algum merece preferência sobre outro. Esse estado de ânimo é o fiel reflexo subjetivo da economia do dinheiro completamente interiorizada (SIMMEL, 1967, p. 18).

“As grandes cidades, principais sedes do intercâmbio monetário, acentuam a capacidade que as coisas têm de poderem ser adquiridas muito mais notavelmente do que as localidades menores.” (SIMMEL, 1967, p. 19). Portanto, à medida que aumentam as cidades, cresce também o intercâmbio monetário e os produtos e serviços a serem oferecidos. As cidades podem, então, mostrar e se caracterizar como grandes e pequenas. Nesse aspecto, o ritmo da vida econômica, ocupacional e social se torna contrastante entre a vida nas pequenas e grandes cidades. Nas pequenas cidades, a vida descansa muito mais sobre relacionamentos emocionais,

enquanto nas grandes cidades, os indivíduos reagem com a cabeça antes que com o coração.

A proposta de análise acima deverá permitir o entendimento do que propomos para observar as três cidades em estudo, na tentativa de esboçar e buscar uma caracterização para grande e pequena cidade.

## 2.4 PEQUENAS CIDADES NO ATUAL CONTEXTO DA GLOBALIZAÇÃO

Desde os anos de 1980, temos assistido a um reordenamento da economia mundial, que passa a ser entendida como globalização econômica. Essa globalização associada aos avanços tecnológicos surtiu efeitos por todas as partes do mundo. Nesse sentido, a economia mundial criou ou fortaleceu novos centros mundiais de poder. A reconfiguração do espaço mundial fortaleceu algumas cidades, que Saskia Sassen (1991) passou a chamar de *Global Cities* (cidades globais). Entre as cidades globais, Saskia cita Londres, Nova Iorque e Tóquio. Essas cidades historicamente foram grandes centros de comércio internacional e transações financeiras, e atualmente assumem formas de funcionamento de grande relevância, entre as quais, citamos: 1- passaram a ser centros de organização da economia mundial. 2- pontos estratégicos para serviços especializados e financeiros, 3- continuam sendo grandes centros de produção e, 4- destacam-se pela produção e inovação tecnológica, ou seja, grandes centros tecnológicos. A partir daí, também é possível notar uma reestruturação na hierarquia das demais cidades pelo mundo inteiro. E a classificação das cidades na atualidade pode ser vista da seguinte forma: Cidades Globais, Megacidades ou Megalópoles, Metrôpoles, Cidades Periféricas e Cidades Dormitório.

- Cidades Globais - As cidades globais fornecem infraestrutura para o mercado econômico mundial. Nessa infraestrutura, destacam-se o sistema bancário, hoteleiro, telecomunicações, aeroportos, agências de seguro, segurança, bolsa de valores, entre outros. Necessitam de um grande número de pessoas qualificadas e competentes para a realização de transações econômicas, manipulação em bolsas de valores, transações bancárias e contatos com empresas mundiais de grande porte. Essas cidades não se destacam como globais pelo tamanho ou número de

peças, mas, sim, pela funcionalidade em termos de manipulação financeira, característica do mercado econômico global na era da globalização econômica. É possível ainda destacar que, nessas cidades, o indivíduo urbano é classificado, de acordo com sua utilidade para o bom andamento do sistema. Dificilmente esse indivíduo é valorizado pela sua dignidade, qualidade ou como ser livre, ele é visto como prestador de serviço, pois para os grandes agentes econômicos que se utilizam desses serviços, a cidade não representa nenhum vínculo, os cidadãos são todos iguais, na medida em que se enquadram dentro dos critérios da cidade global.

- Megacidades ou Megalópoles - classificação dada em função do número exagerado de moradores, ou seja, acima de 10 milhões de indivíduos. Essas cidades têm como resultado um desenvolvimento econômico insustentável, devido ao fato de terem trazido às periferias um grande contingente de pessoas vindas das áreas rurais e de outras cidades. Nesse contexto, essas cidades passaram a viver, nas últimas décadas, grandes conflitos estabelecidos pela pobreza extrema e a riqueza, criando enormes tensões sociais. Dessa forma, esses espaços urbanos se tornam impróprios para grandes transações financeiras e econômicas, podemos citar, entre algumas dessas cidades, São Paulo, Rio de Janeiro, Buenos Aires, entre outras. Vale destacar ainda que nas Megacidades ou Megalópoles, o exercício da cidadania tornou-se quase impossível, o valor à vida parece que não existe mais, já que o respeito à dignidade humana e seus direitos são violados por todos. Nessas cidades, deve haver uma concentração nas políticas públicas e esforços coletivos de recuperação do caos que se instala.

- Metrôpoles - são cidades de histórica tradição de cidadania e têm se adaptado às novas exigências da economia globalizada, sem perder sua especificidade política e econômica. Entre essas cidades, podemos destacar Londres, Praga, Moscou, e se caracterizam por apresentar mais de 2 milhões de habitantes que conseguiram assegurar aos seus moradores qualidade de vida e um bom nível civilizatório. Guardam grandes tesouros culturais e por isso, são cidades de forte atração turística. Nessas cidades, os moradores têm assegurados os direitos civis básicos de liberdade, propriedade, segurança e respeito à dignidade. Além disso, há liberdade de expressão, circulação, moradia, saúde, escola, emprego, entre outros. Como essas cidades oferecem um bom nível de vida, são procuradas por inúmeros indivíduos que querem nelas viver, no entanto existe um forte e rigoroso controle nas suas fronteiras.

- Cidades Periféricas - são cidades que já tiveram importância política e econômica em outros tempos, ou maior que têm hoje, a exemplo de Manchester, Porto, Sevilha, Bucareste, por exemplo. Trata-se de cidades que, devido ao alto número de imigrantes, sofrem com falta de emprego, trabalho, renda e não possuem mais garantia dos direitos humanos básicos. Nessas cidades, já haviam alcançado bom nível de vida com alto nível de Direitos Humanos e Cidadania, no entanto, com o declínio econômico e a perda de importância política, regrediram. Por conta da imigração, as suas periferias estão se tornando campos de enormes conflitos e ameaçando cada vez mais o exercício da cidadania.

- Cidades Satélites ou Dormitórios - são cidades que não possuem economia própria nem mesmo independência administrativa. Nelas, os indivíduos não encontram trabalho tão facilmente, portanto não têm compromisso com elas, pois servem somente de dormitório, fornecendo, no máximo, moradia. São cidades onde os moradores precisam se deslocar diariamente até o local de seu trabalho, por longos quilômetros. Podemos citar, por exemplo, o ABC paulista, Taguatinga, etc. Nessas cidades, os Direitos Humanos e cidadania são problemáticos e chama atenção o alto índice de violência, problemas de trânsito, poluição, agressão ao meio ambiente, tornando-as insustentáveis (FREITAG, 2002)

Essa categorização feita por Saskia Sassen (1998), no contexto da globalização, equivale para cidades que possuem elevado número de habitantes e que têm papel de maior destaque na economia globalizada, seja pela produção industrial ou prestação de serviços. No entanto, a globalização não afeta somente as grandes cidades, pois os seus reflexos são possíveis de serem observados em todos os recantos do planeta, embora não seja diferente nas pequenas cidades.

Pelo aspecto econômico, a globalização tem provocado a comercialização e a especulação do espaço urbano. A especulação imobiliária se afirma na “Conjunção de dois elementos convergentes: a suposição de um sítio social ao sítio natural e a disputa entre atividades ou pessoas por dada localização.” (SANTOS, 1996, p. 96). A especulação cria essa dinâmica, transformando e selecionando lugares. Logo, as exigências de funcionamento de empresas criam lugares centralizadores e privilegiados, do mesmo modo as áreas residenciais concentram a população de maiores recursos. O resultado disso são áreas urbanas seletivas e de espaço segregado. Esse não é um fato novo na dinâmica do espaço urbano frente à globalização, porém, demonstra ter se agravado.

As crises econômicas que ocorrem dentro do capital globalizado repercutem nas pequenas cidades. O impacto originário destas crises se manifesta nos Fundos de Participação Municipal (FPM). As pequenas cidades que possuem grande parte de sua arrecadação dependente deste fundo, necessariamente, reduzem os investimentos em infraestrutura, educação, esporte, lazer. Isso gera a necessidade de atração de novas empresas, na expectativa de transcender a crise, colocando a própria cidade como uma mercadoria. Nesse aspecto, as pequenas cidades, onde existe a possibilidade de qualificar a mão de obra, parecem ser bom atrativo para empresas, uma vez que a importância da mão de obra leva as mesmas a se implantarem em espaços urbanos favoráveis. Do mesmo modo que essas empresas surgem, criando vagas de emprego, elas desaparecem, deixando inúmeros desempregados ou no trabalho informal.

Os elementos discutíveis da globalização não passam tão somente pela questão política e econômica. Eles se referem também ao tecido social, ideológico e cultural. As mudanças sociais, provocadas pelos arranjos do mercado, afetam todos os indivíduos. Amplia-se a gama de artigos de consumo de massa e para as grandes empresas, não há mais mercado específico e insubstituível. A expansão do consumo de educação, saúde, lazer, juntamente com a enorme quantidade de objetos, de viagens, de ideias, de informações, afeta as pequenas cidades e amplia o fenômeno da urbanização (SANTOS, 1996). Até mesmo o comportamento dos indivíduos sofre e se delinea no meio das relações do mercado, como o consumo anônimo e compulsivo. Esse consumo pode ser analisado pelo viés da tecnologia, a exemplo do mercado de telefonia móvel, que cresceu assustadoramente nos últimos anos no Brasil.

Instalaram-se sociedades reestruturadas pela lógica e pela própria temporalidade da moda; em outras palavras, um presente que substitui a ação coletiva pelas felicidades privadas, a tradição pelo movimento, as esperanças do futuro pelo êxtase do presente sempre novo. [...] consumir sem esperar; viajar; divertir-se; não renunciar a nada: as políticas do futuro foram sucedidas pelo consumo como promessa de um futuro eufórico. (LIPOVETSKI, 2004, p. 60-61).

É por meio do consumo tipo maníaco que o indivíduo cria vínculos de pertencimento a determinados grupos, ou mesmo à sociedade. Sobre esse aspecto,

Martha N. Ruiz (2006, p. 50) diz que o consumo não é uma satisfação para si mesmo, “[...] mas una compulsión de tipo maníaco: tengo que tenerlo, no importa que tenga cien, no importa que no tenga un centavo en el banco, no importa que me quede sin comer. Tengo que tenerlo.”<sup>2</sup>

Não se trata somente de consumo de objetos, mas também do de serviços e de valores que passam a ser construídos no centro da sociedade de consumo. A *internet*, com milhões de páginas e *sites*, é um grande atrativo de entretenimento, pois contém jogos e diversões, e é espaço de erotismo e sexualidade vendida a bilhões de internautas sem limite de idade. Da mesma forma, os *shoppings centers* que se tornaram verdadeiros templos de consumo.

Fora isso, o consumo também tem se destacado em produtos de saúde, beleza e aparência para o corpo humano. Nunca a humanidade consumiu tantos produtos para manter a aparência e ver-se melhor. Vitaminas para combater todos os tipos de males, alimentos que tragam mais saúde e inúmeros produtos para pele, cabelo, unhas, entre outros.

[...] Vitamina C para evitar resfriados, vitamina E para una piel hermosa, vitamina B para el cérebro, ginko biloba para espantar el alzheimer, ácido alfalipóico para prolongar *el vino tesouro de la juventud*, ácido clorhídrico para la digestão, aceites omega 3 para combatir el colesterol, y para la inteligencia. (RUIZ, 2006, p. 52)<sup>3</sup>.

A Era Informacional e a globalização econômica, à medida que promovem a circulação de capitais, encurtam as distâncias, aproximam pessoas, exercendo grande impacto no modo de vida. O fato de localizar respostas rápidas e a necessidade de encontrar, no lugar e na hora, contribui para a diferenciação das cidades. É nesse aspecto que a globalização influi sobre as pequenas cidades. A rapidez dos transportes e a localização estratégica das empresas, próximas de mercados específicos, colocam à disposição produtos em curto espaço de tempo. Por meio da rede mundial interligada 24 horas, é possível adquirir produtos, sem

<sup>2</sup> Mas uma compulção do tipo maníaco: tenho que ter-lo, não importa que tenha cem, não importa que não tenha um centavo no banco, não importa que fique sem comer. Tenho que ter-lo.

<sup>3</sup> Vitamina C para evitar resfriados, vitamina E para uma pele charmosa, vitamina B para o cérebro, ginko biloba para espantar o Alzheimer, ácido alfalipóico para prolongar o tesouro da juventude, ácidoclorídrico para a digestão, azeites Omega 3 para combater o colesterol e para a inteligência



precisar sair de casa. Dessa forma, mais e mais pessoas se inserem no mercado de consumo de massa, independentemente do local em que se encontram.

## 2.5 A INSERÇÃO DAS PEQUENAS CIDADES NO PROCESSO DE GLOBALIZAÇÃO

De fato, as telecomunicações são o fator de maior interferência tecnológica e de grande repercussão sobre as pequenas cidades. A tecnologia que chega com maior frequência e intensidade, nas casas dos moradores dos grandes, médios e pequenos centros urbanos, é a televisão. A televisão tem sido um importante equipamento eletrônico para os habitantes das pequenas cidades, pois é ali que se espera encontrar, em determinados momentos, lazer, diversão, informações, entre outras atividades que são limitadas nessas localidades. Sendo um dos principais veículos de informação, com seus telejornais, é também um espaço de lazer por meio de suas telenovelas e demais programas que vão ao ar diariamente. A televisão passou a impor, construir valores e inserir os indivíduos na cultura do consumo. Esses novos desejos e sonhos construídos na sociedade, a partir desses tipos de programação, promoveram inúmeras mudanças sociais e interferiram na realidade das pequenas cidades.

Outro meio tecnológico de extrema importância, aliado à televisão e que cresceu muito nos últimos anos, foi a telefonia. A telefonia fixa foi ampliada e chegou a inúmeras localidades por meio de postos telefônicos ou linhas telefônicas particulares. Soma-se a isso a telefonia móvel, que atualmente atende a inúmeros indivíduos e é um setor que cresceu e cresce rapidamente.

Um dos sistemas tecnológicos mais notáveis e que agiliza as relações sociais, aproximando povos e nações é, sem dúvida, a *internet*. A informática é um dos meios de comunicação, que muito contribui na vida cotidiana dos indivíduos. Embora ainda restrito em alguns domicílios particulares, é possível encontrar nas pequenas cidades inúmeros microcomputadores interligados à rede mundial de comunicações. Tanto nas escolas como em outros ambientes públicos, é possível acessar a *internet* e participar da rede mundial de informações. Nas pequenas cidades, já é possível encontrar laboratórios de informática nas escolas (abertos à comunidade), *Lan house*, entre outros espaços abertos ao público. Como visto, as pequenas cidades

partilham dessa sociedade de informação e para a gestão pública, esses meios serão os novos desafios, bem como espaços plurais para atender e administrar as cidades. Segundo Jean Lojkin (2002), seriam as potencialidades para uma nova civilização.

A questão da tecnologia na gestão política ainda é bastante restrita nas pequenas cidades. Embora todos os setores da administração pública se encontrem informatizados, existem algumas desigualdades no acesso a esses espaços. O acesso da população, direto ou indiretamente, na gestão das políticas públicas das pequenas cidades tem mostrado pouca participação por fatores culturais. No entanto, com a presença de novas tecnologias, aumentaram as condições de participação popular na gestão de políticas públicas e, conseqüentemente melhoraram a qualidade de vida da população.

Essa prática de participação popular, por meio do uso das tecnologias, poderá ser um recurso muito importante na gestão democrática e participativa nas cidades. Atualmente é possível encontrar páginas na *internet* de algumas administrações municipais, que objetivam divulgar as ações administrativas e colocar a cidade na rede mundial de computadores. Nessas páginas, além da diversidade de informações sobre os atrativos da cidade, é possível também encontrar bancos de dados, além de informação sobre saúde, educação, esporte, lazer, programações e dados econômicos e políticos do município. Porém, nas pequenas cidades, o que se observa é o que viemos afirmando, ou seja, o consumo massificado proporcionado pelos meios de comunicação acessíveis.

### 3 O PÚBLICO, O PRIVADO E AS POLÍTICAS PÚBLICAS URBANAS

A relação entre público e o privado é dicotômica. Essa dicotomia serve como categoria de análise para delimitar o campo de estudo da História, Economia, Sociologia e outras disciplinas no âmbito das Ciências Sociais. A relação entre público e privado não se dissocia de outras dicotomias “tradicionais e recorrentes nas ciências sociais, que a completam e podem inclusive substituí-la”. (BOBBIO, 1999, pg. 15). Estado e Indivíduo são termos dessa dicotomia. Ao Estado se fixou a idéia de público, cujo governo garantirá o bem comum. E ao indivíduo a idéia de privado, de liberdade individual. Para a dicotomia público/privado se seguirá a seguinte distinção:

(...)a) de dividir um universo em duas esferas, conjuntamente exaustivas, no sentido de que todos os entes daquele universo nelas tenham lugar, sem nenhuma exclusão, e reciprocamente exclusivas, no sentido de que um ente compreendido na primeira não pode ser contemporaneamente compreendido na segunda; b) de estabelecer uma divisão que é ao mesmo tempo total, enquanto todos os entes aos quais atualmente e potencialmente a disciplina se refere devem nela ter lugar, e principal, enquanto tendem a fazer convergir em sua direção outras dicotomias que se tornam, em relação a ela, secundárias. (BOBBIO, 1999, pg. 13)

A esfera pública em sua totalidade e como realidade pressupõe a existência da esfera privada. O acesso a uma fila de pagamentos ou a uma fila de embarque ao transporte público, que é acessível a todos, é entendido como público. O inverso é entendido como privado. É nessa relação que as duas esferas se constituem como domínios dicotômicos, ou seja, em que se distingue o que é comum a todos do que é particular; o que é aberto do que é fechado.

No debate jurídico, existe a clara distinção entre direito público e direito privado. Segundo Bobbio (1999) os dois termos dicotômicos podem ser definidos independente um do outro. É possível também definir um termo enquanto o outro recebe significado negativo, paz e não-guerra por exemplo. A definição de direito público e direito privado tem no primeiro maior força, pois ocorre frequentemente privado ser definido como não público. Nota-se que,

(...) no interior do espaço que os dois termos delimitam, a partir do momento em que este espaço é totalmente ocupado (*tertium non datur*), eles por sua vez se delimitam reciprocamente, no sentido de que a esfera do público chega até onde começa a esfera do privado e vice-versa (BOBBIO, 1999 pg. 14).

A afirmação de supremacia do termo direito público sobre o termo direito privado, garante a diferenciação entre um e outro. Pois o critério fundamental permanece sendo aquele de diversos sujeitos, já que se vincula com sociedade que se mantém junta muito mais do que vínculos jurídicos, mas pelo bem comum.

A dicotomia público privado requer um olhar sobre a vida na Grécia. Embora não tenhamos a intenção de fazer um histórico sobre o público e o privado desde suas origens, é necessário observar que a vida política dos gregos e a vida domiciliar existiram como espaços independentes e relacionados. Dessa forma, entendemos que existia uma proximidade entre vida pública e vida privada, ou seja, o contraste entre a esfera pública e a esfera privada. No domicílio ou na esfera privada, as pessoas viviam juntas de acordo com suas necessidades. A importância maior, nessa esfera, referia-se às necessidades biológicas da vida, que eram mantidas em segredo, longe dos olhos dos demais, privadas da luz do público. Entre as paredes da casa, estavam todos envolvidos com as tarefas domiciliares diárias, a rotina dos trabalhos e a produção de bens para a sobrevivência da família. Essa esfera privada era dependente do arbítrio do senhor absoluto, o *pater*. A ele cabia impor as regras da convivência familiar. Por outro lado, a esfera pública era a da liberdade. Esfera em que o controle da vida familiar era a condição para a liberdade, ou seja, libertar-se do domínio da necessidade. A liberdade, como concebiam os gregos, era de natureza política. A dimensão política, a esfera pública, era fundamental para a vida, pois era ali que se negociava a diversidade. De fato, nesse espaço, o poder despótico era substituído pelo melhor argumento e/ou pela discussão.

No mundo feudal, não havia uma distinção clara da esfera pública e esfera privada. O que é possível notar, nesse período histórico, em tais sociedades, é que todas as relações de dominação estavam centradas no senhor. Mesmo possuindo simbologia pública, como brasões e outros atributos de nobreza, a nobreza não partilhava do campo social. Isso estava representado na figura do senhor, pois, ao se apresentar, ele ostentava o poder. Não existia a noção de poder público, o poder,

para governar, estava ligado a atributos próprios, ou seja, pessoais. Dessa atribuição derivava o poder da terra ou da linhagem.

Essas relações começaram a mudar na medida em que se centralizava o poder, então o orçamento do Estado foi separado das despesas do senhor. As despesas com exército, burocracia e outras instituições legais que surgiram, exigiram uma independência dos gastos privados da corte. Essas mudanças supunham o surgimento dos Estados Nacionais e o processo administrativo correspondente à instituição pública, o Estado. E nesse mesmo período, ocorreu a ascensão da burguesia que, aos poucos, passou a se afirmar, também, como de autonomia privada. No entanto, é no século XVIII, com o aumento das trocas de mercadorias e o crescimento das cidades, que a percepção da vida de domínio público e a vida de domínio privado passaram a se confundir.

O público passa, então, a ser o estado que se desenvolveu como uma entidade de “existência objetiva em relação à pessoa que governava” (JOVCHELOVITCH , 2000, pg. 54). O público já não representa mais a corte, o príncipe, mas uma instituição regulada. O privado equivale a qualquer coisa excluída do aparato do estado.

As políticas públicas podem ser definidas como conjuntos de medidas e procedimentos que traduzem a orientação política do Estado e regulam as atividades governamentais relacionadas ao interesse público. São também definidas como todas as ações de governo, divididas em atividades diretas de produção e de serviços pelo próprio Estado, e ainda, em atividades de regulação de outros agentes econômicos. A questão das políticas públicas implica em observar o espaço que cabe aos governos na definição e implantação de políticas públicas

Ao tratar de políticas públicas devemos considerar que o foco das explicações se desloca dentro de um campo multidisciplinar. Tanto a antropologia, sociologia, geografia e ciências políticas partilham do debate nesse campo. Celina Souza destaca que,

(...)o caráter holístico da área não significa que ela careça de coerência teórica metodológica, mas sim que ela comporta vários “olhares”. (...) políticas públicas, após desenhadas e formuladas, desdobram-se em planos, programas e projetos, bases de dados ou sistemas de informação e pesquisa. Quando postas em ação, implementadas, ficando daí submetidas a sistemas de acompanhamento e avaliação. (SOUZA, 2006, pg. 3, grifos da autora).

Nesse aspecto, políticas públicas não devem ser vistas como decisões de governos ou outras instituições que participam do poder decisório. Nem mesmo que o Estado opta por políticas definidas exclusivamente pelos indivíduos que estão no poder. O Estado tem certa autonomia sobre as políticas públicas, embora tenha espaço próprio de atuação, sofre influências internas e externas (SOUZA, 2006). Além disso, essa autonomia impacta com uma diversidade de fatores e, principalmente, com os diferentes contextos históricos de cada sociedade.

No campo específico das políticas públicas, diversos modelos explicativos procuram esclarecer por que os governantes implantam ou não, ações que repercutem na vida dos indivíduos. Entre a diversidade de modelos e definições Celina Souza sintetiza alguns elementos principais que servem de baliza quando tratamos de políticas públicas.

- A política pública permite distinguir entre o que o governo pretende fazer e o que, de fato, faz.
  - A política pública envolve vários atores e níveis de decisão, embora seja materializada através dos governos, e não necessariamente se restringe a participantes formais, já que os informais são também importantes.
  - A política pública é abrangente e não se limita a leis e regras.
  - A política pública é uma ação intencional, com objetivos a serem alcançados.
  - A política pública, embora tenha impactos no curto prazo, é uma política de longo prazo.
  - A política pública envolve processos subseqüentes após sua decisão e proposição, ou seja, implica também implementação, execução e avaliação.
- (SOUZA, 2006, pg. 6)

A análise de políticas públicas não dispõe de teorias uniformes, mas de uma combinação de métodos e diferentes focos. Consideramos, nesse caso, a autonomia dos municípios dada pela constituição de 1988 e, mais tarde, pelo Ministério das Cidades. Segundo Klaus Frey,

Apesar de as regras fundamentais que regem a relação entre executivo e legislativo não divergirem muito na prática, a realização de tais estudos de políticas públicas é dificultada pela multiplicidade institucional no que diz respeito à configuração concreta da relação entre executivo e legislativo, às variadas formas de negociação nos municípios e acima de tudo no que concerne aos múltiplos regulamentos referentes à inserção da comunidade local no processo político. (FREY, 2000, pg. 244).

Outro aspecto, não menos importante, é o embate de forças políticas no campo político municipal. O processo de transição democrático agita duas forças no quadro institucional e nos processos políticos. As forças conservadoras tradicionais e as forças políticas modernizadoras e, de democratização do Estado e da sociedade, bem como, outras forças que surgem como os movimentos sociais.

Quando tratamos de políticas públicas, ao longo deste trabalho, a nossa tendência é para o campo teórico chamado neo-institucionalismo. O neo-institucionalismo dirige sua atenção não apenas para as instituições em si, mas também para os próprios atores políticos. “A contribuição do neo-institucionalismo é importante porque a luta pelo poder e por recursos entre grupos sociais é o cerne da formulação de políticas públicas” (SOUZA, 2006, pg.7). Essa disputa de forças é mediada por instituições políticas e econômicas que direcionam as políticas públicas e privilegiam alguns grupos em relação a outros. Muitas vezes as instituições por si só não podem fazer todos os papéis, pois também existem interesses de alguns indivíduos ou grupos.

Assim, dada a complexidade e a dinâmica dos campos de investigação parece, pois, imprescindível as análises do neo-institucionalismo. Nas palavras de Klaus Frey, “o neo-institucionalismo busca contribuir para o aumento da capacidade dos atores políticos de compreender o funcionamento das instituições políticas e, desta maneira, saber conduzi-las de forma mais eficiente” (FREY, 2000, pg. 251).

### 3.1 O PÚBLICO E O PRIVADO

O sociólogo Richard Sennett analisa as mudanças que ocorreram entre as esferas da vida pública e da vida privada, a partir do século XVIII. Para ele, houve influência na percepção que as pessoas tinham sobre o domínio de vida pública e vida privada. Essa mudança “[...] começou com a queda do Antigo Regime e com a formação de uma nova cultura urbana, secular e capitalista.” (SENNETT, 1998, p. 30). No Antigo Regime, existia um divisor marcante entre o domínio de uma vida privada e uma vida pública. Nesse período, os homens atribuíam papéis uns aos outros, de forma que levavam a sério o seu comportamento. Assim, era possível estabelecer um equilíbrio entre as duas esferas. A esfera pública era o espaço

aberto ao outro e às diferenças, enquanto a esfera privada estava para o relacionamento de amigos e da família, permitindo um modo de agir específico. No entanto, esse equilíbrio entre os dois domínios sofreu mudanças históricas, transformando a percepção de público.

Para compreender o declínio da vida pública, segundo Sennett, é necessário observar o crescimento das cidades nesse período - século XVIII. Ele descarta o postulado de que o crescimento da cidade provém, unicamente, de nascimentos serem superiores ao número de óbitos. Usando como exemplo Paris e Londres, destaca que o crescimento ocorreu fruto de migrações internas, ou seja, de pequenas cidades aos arredores e do campo. O resultado disso é a transformação da cidade em um lugar de estranhos. Esse fato teria fragmentado e dispersado a vida urbana em grupo. Se, anterior a isso, a praça era o local de encontro, agora “[...] a reunião da multidão se tornou uma atividade especializada; acontecia em três locais: no café, no parque para pedestres e no teatro.” (SENNETT, 1998, p. 76). Dessa forma, a cidade significou uma mudança no sentimento do homem urbano, que perdeu de foco algo. Veja que, antes, as vestes e a voz demarcavam a hierarquia social, sendo que proibiam o uso de trajes de um estrato social a outro de outra posição social. A voz e o discurso, por sua vez, traziam maior prazer a locais onde as pessoas eram selecionadas. O clube, local privado, excluía aqueles que eram desagradáveis, alheios. Esse espaço privado era o espaço de refúgio, local onde poderia se reconhecer e caracterizar as pessoas. Viver nessa multidão de estranhos, em público, as pessoas dispunham de poucos meios para saber, se o indivíduo estava trajado corretamente à sua posição social. Dessa forma, a vida pública passou a ter uma relação com a vida privada, através da construção de códigos de credibilidade. A vivência na cidade permitia essa interação das diferenças. Na esfera pública, as pessoas se mostravam cada vez mais diferentes do que eram em sua vida privada. Para Sennett, aos poucos, surgia o homem que desempenha papéis públicos definidos, embora buscasse se esconder dos olhares coletivos em sua privacidade, ou seja, em sua vida privada.

Frente a essa mudança, o enfraquecimento da vida pública teve na vida urbana seu princípio fundamental. Outro aspecto que Sennett aponta é o capitalismo, no comércio de produtos. A Revolução Industrial teria promovido a produção de objetos em quantidades maiores. Essa produção em massa mudaria as relações entre compradores e vendedores. Antes, o vendedor necessitava de tempo



para vender seu produto e demonstrar quanto esse produto poderia satisfazer o comprador. Com o aumento da produção de produtos manufaturados, surgiram lojas e vitrines, onde o vendedor passava a ter papel secundário. O que antes era um jogo interacional entre vendedor e comprador, agora passava a ser uma interação entre comprador e objeto. Se não bastasse a ruptura desse jogo entre vendedor e comprador, haveria, também, mudanças nas leis de compra e venda. O vendedor era regulado por severas leis, fixando o que poderia ser vendido, que tipo de propaganda poderia ser usada e, ainda, havia restrições sobre as compensações na venda. A partir do século XIX, essas restrições foram suspensas, o que colocava, agora, o vendedor sob o poder das leis. Segundo Sennett, a venda não havia sido liberada, porém o preço fixo invadiu as transações de varejo, imitando a comercialização de massa das lojas. Portanto, o preço livre não desapareceu, ele permaneceu nas vendas por atacado. Essas vendas, tratadas como negócios, permaneciam em segredo, porque se o público que comprava no varejo soubesse dos preços livres e procurasse intervir no preço fixo, lançaria o mercado do varejo ao caos. Em síntese:

Em “público”, a pessoa observava, expressava-se, em termos daquilo que ela queria comprar, pensar, aprovar, não como resultado de uma interação contínua, mas após um período de atenção passiva, silenciosa, concentrada. Por contraste o “privado” significava um mundo onde a pessoa poderia se expressar diretamente, assim como seria tocada por outra pessoa; o privado significava um mundo onde reinava a interação, mas que precisava ser secreto. (SENNETT, 1998, p. 187).

Com o crescimento das cidades e a ampliação das relações comerciais, a moralidade pública enfraquecia. O espaço público passava a ser visto como o lugar do caos, onde era preciso se proteger dos estranhos. Por outro lado, o espaço privado, a vida íntima, era onde reinava a moral e se manifestava como espaço de proteção.

Outro aspecto que contribuiu para o enfraquecimento do espaço público foi a secularização. Para Sennett (1998, p. 36), “[...] a secularidade é a convicção, antes de morrermos, de que as coisas são como são, uma convicção que cessará de ter importância por si mesma assim que morrermos”. O secularismo mudou drasticamente, tornando-se oposto aos termos seculares do século XVIII. A relação

não era mais fundamentada em uma transcendência, mas em uma imanência. As sensações, os fatos, sentimentos, as emoções, tudo deveria ter significado em si para ser entendido. Essa mudança impactou de forma radical sobre a vida pública. É que as aparições em público deveriam ser levadas a sério, porque poderiam revelar o que a pessoa era. Nesse aspecto, alguém poderia perceber, no outro, traços da sua personalidade, bem como da sua intimidade, ou ainda, do seu eu.

[...] as pessoas estavam inclinadas a provocar cada vez mais as diferenças nas impressões imediatas que se davam umas às outras, a fim de ver tais diferenças, de fato, como a própria base da existência social. Essas impressões imediatas que as diferentes pessoas produziam eram tidas como sendo as suas "personalidades". (SENNETT, 1998, p. 192).

Nesse sentido, seria inevitável uma desconexão entre o espaço público e o domínio privado. As relações no mundo público se estruturavam com as mesmas regras determinantes nas relações familiares, porém era possível um novo tipo de experiência. A família era o lugar onde as pessoas expressavam sua personalidade, o espaço da moralidade, portanto, o espaço privado. Em público, as pessoas poderiam escapar desse ideal e experimentar uma vida na imoralidade. Na família, seguiam regras rígidas e estáveis, tornando-se um espaço seguro, enquanto, em público, a legitimidade era duvidosa.

A cidade, pouco a pouco, ia sendo moldada por uma nova geografia entre público e privado. O fato de a personalidade das pessoas adentrarem no domínio público criou uma sociedade intimista. A todo instante, estamos mostrando o que parecemos ser para outras pessoas. Desse modo, a personalidade depende de sua autenticidade em público, contribuindo para a criação de indivíduos narcisos. Isso esvazia as relações sociais em conteúdo e credibilidade. É que as relações sociais não são mais vistas em termos comuns, mas de forma individual, íntima. A erosão da vida pública está relacionada com esse vazio de coletividade, ou seja, a vida pública depende de uma personalidade coletiva.

### 3.1.1 Percepção da dicotomia entre público e privado

Vimos, anteriormente, que a personalidade do indivíduo, íntima, afetou o domínio público, criando uma sociedade intimista. Agora analisaremos como os indivíduos organizam a percepção da dicotomia entre público e privado. Nessa análise, nós nos voltamos a Jean Remy (1973), que discute o uso social dos termos dicotômicos público e privado. A dicotomia do público e privado também se mostra de forma ambígua, já que esses termos são utilizados para explicar as competências que revelam os diversos domínios da vida social (REMY, 1973). Com base em uma leitura dicotômica, a oposição público/privado é essencial em um sistema de percepções espontâneas, pois essa oposição se manifesta como uma categoria contrastante. Nessa dicotomia, a concepção do uso não está somente na percepção, mas pode ser vista como um elemento organizador da vida cotidiana.

Para Jean Remy, o uso cotidiano dos conceitos de público e privado se encontram em um quadro muito criterioso. Por isso, há a necessidade de compreender seus conceitos dentro de uma diversidade de conteúdos. Dessa forma, ao estudo do conceito de privado será dado destaque, enquanto o público aparecerá como negação, afirmando o conceito de privado. É que a base da ambiguidade do conceito está nos múltiplos critérios de análise que podem ser vistos da seguinte maneira: a) Direito de não intervenção de um poder exterior; b) Matriz interacional para o indivíduo ou o grupo de interesse; c) Matriz cultural; d) Autonomia e espaço próprio.

#### **a) Direito de não intervenção de um poder exterior**

Nesse aspecto, existe a reivindicação do direito privado quando há uma vontade de afirmar a legitimidade de uma intervenção exterior, destacando-se dois elementos, a afirmação do fato e a ausência de motricidade. No primeiro, uma atividade de domínio privado recusa o olhar da coletividade, podendo ser entendido como a remuneração. Esta une assuntos privados e corresponde a uma reivindicação de direito secreto e de não conhecimento por outras pessoas. No segundo, a ausência de motricidade social permite que algumas atividades sejam propulsoras da vida privada. Quando uma propriedade familiar autônoma desenvolve um estilo de vida próprio será considerada como legítima. Agora quando

esta propriedade tem um poder de orientação sobre a vida social, o caráter de privado desaparece, a exemplo de quando essa propriedade permite dar ou não dar empregos à população. Logo, na medida em que certas atividades não têm impacto global, organizam-se segundo seus interesses particulares, ou se poderia dizer, privados. Nas palavras de Jean Remy:

Il faut toutefois noter que cette absence d'impact global ne veut pas dire que ces activités sont sans importance pour l'individu. Au contraire, on se trouve dans un domaine où chacun peut choisir em fonction de ce qu'il estime le plus avantageux pour lui, sans considérer les conséquences sur les autres. (REMY, 1973, p. 13).<sup>4</sup>

### **b) Matriz interacional para o indivíduo ou o grupo de interesse**

Define como o indivíduo, grupo e a matriz interacional têm capacidade de poder controlar uma rede de interações. Nesse caso, o acesso é correlativo aos critérios que procedem. Nessa acepção, público é acessível a todos, como uma eventual fila de pagamentos em condições identificadas por todos. Trata-se, então, de uma fila de transporte público ou uma fila pública. O contrário se diz de privado, como toda atividade que supõe uma seleção a partir de critérios específicos. Dessa forma, a exibição de um filme está reservada a algumas pessoas. Um clube privado não aceita que as pessoas respondam a certos critérios indicados no letrero - propriedade privada - que significa uma interdição ao estranho. Por outro lado, o não acesso conduz normalmente a não visibilidade social. É possível, assim, associar o privado ao que não aparenta diretamente, o que não se desvenda, ou o que se deseja guardar em segredo, ou ainda, o que não está expresso. Com base no exposto, a opinião política pode ser ou é geralmente considerada um assunto privado. E um assunto privado pode não ser expresso realmente, pois uma expressão pública pode ser submissa à pressão.

---

<sup>4</sup> Todavia, isso faz notar que esta ausência de impacto global não vai dizer que estas atividades são sem importância para o indivíduo. Ao contrário ela se acha em um domínio onde cada um pode escolher em função do que estima o mais vantajoso para si, sem considerar as consequências nos outros.

### **c) Matriz cultural**

Corresponde à afirmação por indivíduo ou grupo e diz respeito à capacidade de ser ele mesmo ou de agir à sua maneira. Assim, o privado está associado às atividades que se pode organizar a seu modo e é capaz de dominar as consequências. A exemplo da reação dos moradores de rua que têm uma proposta de habitar um apartamento em um edifício. A negação a essa proposição refugia-se em certo direito. O privado desse grupo se mistura aos elementos do alojamento e o impasse oposto, a rua, que lhe permite viver à sua maneira. Ainda, nessa matriz cultural, é possível destacar o privado associado ao mais pessoal, ao íntimo. Pode-se, aqui, definir o privado, quando não há influência direta de pessoas com as quais entra em contato. Então o privado é construído, segundo sua própria vontade e seu próprio direito de julgar. Se essa concepção de privado é entendida com conotação positiva, para outros, reveste-se como negativa. Caso ocorra uma inversão de sentido, o privado é considerado como expressão de uma preocupação, predominantemente de interesse egoísta.

### **d) Autonomia e espaço próprio**

A autonomia pode implicar um espaço psíquico, que é próprio do indivíduo ou do grupo e que controla o acesso à visibilidade. Nessa concepção, o privado está relacionado ao modo predominante de materialização do espaço, no qual o indivíduo e a matriz de acesso são a visibilidade. Esse é o espaço que lhe permite afirmar-se e proteger-se, evitando os controles externos. Assim, o espaço privado se afasta do direito por excelência e a pessoa pode comportar-se a seu modo, ao contrário do direito público, embora esse postulado esteja ligado à apropriação de objetos materiais e ao direito à propriedade. Logo, o grupo que ocupa esse espaço privado se sente à vontade, na medida em que tem a utilização exclusiva. Os outros poderão se sentir rejeitados de seus direitos, dando a conotação de privado à interdição. Essa interdição, privação, poderá surtir uma vontade de igualdade de acesso ao espaço privado, bem como rejeição a esse acesso.

O uso das definições de público e privado como categorias espontâneas de percepção revelam-nos diversos conteúdos. Isso nos faz buscar sistematizar como o uso desses conceitos nos distancia das definições de direito público e de direito privado. Principalmente, quando procuramos entender o privado como um direito a

não intervenção. “Le concept de privé entrecroise ainsi une pluralité d’axes: droit à la non-intervention - maîtrise interactionnelle - autonomie culturelle - espace propre. Mais la hiérarchie entre ces axes et leur pondération réciproque est fluctuante.” (REMY, 1973, p. 15)<sup>5</sup>.

Com base em Jean Remy (1973), é possível destacar a ambiguidade dos conceitos e os diferentes critérios nas áreas de aplicação, ou seja, ambiguidade que pode ser visualizada ou não. O autor lança o seguinte exemplo: Um lugar onde se toma decisões importantes tem um impacto sobre a vida coletiva. Um clube pode ser caracterizado como privado, porque as reuniões formais são protegidas, sem acesso e visibilidade. A apropriação exclusiva de objetos materiais, propriedade de espaços privados, pode ser repartida de forma desigual, o que impede alguns de desenvolver suas atividades privadas desejáveis. Dessa forma, há um limite em sua liberdade de ação. Ao contrário de outras famílias, que dispõem de um espaço privado, com maior vantagem, podendo desenvolver atividades socialmente não aceitas, atividades sexuais, por exemplo. Assim é possível observar que as sociedades interiorizam o direito a uma pluralidade de comportamentos em uma determinada área.

Essa análise busca explicar os variados mecanismos de conteúdo aparente do espaço privado. Constatamos, então, que essas definições, geralmente aceitas na vida cotidiana, são conteúdos que divergem de uma categoria social à outra. Apesar de serem imprecisos e ambíguos, os discursos podem satisfazer e legitimar o direito privado e negar o público ou o contrário.

Por conseguinte, conforme discutimos em acordo com Jean Remy (1973), há uma dicotomia e ambiguidade nas definições para direito público e direito privado. Logo, não resta dúvida de que a legitimidade e a satisfação em desenvolver atividades em espaços públicos ou privados supõem um jogo de interesses. Esse jogo pode ser notado, tanto individual como coletivamente, na busca de seus direitos e da sua liberdade. Em Sennett (1998), foi possível analisar o privado e sua entrada no espaço público. O que criou, segundo ele, uma sociedade intimista, em que há uma decadência do espaço público. Dessa forma, uma análise do que é público e do que é privado exige observar essa diversidade de critérios. Assim, pode-se

---

<sup>5</sup> O conceito de privado entrecruza assim uma pluralidade de eixos: O direito a não-intervenção - matriz interacional - autonomia cultural - espaço próprio. Mas a hierarquia entre esses eixos e suas ponderações recíprocas é flutuante.

compreender o indivíduo ou os grupos sociais em suas relações cotidianas, as formas que encontram para se salvaguardarem em seus direitos, por diversas vezes, transformando seus problemas pessoais, íntimos, em problemas públicos.

### 3.2 AS POLÍTICAS PÚBLICAS E OS MOVIMENTOS SOCIAIS

Conforme visto anteriormente, a ambiguidade e a dicotomia das definições de público e privado impedem as interpretações tradicionais de darem conta de sua acepção nos dias atuais. As metamorfoses que vivem as sociedades refletem no quadro e na perspectiva da construção da cidadania e na democratização do Estado. Nesse ínterim, buscamos analisar o desenrolar dos movimentos sociais na promoção de políticas públicas, após o Estado ditatorial no Brasil. De fato, os movimentos populares, juntamente com as demais formas de associações, institucionalizadas ou não, tiveram papel fundamental na promoção de políticas públicas pós 1964. Dentre essas políticas contempladas na Carta Magna, novas foram surgindo e as contempladas revisitadas ou implantadas a partir das manifestações populares.

O público/privado, herança dos gregos e romanos, tem uma origem comum e uma base jurídica. Para as sociedades ocidentais, a queda do Antigo Regime e ascensão da burguesia ao poder ocasionaram uma radical mudança na natureza das relações entre Estado e Sociedade. Ao institucionalizar o Estado de Direito, a esfera privada estava salva de qualquer intervenção do Estado, condicionada ao cumprimento dos limites da lei. Para a burguesia, o Estado de Direito buscava racionalizar a vida pública e se afirmava a partir de direitos universais. De sorte que, os princípios da Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão vinham em oposição definitiva ao Antigo Regime. Esse marco se torna legítimo para as sociedades atuais, pois define que existem coisas que pertencem à esfera pública, que devem ser abertas e distribuídas a todos. De forma contrária, existem coisas que são privadas, secretas, reservadas, portanto, fechadas à esfera de todos.

Nesse contexto, não nos cabe, aqui, buscar o desenvolvimento e as origens da esfera pública e privada. O que pretendemos é analisar as relações entre o Estado e Sociedade na promoção das políticas públicas. O Estado é entendido

como um instrumento da sociedade civil para organizar, coordenar e gerenciar as coisas públicas. É um produto da sociedade cuja finalidade principal, em função de sua natureza, é prestar serviços públicos. Muitas vezes, deixa a condição de *res pública* para se tornar instrumento de grupos dominantes em defesa do privado. Nesse caso, o Estado perde a condição democrática e se transforma em um espaço de corrupção. Em decorrência dos grupos dominantes se apropriarem do poder do Estado em seu benefício, cria-se um espaço vazio, no qual a miséria se destaca.

No Brasil, a partir da Segunda Grande Guerra, o Estado demonstrou a existência de uma forte relação populista, ou seja, a aristocracia era o elo entre a população e o poder público. Era a troca de favores, tratava-se de trocar obras e serviços financiados com verba pública pelo voto dos contribuintes.

Observe-se que neste período, dado o grau de desenvolvimento das forças produtivas, o Estado podia levar adiante a ideologia desenvolvimentista travando uma política de troca de favores, permitida, entre outras coisas, pela disponibilidade de capitais principalmente no mercado externo. Era uma conjuntura que possibilitava, embora moderadamente, uma distribuição de renda capaz de incorporar as massas, ainda que dentro de certos limites (DOIMO, 1984, pg. 28-29).

Esse quadro tende a mudar a partir da segunda metade dos anos de 1970. As contradições urbanas tende a se tornar mais vultosas, na medida em que se ampliam as manifestações da sociedade civil com o fim do conhecido “milagre econômico”. O Estado se torna incapaz de agir de forma populista, pois emergem lideranças comprometidas com trabalhos de base e fortes críticas as políticas clientelistas e populistas. Esse fato, segundo Ana Maria Doimo,

[...] foram fatores que concorreram para uma nova configuração dos MSUs, (Movimentos Sociais Urbanos), caracterizando-se agora como elementos de pressão ao Estado e colocando-se a condição de autonomia e independência em relação a ele (DOIMO, 1984, pg.29).

No trabalho de João Clemente de Souza Neto, *Mutações da esfera pública*, encontramos um recorte que destaca como a esfera pública passa ser, indevidamente, agente de interesses privados.



A esfera pública destaca-se pelo exercício do controle democrático sobre as coisas públicas. Ao pressionar o Estado e a própria sociedade, ela os convoca à responsabilidade e a defesa dos interesses públicos, restringindo o uso indevido da miséria e do sofrimento social em proveito de particulares. Isso ocorre, por exemplo, quando a distribuição de leite, um direito da criança e mesmo do idoso, passa a ser um ato da benevolência de vereadores ou de dirigentes em entidades assistenciais. (SOUZA NETO, 1997, p. 74).

Assim, muitas vezes, o que é de dever do Estado e direito da sociedade adquire características de benefício do indivíduo ou de um grupo. E, então, ao favorecer projetos pessoais, o que era público torna-se privado. O objetivo do espaço público é a construção de *res pública* como espaço de distribuição de políticas para todos.

Os grupos dominantes se apropriam do Estado para resolverem seus problemas particulares ou de seu grupo. Por outro lado, aos dominados cabem movimentos organizados em busca de seus direitos. Esses movimentos, entidades, associações ou o próprio indivíduo buscam abrir canais de comunicação, participação ou negociação com o poder público. Assim, o Estado tem assumido o papel de articulador e organizador da sociedade. Não menos importante é o Estado, que nas economias capitalistas, assume as funções produtivas diretas, ultrapassando suas funções, de forma a aumentar a crise na esfera pública. Quando isso ocorre, acabam sendo reduzidas as políticas públicas nas regiões periféricas do espaço urbano. Segundo Castells (2000) e Lojkine (1997), isso ocorre na dinâmica geral do Estado capitalista que segrega o espaço urbano, criando áreas periféricas.

Se estiver entendido que o Estado representa os interesses dos grupos dominantes, então podemos destacar que existe uma exclusão das classes dominadas. No Brasil, a intervenção do Estado tem se mostrado dinâmica em infraestrutura para o setor industrial. Com esses investimentos, é certo que haverá defasagem crescente nos serviços públicos urbanos, essenciais à população. Assim, as relações Estado e Sociedade ficam marcadas pela contradição. De um lado, a participação maciça do Estado na economia e de outro, a defasagem em educação, saúde, habitação, transporte. Pedro Jacobi, em seu estudo *Movimentos sociais e políticas públicas*, ressalta que:

As políticas sociais estão permeadas pelas contradições entre os imperativos da reprodução do capital e as necessidades de reprodução da força de trabalho. E o Estado torna-se interlocutor das demandas sociais dos diferentes movimentos reivindicatórios, assim como agente indutor das políticas que regulam a dinâmica geral da sociedade. (JACOBI, 1993, p. 6).

Existe uma literatura bastante ampla, que trata das conquistas de políticas públicas nas cidades, a partir dos movimentos sociais organizados (JACOBI, 1993; SADER, 1988; GOHN, 1991). Até final do século XX, ocorreram inúmeras manifestações, em busca de políticas públicas nas cidades. Nas décadas de 70 e 80, do século XX, houve a explosão dos movimentos sociais que reivindicavam políticas públicas, que viessem ao encontro dos anseios da maioria da população. Diversos movimentos sociais organizados manifestaram seus desejos de melhores condições de vida. Esses movimentos buscavam direito à educação de qualidade, ao saneamento básico, à moradia, à alimentação, ao transporte, ao emprego, à qualidade de vida. As manifestações variavam entre passeatas, abaixo-assinados, greves, panfletagens, ou seja, as mais diversas formas capazes de exigir do Estado políticas públicas às suas reivindicações.

Os anos de 1970 e 1980 foram marcados pela luta social em busca de políticas públicas, multiplicando-se os estudos sobre os movimentos urbanos. Inúmeros estudiosos do assunto procuraram analisar de diferentes formas os avanços dos movimentos sociais nesse período. Destacamos o trabalho de Ana Maria Doimo (1995): *A vez e a voz do popular*, que procura mostrar “[...] a recuperação da capacidade ativa do povo que contou com a própria institucionalidade organizativa, material e simbólica dessa robusta instituição que é a Igreja Católica.” (DOIMO, 1995, p. 81). Não descartou a grande influência dos intelectuais brasileiros e as releituras feitas sobre o populismo e a cultura popular. No entanto, o peso decisivo foi da Igreja Católica.

Essa prática concreta da participação ativa da sociedade, por movimentos reivindicativos, representou a luta por direitos que requerem a institucionalização política. Além disso, essas lutas organizaram a sociedade e contribuíram para que as pessoas conhecessem seus direitos e participassem do processo decisório do Estado. A presença do povo nos encaminhamentos da luta, por meio de assembléias, reflexões e debates permitiu ampliar o conhecimento sobre os direitos

e deveres do cidadão, abrindo caminho para a construção de uma sociedade democrática.

Assim se pronunciaram vários movimentos de norte a sul do país, com a finalidade “exigir que o governo atenda”, “fiscalizar e controlar o poder público”, “romper as relações de hierarquia”, desencadear a “iniciativa popular” na elaboração das leis e, enfim, “ampliar a democracia.” (DOIMO, 1995, p. 127).

Esse período histórico no Brasil, marcado pela lutas dos movimentos sociais, também teve seus reflexos no Oeste de Santa Catarina. Destaca-se a figura de Dom José Gomes “Bispo dos Pobres”, “Profeta da Esperança”, “Bispo da Libertação” entre outras denominações, como marco dos diversos movimentos ocorridos no Oeste Catarinense. Marcou um período histórico, “[...] pela sua causa à classe trabalhadora, estimulando a organização do povo.” (UCZAI, 2002, p. 215). Entre os movimentos de maior relevância, em que teve participação direta, citamos: Movimento das Mulheres Agricultoras (MMA) e os Movimentos dos Atingidos por Barragens (MAB). Sua participação não se resumiu somente a esses movimentos, mas a inúmeros que destacaram a Igreja Católica, nesse período. “Dom José Gomes também foi alvo de muita perseguição dos setores que sempre exploraram e oprimiram os trabalhadores. Sofreu ameaças e muitas vezes foi acusado [...]” (UCZAI, 2002, p. 263). À medida que crescia o debate nos meios de comunicação, sobre o Bispo e a Teoria da Libertação, aumentavam os movimentos e as lutas por melhores condições de vida. Assim, tanto no campo quanto na cidade, surgiram várias associações, organizações e núcleos que buscavam a participação democrática na gestão das políticas públicas. Não só a participação democrática, mas exigiam que o Estado cumprisse o que era de direito dos cidadãos.

Em finais dos anos de 1990, o debate sobre os movimentos sociais e suas relações suscitou novo leque de interpretações. Para alguns autores, houve um enfraquecimento das lutas sociais, enquanto para outros, elas mudaram em relação às anteriores. Atualmente os movimentos sociais têm características e aspectos diferentes dos movimentos e lutas sociais anteriores. Entre essas características, está o poder das lutas locais se tornarem globais, pela força e difusão dos meios de comunicação. Na tentativa de superar os conflitos na sociedade atual, sejam eles ambientais, por emprego e renda, entre outros, os movimentos buscam novas

formas de organização como nas chamadas redes de movimentos sociais. (SCHERER-WARREN, 1993).

Convém salientar que, por um lado, os avanços tecnológicos têm facilitado as comunicações com as diversas partes do mundo.

[...] têm facilitado a comunicação e a troca de informações entre atores, trazendo para o cenário político práticas sobre a forma de redes e movimentos, que se caracterizam pela rapidez e abrangência espacial de suas manifestações. (SCHERER-WARREN, 1999, p. 67).

Nesse sistema, todos participantes que integram uma ação coletiva agem como atores e só existe participação livre e consciente. Naturalmente, os integrantes devem compartilhar de princípios comuns, como combate à miséria, exploração, desigualdade, violência, etc. Assim, cada movimento, individual ou coletivo, passa a se articular com outros movimentos. Os movimentos feministas, que surgiram durante os anos 60, junto com os movimentos estudantis, suspeitavam de todas as formas burocráticas da organização. Ainda que esses movimentos apelassem por uma identidade própria, passaram a atrair forças de outras organizações, ampliando, por vezes, o leque de reivindicações. Além da sua participação nas lutas emancipatórias, outras conquistas foram surgindo e aboliram a opressão do homem sobre a mulher, a quebra de estereótipos sexuais. Mesmo que continuassem na luta em defesa da mulher, esses movimentos colaboraram nas lutas a favor dos negros, crianças, deficientes, geração de emprego e renda, moradia, saúde, terra, enfim, passam a fortalecer toda a rede de reivindicações.

É importante acrescentar que os movimentos em redes, que se formaram nos últimos tempos, apresentam características bastante comuns. Mas um aspecto que chama atenção é a transnacionalidade. Principalmente os movimentos ecológicos e direitos humanos que, na verdade, são os movimentos mais estimulados nos últimos tempos. Esses formam grandes redes de pressão internacional, quando conectados com movimentos populares.

Nessa estrutura, ao que tudo indica, os integrantes se ligam horizontalmente a todos os demais, diretamente ou por meio dos que os cercam; em função desse aspecto, podem ser comparado a uma malha de múltiplos fios, que se espalham por todos os lados. Nenhum dos seus nós é considerado o principal ou central, muito

menos representante dos demais. Portanto, não existe um único representante ou líder, o que existe é a vontade coletiva de realizar determinado objetivo. Segundo Scherer-Warren (1999, p. 72):

As redes, seja de informação, seja de intercâmbio temático, ou para pressão nos campos simbólicos e políticos, caracterizam-se por seus novos formatos organizacionais, em que as relações sociais são mais horizontalizadas, complementares e, portanto, mais abertas ao pluralismo e à diversidade cultural.

As redes de movimentos sociais têm uma característica importante: a democracia. E juntamente com o papel democrático, exercem e fomentam lutas por uma sociedade mais justa e igualitária. A classificação e a representação desses movimentos sociais, de acordo com Scherer-Warren (1999), é a seguinte:

- ONGs - Organizações Não-Governamentais - organismos privados sem fins lucrativos, com participação voluntária, e trabalham para fins públicos.
- OIGs - Organizações Intergovernamentais - surgem de acordos entre Estados-Nações e estão abertas à participação de organizações da sociedade civil.
- MECs - Movimentos Ecologistas Comunitários - formam-se a partir das mais diversas organizações de bases, associação de bairro, de rua, de moradores, locais e outros, e estão em defesa de um problema socioambiental local.
- MENs - Movimentos Ecologistas Nacionais - articulam-se entre ONGs, movimentos ambientalistas e cidadãos, quando em escala nacional.
- METs - Movimentos Ecologistas Transnacionais - organizam-se em redes transnacionais, que se mobilizam em torno de uma tragédia ou problemas ambientais que requerem ações imediatas.

De certo modo, as ONGs têm uma dinâmica diferenciada dos movimentos sociais, vistos anteriormente aos anos de 1990. Muito contribuem para a construção da cidadania e democratização do Estado. Entretanto existem críticas referentes ao comportamento dessas Organizações Não-Governamentais. Para alguns estudiosos, as ONGs forçam o Estado a rever políticas postas em prática, contestando-as e sugerindo novas estratégias, tendo como foco motivador a sua democratização. Para outros, as ONGs viriam para alterar a identidade original do

Estado, retirando dele a obrigação de proporcionar direitos a todos. Sobre elas, Ruscheinsky (1999, p. 235) frisa:

[...] as ONGs contribuíram para o fortalecimento da sociedade civil, na figura de um ator social. Entretanto retêm ambiguidades, pois, na medida em que se acentua a crise do Estado-previdência ou do Bem-Estar Social, tendem a substituir as prerrogativas coletivamente conferidas e estas, como estaria mostrando o perfil em crescimento entre as entidades em nível internacional.

Destacamos que a prática de coletividades, perceptível nas ONGs, contribuiu para a formação de redes de interação. A semelhança nas pautas do debate político e a proximidade ideológica de seus participantes remetem às redes de relacionamentos associativos.

Cabe notar que o termo políticas públicas é tido como um conjunto de atividades, que nós referenciamos ao Estado. As políticas públicas, quando institucionalizadas, devem difundir valores e possibilitarem mudanças, cumprindo o objetivo social, ou seja, contemplar as aspirações da sociedade e suas demandas. Muitas vezes, o campo privado passa a ser regido pelas mesmas regras do direito público ou vice versa. Em função desse fato, é necessário observar a percepção do indivíduo ou dos grupos sobre o público e o privado. Os indivíduos não podem ser vistos em todos os lugares, de maneira homogênea. A percepção da dicotomia do público e privado, entre os indivíduos, em espaços e lugares diferentes, caracteriza as ambiguidades dos termos.

Nesse sentido, analisar as políticas públicas institucionalizadas a partir dos movimentos sociais, nos últimos anos, é refletir sobre um espaço em constante mutação. É uma análise que permite compreender as políticas públicas, com base nos movimentos populares, embora deixando obscuras as políticas implantadas pela ação do indivíduo.

### 3.3 PLANEJAMENTO E POLÍTICAS PÚBLICAS URBANAS

A segunda metade do século XX, no Brasil, foi marcada pelo processo de urbanização, ou seja, a população brasileira passou de rural para majoritariamente

urbana (Tabela 1). Essa acelerada urbanização, que tem na estrutura agrária grande contribuição, ocorre sem implantação de políticas públicas mínimas para a inserção dessa grande massa populacional. Foi no período militar, com o 2º PND (Plano Nacional de Desenvolvimento, 1973), a tentativa de formular uma política urbana unificada para o País. Embora com muito prestígio intelectual, foi marcado pela sua ineficiência, já que os planos diretores não garantiam um destino positivo para o crescimento das cidades. A grande maioria desses planos ficaram engavetados, ou nunca saíram do papel, nem mesmo a população tomou conhecimento deles. Como resultado se presenciou um crescimento das cidades desordenado, com a ocupação em áreas impróprias e sem saneamento básico. Para não citarmos o rol da ineficácia de um crescimento sustentável, basta afirmarmos que a grande maioria da população urbana ficou relegada ao mínimo das condições de vida digna.

Nos anos de 1980 e 1990, o país viveu uma retração em seu crescimento, o que impactou no financiamento público e privado. Com o BNH (Banco Nacional de Habitação) sendo extinto, a Caixa Econômica Federal passava a ser a figura institucional na política urbana. Em 1985, foi criado o Ministério do Desenvolvimento Urbano e Meio Ambiente, que, em 1987, passou a ser Ministério da Habitação, Urbanismo e Meio Ambiente, subordinado à Caixa Econômica Federal. Em 1988, surgiu o Ministério da Habitação e do Bem Estar Social, dois anos depois, em 1990, é transformado em Ministério da Ação Social e agrega a política habitacional às políticas de ação social. Em 1995, surgiu a Secretaria da Política Urbana, que é subordinada ao Ministério do Planejamento e Orçamento e, no governo de Fernando Henrique Cardoso, foi transformada em Secretaria Especial de Desenvolvimento Urbano (SEDU) e ficava vinculada à Presidência da República. Com dificuldades de orçamento federal, a Caixa Econômica Federal, a partir do FGTS (Fundo de Garantia por Tempo de Serviço), passou a conduzir o rumo da política urbana. Com as normas do FMI (Fundo Monetário Internacional) nas reduções de investimentos públicos, agravaram-se ainda mais os processos de exclusão das cidades (BRASIL, 2004). O resultado da falta de políticas sérias, orientadas e de gestão democrática criou um déficit habitacional e, além disso, houve ocupações desordenadas, carência de transportes, saneamento, escolas, saúde e segurança. Os movimentos sociais pós 64, como visto anteriormente, tinham motivos de sobra para manifestarem seus descontentamentos.

Houve um avanço democrático, durante e após os anos de 1980, tal que a Constituição de 1988 incorporou a questão urbana em dois capítulos. A Constituição Brasileira, promulgada em 1988, trouxe pela primeira vez um capítulo específico para as políticas urbanas. Nos artigos 182 e 183, são apresentados alguns instrumentos que garantem, no âmbito municipal, o Direito à Cidade. No artigo 182, lê-se: “A política de desenvolvimento urbano, executada pelo Poder Público municipal, conforme diretrizes gerais fixadas em lei, têm por objetivo ordenar o pleno desenvolvimento das funções sociais da cidade e garantir o bem-estar de seus habitantes.” (BRASIL, 1988, p. 108). No entanto, a constituição exigiu uma legislação complementar, sancionada pelo Presidente da República em 10 de outubro de 2001, que ficou conhecida como “Estatuto da Cidade”. O Estatuto da Cidade estabelece diretrizes que devem orientar as políticas urbanas. Entre as diretrizes que constam no Estatuto, o Artigo 2º merece atenção especial, pois é nesse artigo que estão descritos os Direitos do Cidadão, habitantes de uma cidade, ou seja, as garantias do direito às cidades sustentáveis. Dessa forma, entende-se que há o direito à terra urbana, à moradia, ao saneamento básico, à infraestrutura urbana, ao transporte e aos serviços públicos, ao trabalho e ao lazer, para as presentes e futuras gerações. O Estatuto também reconhece a gestão democrática, que é uma diretriz para o desenvolvimento sustentável das cidades.

No plano Internacional, foi realizado, em Istambul, em 1996, a Habitat II, 2ª Conferência Mundial das Nações Unidas pelos Assentamentos Humanos. Dessa conferência resultou uma simpatia maior às administrações locais e organizações não governamentais na gestão de cidades sustentáveis. Junto a isso, promoveu-se um avanço da consciência política sobre a “urbanização da pobreza” e a insustentabilidade ambiental no crescimento das cidades (BRASIL, 2004). O reflexo dessa Conferência, no Brasil, foi a criação, em 2003, do Ministério das Cidades.

O Ministério das Cidades estrutura-se com base em áreas muito relevantes para o desenvolvimento urbano. Foram criadas Secretarias Nacionais de Habitação, Saneamento Ambiental, Mobilidade e Transporte Urbano e Programas Urbanos. Para democratizar o debate em torno das políticas urbanas, promoveu-se a Conferência Nacional das Cidades e, logo após, o Conselho das Cidades. A partir dessas reuniões, procura-se encontrar alternativas práticas para o desenvolvimento com sustentabilidade para as cidades.



O Estatuto da Cidade, documento que foi elaborado pelo poder institucionalizado, é muito valioso, pois regulamenta definitivamente uma legislação para o desenvolvimento sustentável das cidades, embora ainda haja muito para se concretizar, mesmo já passados alguns anos. A riqueza maior do documento está na regulamentação da gestão democrática das cidades. Essa gestão deve ocorrer por meio “[...] da participação da população e de associações representativas dos vários segmentos da comunidade, na formulação, execução e acompanhamento de planos, programas e projetos de desenvolvimento urbano.” (CÂMARA DOS DEPUTADOS, 2001). Nesse aspecto, a gestão democrática deve contar com a participação de diversos segmentos sociais, entre os quais, citamos a parceria de movimentos sociais, ONGs, entidades profissionais, acadêmicas e de pesquisa, entre outros que têm por objetivo definir, executar, acompanhar e avaliar a política pública urbana.

Outro mecanismo importante da Carta das Cidades a ser destacado é o IPTU (Imposto Predial Territorial Urbano). Esse é um instrumento que pode contribuir no aumento das receitas próprias dos municípios. O Estatuto regulamenta que os municípios poderão atualizar os cadastros e rever as plantas de valores, a fim de atualizar e regularizar a cobrança desse imposto. Da mesma forma, a regularização fundiária permite a regularização fiscal e o imposto sobre transações imobiliárias. Importante que os gestores devem dar atenção às áreas de habitação de interesse social. Existe a preocupação Federal em criar mecanismos, nos municípios, capazes de se fortalecerem economicamente, objetivando a melhoria das condições de vida nas cidades. De sorte que a aprovação da “Lei dos Consórcios Públicos (nº 11.107/2005) e a sua regulamentação possibilitaram o fortalecimento da descentralização de recursos técnicos e financeiros a partir dos entes federados.” (CONFERÊNCIA NACIONAL DAS CIDADES, 2007, p. 12). O Consórcio é de personalidade jurídica e objetiva executar políticas públicas de interesse dos cidadãos.

O avanço das políticas públicas para as cidades ganhou um Estatuto e se institucionalizou nos últimos anos. Esse Estatuto regulamenta uma legislação para as cidades e deve contar com a participação de todos. Enquanto realizávamos esta tese, várias cidades do país estavam efetivamente em debates e/ou construção do Plano Diretor. Segundo o Estatuto da Cidade, existe a obrigatoriedade aos municípios que possuem mais de 20 mil habitantes de possuírem esse plano. Além disso, se as cidades já tiverem um Plano Diretor há mais de 10 anos, esse deve ser

revisado ou construído novamente. O princípio mais importante do Plano Diretor é o reconhecimento dos direitos da população, como: moradia digna, direito a terra e à cidade. Destacamos a sua importância, pois a população será gestora do plano, que terá fiscalização do Ministério Público e as prefeituras poderão ser questionadas na justiça, caso não estiverem cumprindo o acordo.

Segundo o Estatuto, a obrigatoriedade do Plano Diretor para cidades com mais de 20 mil habitantes, que deve ser construído na coletividade, poderá romper com os modos tradicionais de gestão urbana. Antes, os Planos Diretores ou os mais diversos planejamentos que eram feitos para as cidades, em geral, não saíam das gavetas. Outros tinham interesses particulares ou, ainda, mercadológicos. Os planejamentos definidos por grupos locais juntamente com o capital imobiliário davam as diretrizes de investimentos nas cidades, embora muitos desses planejamentos, carregados de propostas positivas, nunca fossem colocados em prática. Esse postulado também é aceito por Ermínia Maricato, conforme pode ser visualizado na citação que segue.

Não é por falta de planos urbanísticos que as cidades brasileiras apresentam problemas graves. Não é também, necessariamente, devido à má qualidade desses planos, mas porque seu crescimento se faz ao largo dos planos aprovados nas Câmaras Municipais, que seguem interesses tradicionais da política local e grupos específicos ligados ao governo de plantão. (MARICATO, 2000, p. 124).

Voltando às pequenas cidades em estudo nesta tese, duas delas não se enquadram no que foi expresso nesta subseção, por isso não há a necessidade da elaboração do Plano Diretor. Pelo menos não obrigatoriamente, já que não possuem mais de 20 mil habitantes. Nesse caso, provavelmente existe um planejamento urbano, que oriente as políticas públicas para os próximos anos. Embora não sejam construídas na coletividade, as mudanças, na percepção dos indivíduos que habitam essas cidades, resultam em uma nova visão de gestar as cidades. O que se pode observar é a influência que essas cidades sofrem dos grandes centros. Não somente quanto às práticas verificadas em outros centros, mas também a *ideologia* que passa a se construir a partir das mudanças que ocorrem em nível mundial.

### 3.4 POLÍTICAS PÚBLICAS URBANAS NO MUNDO GLOBALIZADO

O planejamento urbano, no século XX, foi marcado por uma matriz modernista (depois funcionalista), orientadora do crescimento das cidades do mundo capitalista. Esse planejamento tinha o Estado como figura centralizadora, no equilíbrio econômico e social, associado ao mercado consumidor de massa. Nesse quadro, a figura do Estado tinha a função de evitar os desequilíbrios do mercado. Ao Estado cabia regulamentar o trabalho, renda e políticas sociais, além de incentivar e subsidiar a infraestrutura, com produção de insumos básicos. Para o mercado de trabalho, a questão central que repercutia no planejamento urbano era a habitação para o operariado. Por meio das lutas sociais, muitas famílias conseguiram assegurar, pelas políticas sociais, o direito à moradia. Política pública muito perseguida no século XX, emperrava e exigia mudanças na base fundiária, que propunha uma “reforma urbana”. Para garantir habitação a todos, transporte, saneamento, educação, e serviços públicos haveria a necessidade da regulação do salário e o custo da moradia. Não só no poder de compra, mas também na produção em grande escala de habitação e, por conseguinte, outras políticas públicas de direito à cidade. O resultado disso pode ser visto na segunda metade do século XX, quando proliferaram diversos movimentos sociais reivindicando melhores condições de vida. Não é necessário, nesta tese, abordar críticas sobre as *modernas* cidades, isso já foi feito por diversos estudiosos. Mas em consenso, a cidade passa a ser expressa na palavra “caos”, pois o sistema de saúde municipal, saneamento, habitação, transporte, que é o básico para a população, ficou muito aquém do previsto.

Frente à nova ordem mundial, globalização, globalismo, mundialização, era da informação, as cidades passam por uma nova política, que pressupõe que elas somente poderão dar respostas concretas frente à globalização, se possuírem um planejamento estratégico. A emergência de uma nova *ideologia*, provocada pelo crescimento de novas políticas urbanas, no final do século XX, juntamente com as novas configurações mundiais, tornam a cidade mercadoria. As cidades passam, agora, por um processo de reestruturação, frente ao impacto de escala mundial, deflagrando uma política de *marketing*. Se durante o período da matriz modernista (funcionalista), a questão urbana remeteu-nos a debates em torno de temas como o:

crescimento desordenado, trabalho e consumo, movimentos sociais, entre outros, a *nova* questão urbana, ou o debate atual, remete à problemática da cidade competitiva.

Quando a liberalização do mercado preside o desenvolvimento da economia global e a privatização, e os mercados financeiros se tornam rotina, as cidades necessitam:

- *Competir* pelo investimento de capital, tecnologia e competência gerencial;
- *Competir* na atração de novas indústrias e negócios;
- *Ser competitivas* no preço e na qualidade de serviços;
- *Competir* na atração de força de trabalho adequadamente qualificada. (WORLD ECONOMIC DEVELOPMENT CONGRESS & THE WORLD BANK, 1998, p. 2, grifos do autor, apud VAINER, 2000, p. 76-77).

A relevância do debate proposto para o planejamento urbano refletiu em diversos organismos mundiais, inclusive na Conferência Habitat II, em Istambul, responsável pela finalização da elaboração do Estatuto da Cidade. A partir daí, o planejamento estratégico - Plano Diretor - é a resposta, senão a proposta, da nova ordem mundial. O Plano Diretor aparece, agora, como o meio mais prático e verdadeiro, para pôr fim a todos os males na cidade.

A difusão ampla de estímulo à competitividade e à transformação das cidades em mercadoria se afina com o modelo chamado de planejamento estratégico e a venda das cidades. Esse modelo do novo planejamento urbano, com orientações para o mercado, baseia-se no suposto sucesso da cidade de Barcelona, capital da Catalunha. Essa região procura se autoafirmar dentro da Espanha e buscar posição de destaque na rede urbana da comunidade européia. O modelo de planejamento de Barcelona é atualmente exportado para todo o mundo, principalmente para a América Latina. Vainer destaca que:

De outro lado, impressiona o número crescente de cidades que, no Brasil, e na América Latina em geral, vêm contratando os serviços de consultoria dos catalões e de seus discípulos, ou utilizando seus ensinamentos. Finalmente, a par dos catalões, vários são os autores, planejadores e consultores internacionais que vêm aplicando conceitos e modelos muito parecidos. (VAINER, 2000, p. 77).

Não cabe, nesta tese, explicar as transformações ocorridas na cidade de Barcelona, Lisboa, Berlim, entre outras. Isso já foi muito bem contextualizado por

Arantes (2000), Vainer (2000) e Sánches (2003). O que nos interessa é entender como e o que se vende na cidade. Como a cidade é a própria mercadoria, todas elas estão à venda dentro de um mercado muito competitivo. Isso reflete, inclusive, nas pequenas cidades que entram no jogo da articulação da economia global. Sobre o assunto, Vainer (2000, p. 78) frisa que, “Aí encontraríamos as bases para entender o comportamento de muitos prefeitos, que mais parecem vendedores ambulantes que dirigentes políticos.” Da mesma forma Sánches (2003, p. 57) salienta “[...] que os governos municipais estão cada vez mais preocupados em transformar a cidade em imagem publicitária e, com tal objetivo, seus governantes assemelham-se à figura do caixeiro-viajante, abrindo catálogos de venda de seu produto-cidade.”

Nesse aspecto, para a cidade, o requisito básico é tornar-se um centro urbano de gestão e serviços. Isso deve se organizar em torno de espaços que facilitem a comunicação rápida e segura com diferentes partes do mundo. Necessita-se de aeroportos, hotéis de luxo, ampla rede de sistema de telecomunicações, empresas financeiras, seguradoras, segurança, entre outros. Na verdade, é o que Sassen (1998) chama de cidades globais, não pelo seu número de habitantes, mas pela infraestrutura, que é capaz de oferecer dentro de uma economia globalizada. Colocar a cidade à venda para o mercado externo é disponibilizar localizações para o grande capital, qualificando, então, a cidade como mercadoria.

Disponibilizar a cidade ao grande capital, com o uso de recursos infraestruturais e localização, não se completa sem um planejamento estratégico. Esse planejamento estratégico congrega planejamento e *marketing* da cidade. A estratégia de promoção da cidade destaca produtos a serem oferecidos ao grande capital, a exemplo de programas de incentivos, hotéis de luxo, comunicação, turismo e principalmente segurança. Ao vender a cidade, é levado em conta, também, o destaque à participação democrática, à justiça e igualdade. Em resumo, a cidade deve mostrar a sua boa imagem.

Fica claro que na venda da cidade ao exterior, o processo é seletivo. Não existe a intenção de atrair o público pobre, imigrantes expulsos de áreas rurais e pessoas desempregadas de outros países ou de outras cidades. Com base nesse aspecto, é possível afirmar que a cidade *marketing* nega o direito à cidade, pois o público esperado é seletivo, “[...] *queremos visitantes e usuários solventes.*” (VAINER, 2000, p. 80).

O fechamento das fronteiras urbanas a *visitantes e usuários insolventes* certamente se funda no mesmo tipo de visão da cidade e do mundo: o direito à cidade, neste caso, passa a ser diretamente proporcional ao índice de solvência dos estrangeiros e visitantes. Aquilo que, de certa maneira, já é uma realidade, transforma-se agora em projeto, em estratégia de promoção da cidade. (VAINER, 2000, p. 80, grifos do autor).

Tornar a cidade competitiva frente à outra é atualmente o desafio dos gestores municipais. Para isso, além do planejamento estratégico, os gestores das cidades, juntamente com sua equipe de assessores, buscam despertar na comunidade o sentimento de pertencimento, uma espécie de patriotismo local. Essa promoção de pertencimento, vontade coletiva eleva a confiança e a crença na construção de uma cidade, em que é possível o *bem viver*. Com esse objetivo simbólico, os dirigentes apóiam projetos de melhorias em obras e serviços, que são visíveis à comunidade. Entre eles, estão: melhorias nos espaços públicos, promoção da cidade com eventos, embelezamento nas ruas, parques, praças, a fim de tornar a cidade mais visível, reforçando e despertando a consciência de pertencimento local. Assim, reforçar a identidade local constitui-se na mola propulsora para desencadear o pensamento estratégico entre agentes do processo econômico e social da cidade.

### 3.5 O PÚBLICO E O PRIVADO NAS CIDADES VOLTADAS PARA O MERCADO MUNDIAL

Como discutido no decorrer das seções e subseções desta tese, o público e o privado possuem definições dicotômicas e ambíguas, sendo que o direito ao público e ao privado ocorre num jogo de forças, em que se busca legitimar e satisfazer os anseios do indivíduo ou do grupo. Nesse ínterim, os movimentos sociais, nos anos de 1980, por meio de suas reivindicações, alcançaram, de forma positiva, políticas públicas que atenderam a seus interesses. Os movimentos sociais mudaram e se deslocaram para outras formas de reivindicação, e/ou de buscar melhor qualidade de vida. Como no caso das ONGs e as OIGs, sobre as quais já discutimos anteriormente. Nos movimentos sociais, é possível observar como o domínio da esfera pública e a esfera privada se torna, também, pessoal, íntimo, como visto em Sennett (1998). Essa ideia se destaca em Souza Neto (1997, p. 74), conforme

quem: “A distribuição de leite, um direito da criança e do idoso, passa a ser um ato de benevolência de vereadores ou de dirigentes em entidades assistenciais.” Também ali é possível notar a capacidade do indivíduo de agir a sua maneira, ou seja, associar o privado ao poder de organizar a seu modo e dominar as consequências (REMY, 1973).

Outro aspecto que merece atenção quanto à ambiguidade e à dicotomia, na percepção de público e privado, é encontrado nos *novos* movimentos sociais, entre eles, as ONGs. Essas Organizações Não-Governamentais passam a ocupar o lugar do Estado na promoção de políticas públicas. Se cabe ao Estado o poder de gerir políticas públicas, que são direitos do cidadão, as ONGs passam a ocupar esse espaço, no entanto, à medida que elas saem de ação, cria-se um espaço vazio. Esse espaço vazio de coletividade contribui para esvaziar em conteúdo, também, o espaço público.

Com o surgimento do Ministério das Cidades e o Estatuto das Cidades, as políticas públicas para as cidades parecem ganhar novo destaque. Dessa vez as políticas públicas deverão seguir diretrizes para gestão democrática e desenvolvimento sustentável. O debate dessas novas diretrizes segue os anseios do capital mundial, pois difunde a ampla competitividade e a transformação da cidade em mercadoria. Nesse foco, os administradores das pequenas cidades se voltam para projetos e ações que são desenvolvidos em grandes centros urbanos, objetivando a aplicação em seu espaço. Na verdade, a imitação de experiências positivas em grandes cidades é exportada e aplicada por administradores nas pequenas cidades. Nem sempre os resultados serão satisfatórios, pois o mercado mundial procura centros onde encontra a infraestrutura necessária para sua reprodução.

Quanto ao Plano Diretor, planejamento construído na coletividade com a participação da comunidade, esse reflete a construção de pertencimento ao local ou à cidade, no indivíduo. O Estado, como esfera pública, sempre foi o idealizador dos projetos para as cidades, da mesma forma, os administradores e gestores urbanos tiveram papel fundamental nas decisões e encaminhamentos para o desenvolvimento das mesmas. Embora os movimentos sociais tivessem participação significativa na condução de políticas públicas para as cidades, muitas decisões foram tomadas dentro de gabinetes fechados por planejadores e gestores das cidades. O Planejamento participativo abre esse espaço para participação popular

na condução das políticas públicas para as cidades. A importância dessa participação popular consiste no fato de que as políticas públicas a serem implantadas deverão surgir de baixo para cima. Nesses espaços de debate, muitas sugestões serão encaminhadas para o planejamento das cidades, embora o montante dessas opiniões seja tabulado por alguns indivíduos e a decisão final sobre essa ou aquela política a ser implantada, caberá aos órgãos gestores das cidades. Assim, são incluídas nos projetos essas e/ou aquelas propostas como forma apenas de não excluí-las. Nota-se, com base em Remy (1973), que existe uma dicotomia entre público/privado quando agentes públicos se reúnem, a portas fechadas, para a elaboração de políticas públicas. Nesse caso, é possível observar que as portas fechadas supõem espaço privado, não aberto aos demais.

Nas cidades mercadoria, a parceria público-privada deve atender às decisões do mercado. O privado, então, não se refere aos interesses individuais dos grupos, ou à vida social dos diversos indivíduos que têm o direito à cidade. Esse privado diz respeito às empresas privadas que ditam e organizam, ou reorganizam, o espaço urbano. É a mais pura linguagem do capital que expressa claramente os interesses privados dos capitalistas. O poder público nas cidades está agora passando por novas significações como: aprender a lidar com o surgimento de associações de empresários e grupos de empreendedores que, como sempre, necessitam de financiamentos públicos e infraestrutura. Dessa forma, novas formas e mecanismos surgem para atender e financiar grupos privados pelo poder público municipal.

### 3.6 O PÚBLICO E O PRIVADO NAS PEQUENAS CIDADES

O planejamento urbano é um importante instrumento de regulação e ordenamento territorial do espaço urbano. No entanto tem se tornado um desafio aos gestores públicos, bem como estudiosos, que visam a promover um crescimento estruturado das cidades. No planejamento urbano, o Plano Diretor é um instrumento municipal muito importante no que se refere à regulamentação do espaço, controle e uso do solo e planejamentos setoriais como transportes e saneamento básico. Na verdade, o planejamento urbano é um instrumento público e privado que procura promover o ordenamento do espaço urbano, seja em grandes, médias ou pequenas



idades. Embora, como vimos anteriormente, para as cidades com menos de 20 mil habitantes, não exista a obrigatoriedade de elaborar o plano diretor.

A partir da promulgação da Constituição de 1988, o setor público foi redefinido e se transferiu novas funções e maior autonomia para os municípios brasileiros. Essa nova realidade política possibilitou aos municípios a busca do desenvolvimento local, implementação de políticas sociais e serviços urbanos. Para a realização dessas políticas públicas, o Governo Federal repassa aos municípios um recurso de acordo com o número de habitantes. Esse recurso é composto de 22,5% da arrecadação do imposto de renda e do imposto sobre produtos industrializados. O Fundo de Participação dos Municípios (FPM) é um recurso primordial para as pequenas cidades, pois, na maioria das vezes, é a principal fonte de receitas.

Embora haja diversidades entre as pequenas cidades brasileiras, elas têm em comum a fonte empregatícia, ou seja, a prefeitura é a maior empregadora nessas cidades. Como salientamos, as pequenas cidades são diversas e algumas possuem uma dinâmica maior no setor agropecuário, apresentando um crescimento satisfatório, de forma a atender às demandas básicas de sua população. De outro lado, há pequenas cidades que sobrevivem dos repasses do Estado, seja por meio do FPM ou indiretamente, pela aposentadoria dos idosos, entre outras receitas. As receitas provenientes do Imposto Predial Territorial Urbano - IPTU, nas pequenas cidades, é uma política que exige, por parte dos gestores, muita atenção. Essa política pública pode se tornar uma medida impopular, se os ajustes forem elevados, ou pode prejudicar os gestores no que se refere às questões políticas eleitoreiras. Já nas grandes cidades, a cobrança do IPTU é uma atitude praticada por todos os gestores e é uma receita muito importante para o orçamento do município. As pequenas cidades possuem muitas diferenças entre si, tanto pelos fatores próprios de sua formação como pela atuação de agentes do Estado e por fatores socioculturais. Vale destacar que atualmente, também, pela sua inserção na economia globalizada.

Os fatores socioculturais são marcantes nas pequenas cidades, sendo, inclusive, fator de semelhança entre uma e outra. A calma e a tranquilidade, conhecimento e proximidade entre as pessoas, bem como a proximidade do rural são alguns fatores comuns entre as pequenas cidades. Outro fator que merece destaque é a falta de serviços urbanos, como: hospitais, profissionais especializados na área da saúde, escolas técnicas e ensino superior, espaços ligados à cultura e ao

lazer. Se bem que o ensino superior tenha se expandido no país nos últimos anos, no entanto, fica o questionamento sobre a qualidade dessa formação.

A desigualdade socioeconômica, que não é observada somente nos grandes e médios centros urbanos, também é preocupante e interfere no planejamento e na promoção de políticas públicas urbanas. Por isso há necessidade de planejar, intervir e avaliar, ou seja, é muito importante que a intervenção feita em determinado espaço seja avaliada sobre o impacto causado, observando os efeitos positivos e negativos. Esse é o aspecto falho no contexto da promoção das políticas públicas no espaço urbano, a avaliação de impactos. O planejamento deve promover o zoneamento urbano e a delimitação do uso e ocupação do solo, orientar os locais para edificar, organizar sistema de trânsito e transporte, buscando atender às necessidades de deslocamento da população, por exemplo.

Nas pequenas cidades o fator sociocultural é um dos determinantes na promoção de políticas públicas. Observa-se que a proximidade entre as pessoas também se revela nas agremiações político-partidárias. Logo, quando um gestor público que está no governo é de um determinado partido, poderá privilegiar políticas públicas que tragam benefícios, também privados, para determinados indivíduos. Por isso, nas pequenas cidades, existe grande confusão do público e do privado. Por outro ângulo, é possível observar que, o que é de direito do cidadão e dever do Estado, para o indivíduo, aparece como um benefício concedido pelos gestores municipais ou pela própria prefeitura. Nesse aspecto, muito dos problemas privados tornam-se públicos. Assim, quando o gestor for do partido político opositor, desse mesmo indivíduo passa a questionar todas as políticas públicas implantadas na cidade. Em síntese, quando as políticas públicas forem em benefícios individuais, são muito bem-vindas pelo beneficiado, quando forem em benefícios aos de outro partido político, são questionadas, podendo se tornar, inclusive, motivos de disputas judiciais.

Essa busca por benefícios individuais não é característica somente das pequenas cidades. Ela ocorre em determinados períodos históricos, com maior ou menor frequência, devido à fragilidade da democracia, em países de governos antidemocráticos. À procura por políticas públicas que atendem aos anseios individuais pode ser vista dentro das análises de Sennett (1998), nas quais, o indivíduo narciso contribui para o esvaziamento das relações sociais, principalmente em credibilidade. O vazio de coletividade, credibilidade e conteúdo nas relações

sociais afeta diretamente a vida pública, que depende de uma personalidade coletiva.

A falta de conscientização e informações sobre a utilização dos serviços públicos, nas pequenas cidades, muitas vezes, é entendida como um benefício prestado pelo prefeito ou pelo vereador. Esses atos acabam por criar vínculos e fidelidade partidária, tornando-se poderoso instrumento eleitoral, visto que os serviços públicos são reduzidos e deficitários nas pequenas cidades, situação que leva o deslocamento de pessoas para centros maiores, principalmente na área da saúde, abrindo, dessa forma, espaços para essas atitudes eleitoreiras.

O deslocamento de pessoas para outros centros de saúde mostra a precariedade desses serviços públicos nas pequenas cidades, realidade de muitos municípios brasileiros. Acreditamos que os gestores públicos têm conhecimento da importância de termos uma sociedade saudável, no entanto são bastante contraditórias as práticas e as ações na área da saúde. Os gastos do orçamento municipal com transportes e aquisição de ambulâncias para deslocar pessoas com problemas de saúde para cidades com melhores centros médicos mostram o déficit nesse setor e conseqüentemente, encargos maiores no orçamento municipal (BAVARESCO; FRANZEN, 2006).

Um grande desafio para as pequenas cidades é construir uma cultura de participação popular. A criação de conselhos para desenvolver uma administração participativa e popular ainda é muito polêmica e cheia de controvérsias. O que se tem observado, nas pequenas cidades, é a manutenção de dois partidos políticos, que se alternam no poder, herança de tempos passados, quando vivemos experiências com regimes autoritários. Fato que limita a participação, pois quando ocorrem reuniões dos conselhos de um determinado partido, os indivíduos de partido opositor não participam ou vice versa. Isso demonstra a fragilidade de vivenciar o processo democrático e, junta-se a isso a fidelidade partidária, que perturba o exercício de uma administração participativa e popular. Existe uma proximidade de característica entre as questões públicas e privadas entre os pequenos, médios e grandes centros urbanos. Porém, as particularidades e singularidades das pequenas cidades são marcantes e pontuais, como vimos anteriormente.

Se bastam as análises anteriores para observar as participações coletivas e individuais na promoção de políticas públicas, podemos seguir em frente, na

pretensão de uma análise psicossociológica. Buscamos, então, ver nas evidências espontâneas, no cotidiano do indivíduo, a promoção de políticas públicas.

#### 4 O SUJEITO INDIVIDUAL URBANO

É importante destacar, logo de início, que a dicotomia indivíduo/sociedade se comporta segundo diferentes contextos históricos ou diferentes maneiras de construir uma visão de ser humano. Nos clássicos da sociologia, entre os mais debatidos no meio acadêmico, estão Karl Marx (1818-1883), Émile Durkheim (1858-1917) e Max Weber (1864-1920). Para Marx, a história das sociedades é fruto das lutas de classes. Na evolução histórica, as sociedades chegariam a um estágio de superação das classes sociais. É nessa sociedade sem classes que os indivíduos teriam condições favoráveis, plenas, de realizar todas as suas capacidades, local onde surgiria o sujeito livre e criador. Para o autor, a sociedade se constitui por meio do trabalho comum. O trabalho materializado e o trabalho vivo são os fatores sobre os quais repousa o regime de produção capitalista. O capitalista e o trabalhador assalariado são os agentes da produção, de onde as relações de trabalho e o antagonismo de classe justificam o regime de produção capitalista. O capitalista é o possuidor da mais-valia e ao trabalhador resta vender a sua força de trabalho. O tema central desse debate é o da alienação, que é resultado da exploração capitalista. Assim, o indivíduo livre e criador é destruído pela exploração capitalista, reduzindo-o à mercadoria.

Para Émile Durkheim, as sociedades se formam pela divisão do trabalho social, que cria entre os homens todo um sistema de direitos e deveres, ligando-os uns aos outros. A divisão do trabalho não coloca em presença os indivíduos, mas as funções sociais.

Mas, se a divisão do trabalho produz a solidariedade, não é apenas por que ela faz de cada indivíduo um “trocador”, como dizem os economistas; é porque ela cria entre os homens todo um sistema de direitos e deveres que os ligam uns aos outros de maneira duradoura. Do mesmo modo que as similitudes sociais dão origem a um direito e a uma moral que os protegem, a divisão do trabalho dá origem a regras que asseguram o curso pacífico e regular das funções divididas. (DURKHEIM, 2004, p. 429).

Dessa forma, o indivíduo se torna cada vez mais dependente, o que dá a essa sociedade a característica de solidariedade social.

Deve-se levar em conta que a solidariedade mecânica é uma solidariedade por semelhança. Nesse caso, os indivíduos diferem pouco uns dos outros e são confrontados em um contexto homogêneo. Pelo fato de os indivíduos não serem diferentes, a sociedade é coerente. Para Durkheim, o oposto a essa solidariedade seria a solidariedade orgânica, em que, do consenso, surge a diferenciação. Nessa concepção, os indivíduos não são semelhantes, mas diferentes entre si. Assim, a divisão do trabalho social é a fonte de solidariedade, e o indivíduo torna-se realmente sujeito de si, na medida em que cumpre seu dever e sua função para o bom andamento da sociedade.

Para a nossa análise sociológica, existe um divisor de águas entre Karl Marx e Émile Durkheim. Para Marx, o sujeito individual deve-se emancipar de sua alienação para tornar-se um sujeito coletivo de classe social. Para Durkheim, o sujeito individual deve-se emancipar de si mesmo para desempenhar o seu papel social na sociedade. Follmann destaca dessa forma:

Marx “propõe” a solução da tensão entre o indivíduo e o coletivo, “emancipando” o sujeito individual de si mesmo para reduzi-lo ao sujeito coletivo da classe social e Durkheim “propõe” a solução “emancipando” o sujeito individual de si mesmo para reduzi-lo ao seu papel social [...]. (FOLLMANN, 1999, p. 44-45 grifos do autor).

O pensamento de Max Weber busca compreender o indivíduo e não as instituições sociais. Nesse pensamento, Weber não tem a ideia de negar a importância e a existência dos fenômenos sociais. No entanto, a importância é dada à necessidade de entender as intenções e motivações dos indivíduos que vivenciam determinadas situações sociais. Max Weber pretende compreender interpretativamente a ação social e explicá-la causalmente em seu desenvolvimento e efeitos. Por *ação* se entende um comportamento humano sempre e na medida em que o sujeito ou os sujeitos se relacionam num sentido subjetivo. A *ação social* se define pela participação de outros na elaboração de seu sentido.

La acción social (incluyendo tolerância u omisión) se orienta por las acciones de otros, las cuales pueden ser passadas, presentes o esperadas como futuras [...] Los ‘otros’ pueden ser individualizados y conocidos o uma

pluralidade de indivíduos indeterminados y completamente desconhecidos. (WEBER; WINCKELMANN, 1994, p. 18).<sup>6</sup>

A teoria Weberiana tem como ponto de partida a distinção entre quatro tipos de ação social.

- A ação racional conforme fins determinados. Determinada por expectativas no comportamento tanto de objetos do mundo exterior como de outros homens e utiliza essas experiências como condições ou meios para conseguir fins próprios, racionalmente avaliados e perseguidos. É uma ação concreta com fins específicos.

- A ação racional conforme valores. Determinada pela crença consciente no valor, interpretável como ético, estético, religioso ou qualquer outra forma, absoluto de uma determinada conduta. O sujeito age racionalmente, aceitando todos os riscos, não para obter um resultado exterior, mas para permanecer fiel a sua honra.

- A ação afetiva especialmente emotiva. É aquela ditada pelo estado de consciência ou humor do sujeito. É determinada por emoções e estados sentimentais.

- A ação tradicional é aquela ditada por hábitos, costumes e crenças transformados em uma segunda natureza. Para agir conforme a tradição, o sujeito não precisa conceber um objeto, obedece a reflexos adquiridos pela prática.

Na concepção de Max Weber, é preciso observar o indivíduo dentro de dois comportamentos orientadores: a ética da responsabilidade e a ética da convicção. A ética da responsabilidade representa um conjunto de normas e valores que orientam as decisões pessoais do indivíduo, com base em sua posição e suas obrigações institucionais na sociedade.

A ética da convicção é o conjunto de normas e valores que orientam o indivíduo. Em Weber, o indivíduo e suas ações são o ponto chave para suas investigações, não negando a existência e importância dos fenômenos sociais. O indivíduo, com suas motivações e intenções, vivencia certas situações sociais, que devem ser explicadas pela experiência. “Por isso o homem só pode penetrar na realidade através da ciência empírica e não deduzi-la ou aprendê-la como totalidade.” (COHN, 1977, p. 131).

---

<sup>6</sup> A ação social (incluindo tolerância ou omissão) se orienta pelas ações dos outros, as quais podem ser: passadas, presentes ou esperadas como futuras. Os ‘outros’ podem ser individualizados e conhecidos ou uma pluralidade de indivíduos indeterminados e completamente desconhecidos.

A racionalização é o que marca o avanço da história das sociedades para Max Weber. Assim, o autor busca dar um lugar sociológico ao sujeito individual, observando concepções de racionalidade e a irracionalidade, bem como os interesses, os valores, as causas sociais e a intencionalidade individual (FOLLMANN, 1999).

O debate mais aprofundado sobre o indivíduo, na sociologia, ocorreu com Georg Simmel (1858-1918), momento em que o tema ganhou maior centralidade. Simmel influenciou diversos teóricos na época, entre eles, Max Weber. Existe grande semelhança entre as teorias de Georg Simmel e Max Weber. Em muitos dos conceitos de Weber, é possível verificar a herança dos trabalhos de Simmel, embora esses conceitos assumam certas especificidades. O caso mais visível está para a concepção weberiana de ação social, que se aproxima do que Simmel tratou como interação social. A ação social de Weber não está condicionada a uma reação, enquanto para Simmel, o processo de interação entre indivíduos ocorre por aproximação, distanciamento, competição, subordinação, etc. Assim, para Simmel, a sociedade só existe quando for resultado das ações e reações dos indivíduos, num processo de interação que implica reciprocidade. Para esse autor:

[...] a sociedade, cuja vida se realiza num fluxo incessante, significa sempre que os indivíduos estão ligados uns aos outros pela influência mútua que exercem entre si e pela determinação recíproca que exercem uns sobre os outros. A sociedade é também algo funcional, algo que os indivíduos fazem e sofrem ao mesmo tempo, de acordo com esse caráter fundamental, não se deveria falar de sociedade, mas de sociação. Sociedade é, assim, somente o nome para um círculo de indivíduos que estão, de uma maneira determinada, ligados uns aos outros por efeito das relações mútuas, e que por isso podem ser caracterizados como uma unidade – da mesma maneira que se considera uma unidade um sistema de massas corporais que, em seu comportamento, se determinam plenamente por meio de suas influências recíprocas. (SIMMEL, 2006, p. 17-18).

Em outras palavras, a sociedade é uma pluralidade de indivíduos que entram em uma inter-relação com efeitos recíprocos. É por meio da ação social que uma unidade pode distinguir-se de outra unidade. Como exemplo, Simmel destacou: “Estado, família, corporações, igreja, classes, associações, etc. Além destas, porém, há inúmeras formas de relação e modos de interação entre os seres humanos que aparecem em casos isolados de maneira insignificante.” (SIMMEL, 2006, p. 16). Para o autor, a sociedade significa a interação psíquica entre os indivíduos. No



entanto, nessa definição, não se pode confundir as ligações superficiais entre indivíduos, como por exemplo, a simples troca de olhares ou o empurra-empurra em alguma fila de pagamento. A *sociação* ou *socialização* somente passa a existir quando os indivíduos adotam formas determinadas de cooperação e colaboração. É nessa reciprocidade que se situa a sociação proposta por Simmel.

Do ponto de vista desse teórico, a sociedade somente existe quando for resultado das ações e reações dos indivíduos. Na verdade, é um processo de interação resultando em reciprocidade. A organização da sociedade é um processo contínuo de trocas que poderão promover, ou não, mudanças sociais. Assim, Simmel parte do indivíduo para entender a sociedade. Em Max Weber é possível observar que o indivíduo possui um lugar fundamental para a compreensão da sociedade. No entanto, em conformidade com Simmel, o indivíduo “[...] não se dissolve no social, senão que permanece sempre senhor de si, em alerta capaz de se mover por toda a parte e segundo as necessidades.” (WAIZBORT, 2000, p. 25). Esse mover-se por toda a parte é a mobilidade da própria vida.

O processo de interação, segundo Simmel, ocorre nas trocas cotidianas entre indivíduos que levam à sociação. Assim, o indivíduo, ao incorporar os elementos sociais, em um processo de interação, pode promover mudanças sociais que levam a sociedade a uma unidade, que ele chama de sociação. Esse processo de interação seriam as trocas cotidianas entre os indivíduos.

Ao procurar analisar o indivíduo urbano e a promoção das políticas públicas em seu cotidiano, observamos o processo de interação. É nesse aspecto que nosso objeto de estudo se aproxima do de Simmel. Ao observar a resistência do indivíduo no seu cotidiano, voltamos novamente ao autor, para quem, o conflito garante a unidade do grupo, é necessário para a sociedade se manter. O conflito é um meio de resolver as divergências existentes e promover mudanças. As mudanças são possíveis, porque os elementos antagônicos, que geram o conflito, interagem levando, aos poucos, as reformas à sociedade.

#### 4.1 A RACIONALIDADE E A PERSONALIDADE NO MUNDO URBANO

A cidade altera as reações do indivíduo, pois intensifica os estímulos nervosos. É que a cidade, como sede da economia monetária, concentra a troca econômica. Segundo Simmel (1967, p. 14), “[...] a base psicológica do tipo metropolitano de individualidade consiste na intensificação dos estímulos nervosos.” Dessa forma, o indivíduo, no seu cotidiano, desenvolve uma atitude reservada, que é própria do homem que vive na cidade. As luzes da cidade, a noite, os entretenimentos, tudo é atrativo para viver na cidade. No entanto, a exatidão, a complexidade, a pontualidade e o cálculo criam relações distintas no modo de viver das pessoas. Nas grandes cidades, o cotidiano extrai dos homens uma quantidade de consciência diferente que as pequenas cidades e o mundo rural. Nas pequenas cidades e no mundo rural, o ritmo de vida e o conjunto sensorial de imagens mentais fluem mais lentamente e de forma mais habitual e uniforme. Nas cidades pequenas e no rural, a vida está pautada em relacionamentos mais sentimentais e emocionais. Sobre os sentimentos e emoções, Simmel afirma que:

[...] se enraízam nas camadas mais inconscientes do psiquismo e crescem sem grande dificuldade ao ritmo constante da aquisição ininterrupta de hábitos. O intelecto, entretanto, se situa nas camadas transparentes, conscientes, mais altas do psiquismo; é a mais adaptável de nossas forças exteriores. (SIMMEL, 1967, p.14).

Em síntese, a vida nas cidades implica uma consciência cada vez mais elevada, ou seja, na medida em que cresce a cidade, maior é a exigência da consciência e da inteligência do indivíduo.

A cidade é o centro, a sede da economia monetária. As trocas econômicas que ali ocorrem e as relações dos meios de troca são de tamanha importância, sem comparativo com as do comércio rural. Nesse aspecto, Simmel diz, “[...] a economia monetária e o domínio do intelecto estão intrinsecamente vinculados.” (SIMMEL, 1967, p. 15). Na metrópole, a produção está inteiramente voltada para o mercado, para compradores desconhecidos e anônimos, diferentemente do que ocorre em pequenos grupos, em que o cliente e o produtor se conhecem e estabelecem relações mais próximas de compra e venda. A economia do dinheiro criou na vida

prática, uma exatidão calculista, em que o indivíduo precisa conviver com determinações numéricas. Nesse contexto, a precisão das relações sociais da economia do dinheiro se concretizou com a pontualidade e as relações mútuas organizadas por um calendário estável. Assim, calculabilidade, exatidão, e pontualidade são introduzidas à força na vida do indivíduo urbano.

A exatidão e a pontualidade interferiram na cultura objetiva dos indivíduos, assim como promoveram um desequilíbrio com a cultura subjetiva. A esse fenômeno psíquico Simmel (1967) chama de atitude *blasé*. A atitude *blasé* resulta “[...] dos estímulos contrastantes que, em rápidas mudanças e compressão concentrada, são impostos aos nervos.” (SIMMEL, 1967, p. 18). O que parece também intensificar, ainda mais, a intelectualidade do indivíduo urbano. Em resumo, a atitude *blasé* é a incapacidade do indivíduo de reagir a novos estímulos com forças adequadas. Fazendo com que ele fique anestesiado, não se espantando nem mesmo estranhando nada que ocorra a seu redor. Ao associar isso com a economia monetária, destacamos que os objetos são percebidos pelos indivíduos como “[...] num tom uniformemente plano e fosco; objeto algum merece preferência sobre outro.” (SIMMEL, 1967, p. 18).

Para o autor, a economia monetária e o rígido controle (tempo, peso, medidas, etc.) influenciaram de tal forma o indivíduo da metrópole, que ele se aprofunda na sua subjetividade, envolvendo-se muito pouco com o mundo externo. Da mesma forma, o distanciamento cada vez maior entre os indivíduos, por meio das incertezas e desconfianças, cria nele uma atitude de reserva. Essa reserva, aos olhares das pessoas das pequenas cidades, seria de indivíduos frios, calculistas e antipáticos.

Se houvesse, em resposta aos contínuos contatos externos com inúmeras pessoas, tantas reações interiores quanto as da cidade pequena, onde se conhece quase todo mundo que se encontra e onde se tem uma relação positiva com quase todos, a pessoa ficaria completamente atomizado internamente e chegaria a um estado psíquico inimaginável. (SIMMEL, 1967, p. 19-20).

Mas é preciso também compreender que o estilo de vida do indivíduo urbano e a dissociação de sua realidade é uma das formas mais elementares do processo de socialização. Esse estilo de vida com seu ritmo, distanciamento, aversão e

antipatia formam um todo inseparável, próprio do estilo de vida urbano e sua convivência social.

Outro aspecto de destaque para compreender o que torna o homem tão individualizado na modernidade é a qualidade e a quantidade de liberdade. A ideia aqui é observar os grupos sociais – grupos políticos e de parentesco, associações religiosas. Esses grupos, no princípio, pequenos e unidos, possuem regras que os mantêm, limitando as liberdades individuais dos integrantes. À medida que esses grupos se expandem e cresce o número de afiliados, como já observado em muitos casos, o regramento não mais atinge todos como anteriormente, ocorrendo maior liberdade individual. Da mesma forma que a individualidade aumenta nesses grupos, não muito diferente ocorre nos grupos que vivem na vida urbana. Sobre o assunto, Simmel busca na antiga *pólis* grega elementos para demonstrar a ideia. Devido às constantes ameaças inimigas internas e externas, teve como resultado “[...] uma estrita coerência quanto aos aspectos políticos e militares, uma supervisão do cidadão pelo cidadão, um ciúme do todo contra o individual.” (SIMMEL, 1967, p. 22). Nesse sentido, a vida particular fora suprimida e só poderia ser compensada dentro do seu domínio doméstico. Partindo desse pressuposto, Simmel defende o argumento de que “[...] os conteúdos e formas de vida mais extensivos e mais gerais estão intimamente ligados aos mais individuais.” (SIMMEL, 1967, p. 22). É que as indiferenças recíprocas e as condições de vida intelectual dos círculos maiores não são sentidas tão fortemente pelos indivíduos. A proximidade física e estreiteza do espaço tornam o homem livre em um sentido refinado, contrastando com os preconceitos e a pequenez que atrofiam as pessoas das pequenas cidades. Embora as grandes cidades causem nas pessoas uma liberdade emocional, nunca tornaram o indivíduo tão solitário e perdido quanto em sua multidão.

O aspecto principal a ser abordado e que nos ajuda a entender como a cidade transforma o psiquismo do homem, tornando-o individualizante, é a cultura objetiva e subjetiva. Para Simmel, tanto na linguagem, na lei, na técnica de produção, na arte, na ciência como nos objetos domésticos, “[...] está incorporada uma soma de espírito. O indivíduo, em seu desenvolvimento intelectual, segue o crescimento desse espírito muito imperfeitamente e a uma distância sempre crescente.” (SIMMEL, 1967, p. 25). Na verdade, enquanto a cultura objetiva, ligada a objetos, conhecimento, instituições, etc., cresceu, a cultura subjetiva, que está ligada ao indivíduo, retrocedeu. Isso se dá em função da divisão do trabalho e da sua

especialização. É que a divisão do trabalho requer do indivíduo um aperfeiçoamento cada vez maior. Por outro lado, esse aperfeiçoamento reduz a personalidade do indivíduo ao mínimo. “O indivíduo se tornou um mero elo em uma enorme organização de coisas e poderes que arrancam de suas mãos todo o progresso, espiritualidade e valores, para transformá-los de sua forma subjetiva na forma de uma vida puramente objetiva.” (SIMMEL, 1967, p. 26).

Como visto em Simmel, a metrópole como sede da economia monetária tende a desenvolver a cultura objetiva em detrimento da cultura subjetiva. Dessa forma, existe uma grande valorização do individualismo, pois esse se distancia das relações afetivas e de seus concidadãos. Esse fato é próprio do indivíduo urbano, que cria certa *vida mental* para poder viver nessa sociedade.

Muito próximo desse debate, Sennett (1998), visto no capítulo anterior, destaca a transformação na sociedade, a partir do processo de urbanização, secularização e o capitalismo. Também analisando as mudanças, no período da modernidade, o autor, ao verificar as transformações na vida pública e privada, observa que a sociedade tem se tornado intimista. Essa sociedade intimista de indivíduos narcísicos esvazia as relações de coletividade. Tanto para Simmel como para Sennett, a modernidade causou uma erosão na personalidade do homem, tornando-o individualista, distanciando-o das relações afetivas. Se nesse recorte foi possível entender como a sociedade tem se tornado individualizante, passamos, agora, a verificar o indivíduo e sua vida cotidiana.

## 4.2 O COTIDIANO URBANO

Na segunda metade do século XX, os estudos sobre o cotidiano ganharam novas contribuições nas mãos de teóricos como Henry Lefebvre, Michel de Certeau e Agnes Heller. Esses teóricos veem o cotidiano em um espaço de significados e ações, onde se cruzam o político, econômico e religioso. O cotidiano não é um espaço que está separado da vida, mas um espaço em que o econômico ou o político reflete significados sociais do viver humano. É um espaço onde a ação tem significado e influência, onde não se age mecanicamente. A vida cotidiana coloca todas as capacidades mentais do homem em funcionamento, já que o ser humano

participa do cotidiano, com todos os aspectos de sua personalidade, habilidades de manipulação, sentimentos, ideias, etc. Porém isso não quer dizer que ele possa realizar-se em toda sua intensidade.

O homem da continuidade é atuante e fruidor, ativo e receptivo, mas não tem nem tempo nem possibilidade de se absorver inteiramente em nenhum desses aspectos; por isso não pode aguçá-los em toda sua intensidade. (HELLER, 1992, p. 17-18).

Todo indivíduo nasce inserido no seu cotidiano, porém aprende em coletividade os seus elementos para participar no grupo. Comportar-se em determinadas situações, vestir-se, orientar-se, etc., são alguns dos princípios básicos da vida em grupo. O indivíduo aprende, no grupo, os elementos da cotidianidade. “O indivíduo é sempre, simultaneamente, ser particular e ser genérico.” (HELLER, 1992, p. 20). Nesse aspecto, o indivíduo assume forma da necessidade do *Eu*. O Eu que sente dores, fome, paixões e afetos. O básico dessa particularidade é realizar a satisfação das necessidades do Eu. Assim, estão contidas em todo homem as particularidades individuais, como a de perguntar sobre o mundo, pelo motivo de suas necessidades e paixões.

Também o genérico está “contido” em todo homem e, mais precisamente, em toda atividade que tenha caráter genérico, embora seus motivos sejam particulares, mas a atividade do trabalho – quando se trata de trabalho efetivo (isto é socialmente necessário) – é sempre atividade do gênero humano. (HELLER, 1992, p. 21).

Então, também o homem é um ser genérico, porque é produto e expressão de suas relações sociais. No entanto, não é um homem sozinho, mas em interação com os demais, em que se constrói e forma sua consciência de nós. Dessa forma, o indivíduo pode estar sozinho no mundo irreal, no mundo dos sonhos, mas não está só no mundo da vida cotidiana. Os projetos de um indivíduo podem ser iguais ou diferentes ao de outro, ou então, inclusive, entrar em atrito. Esses indivíduos vivem em um mundo comum, ou seja, em sociedade.

Para Certeau (1994), os indivíduos, em seu cotidiano, não são passivos e alienados. Em vez da passividade dos consumidores, os indivíduos usam de

diversas artimanhas e criatividade. Criatividade essa em que cada indivíduo inventa para si, por meio de formas silenciosas e ocultas, maneiras próprias de enfrentar a imposição de produtos. O cotidiano é um local de resistência, mas também de inércia, em relação ao desenvolvimento da produção e re-produção sociocultural.

Caminhar, andar, sair à rua nas pequenas cidades, é correr o risco de ser visto e reconhecido pelo outro. Viver, nesse espaço, significa aderir aos valores e comportamentos que fazem com que cada um possa sair-se bem em seu papel. A convivência cotidiana mantém as pessoas em relações muito próximas no que se refere às regras sociais. Infringir essas regras significa a repressão. Nesse contexto, reprime-se “[...] o que “não convém”, “o que não se faz”; ela mantém à distância, filtrando-os ou banindo-os, os sinais de comportamento ilegíveis [...], intoleráveis para ele, destruidores por exemplo da reputação pessoal do usuário.” (CERTEAU; GIARD; MAYOL, 2003, p. 49). Esse comportamento do indivíduo é tido como desorganizador da vida moral e social, promovendo a desobediência e a ruptura com a ordem estabelecida por todos. “Essas “maneiras de fazer” constituem as mil práticas pelas quais usuários se apropriam do espaço organizado pelas técnicas da produção sociocultural.” (CERTEAU, 1994, p. 41). Sobre esse aspecto, Michel de Certeau mostra como os indivíduos são ativos em seu cotidiano, e através de práticas inventivas, criam espaços de resistência, deslocando relações de poder.

Esses espaços de resistência, antidisiplina, segundo Certeau, são uma mostra de que nem todos os indivíduos são submetidos a um poder, por mais panóptico que seja. Ele explica seu posicionamento da seguinte forma: “[...] porque se trata de distinguir as operações quase microbianas que proliferam no seio das estruturas tecnocráticas e alteram seu funcionamento por uma multiplicidade de “táticas” articuladas sobre os “detalhes” do cotidiano.” (CERTEAU, 1994, p. 41).

Ao apresentar dois tipos de comportamentos, o estratégico e o tático, Certeau (1994) destaca a seguinte distinção. Por estratégia entende-se algo como uma instituição, empresas, um exército, uma cidade ou um indivíduo cujo comportamento lhe é próprio e “[...] ser a base de onde se podem gerir as relações com uma exterioridade de alvos ou ameaças (os clientes ou os concorrentes, os inimigos o campo em torno da cidade, os objetivos e objetos de pesquisa etc.)” (CERTEAU, 1994, p. 99). Uma estratégia esta ligada ao um “próprio” que é uma localização espacial ou institucional, é um domínio de lugares. Para Certeau (1994) a divisão de espaços permite uma visão *panóptica*, em outras palavras, permite o controle e a

observação e, prever antecipando-se em relação ao tempo para a leitura de um espaço. A estratégia está relacionada ao poder e a ordem.

As estratégias são portanto ações que, graças ao postulado de um lugar de poder (a propriedade de um próprio), elaboram, lugares teóricos (sistemas e discursos totalizantes), capazes de articular um conjunto de lugares físicos onde as forças se distribuem (CERTEAU, 1994, p. 102).

Sem ter um lugar próprio a tática é determinada pela ausência de poder. São indivíduos ou grupos fragmentados que não tem um espaço próprio ficando comandados pelos acasos do tempo. Porém, nada impede que o indivíduo realize um agrupamento para responder a alguma necessidade que poderá surgir. É a necessidade que faz surgir uma tática. “A tática não tem por lugar senão o do outro. E por isso deve jogar com o terreno que lhe é imposto tal como o organiza a lei de uma força estranha. Não tem meios para se manter em si mesma” [...] (CERTEAU, 1994, p. 100).

A tática é baseada no improviso e isso lhe permite mobilidade e flexibilidade. Em parte, o poder atribuído a tática esta na dificuldade de dar-se a si mesmo um projeto total e impossibilitada de “[...] totalizar o adversário num espaço distinto, visível e objetivável” (CERTEAU, 1994, p. 100). Uma tática aproveita os “momentos” as “ocasiões”, mas não acumula vitórias, nem mesmo tenta vencer e dominar. Ela pode ocorrer sob a execução de um indivíduo ou um grupo temporário, devendo ser vigilantes às falhas que as conjunturas oferecem na vigilância do poder. A tática é a arte do fraco e não busca enfrentar a estratégia de frente. A relação entre uma e outra está em indivíduos portadores de poder e os despossuídos, mas atuantes.

Maravilhado, o autor acredita na inventividade dos mais fracos de burlar poderes. Por meio de uma liberdade gazeteira, criando redes de antidisciplina, os indivíduos empregam, de forma consciente ou não, táticas. Essa invenção do cotidiano é que Certeau chama de “artes de fazer”, “táticas de resistência”, que vão mudando os objetos e os códigos, estabelecendo uma re-apropriação do espaço e do uso ao modo de cada um.

Como visto, o cotidiano não é algo somente repetitivo como hora de trabalho, movimentos mecânicos, horas, dias, semanas, etc. Também de acordo com Lefebvre, é possível observar que a cotidianidade é uma constante programação



dos hábitos voltados para a produção e o consumo. Isso produz, então, uma “sociedade burocrática de consumo dirigido”. Segundo Henri Lefebvre:

Tal é a definição proposta aqui para “nossa” sociedade. Marcam-se assim tanto o caráter racional dessa sociedade, como também os limites dessa racionalidade (burocrática), o objeto que ela organiza (o consumo no lugar da produção) e o plano para o qual dirige seu esforço a fim de se sentar sobre: o cotidiano. (LEFEBVRE, 1991, p. 68).

O cotidiano, segundo o autor, não é mais um espaço-tempo abandonado, deixado à liberdade e à razão ou, ainda, às bisbilhotices individuais. “O cotidiano torna-se objeto de todos os cuidados: domínio da organização, espaço-tempo da autorregulação voluntária e planejada.” (LEFEBVRE, 1991, p. 82). O espaço é onde ocorrem as contradições reais, na medida em que é um produto social. Pela ótica da racionalidade instrumental, o capitalismo colonizou a vida cotidiana. Criou uma cotidianidade repleta de signos e significações, sendo o consumo dirigido e incentivado pela produção capitalista. Nesse caso, a produção - consumo - produção constitui a base de sustentação e constituição do capitalismo, que produz e reproduz as relações sociais. Em síntese, o consumo é um aparelho econômico e ideológico, em que a propaganda é associada a imagens e símbolos. De sorte que o consumidor não consome por necessidade, consome por ideologia, que é a própria ideologia associada à mercadoria, por meio da propaganda.

A noção de cotidiano, vista acima, aproxima-nos de uma definição em que podemos analisar o indivíduo em suas relações de resistência diárias para a sobrevivência. Em Jean Remy (1990), a definição para cotidiano revela o grau de autonomia do indivíduo, assim como em Heller (1992); Certeau, (1994) e Lefebvre (1991). Em Remy:

[...] la vie quotidienne se compose d'actions qui se déroulent dans un espace/temps familier pour la personne et dans lequel l'événement s'oppose à la routine. La vie quotidienne d'un ambassadeur n'est pas la même que celle d'un coiffeur. Mais chacun doit, à sa manière résoudre des problèmes inattendus. Réagir à des événements nous paraît un révélateur du degré

d'autonomie. (REMY, 1990, p. 4).<sup>7</sup>

Em nosso estudo, o cotidiano mostra, revela e distingue os problemas pessoais e da vida íntima do indivíduo, no cenário social. Dessa forma, a vida cotidiana não pode ser vista como, simplesmente, um lugar secundário. A vida cotidiana “[...] permet de comprendre l'autonomie laissée aux interactions et leur capacité d' avoir des effets globaux notamment au niveau d'une modification des normes de références et d'évaluation servant communément dans la vie sociale.” (REMY, 1990, p. 2)<sup>8</sup>. Analisar a vida cotidiana é compreender a autonomia do indivíduo em suas múltiplas formas de inventar estratégias para sua sobrevivência.

#### 4.3 O COTIDIANO NAS PEQUENAS CIDADES

Basta olhar sobre uma pequena cidade para termos inúmeros pressupostos que possam diferenciá-la das grandes cidades. O movimento de carros e o vai e vem de pessoas circulando, apressadas, indo para o trabalho ou saindo dele é apenas um dos aspectos. As grandes cidades funcionam vinte e quatro horas por dia, em um ritmo acelerado obedecendo às batidas do relógio. É o relógio que regula as atividades na cidade, independentemente das condições climáticas, o ritmo é muito intenso. Nas horas de pico, quando as pessoas saem de casa para o trabalho ou escola, o movimento é intenso, ocasionando congestionamentos de carros, ônibus e caminhões. O barulho de buzinas, motores dos carros, apitos do guarda de trânsito, fábricas em produção, tudo mostra um espaço agitado e regulado pelos horários. Nesse conjunto, desenrola-se o cotidiano do habitante dos grandes centros. Seria possível escrever diversas páginas, com o intuito de mostrar a vida nas grandes cidades. No entanto, interessa-nos o cotidiano nas pequenas cidades,

---

<sup>7</sup> A vida cotidiana se compõe de ações que se desenrolam em um espaço/tempo familiar para a pessoa e com aqueles acontecimentos opostos a da rotina. A vida cotidiana de um embaixador não é a mesma de um cabeleireiro. Mas cada um deles, à sua maneira resolve. seus problemas inesperados. Reagir aos acontecimentos nos parece um revelador grau de autonomia.

<sup>8</sup> Permite compreender a autonomia deixando as interações à capacidade dele de ter os efeitos globais notadamente ao nível de uma modificação de normas de referências e de avaliações criadas comumente na vida social.

embora, muitas vezes, façamos um comparativo sobre o que difere nas pequenas cidades dos grandes centros urbanos.

Nas pequenas cidades, é plausível observar que, à noite, elas param parcialmente. Exceto nos finais de semana, quando reservamos algumas horas para o lazer, sobretudo, porque não irá prejudicar o dia de trabalho seguinte. Além de, nos finais de semana, haver atividades de descontração como: espaços para jantar, dançar, e outros. E essas atividades não são possíveis de serem encontradas todos os dias. A noite está reservada para o repouso de um longo dia de trabalho, portanto, deve ser de sossego para permitir o descanso. Caso contrário, os guardas municipais são capazes de intervirem, de forma a manter a calma e o sossego da cidade. Isso é possível encontrar, realmente, em pequenas cidades, onde ainda existe certo respeito às normas estabelecidas de controle. Nas pequenas cidades, as pessoas mantêm relações muito próximas, fortalecendo certas regras sociais. Nesse aspecto, muito fortes são os valores morais de trabalho, como respeito para as horas de descanso e os dias de guarda, o sábado e o domingo. Tanto nos dias de guarda, como no domingo, ainda é possível reservar algumas horas para as orações ou à Santa Missa. As badaladas do sino chamam para o encontro dominical e o som de suas batidas pode ser ouvido por praticamente todos os munícipes. Vimos, no capítulo primeiro, que os valores morais são, ainda, muito presentes nas cidades menores. Porém, à medida que as cidades crescem e novos elementos entram em circulação, parece haver uma desagregação de valores antes cultivados.

Nessas relações proporcionadas pelos encontros na comunidade, é possível discutir os rumos políticos e econômicos do país e do município, quando são estabelecidas relações de conhecimento, ideias, planejamentos e destino da cidade. Diferentemente do que ocorre nos centros urbanos maiores, nas pequenas cidades, é possível uma conversa próxima com o vereador ou com o prefeito, após a celebração da missa. Embora seja um bom lugar para a troca de ideias com os gestores municipais, não é o único, há outros, a exemplo da barbearia, do mercado, em frente à escola, nesses também é possível estabelecer conversas rápidas sobre os rumos a serem tomados para a administração da cidade.

Apesar de haver proximidade entre os indivíduos, nas pequenas cidades, não podemos deixar de descartar o jogo de poderes existente entre esses. O indivíduo possui projetos para sua vida e, no cotidiano, ele busca estratégias para alcançar os objetivos propostos.

#### 4.4 GLOBALIZAÇÃO E INDIVIDUALISMO

A globalização não deve ser vista somente, ou mesmo basicamente, como uma interdependência econômica. Ela também é uma transformação no tempo e no espaço proveniente do processo tecnológico que aproximou as nações e encurtou o tempo dos transportes, deslocamentos de pessoas e capital, e de comunicação. É bem provável que existam relações diretas ou indiretas entre as novas mudanças tecnológicas e o crescimento urbano. Na medida em que se intensificam os fluxos de tecnologia, dos mercados e da produção, desenvolvem-se e se modificam os jogos de força sociais no mundo agrário e no mundo urbano. Na cidade é que se concentram as mais poderosas forças sociais, que criam tensões e contradições, onde germinam os movimentos sociais, protestos e lutas políticas. Logo, é na cidade que se revela o acirramento dos conflitos sociais, da violência, do mercado e consumo, da comunicação e informação, e do individualismo. É, em síntese, o local onde se revela a riqueza e a pobreza, lado a lado. É na cidade, como centro econômico, que os impactos da globalização são mais perceptíveis.

Embora a globalização tenha sido vista, também, como um encontro e aproximação de culturas, o aspecto principal a que nos remetemos agora é sobre o fator econômico e tecnológico. A partir desses elementos, poderemos verificar como a globalização acirrou ainda mais o individualismo do homem. Conforme visto em Simmel, a economia monetária e a vida na cidade criam no indivíduo a atitude *blasé*, e na globalização isso tende a aumentar, principalmente a cultura objetiva sobrepondo-se à cultura subjetiva. Vejamos isso em partes.

À medida que a economia monetária ampliou espaços, alcançando outros mercados, inseriu um número maior de consumidores e de produtos consumíveis em suas relações. Nesse cenário de consumo e sobremaneira de ideologia, extravasou ainda mais a vida pessoal. Algo sobre o que já tratamos no capítulo primeiro, com Martha N. Ruiz (2006) e Gilles Lipovetski (2004), o consumo do tipo maníaco. Dada as maravilhas ofertadas pelo mercado e os confortos da tecnologia, a personalidade dos indivíduos não consegue se manter sob seu impacto. São milhares de informações sobre produtos para beleza, saúde, educação, lazer, esportes, etc. para o indivíduo consumir. Se impossibilitado de consumir os produtos pode consumir, então, a informação. “Por um lado, a vida se torna infinitamente fácil

para a personalidade, na medida em que os estímulos, interesses, empregos de tempo e consciência lhe são oferecidos de todos os lados.” (SIMMEL, 1967, p. 26).

Ele enfatiza ainda que:

Por outro lado, entretanto, a vida é composta mais e mais desses conteúdos que tendem a desalojar as genuínas colorações e as características de incomparabilidade pessoais. Isso resulta em que o indivíduo apele para o extremo no que se refere a exclusividade e particularização, para preservar sua essência mais pessoal. (SIMMEL, 1967, p. 26).

A ideia da cultura do dinheiro globalizada provoca, então, uma unidade no sentido das relações objetivas. De outro lado, a subjetividade tende a ser reduzida ainda mais, já que os indivíduos, tanto de pequenas cidades como de grandes, têm acesso à diversidade de produtos de consumo. Mas as pessoas das pequenas cidades também estão inseridas no mercado mundial, fato que eleva as relações objetivas dos indivíduos em detrimento das relações subjetivas. Isso Simmel detectou nas grandes metrópoles, porém o processo de globalização, que ampliou as relações econômicas, afeta, agora, também as pequenas cidades. Se, anteriormente, nas pequenas cidades, as relações de espiritualidade, delicadeza e idealismo eram fortalecidas, atualmente, com a possibilidade de conexão ao mercado mundial, isso tende a mudar.

Para o autor supracitado, há duas formas de individualismo: individualismo quantitativo ou liberdade individual e individualismo qualitativo ou da singularidade. O individualismo quantitativo é aquele que surgiu com o iluminismo, aquele que prega a liberdade individual e o ser humano como ser universal e igual. No texto *O indivíduo e a liberdade*, Simmel destaca que “Liberdade torna-se no século XVIII a bandeira universal pela qual o indivíduo protege seus mais variados desconfortos e necessidades de autoafirmação em relação à sociedade.” (SIMMEL apud SOUZA; ÖELZE, 2005, p. 108). Essa ideia foi manifestada, na época, na visão dos intelectuais, de diversas formas. Para os fisiocratas, que relevam a livre concorrência individual, como a manifestação da ordem natural das coisas. No humanismo rousseauiano, a origem do mal provém da violência praticada sobre o homem pela sociedade. Na versão política da Revolução Francesa, a liberdade se eleva como valor absoluto, negando aos trabalhadores a possibilidade de se unirem para proteger seus interesses. E por último o *eu* kantiano elevado “[...] como

referência última do mundo possível de ser conhecido, e defenderam sua absoluta autonomia como valor absoluto da esfera moral.” (SOUZA; ÖELZE, 2005, p. 108).

O Individualismo qualitativo ou da singularidade surge no século XIX e se mantém até hoje.

Por conta disso, temos o homem em geral, o homem como tal, como o centro do interesse dessa época, ao contrário do historicamente dado, singularizado e diferenciado. Esse último é, por princípio, reduzido ao primeiro. Em qualquer pessoa particular vive, em sua essência, o homem genérico, assim como o mais peculiar parte de matéria apenas expressa, essencialmente, a lei universal da matéria como tal. (SOUZA; ÖELZE, 2005, p. 109).

Em outras palavras, a singularidade, nessa concepção de individualismo, é diferente daquela da Renascença. Esta se refere à compreensão da vida única e peculiar com ideais da distinção, diferença e interioridade. O individualismo qualitativo está associado ao romantismo e se configura como oposto à ideia de homem universal.

Assim que o Eu estava suficientemente fortalecido no sentimento da igualdade e universalidade, ele procurou novamente a desigualdade, mas apenas a desigualdade que se punha a partir do interior. Depois de consumada a libertação por princípio do indivíduo dos grilhões enferrujados das corporações, do estamento de nascença e da igreja, esta libertação avança no sentido de que os indivíduos assim autonomizados querem se distinguir também uns dos outros: não se trata mais de ser em geral um singular livre, mas sim um singular determinado e não intercambiável. (SIMMEL, 1917, p. 9-92, apud WAIZBORT, 2000, p. 493).

Outro aspecto que mostra o aumento da personalidade individual, no momento atual, é a liberdade. Na medida em que se estendem os fluxos de comunicações, proporcionados pela telefonia móvel e a conexão às redes mundiais, são rompidos o espaço físico e a estreiteza de espaço das cidades. Essa ruptura não é algo novo, porém é diferente. É diferente, porque ultrapassa os limites das relações econômicas, pessoais e intelectuais a uma extensão anteriormente mais limitada, pois cada fio ligado às redes globais cria novos fios de comunicações, incrementando automaticamente a rede mundial em progressões crescentes. Dessa forma, os indivíduos podem estabelecer relações de comércio, amizade, diplomacia,

entre outros, numa rede muito ampla, fugindo das relações que os cercam somente nas pequenas cidades.

A globalização, provocada pelos meios tecnológicos, expande os limites do homem na parte em que as regras não o atingem. Essa liberdade, como mostramos anteriormente, provém da expansão de relacionamentos que o indivíduo estabelece no seu cotidiano. Se, em pequenos grupos de pessoas, as regras são respeitadas, existe certo limite para a individualidade. No entanto, com as relações mantidas pelos indivíduos, hoje, em uma sociedade globalizada, torna-se fácil a desobediência às regras estabelecidas, conseqüentemente, garante-lhe maior liberdade. “O fato de estarmos seguindo as leis de nossa própria natureza - e isto, afinal, é liberdade - só se torna óbvio e convincente para nós mesmos e para os outros se as expressões dessa natureza diferirem das expressões de outras.” (SIMMEL, 1967, p. 24). A globalização e sua extensão aumentam os limites do homem, tornando-o ainda mais livre. Liberdade essa que o torna mais individualizante.

## 5 INDIVÍDUO, COTIDIANO E POLÍTICAS PÚBLICAS

É certo que o indivíduo, no seu cotidiano, promove políticas públicas, então, nesse caso, é preciso partir da ideia de que o *indivíduo é um ser de projeto*. Isso nos conduz a analisar o que entendemos como concepção da dimensão de projeto e a dimensão de cotidiano. Vimos, anteriormente, que o cotidiano nos remete a um espaço de significações e ações, em que se cruzam o político, econômico e religioso. É um espaço onde a ação do indivíduo tem significação e influência e não se age mecanicamente. Em resumo, o cotidiano é um espaço de complexas relações sociais que envolvem o indivíduo como um todo. Mas o que queremos destacar, no cotidiano, são as relações que ocorrem no espaço público, vinculadas ao espaço privado. Em outras palavras, procuramos mostrar que muitas políticas públicas, nas cidades, ocorrem pela resistência, reação e a interferência do indivíduo no seu cotidiano, na busca da sua sobrevivência.

Quando tratamos do indivíduo como ser de projeto, necessariamente destacamos o que comumente se indica para o termo projeto. Projeto é utilizado mais frequentemente para indicar o que é objetivado, o que é visado, ou ainda, algo a ser alcançado. Velho destaca que:

Embora o ator, em princípio, não seja necessariamente um indivíduo, podendo ser um grupo social, um partido, ou outra categoria, creio que toda a noção de *projeto* está indissolivelmente imbricada à ideia de indivíduo-sujeito. Ou invertendo a colocação – é indivíduo-sujeito aquele que faz *projetos*. (VELHO, 2003, pg. 101. grifos do autor)

Projetos e memória se articulam e se associam. A memória é que dá consistência à biografia e possibilita a formulação e condução de projetos. A memória permite traçar uma retrospectiva organizada de uma trajetória e o projeto é a antecipação no futuro dessa trajetória. Memória e projeto são visões “retrospectivas e prospectivas que situam o indivíduo, suas motivações e o significado de suas ações, dentro de uma conjuntura de vida, na sucessão de etapas de sua trajetória” (VELHO, 2003, pg. 101). O indivíduo sempre está exposto as diversidades múltiplas de experiências e contradições. O projeto e a memória são os ordenadores e dão significado a trajetória de vida.



O projeto existe no mundo da intersubjetividade. Embora seja secreto, está expresso em palavras e conceitos próprios que indicam a existência do outro. Ele é o instrumento básico de negociações, de comunicação, de articulação, com os demais atores, indivíduos ou coletivos.

Buscando construir um conceito sociológico para identidade, tendo em seu pressuposto central o indivíduo como ser de projeto, José Ivo Follmann destaca quatro dimensões de identidade. “A dimensão do projeto (o visado), a dimensão da motivação, a dimensão das práticas e a dimensão do vivido (“trajetória vivida”)” (FOLLMANN, 2001, p. 54-55). Destaca ainda que se sobrepondo às dimensões da motivação e da prática, há uma quinta dimensão, que é a das estratégias. Para nossa análise, o indivíduo como ser de projeto se encontra dentro de três dimensões centrais: a dimensão do projeto, a dimensão da estratégia e a dimensão da trajetória vivida.

**A dimensão do projeto**, aquilo a ser alcançado, está sempre ligado a contextos específicos. “O projeto [...] é resultado de uma deliberação consciente a partir das circunstâncias, do campo de possibilidades que está inserido o sujeito” (VELHO, 2003, pg. 101). Para Alfred Schutz (1979) existe a necessidade de se perguntar o que é consciente em oposição ao comportamento inconsciente. Ele defende que “[...] uma ação é consciente no sentido em que, antes de a realizarmos, temos em nossa mente uma figura do que vamos fazer. Esse é o ato projetado” (SCHUTZ, 1979, pg. 126). E podemos afirmar que,

[...] os indivíduos tornam-se sujeitos históricos na medida em que conseguem mobilizar a sua capacidade de conceber e produzir projetos, de avaliá-los e de engajarem-se neles ou de afastarem-se deles. É na concepção de seus projetos pessoais de existência e no empenho de fazer as “costuras” necessárias que os indivíduos tornam-se esses sujeitos. Isso não ocorre a não ser em interação com os projetos dos outros e com os projetos. (FOLLMANN, 2001. p. 55, grifo do autor).

**A dimensão da estratégia** é como em um projeto a metodologia, ou seja, os caminhos percorridos ou a percorre para alcançar os objetivos. Nessa dimensão, está a estreita ligação com o cotidiano. O cotidiano é a experiência diária dos indivíduos em sociedade, em que criam, avaliam, recriam e colocam em prática estratégias para atingir os objetivos propostos. Nesse aspecto, a dimensão da

estratégia, é a “[...] tentativa permanente de dar sentido e coerência à sua existência em interação com a complexidade plural que os envolve e atravessa.” (FOLLMANN, 2001, p. 55). Em uma sociedade complexa e heterogênea a necessidade de projetos é motivado pela própria fragmentação sociocultural. “Por isso mesmo, o *projeto* é dinâmico e é permanentemente reelaborado, reorganizando a memória do ator, dando novos sentidos e significados [...]” (VELHO, 2003, pg. 104).

**A dimensão da trajetória vivida** supõe a ligação entre passado, presente e futuro. As estratégias elaboradas no projeto sempre devem levar em conta o passado. Os recursos metodológicos de retorno ao passado permitem garantir a preservação da história vivida. As lembranças do passado, também, de uma forma ou outra, delineiam os passos e o caminhar presente em direção ao futuro projetivo. É que as experiências passadas servem de orientação e são de fundamental importância para que os objetivos a serem alcançados futuramente sejam positivos. Por isso, há necessidade de, constantemente, avaliarmos o presente e o passado. Durante essas avaliações, o indivíduo encontra e cria novos recursos para atingir seus objetivos.

A reconstrução e a revisão da vida, no passado, servem para o indivíduo interpretar o mundo ao seu redor. Assim, as experiências vividas são como balizas para a vida presente, de forma que é possível buscar no passado, explicações que motivaram a elaboração de um determinado projeto. Não somente o projeto, mas também as estratégias do indivíduo ou do grupo em busca de um objetivo elaborado anteriormente. Dessa forma, a dimensão da trajetória vivida permite aos indivíduos se tornarem sujeitos históricos, pois à medida que mobilizam a capacidade para construir, criar e organizar projetos, lhes é restituída sua autonomia individual. Essa autonomia individual, que está em sua motivação íntima, é a liberdade, conforme discutido anteriormente, com base em Simmel, que a destaca como individualismo qualitativo ou da singularidade.

Jean Remy, por meio da **transação social**, supõe uma explicação pelo futuro do indivíduo, diferenciando-se daqueles que evocam uma explicação pelo passado. Nesse caso, o indivíduo é *como um ser intencional* (REMY, 1990). O mesmo autor, para melhor explicar a transação, busca na analogia do jogo de cartas reforçar a argumentação. Diz ele que, no jogo, os parceiros se reúnem para uma troca cooperativa e competitiva destinada a selecionar um vencedor. Esse jogo se desenrola em uma não transparência, portanto, os jogadores precisam guardar na

memória o desenrolar do jogo. “Esse conhecimento do passado não é um condicionamento, ele ajuda a inventar as estratégias futuras.” (REMY, 1990, p. 5). Assim, os objetivos futuros a serem conquistados pelo indivíduo têm em seu passado fontes de orientações.

Nesse aspecto, a ideia de transação social “[...] permet d’analyser le rapport social dans son exercice quotidien, à la fois comme inducteur et comme induit.” (REMY, 1990, p. 6)<sup>9</sup>. Análise também aceita por Follmann, conforme podemos observar com base na citação que segue:

A ideia de transação social fornece uma imagem da vida social como sendo uma pluralidade de atores e agentes que ocupam posições desiguais e interagem, - às vezes, em parte, de forma conflitiva, - buscando estabelecer acordos entre eles em função de sua respectiva capacidade de poder. Isso pode ou não provocar mudanças de posição. (FOLLMANN, 1999, p. 50).

Para fins de análise sociológica, o conceito de transação social ajuda a estabelecer relações entre as micro-observações e macrointerpretações. Entre “[...] le niveau - micro - pour qui le contexte est un donné et le - macro - qui constitue le contexte, les interférences sont semi-aléatoires.” (REMY, 1990, p. 6)<sup>10</sup>. Assim, essa proposta analítica “[...] permite identificar sequências temporais de relações entre o pessoal, o cultural e o social, ajudando assim a colocar juntas as dinâmicas intencionais e as dinâmicas objetivas.” (FOLLMANN, 1999, p. 50).

A análise de transação proposta é muito útil para uma confrontação entre dois pontos de vista diferentes e que não têm os mesmos pesos de legitimidade. É possível, então, analisar o confronto entre indivíduos de projetos distintos. Também é possível observar o confronto entre o projeto individual e coletivo. É nesse aspecto que pretendemos observar o indivíduo como ser de projeto e a promoção de políticas públicas em seu cotidiano.

A dimensão projetiva é motivacional e está envolvida em valores, sentimentos, interesses ou mesmo por aventuras. Não se pode descartar também que o indivíduo como ser de projeto, traz junto de si legitimidade e justificativas para

---

<sup>9</sup> Permite analisar a relação social em seu exercício cotidiano às vezes como indutor e como induzido.

<sup>10</sup> Entre o nível micro, o contexto é dado, e ao nível macro que constitui o contexto, as interferências são semi-aleatórias.

os caminhos a serem percorridos. A justificativa para a motivação de determinado caminho percorrido ou a percorrer, na maioria das vezes, justifica-se pela sua própria sobrevivência. A sobrevivência nas cidades requer a constante elaboração e (re) elaboração dos projetos, bem como das estratégias para alcançar os objetivos. Os projetos, por serem elaborados dentro de diferentes campos de possibilidades, tornam-se uns mais valorizados do que outros, ou seja, alguns estão em primeiro lugar, enquanto outros se encontram em segundo ou terceiro plano. “Sem dúvida, um sujeito pode ter mais de um *projeto*, mas em princípio, existe um principal ao qual estão subordinados os outros que têm como referência” (VELHO, 2003, pg. 104). Da mesma forma, existirá hierarquia entre os projetos estabelecidos pelo indivíduo e dentro dessa hierarquia, para alguns projetos, haverá tempo estipulado para sua realização. Do mesmo modo, alguns dos projetos poderão ser deixados de lado ou esquecidos, enquanto outros ganharão maior prestígio. Isso ocorre no cotidiano do indivíduo, quando está constantemente buscando alternativas para sua sobrevivência. O indivíduo como ser intencional se orienta em relação a um objetivo a realizar.

## 5.1 O COTIDIANO E A RESISTÊNCIA

O indivíduo que vive na cidade é obrigado a se inserir no meio social ali estabelecido. A obrigação não pode ser vista somente como repressão. Deve ser entendida dentro de um conjunto de subjetividade e simbolismo. Nas cidades pequenas, a transgressão às normas, às regras, aos códigos estabelecidos, nesse conjunto de simbolismo, logo são executados. Em outras palavras, a transgressão constitui imediatamente objeto de comentário. E a penalidade pode variar do fuxico, da fofoca até penalidades mais severas. É verdade que existe uma ordem que organiza um conjunto de possibilidades e de proibições. Também é certo que essa ordem estabelecida, ao ser desrespeitada, pode se transformar em uma nova política para todos.

Nos grandes e médios centros urbanos, esses fatores também são observados. Mas é nas pequenas cidades que essa severidade na transgressão das normas estabelecidas recebe maior ênfase, dada a própria subjetividade ainda

reinante. Em outras palavras, a proximidade com o rural reserva aos habitantes das pequenas cidades uma proximidade maior com as questões religiosas. Isso fica claro na entrevista nº 006, quando questionamos sobre a participação na comunidade.

[...] Participo do Conselho tutelar, da diretoria da igreja, do coral e sempre que tiver algum espaço de discussão, procuro estar presente. (Entrevista nº 006).

Nesse sentido, a moralidade e os valores cristãos, presentes nos indivíduos, interferem no social. Os valores morais e as questões religiosas, que estão presentes no indivíduo, manifestam-se também nas atividades no conselho tutelar. Essa interferência leva à cobrança ou à punição daqueles que fogem desse conjunto de valores morais. Como dissemos antes, a cobrança varia de fofocas, fuxicos, olhares estranhos até explicações aos que mantêm a ordem pública.

### **5.1.1 O caminho e o caminhante**

O fato de um indivíduo cruzar a rua em locais não permitidos ou de trânsito constante, poderá atrair mais sujeitos a fazerem o mesmo. E eles o farão, se conseguirem reduzir o tempo de suas caminhadas. Os indivíduos que trabalham em uma empresa poderão fazer isso, caso consigam reduzir tempo do trajeto de suas casas até o trabalho. Também os estudantes poderão fazer o mesmo, se reduzirem o tempo de caminhada de suas casas até a escola. Se esse cruzamento oferecer perigo de vida a essas pessoas, ou acidentes ocorrerem nesse trajeto, provavelmente os órgãos públicos competentes poderão tomar providências. Se a medida preventiva a ser tomada, for o impedimento por essa passagem ou cruzamento, outro caminho será utilizado, atualizando a passagem antiga. É possível também que os responsáveis pela administração pública criem formas para facilitar esse cruzamento, evitando, ou buscando reduzir os acidentes. Nesse caso, poderá aparecer uma faixa de travessia de pedestres, uma sinaleira alertando para o

perigo, redutores de velocidade de veículos, entre outras formas que possam garantir a segurança dos pedestres.

Outra forma de o indivíduo provocar políticas públicas, nas cidades, ocorre, quando ele utiliza o terreno privado para encurtar seu trajeto ou buscar maior conforto e segurança no seu deslocamento. O proprietário do terreno poderá alegar violação aos seus direitos privados ou invasão, caso seu espaço seja utilizado constantemente para trânsito de pessoas. A primeira solução talvez seja cercar a propriedade, impedindo a circulação, de forma que o caminhante busque alternativas diversas. Dessa forma, outras estratégias para promoção de políticas públicas deverão surgir por parte do indivíduo que busca conforto e segurança em seu deslocamento

[...] a gente pode até conversar numa reunião, uma reunião de festa, alguma coisa, falar com o prefeito, como eu sou amigo do prefeito, a gente, os vereadores que a gente conhece, todas as pessoas, dizem: ó, você prometeu o calçamento lá, o que que está acontecendo? (Entrevista 010).

Nas pequenas cidades, há uma proximidade entre populares e os gestores públicos, o que pode ser caracterizado como positivo, já que dessa forma, a gestão assume características mais democráticas, no entanto carrega junto certa negatividade, podendo ser espaço crescente de políticas beneficentes e paternalistas. Aliás, ao longo do trabalho, mostraremos que, nas pequenas cidades, esse fator está muito presente.

### **5.1.2 Coletores de materiais recicláveis**

A globalização econômica e a concentração do capital nas mãos de poucos ocasionaram uma classe de indivíduos, que passou a viver do descarte da sociedade de consumo. A sociedade do consumo, como também passou a ser denominada, traz em seu seio grupos de pessoas que sobrevivem de utensílios descartáveis e possíveis de serem reaproveitados. Esses indivíduos são comumente conhecidos como coletores de materiais recicláveis. Eles se deslocam pelas ruas, com carrinhos de tração humana ou animal, em busca de materiais para

comercialização, papel, papelão, plásticos, alumínio, etc. Em locais de trânsito mais intenso nas cidades, essa prática tem gerado variados conflitos entre motoristas de automóveis e condutores de carrinhos. O embate se coloca entre coletores e proprietários de automóveis, que circulam pelas ruas das cidades. Diversas foram as políticas públicas criadas para amenizar ou eliminar os conflitos: a proibição da circulação dos carrinhos, apreensão e recolhimento, multa ao proprietário, mas essas políticas públicas praticamente não tiveram efeito positivo. Atualmente, ainda, esse fato é política em debate, nos mais diversos centros urbanos.

Voltando às cidades em estudo, em São Miguel do Oeste, foi criada uma associação e houve o cadastramento dos portadores de carrinhos. Essa associação procura manter o número de carrinhos que circulam e a sua manutenção, conforme exigência do poder público. Em conversa com alguns associados foi possível verificar como eles procuram respeitar a política, que limita a circulação de carrinhos no centro da cidade.

“O mês passado, nós compramos capa de chuva, daí compramos para o trabalho. Agora nós precisamos comprar mais 2 carrinhos para associação, daí também, é que tem um pouco em caixa, né”. (Entrevista 002).

No entanto, existem muitos coletores que não fazem parte da associação e, para os associados, são eles a problemática do trânsito.

Tem muito catador que tem seu carrinho próprio, que ele mesmo fabrica. Pega duas rodas de bicicleta e uns ferros e está pronto. Daí sai para rua e a culpa é de todos os catadores, associados ou não. (Entrevista 002).

Em São Lourenço do Oeste, um indivíduo fez a doação de diversos carrinhos padronizados para os coletores. Não existe uma associação definida, no entanto, o grupo passou a ser identificado pelas cores e pela padronização dos carrinhos. A estratégia de doação de carrinhos resolve momentaneamente o problema público, embora seja provável que outros coletores de materiais recicláveis, com seus carrinhos de fabricação própria, continuem pelas ruas, o que, futuramente, exigirá políticas públicas mais eficientes.

O individualismo, no trabalho, é próprio das políticas do liberalismo econômico, que prega a concorrência e a competitividade. Para a cidade de Iporã do Oeste, esse fato ainda não se tornou um problema público, já que lá é reduzido o número de coletores. Na verdade, nas cidades em estudo, os coletores de materiais recicláveis não têm somente nessa atividade sua fonte de renda. Trabalham como diaristas em serviços gerais, quando solicitados.

### 5.1.3 A cidade e seu preço

O êxodo rural, provocado nos últimos anos, ampliou significativamente o número de famílias que passaram a viver em áreas urbanas tidas como impróprias à habitação ou áreas de risco ou ainda de preservação. E são vários os locais no espaço urbano, onde se formam guetos de pessoas carentes e em péssimas condições de habitação. Nesses locais, há grande dificuldade de saneamento básico, água, energia e, quando existente, a dificuldade financeira é fator que impossibilita as famílias de terem acesso a esses itens. Nesse sentido, muitos conflitos têm surgido, como o roubo de energia e água, os chamados “gatos”. Eles podem ser encontrados em diversas locais, onde o poder público não se faz presente. Porém, quando o poder público atende às necessidades básicas, é no poder econômico que se encontra o entrave maior.

O que pretendemos mostrar, nesta tese, é que a resistência cotidiana, para sobreviver na cidade, exige dos indivíduos projetos com métodos preparados para atingir seus objetivos. De outro lado, está o poder público, que buscando atender às exigências dos indivíduos, transforma as reivindicações em políticas públicas. No entanto, as relações sociais não se estabelecem somente entre poder público e o indivíduo. Elas ocorrem também dentro de um contexto social, em que existe a manifestação do coletivo. Em resumo, “O sujeito de projeto deve fundamentalmente considerar seus contemporâneos com os quais deverá estar em contato para atingir seus objetivos.” (FOLLMANN, 2001, p. 56). Dessa forma, no cotidiano do indivíduo, a experiência diária e a tentativa de dar sentido a sua existência são as estratégias para alcançar seus objetivos na complexidade social em que estão envolvidos.



Embora o Imposto Predial Territorial Urbano - IPTU - seja motivo de contestação e debate político, principalmente em períodos de correção e ajuste das taxas, é uma das formas de o poder público atender às exigências do indivíduo. Nas pequenas cidades, esse imposto é uma tributação estratégica para os gestores. Nos grandes e médios centros urbanos, o aumento do IPTU é questionado, mas não é fator que poderá comprometer profundamente a gestão, como nas pequenas cidades, nas quais, poderá afetar seriamente as eleições municipais futuras. Nesse caso, os gestores precisam estar muito atentos, quando políticas de tributação ou novos valores entram em vigor.

Da mesma forma requerem administração a inadimplência e as negociações de cobranças aos impostos vencidos. Tentando justificar o não pagamento de impostos, a exemplo do IPTU, os moradores urbanos alegam precariedade no atendimento dos serviços, que são direitos seus. São fatores de atrito entre indivíduo e Gestão Municipal. Para o indivíduo, a estratégia, ao se tornar um inadimplente, é a de barganhar descontos ou, por meio de acordos, no futuro, buscar a redução dos valores cobrados. Para a Gestão Municipal, evitar a inadimplência é o objetivo principal, e isso poderá se concretizar, se usar boas estratégias, como: descontos para pagamentos em uma só parcela, ou ainda, parcelamento com juros baixos. Também vale a construção subjetiva de pertencimento à cidade, com slogans de incentivo ao pagamento dos impostos, *“O bom cidadão paga o IPTU em dia”*.

Além dessas estratégias, entre as usadas pela Gestão Municipal, constam as políticas de embelezamento da cidade, principalmente para terrenos baldios, que acabam por se tornar depósitos de entulho. Essa estratégia consiste em induzir o proprietário do terreno desocupado cedê-lo ao Poder Público por tempo determinado, em troca poderá ter os impostos reduzidos em até 75%. Então, a Gestão Pública se compromete em transformar o local em área de lazer, recreação ou esporte. Assim, muitos terrenos deram espaços a campos de vôlei ou futebol de areia, pequenas praças ou ainda pistas para prática de *bicicross*. Em outros casos, houve amplas campanhas, objetivando tornar esses terrenos hortas comunitárias. Esse projeto teve grande aceitação e vários municípios aderiram ao programa.

A campanha de formação de hortas comunitárias reflete a proximidade entre o rural e urbano que está, ainda, muito presente nas pequenas cidades. Aspecto que colocamos anteriormente como forma de classificar as pequenas cidades. Esses

projetos surgem como estratégia dos gestores municipais que receberam, por essa iniciativa, votos de confiança e credibilidade.

A prática de cultivar uma horta parece estar bastante presente nos moradores das pequenas cidades.

Olha, eu não sou de sair, eu sou muito caseiro, eu tenho minha horta, o dia que eu tenho de folga me atendo à horta, procuro fazer uma coisa ou outra, arrumar, plantar, e não gosto de sair [...]. (Entrevista 009).

[...] que nem ontem era domingo, então eu fui mexer nas minhas flores, botei terra nas minhas flores, arrumei a horta, plantei. A gente está sempre fazendo alguma coisa [...]. (Entrevista 003).

É uma herança que o indivíduo do mundo rural, quando migra para a cidade, traz junto de si, talvez por pensar que, agindo assim, possa reviver o seu passado. Dessa forma, cultivar e viver práticas do mundo rural no mundo urbano é amenizar o impacto causado pela mudança. Não somente na subjetividade do indivíduo, também nos princípios econômicos da família. Cultivar produtos para consumo da família significa evitar gastos maiores no espaço urbano, já que tudo é movido pelo dinheiro. A economia de dinheiro, algo que transforma o psíquico do indivíduo urbano, dando-lhe características próprias e individualistas.

#### 5.1.4 Viver na rua

Problema muito comum, em grandes centros, também pode chegar às pequenas cidades. Os administradores municipais começam a se preocupar com os moradores de rua. Vejamos, na citação seguinte, que esse problema já está presente no cotidiano das pequenas cidades:

O caso talvez mais grave esteja localizado nas esquinas da Rua Rodolfo Spier com Avenida Salgado Filho, nas proximidades da delegacia de polícia da comarca. No local, um morador de rua tomou conta de um pedaço de terreno, onde poderia ser feita uma calçada, e com pedaços de telhas e restos de madeira construiu uma “cabana” para morar. Além de causar um mal-estar para comerciantes e moradores, muitas pessoas dizem que o

homem fica provocando mulheres que passam pelo local e demais pessoas. Em algumas ocasiões, ele já se envolveu em brigas, devido ao seu comportamento. (VIVER..., 2009, p. 9).



Figura 01 - Morador de Rua

Fonte: Jornal Folha do Oeste, 11 de julho 2009.

A fim de resolver esse problema, a Secretaria de Ação Social tem feito o trabalho de reabilitação familiar desses indivíduos. Também está em estudo a criação de um centro de referência especializado para atendimento desses casos, juntamente com a construção de um albergue para indigentes e pobres passarem a noite. Embora haja muita resistência por parte dos moradores de rua em aceitar o acompanhamento da Secretaria de Ação Social. Essa resistência está na dicotomia do uso do conceito de público e privado. Jean Remy (1973) afirma que o privado está na capacidade de o indivíduo ser ele mesmo e de agir a seu modo (vide capítulo 2 matriz cultural). Assim, o privado está associado ao direito de se organizar a sua maneira, ou seja, viver na rua e se encontrar em si. No momento em que é recolhido ao albergue, o indivíduo passa a viver em grupo. A vida no grupo equivale ao público, porque no alojamento deverá aceitar e acatar as normas, que regem e regulam o ambiente.

A foto, na sequência, ilustra moradores de rua andando pelas ruas de São Miguel do Oeste, e foi veiculada pelo jornal da cidade.

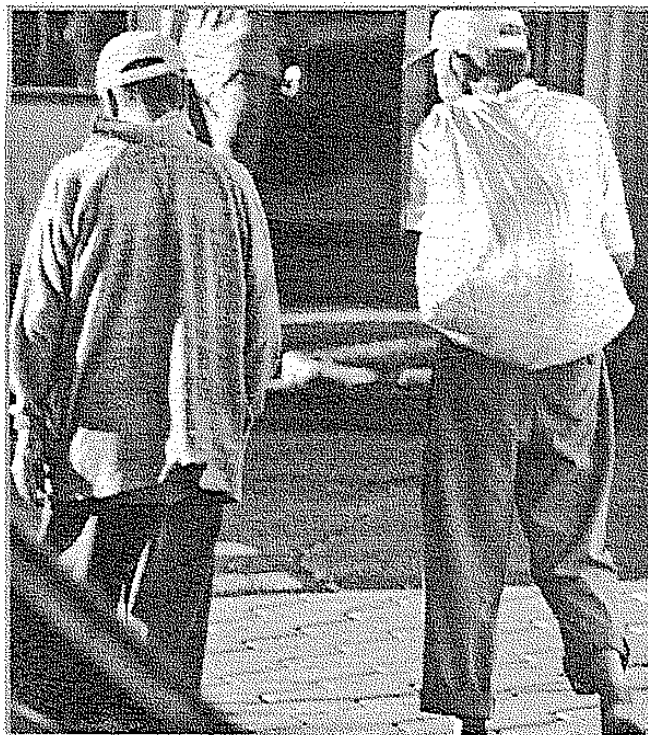


Figura 02 - Moradores de Rua

Fonte Jornal Folha do Oeste, 11 de julho 2009.

Ainda em se tratando da resistência do indivíduo e sua opção de viver na rua, sobre a questão, o poder público deve elaborar políticas capazes de atender a esses casos. De acordo com o legislativo, a solicitação da construção de um albergue, conforme mencionado anteriormente, surge da União das Associações de Moradores dos Bairros de São Miguel do Oeste. As reclamações em decorrência de haver indivíduos vivendo na rua partem de comerciantes e populares que se sentem ameaçados. Quanto ao indivíduo de rua, ele se encontra dentro da matriz cultural de liberdade individual, ou seja, a privacidade dele é viver no espaço público, a rua.

Nesse aspecto, a dicotomia entre público e privado mostra, muitas vezes, que o diferencial entre um e outro está na subjetividade do indivíduo. Em outras palavras, a rua como espaço público é, para o morador de rua, seu espaço privado. Se passar a conviver com outros, em um albergue, por exemplo, sua privacidade, a rua, estará comprometida.

O que pretendemos demonstrar, com base nessa argumentação, é que os indivíduos no cotidiano estão constantemente criando e recriando estratégias para sua sobrevivência no espaço urbano. Mais à frente, elencaremos alguns casos para

compreender a movimentação do indivíduo, num campo de pluralidade de estratégias e de projetos, tanto individuais quanto coletivos.

#### 5.1.5 A concorrência empresarial no cotidiano e as políticas públicas

A interferência do indivíduo nas políticas públicas urbanas, durante suas relações sociais cotidianas, é possível de ser encontrada no trabalho de Anicleide Zequini intitulado o *Quintal da Fábrica: a industrialização pioneira do interior paulista - Salto-SP, século XIX e XX*. Nesse trabalho, a autora procura centrar o foco de sua pesquisa em dois indivíduos proprietários de fábricas de tecidos, que segundo seus interesses e propósitos, passam a moldar uma cidade. Não somente a cidade, mas também os modos de vida e o comportamento dos habitantes. A concorrência estabelecida entre os dois industriais se desdobra em acontecimentos políticos no local, por meio de duas forças políticas do cenário nacional, monarquistas e republicanos. O trabalho retrata o cotidiano na cidade de *Salto*, no interior paulista, em finais do século XIX e início do século XX, e é uma ótima referência para nossas análises sobre o cotidiano do indivíduo e a implantação de políticas públicas. Nesse sentido, buscaremos alguns recortes do trabalho para nos localizar e apresentar a dinâmica dos empresários e as políticas públicas locais.

O campo de ação dos dois indivíduos empreendedores “José Galvão, monarquista, e Francisco Fernando de Barros Júnior, republicano, proprietários de fábricas de tecidos [...]” (ZEQUINI, 2004, p. 56) é a cidade de Salto/SP. Essa cidade tem em seu espaço natural uma queda d’água, fonte energética capaz de mover a maquinaria das fábricas de tecido. É nesse local que iriam se instalar as duas fábricas, a partir de 1882. A posição de concorrência entre os proprietários colocava-os em constante confronto, e esse confronto ampliava-se com a oposição política entre eles. “Nesse processo, seria difícil dissociar os interesses pessoais daqueles de suas respectivas fábricas de tecidos, pois, em cada um desses casos, fábrica e patrão estavam representados num único indivíduo, proprietário.” (ZEQUINI, 2004, p. 74).

Uma questão conflituosa entre os proprietários e que passava a interferir na cidade, como política pública foi o traçado das ruas.

Barros Júnior, como vereador do Partido Republicano Paulista, propôs e executou por intermédio da Câmara de Itu o arruamento e alinhamento definitivo das ruas de Salto, através de desapropriação de parte dos terrenos de José Galvão para a abertura da rua do Porto, elemento de inúmeras controvérsias entre ambos. (ZEQUINI, 2004, p. 90).

O conflito estabelecido entre os dois proprietários, seja político ou de concorrência na produção têxtil, vai refletindo nas políticas públicas daquela cidade. Os interesses particulares, muitas vezes, transformam-se em algo público. Seja na submissão das regras e leis ou na associação com outras instâncias sociais, pois uma questão, quando tramita pela justiça pública, torna-se passível das leis que a regem.

Outra situação destacada pela autora, no que se refere aos “[...] conflitos entre os proprietários e seus empreendimentos, foi o direito de posse sobre as águas do rio ou de terrenos da localidade [...]” (ZEQUINI, 2004, p. 102). Fator de amplos debates foi a construção de um açude que, segundo um dos empresários, poderia “[...] com a enchente das águas e pela proximidade que se achava sua fábrica do suplicante impedir o movimento da turbina e, por conseguinte, impossibilitar a fábrica de funcionar.” (Protesto apresentado por José Galvão ao Juiz Municipal. Auto Cíveis de Protesto. 1º Of. Maço 125, ACCI-MRCI, 1884, p. 2 apud ZEQUINI, 2004, p. 102). Nesse aspecto, o suplicante reclamava as perdas e danos que poderiam ocorrer a partir daquela obra.

O universo de conflitos das relações cotidianas entre os proprietários das fábricas mostrava, na prática, uma disputa política e econômica. Essa causa política e econômica tinha papel significativo na implantação de políticas públicas urbanas naquele espaço. De tal forma que as acusações entre um e outro objetivavam atingir a opinião pública. Segundo a autora, o interesse maior não estava no voto, mas na capacidade de seduzir operários para suas fábricas. Ainda entre os motivos de discórdia, estava a contratação de professor para a escola noturna, para os operários de determinada fábrica, donativos para a Igreja e “[...] eram frequentemente escolhidos como padrinho das operárias que se casavam e a elas ofereciam o enxoval completo.” (ZEQUINI, 2004, p. 130).

Essa contextualização nos permite observar como o indivíduo nas suas relações cotidianas interfere nas políticas públicas de determinado lugar. Embora o esboço anterior nos remeta ao final do século XIX, é possível destacar a

interferência desses indivíduos na cidade de Salto-SP. A resistência cotidiana para a sobrevivência desses dois indivíduos mostra que os confrontos entre eles resultavam em políticas públicas.

Na região Oeste de Santa Catarina, a questão política também foi marcante e criou verdadeiros divisores nas cidades. A disputa de forças políticas entre famílias, aos poucos, foi dando as características da cidade. Nesse caso, destacamos Iporã do Oeste, que aponta semelhanças nos confrontos entre duas forças políticas e econômicas, a exemplo do que ocorreu Salto/SP. Embora essa disputa de Iporã do Oeste/SC não esteja ligada diretamente à utilização da água do rio para força motriz de alguma fábrica, como no caso da cidade de Salto/SP, há duas famílias que, em contenda política e econômica, moldaram a cidade. Ou seja, a partir do conflito estabelecido entre uma família e outra, por questões políticas e econômicas privadas, o reflexo se estampava abertamente no espaço público. É o que mostra a citação seguinte:

A vila se estruturou as voltas dessa sanga que dividia duas forças políticas e econômicas da localidade. A sanga dividia também a vila. As forças políticas e econômicas que se estruturaram estavam baseadas no comércio local, com as mesmas características lojas que comercializavam tecidos, confecções, mantimentos, compravam e vendiam produtos agropecuários principalmente suínos. Assim tinha uma casa comercial de um lado da sanga de propriedade de uma família de origem italiana e filiada à ARENA. Do outro lado, uma família de origem alemã do MDB, que também tinha comércio. Além da disputa econômica, estas famílias e comércios disputavam pelas benfeitorias do poder público. Durante o período que o município era comandado pela ARENA, realizavam os investimentos naquele lado da sanga. Quando a municipalidade estava sob o poder do MDB, realizavam os investimentos naquele lado do comércio daquela família. (Entrevista 006).

A disputa política e econômica entre essas duas famílias moldava a cidade numa demonstração clara de administrações fechadas e distantes de um modelo democrático. Dessa forma, as políticas públicas implantadas traduziam as formas antidemocráticas de gestão, bem como adquiriam caráter paternalista. Em continuidade, revela o entrevistado que:

Outra questão interessante é que os moradores também se aproximavam deste comércio, como clientes, ou como vizinhos motivados pelas razões políticas. Atualmente a casa comercial da família de italianos destituiu seu comércio, mas a disputa pelos investimentos, marcados pela divisa da

sanga continuam, pois os antigos proprietários e descendentes destas firmas permanecem no local e ainda é possível perceber os fatos se repetirem. (Entrevista 006).

A autonomia pode construir um espaço psíquico, que é próprio dos indivíduos ou dos grupos. O indivíduo, ao se aproximar de determinado comércio, como no exemplo acima, sente-se protegido dos controles externos. Portanto, em seu psíquico, ele encontra maior liberdade para se comportar a seu modo. Esse indivíduo se descobre em uma matriz de interação, na qual o público se encontra em uma pluralidade de comportamentos privados. Em outras palavras, a sociedade interioriza uma pluralidade de comportamentos, buscando explicar e justificar suas ações e seus objetivos. Também nessa pluralidade de comportamentos, são elaboradas suas estratégias para alcançar seus objetivos como indivíduo de projetos.

Quando nos voltamos para Simmel (2006), podemos observar que os projetos do indivíduo, os projetos privados dos comerciantes buscam suas realizações juntamente com as forças públicas ou do grupo de pertencimento. Assim, os objetivos projetados pelo indivíduo adquirem, por meio da expansão de suas ações, relevância e se tornam fundamentalmente necessários, para o indivíduo e para o grupo. A fim de justificar esses objetivos individuais e possibilitar a aglutinação de grupos de indivíduos, de modo a torná-los coletivos bem mais definidos, é necessário que se tornem necessidades públicas.

Os grupos sociais, em contrapartida, mesmo que mudassem com frequência suas orientações de ações, estariam convencidos, a cada instante e sem hesitações, de uma determinada orientação, progredindo assim continuamente, sobretudo saberiam sempre quem deveriam tomar por inimigo e quem deveriam considerar amigo. Entre o querer e o fazer, os meios e os fins de uma universalidade, há uma discrepância menor do que entre os indivíduos. Nesses termos, os indivíduos se mostram "livres", enquanto as ações de massa seriam determinadas por uma "lei natural". (SIMMEL, 2006, p. 40).

Nesse cenário, à medida que o indivíduo, em seus propósitos projetivos, não se equivoca e atinge seus objetivos satisfatoriamente, pode pensar que a mesma medida vale para todo grupo social. Também, passa acreditar que seus objetivos privados são os de todo o grupo. Nesse caso, o indivíduo pode pensar que os



impulsos fundamentais para todos os indivíduos são os de expandir sua esfera de poder, aquisição de novas propriedades e a defesa de novas conquistas.

#### 5.1.6 Políticas públicas: poder e contra poder

As estratégias, os motivos e as práticas cotidianas que resultam em políticas públicas estão envoltas, também, em um cenário em que a resistência ou o contrapoder direcionam a outros encaminhamentos. Chamamos de *contrapoder* uma tentativa ou estratégia de um indivíduo, ao entrar em choque com estratégias do coletivo. Em outras palavras, quando o projeto de um indivíduo entra em conflito com projetos do coletivo. Jean Remy (1990) destacou a importância de analisar a articulação dos efeitos de interação e a transformação nas estruturas. Isso quer dizer que a estratégia ou as práticas para alcançar um determinado objetivo, poderão criar uma situação nova, constituída pelos efeitos anteriores. É o que explicaremos na análise a seguir.

O tema que ilustra essa situação de que tratamos nesta parte foi muito polêmico e movimentou a maior cidade do Rio Grande do Sul, a grande Porto Alegre. O jornal *Correio do Povo*, na edição de 12 de novembro de 2008, assim noticiava a polêmica votação sobre o Pontal do Estaleiro Só, localizado às margens do Guaíba.

A presidência da Câmara Municipal distribuirá 200 senhas de acesso ao plenário para os interessados em acompanhar o voto dos 36 vereadores de Porto Alegre que hoje deverão decidir o destino da orla do Guaíba. O projeto pontal do Estaleiro, que prevê a construção de um complexo de edifícios residenciais de grande porte na área onde funcionava o antigo Estaleiro Só. (VOTAÇÃO..., 2008, p. 9).

O projeto foi aprovado, permitindo a construção de espigões na orla do Guaíba. Entre os contrários à sua aprovação, estavam ambientalistas, que não acreditavam na proposta garantida pelos autores do projeto. Conforme estes últimos justificavam, em suas intervenções: “O terreno onde foi realizado o estudo do pontal do Estaleiro é propriedade privada e, quando for implantado, permitirá à população o livre acesso à orla do Guaíba.” (CÂMARA..., 2008, capa).

Trata-se de um exemplo em que um projeto privado se torna público. Assim, o conceito de privado passa a se cruzar com outros eixos, especificamente, com o da autonomia e espaço próprio, que implica um espaço psíquico, que é próprio do indivíduo ou do grupo e que controla o acesso à visibilidade (REMY, 1973). Os autores do projeto justificaram ainda: “Poderá ser utilizado pelo poder público para fins turísticos, com atracação de barcos de passageiros.” Salientaram ainda que “O projeto estabelece também a criação de espaços públicos como praças, via de acesso à zona Sul, ciclovias, marina, entre outros”. (CÂMARA..., 2008, capa).

O que estava em jogo era o projeto de empresários que propunham a construção de prédios comerciais e residenciais em uma área privilegiada, às margens do Guaíba. Os investimentos de iniciativa privada se aproximavam de R\$ 165 milhões. Valor este que pode ser considerado um reflexo da valorização e especulação imobiliária, provocadas pelo processo de globalização.



Figura 03 - Estaleiro Só na orla do Guaíba

Fonte: Jornal Correio do Povo.

O projeto Estaleiro Só ganhou proporções, quando houve uma denúncia envolvendo a atuação de lobistas, ou seja, vazaram informações de que um vereador teria recusado propina para votar a favor do projeto. Não nos cabe, nesta tese, fazer um julgamento sobre a veracidade dessa informação. Podemos, sim, analisar o fato de empresários, na busca de alcançar seus objetivos, usarem suas estratégias. Na sequência, analisaremos de quais estratégias os defensores fizeram

uso em seu projeto coletivo, cujo intuito era a não construção de espigões, às margens do Guaíba.

Primeiramente, surgiu a denúncia, no Ministério Público, sobre o suposto envolvimento de lobistas e a oferta de propina a vereadores. Logo após, houve, também, as manifestações públicas de vereadores e diversos segmentos da sociedade, bem como foi estabelecida a realização de uma consulta pública. Nessa consulta, as cédulas de votação apresentavam como opção o “não”, que permitia somente a ocupação comercial, e o “sim”, que possibilitava a construção mista, ou seja, comercial e residencial. A justificativa para as construções mistas era que “[...] trará maior densidade populacional, impulsionando o comércio.” Entre as justificativas para o “não”, constavam que a área era de proteção permanente e de interesse cultural “[...] protegida pela Lei Federal (4771), pela Lei Orgânica do Município e Pelo Plano Diretor.” Suponhamos que o “não” seria a melhor opção para a população. Na sequência, poderemos visualizar a área do antigo Estaleiro Só.



Figura 04 - Área do Antigo Estaleiro Só

Fonte: Jornal Correio do Povo, 12 de julho de 2009.

A consulta pública teve como proposta vitoriosa a não construção, na orla do Guaíba, e a área do Estaleiro Só seria usada para construção de praças e parques públicos. Esse resultado mostra que a população poderia ser rejeitada do espaço, se fosse destinado à construção dos espigões.

Esse caso mostra como o indivíduo de projetos, criando estratégias para atingir seus objetivos, faz surgir uma nova situação, constituída pelos efeitos

anteriores. O terreno do pontal do Estaleiro era de propriedade privada e a construção de um complexo de edifícios seria um investimento privado, assim como os apartamentos, salas comerciais, entre outros. O resultado desse embate foi a proposta de que na área do Estaleiro Só seriam construídos praças e espaços públicos. Enfim, a estratégia projetiva do indivíduo privado (empresário) transformou-se em uma política pública.

Com esse exemplo, queremos demonstrar que a implantação de políticas públicas passa pela gestão municipal. Além disso, os indivíduos, buscando atender a seus anseios, acabam criando políticas públicas, embora não sejam esses seus propósitos. É como dissemos anteriormente, o projeto individual pode fazer surgir uma situação nova, contraditória aos objetivos projetados.

Após essa análise, voltamos agora às pequenas cidades em estudo, a fim de observar como os indivíduos procedem junto ao poder público, quando buscam atingir seus objetivos privados.

Eu, normalmente, em outros tempos era bem mais fácil falava com um funcionário, era o prefeito, não existia essa sistemática toda, informática, tal e coisa. Então hoje quando precisa, eu vou lá e me informo “O que que precisa?” vou lá e peço. Tá então tem que fazer um requerimento, então você pega faz o requerimento leva lá e aguarda que atendam, né? Porque normalmente o vereador atendimento assim ele dá para alguns amigos, tal e coisa, se esforça, vai lá traz, né? Para garantir o voto na próxima eleição. (Entrevista 019).

Exista certa desconfiança de que algumas pessoas ou famílias sejam beneficiadas pelo vereador ou por pessoas do órgão competente, como vimos no trecho acima. É notável também que entre os entrevistados, a maioria diz procurar os órgãos competentes dentro da Prefeitura Municipal.

Sempre que necessito de alguma coisa da Prefeitura, procuro a pessoa responsável no setor, dentro da Organização pública (prefeitura). (Entrevista 014).

Olha esses dias até caiu um ônibus aqui na frente da minha rua, caiu aqui no valo e foi assim, a gente liga, até admiro que eles vieram e atenderam logo, foi até assim questão de oito dias, eles resolveram porque era um esgoto aqui da minha frente, da frente da casa que se tornou esse valo [...]. (Entrevista 003).

Dirijo-me até o setor competente e encaminho um documento, solicitação do que estou requerendo. Também converso com os vereadores ou como prefeito, pois conheço todos eles, com alguns até brincamos juntos quando éramos pequenos ou quando nós íamos à escola. (Entrevista 006).

A busca pelo atendimento das necessidades individuais envolvendo fatores públicos, muitas vezes, entra no descrédito por vários fatores. Entre eles, está a velha ideologia do paternalismo, da apropriação do público para resolução de problemas privados, a descrença e a fragilidade na seriedade da gestão pública. Como visto na entrevista 003, há admiração pelo pronto atendimento dos órgãos competentes da gestão pública. Mas há outros depoimentos que demonstram descontentamento:

[...] deixaram duas quadras sem asfaltar e asfaltaram adiante e depois mais uma outra, um trequinho na Willi Barth mais por questão política que tudo resto. Não gosto de falar nomes, tal mas, onde tiveram que se enterrar dinheiro que se destinava à estrada da madeira, então ali o calçamento custou uma fortuna por metro, e, beneficiava parentes de certos administradores. (Entrevista 019).

O crescimento das cidades e o aumento das relações comerciais provocaram o enfraquecimento da moralidade pública, segundo Sennett (1998). As contradições e divergências entre partidos políticos, em períodos eleitorais, mantêm-se muito presente, também, em épocas que não são momentos de eleições diretas. Por isso, o entrevistado (019) declara que evita falar em políticas com determinadas pessoas, a fim de evitar maiores transtornos.

Então quando se trata de pessoas culturalmente atrasadas politicamente ou apaixonados eu nem abordo o assunto. [...] Agora se eu tiver certeza de que tem conhecimento, de que está bem informado, então, nós conversamos. (Entrevista 019).

Parece correto afirmar que nas pequenas cidades, as divergências políticas entre famílias se tornam um campo fértil para conflitos e, até mesmo, para o enfraquecimento da moralidade pública, como já vimos em outro momento.

No caso da moralidade pública, vale ressaltar que, nas pequenas cidades, a eleição se decide com poucos votos, favorecendo, dessa forma, os tradicionais apadrinhamentos, prestações de serviços, etc. Essas decisões eleitorais, com pequenas diferenças de votos ou "eleições apertadas", são um fator favorável à fragilização do papel democrático. Se, nas grandes cidades, a ética e a moralidade da gestão pública em gestar a coisa pública está abalada, nas pequenas cidades, também as pessoas se corrompem.

## 5.2 O INDIVÍDUO, POLÍTICAS PÚBLICAS E REDES DE INTERCÂMBIO

Nesta subseção, propomo-nos explicar como estratégias coletivas ou estratégias individuais promovem políticas públicas. Já tratamos anteriormente do fato de Oeste de Santa Catarina ter sido colonizado por empresas particulares. Essas empresas recebiam áreas de terras do governo e deveriam promover a colonização. Para vender os lotes de terras aos imigrantes gaúchos, que vinham das colônias velhas, com terras pouco férteis, as empresas usavam diferentes estratégias. "Se a propaganda é a alma do negócio", era a alma dos indivíduos que as empresas de colonização atingiam. Dessa forma, os imigrantes do estado vizinho, muito religiosos, eram atraídos pelas promessas de boas terras e a possibilidade de manterem suas tradições religiosas. É por isso que, quando feita a medição das terras, as empresas reservavam lotes para a construção da capela (futuramente a igreja), escola, clube e a praça. Na verdade, tratava-se de um local próximo de onde a empresa de colonização edificava o escritório ou barracão do colonizador, que receberia os futuros moradores. Nesse aspecto, queremos destacar que inúmeras cidades do Oeste de Santa Catarina, bem como do Sul do Brasil surgiram das empresas de colonização.

Após as estratégias empresariais das colonizadoras para a venda dos lotes, existia ainda a possibilidade de manterem ou ampliarem seus ganhos, por meio da venda de produtos de primeiras necessidades. Assim, surgiam as casas comerciais, no centro da vila, próximas ao escritório ou da igreja. É certo que também outros empresários, com experiência em negócios ou não, vinham buscar a sorte nas

novas terras. Vários indivíduos se destacaram como empreendedores no Oeste de Santa Catarina.

O que pretendemos mostrar é como o indivíduo promove políticas públicas, com estratégias individuais ou coletivas em seu cotidiano. Nesse contexto, observaremos a igreja como espaço público, e a empresa como espaço privado. A igreja, em São Lourenço do Oeste, marco central da colonização e das relações de poder, foi construída com sua fachada principal voltada à frente do grupo de comerciantes mais fortes, ou seja, a Firma Libardoni. Em pesquisa sobre o contexto histórico de São Lourenço do Oeste, há contestação sobre essa versão. A justificativa do sócio da firma, Francisco Libardoni, é que a fachada principal da igreja ficou voltada para a direção onde havia maior número de moradias. (BESSEGATTO, 1999). Acerca do assunto, veja-se a citação de Bessegatto (1999, p. 58):

Se isso é verdadeiro, o fato é que foi em outras direções, Oeste, Leste e especialmente para o Sul que a cidade continuou a dominar o seu espaço geográfico, pois para o Norte, onde estava voltada a fachada principal, em 700 metros, aproximadamente, já está a linha divisória estadual com o Paraná e isso é, a princípio, um fator que “limitaria” o crescimento da cidade para o Norte.

O que parece estar em jogo, nessa questão, são as relações de poder, que passaram a se estabelecer, nessa cidade, entre grupos de comerciantes. Nesse sentido, Jean Remy propõe que devemos:

[...] traiter la société non comme un ensemble de sphères plus ou moins autonomes mais comme une totalité constituée par un réseau de tensions et d'échanges entre groupes hiérarchisés. Ces groupes, en tension et en échanges mutuels, s'efforcent de développer leurs zones d'autonomie et d'imprévisibilité tout en réduisant celles des groupes antagonistes ou concurrents. (REMY, 1973, p. 22)<sup>11</sup>.

---

<sup>11</sup> [...] tratar a sociedade não como um conjunto de esferas mais ou menos autônomas, mas com uma totalidade constituída por uma rede de tensões e de intercâmbio entre grupos hierárquicos. Estes grupos, em tensão e de intercâmbio mútuo, se esforçam para desenvolver suas zonas de autonomia e de imprevisibilidade, reduzindo simultaneamente as dos grupos concorrentes ou antagonísticos

A praça central da cidade, muitas vezes, é uma extensão do centro religioso. É o anel central para onde tudo converge, inclusive, o econômico e, é também o espaço público. Visto pelo lado empresarial e econômico, é um espaço que adquire um valor comercial muito elevado, à medida que cresce a cidade. A empresa colonizadora Industrial Saudades colonizou São Lourenço do Oeste, a partir dos anos de 1960. Vinte anos após o início da colonização, exercendo sua essência empresarial, passou a rever algumas doações de lotes de terras, sendo a praça um lote que requeria uma análise, já que não havia construções sobre aquela área. O embate estava entre a empresa privada e o órgão público municipal. O órgão público municipal, sobre a representatividade do Prefeito, tem apoio da grande maioria dos munícipes, bem como de empresas privadas, como a Firma Libardoni, que via a Empresa Saudades como concorrente.

A questão da praça foi parar na Câmara Municipal de Vereadores. Naquele momento, a praça, espaço público, dentro de uma rede de intercâmbios passou a mover outros grupos concorrentes. O fato é que a decisão sobre a devolução da área pública à empresa de colonização deveria passar pela votação na Câmara de Vereadores. Nesse período de bipartidarismo, defrontavam-se ARENA e MDB. Dessa forma, a decisão sobre o espaço público, movimentava, também, motivações políticas partidárias. A oposição venceu as votações e a praça permaneceu como estava, ou seja, a área total continuou sendo pública.

Nesse contexto, foi possível observar como a estratégia da empresa colonizadora se legitimava através da dicotomia público/privado, que permitia neutralizar certas intervenções. No poder público, também outros grupos usavam de estratégias em defesa do que estava em debate - a praça, não esquecendo que fazem parte de agremiações partidárias. Nesse caso, o MDB, como partido político, utilizava de seu direito privado para se colocar como contrapoder. A ARENA, partido político da situação no momento do litígio sobre a área da praça, colocava-se como poder em defesa da empresa colonizadora. Essa análise mostra que o direito privado é uma arma de combate, que permite a um grupo desenvolver seus objetivos prioritários. Demonstra também que grupos diferentes se esforçam para defenderem seus projetos, bem como buscam neutralizar os projetos dos outros concorrentes.

A ação das empresas colonizadoras em relação à divisão de lotes e organização do traçado das vilas ficava ao encargo do agrimensor. Porém, as



medidas e o projeto do loteamento do terreno da sede e das glebas de terras ficavam ao encargo de um administrador. Em São Miguel do Oeste, a empresa colonizadora Barth, Benetti & Cia Ltda. contratou Olimpio Dal Magro, a fim de administrar a empresa madeireira e colonizadora, em Vila Oeste. A área para sede teve seu desenho realizado de forma triangular e foi dividida em 500 lotes urbanos. A área em torno do espaço urbano foi dividida em chácaras com 2,5 hectares. O restante da área a ser colonizada pela empresa foi dividido em lotes coloniais, com a medida de 25 hectares (250.000 m<sup>2</sup>).

Loteado o terreno da sede, o administrador iniciou a abertura da avenida Getúlio Vargas, com a largura de 25 metros, fixando em 20 metros a largura das ruas. Esse projeto da dimensão das avenidas e das ruas não agradou os diretores da empresa, que queriam que a largura fosse, respectivamente, de 11 a 15 metros. (DE BONA, 2004, p. 27).

Essas dimensões, dadas as ruas e avenidas da futura cidade de São Miguel do Oeste, entravam em choque com as intenções dos empresários. Mas estava em jogo o que o administrador Olimpio Dal Magro tinha em seu projeto privado, com um impacto coletivo. Em outras palavras, o projeto de ruas e avenidas largas teve impacto nas políticas públicas urbanas. No entanto, isso não ocorreu sem se confrontar com o projeto dos empresários.

Olimpio Dal Magro, com a visão voltada para o futuro e apontando a situação de trânsito em Florianópolis, permitida apenas numa direção, devido a pouca largura das ruas, alegou: “Daqui a 50 anos, quando isto aqui for cidade, nós não estaremos aqui para ouvir as críticas. Agora terra é barata, mas no futuro vai valer muito e aí será tarde” (DE BONA, 2004, p. 27).

Olimpio Dal Magro assim relatou o episódio.

De maneira que na abertura das ruas também era pra ser uma rua bem estreitinha, e nós brigamos por isso, quase sai da firma por causa que, eu queria fazer as ruas de 25 metros, a avenida e as travessa de 20 metros. (DAL MAGRO. apud SPENASSATTO, 2008, p. 81, grifo nosso).

O projeto individual do administrador, através de uma estratégia pessoal, tornou-se uma política pública urbana. Isso não equivale somente para a cidade de São Miguel do Oeste. Tanto em São Lourenço do Oeste como em Iporã do Oeste, o traçado da sede e a largura das ruas sempre foram motivos de preocupação dos empresários e administradores.

Na medida em que as colônias cresciam em população, as exigências com serviços públicos aumentavam. Entre os pedidos, antes mesmo de migrarem, as famílias perguntavam sobre a existência da igreja, padre, escola e professor que pudesse ensinar a ler e escrever. A escola, quando havia professor, funcionava na igreja ou capela. Somente mais tarde, é que foram sendo construídos espaços para o processo de ensino e aprendizagem.

[...] as crianças foram aumentando, o número de crianças né, de aluno e não comportava mais, aí então nós pedimos para o prefeito, estava perto das eleições, então nós pedimos, ó, você, quer o voto, construa a escola nova, senão nós vamos partir para outro. Ele disse, não, pode deixar, que eu dou um jeito. Quando foram 2 dias depois, estavam encostando madeira, já tinha carpinteiro fazendo medição para erguer a escola. (Entrevista 012).

A ação dos religiosos nas colônias era muito importante, principalmente, como estratégia da empresa para comercialização das terras e aumento da população e da mão-de-obra disponível. Por isso foi necessária a vinda de um padre e a construção de uma igreja. Para os pioneiros, as dificuldades enfrentadas no início da colonização poderiam ser amenizadas com as palavras de fé proferidas pelo padre. Os administradores da Empresa de Colonização logo se encarregavam de providenciar a vinda de um padre e edificar uma Igreja para os encontros dominicais. Mesmo com pouco conhecimento sobre as imagens sacras, ficava ao encargo dos administradores da empresa a compra das estátuas sagradas, que simbolizavam o Santo Padroeiro de cada colônia.

[...] para preparar a festa do Padroeiro, Pe. Aurélio foi a Carazinho e Passo Fundo para comprar paramentos, alfaias, vasos sacros, o sino e a estátua de São Miguel Arcanjo (**para substituir a de Santo Expedito que a Colonizadora adquiriu por engano**). (FIORINI, 1999, p. 71, grifo nosso).

Os religiosos das colônias como indivíduos também tinham objetivos a serem alcançados, portanto projetos de vida. Não somente aumentar o rebanho de fiéis e pregar as palavras de fé e salvação, mas também objetivos políticos e sociais. De sorte que o Pe. Aurélio, ao concorrer à vaga na Câmara Municipal de Vereadores em São Miguel do Oeste, foi o mais votado do seu partido - Partido Liberal PL, e foi eleito vereador, ficando entre os três mais votados. Sobre ele, vejamos a citação que segue.

Foi um grande político. Visão ampla, objetiva e voltada para o futuro. Atuava com dinamismo, seriedade e honestidade. Foi um professor para os políticos. Se o Brasil contasse com políticos do quilate do Pe. Aurélio, com certeza os resultados seriam muito melhores. (FIORINI, 1999, p. 128).

Mesmo como religioso, participava com muita naturalidade da vida política da região. Quando em apoio a alguma candidatura, manifestava-se publicamente a ponto de questionar e pedir à população que votasse contra os seus opositores. “[...] em razão de não aceitar posições do candidato à Prefeitura de Chapecó (município ao qual São Miguel do Oeste pertencia), Lindolfo Stangler, o padre expediu manifesto que fez circular por toda região de sua atuação.” (FIORINI, 1999, p. 99). Lindolfo não se elegeu prefeito, o vencedor foi José de Miranda Ramos e em sua gestão, São Miguel do Oeste tornou-se distrito e mais tarde, município. Na sequência, vejamos um panfleto escrito pelo Pe. Aurélio, a fim de entendermos um pouco melhor sua atuação como político.

**FORA E ACIMA DE TODO E QUALQUER**  
**Partido Politico**

Concito os homens de bem e aos católicos de Chapecó a não darem o seu voto ao sr. Lindolfo Stangler, devido que este cidadão, em determinada oportunidade, com palavras indecorosas, ofendeu a dignidade e a honra do nosso amado Bispo, D. Carlos Eduardo Bandeira de Melo. Por serem estas palavras demasiadamente ofensivas, as deixo em silêncio, certo de que, em as publicando, ofenderia o decôro e o brio do nobre povo de Chapecó'.

Certo de que o povo de Chapecó há-de fazer justiça ao nosso amado Bispo, - APE'LO para que todos os homens de bem e os católicos, votem contra Lindolfo Stangler, pela honra e dignidade humana e pela grandeza e prosperidade de Chapecó.

E, assim procedendo, todos daremos uma demonstração eloquente de civismo e de brasilidade.

**REPITO:**  
**Votai Contra**  
**LINDOLFO STANGLER**

Pe. AURELIO CANZI — Paroco de S. Miguel d'Oeste.  
(A firma está reconhecida)

Publicação do D. M. do P.T.B.

Figura 05 - Panfleto

Fonte: Fiorini (1999, p. 93).

Sua atuação foi muito importante para aprovação de diversas políticas públicas municipais. Não somente durante o mandato de vereador, mas também após as atividades na Câmara Municipal. Os projetos do religioso se aproximavam dos projetos dos demais moradores de São Miguel do Oeste. No entanto, o poder representado na pessoa do padre facilitava a aprovação e implantação das políticas públicas na comunidade.

Outra importante ação do Padre Aurélio Canzi foi a viabilização da primeira escola para a Vila Oeste. Como representante da Vila, em conjunto com os dirigentes da empresa de colonização, criou uma comissão para reivindicar junto ao governo a implantação de uma escola pública. O padre mantinha boas relações com os governantes e, por isso, também influenciou na construção de escolas em outras localidades, aquelas nas quais ele exercia suas atividades políticas e religiosas. Importante observar que o pároco esteve presente e foi representante da cidade em

vários momentos políticos, tendo como resultado políticas públicas para as pequenas cidades.

As principais manifestações políticas do Padre estavam voltadas a auxiliar a comunidade, embora houvesse certa proximidade com os objetivos das empresas de colonização. Isso é possível observar nas diversas vezes em que o Padre Aurélio integrou as comissões que pleiteavam junto ao governo suas reivindicações. Muitos foram os entraves que surgiam para a emancipação municipal, mas foram resolvidos com a participação do Padre.

Outro problema de ordem legal que precisava ser resolvido: as condições que impunha a Constituição do Estado de Santa Catarina, para a criação de novos municípios.

Em seu art. 96, determinava como condições essenciais:

I - população mínima de 10 mil habitantes;

II – renda anual mínima de CR\$ 1.000.000,00

O Distrito de São Miguel não contava com tantos habitantes. (FIORINI, 1999, p. 97).

Além disso, participou ativamente da vida política, com influência na emancipação de outros municípios, que se emanciparam de São Miguel do Oeste, anos depois. Dessa forma, percebemos que o padre tinha, politicamente, forte representatividade juntos aos administradores estaduais e municipais, tanto para atender a seus próprios objetivos como os da empresa colonizadora e também os objetivos da comunidade. Nesse aspecto, há objetivos privados a serem alcançados e objetivos públicos. Não existindo, portanto, um confronto de projetos, mas, sim, uma unidade projetiva, que busca a promoção de políticas públicas, que é o anseio de todos.

Nesse ponto de vista, é preciso compreender que os projetos individuais ganham sentido, quando há uma interação com os projetos coletivos. A interação e a complexidade dos projetos individuais e coletivos são próprios do cotidiano do indivíduo, dando sentido à sua existência. Logo, a dimensão projetiva está ligada a contextos específicos, como no caso, a emancipação do município. Esse objetivo está no projeto de cada indivíduo e em interação com os projetos coletivos, surge como objetivo principal.

### 5.2.1 A busca de moradia na cidade

As políticas públicas voltadas à habitação nas cidades ainda estão longe de resolver o problema de moradia no país. Embora tenham surgido significativas melhoras, existe um grande número de famílias que estão em habitações muito precárias. Se não bastasse o problema básico da habitação, as cidades têm encontrado dificuldades para seguir um planejamento, com crescimento sustentável. Dessa forma, os terrenos urbanos sem edificação requerem um controle extra, a fim de evitar a sua ocupação por famílias de baixa renda. Se é possível evitar isso nas áreas centrais, o mesmo não ocorre nas áreas impróprias para construção, áreas de menor valor e áreas de risco. Em síntese, em áreas periféricas, a ocupação e o crescimento desordenado têm se tornado um grande problema em todas as cidades do Brasil. Podemos dizer que a gestão pública se utiliza de diversas estratégias para controlar esse crescimento.

- Resolução pelo poder público pode ocorrer de duas formas possíveis. Expulsão dos “invasores” - Esse método é muito comum e a forma de resolver o problema é superficial. Se não ocorrerem reações e manifestações, a questão é resolvida sem maiores problemas. No entanto, existe a possibilidade de retorno desses moradores. Então, o poder público se mune de diferentes estratégias, que consistem em transformar a geografia do local, impossibilitando a sua ocupação, a exemplo do cercamento, abertura de grandes valos, depósito de enormes blocos de pedras ou terra transformando o espaço, de forma que impossibilita a edificação por novas famílias de habitantes.

- Proposição de construção de casas populares. Nesse caso, há a possibilidade do poder público fomentar ações de construção de habitações para as famílias. Essas se encarregam, então, da mão-de-obra e o poder público com materiais, terraplanagem, entre outras. Isso ocorre em forma de mutirão e tem dado resultados significativos. Porém o entrave que se coloca é que, na medida em que se resolvem esses casos, novos deverão aparecer semelhantes aos anteriores. É que os municípios, muitas vezes, recebem moradores de municípios menores, que vêm em busca de emprego e renda. Assim, pode ocorrer que novas famílias passem a ocupar outras áreas e o problema retorne, como anteriormente. Portanto, há necessidade de os municípios atuarem de forma conjugada na resolução desses e

de outros problemas que afligem o espaço urbano. Dessa forma, a associação dos municípios tem fator fundamental nesses e outros casos, atuando de forma conjunta na resolução dos problemas de falta de habitação, como exemplo.

Além dessas estratégias, outras podem ser acrescentadas. Aquelas pessoas que não se sentem cidadãs e sem direito à cultura, a ideologia de dependência se internaliza. Por conseguinte, o assistencialismo se instala, criando laços de dependência e alienação.

[...] agora está tocando para frente está ficando um pouquinho melhor, né, de primeiro não tinha resultado nenhum agora parece que está querendo melhorar a situação da gente, que a prefeitura vai dar material assim para gente construir casa, que a gente não tem. (Entrevista nº 001).

No trabalho *Cidade e poética*, Teresinha Maria Gonçalves, ao estudar o Bairro Renascer, na Cidade de Criciúma/SC, analisa as relações de dependência, que se estabelecem entre moradores e os representantes municipais: prefeito e vereadores. Ela ressalta que percebeu, com base nas entrevistas realizadas para sua pesquisa, que algumas pessoas não sentem que conquistaram algo ao conseguirem suas casas, vejamos:

“Sente-se muito grata aos prefeitos que deram o terreno e o material para fazer a casa, que foi erguida em regime de mutirão. Sente que ganhou o terreno e a casa de favor. Não os percebe como uma conquista e um direito.” (GONÇALVEZ, 2007, p. 172).

E merece destaque, porque, segundo T. M. Gonçalves (2007, p. 172),

Trata-se de um processo em que o sujeito assume como própria a cultura e a ideologia das instituições sociais. O sujeito internaliza, assimila comportamentos correspondendo às expectativas da dependência. Essa atitude é observada na região carbonífera de Santa Catarina [...]

A construção cultural e ideológica do paternalismo são características históricas presentes na sociedade brasileira, e em populações carentes, essa ideia

se manifesta com maior intensidade, principalmente, se não existirem agremiações, que contribuam na politização desses indivíduos.

Na exposição a seguir, mostraremos como ocorrem, no cotidiano, as estratégias do indivíduo, o qual busca atender a seus anseios e sobreviver nas cidades.

O surgimento de um grande número de pessoas que passaram a buscar, na coleta de material reciclável, alternativas para a sobrevivência, despertou a atenção dos órgãos públicos. Trata-se de famílias, que se encontravam reunidas em uma área urbana desocupada, no centro de São Miguel do Oeste, na esquina entre as Ruas Sete de Setembro e a Avenida Salgado Filho, espaço municipal. Esse espaço comunitário, sob a guarda do município, abrigava um campo de futebol, destinado aos encontros esportivos. À medida que o espaço foi sendo abandonado pelo poder público e já não oferecia condições para jogos municipais, algumas famílias passaram a ocupá-lo para construir barracos e neles morar. Em busca de emprego e renda para sobrevivência, dedicaram-se à coleta de material reciclável para comercializar. É certo que ali, logo, passou a se tornar depósito de papel, plásticos, latas, entre outros resíduos possíveis de serem reciclados. A concentração daquelas pessoas naquela área e a enorme quantidade de material reciclável que ali depositavam, fruto da coleta diária, não causavam boa impressão, segundo os moradores próximos. Também, a população se preocupava com a proliferação de insetos e roedores naquele local. Na sequência, ilustramos uma fotografia do local.



Figura 06 - Espaço urbano e coletores de material reciclável

Fonte: Arquivo do autor.



Para contornar esse problema, a sociedade civil, juntamente com o poder público, resolveram criar a Associação de Coletores de Material Reciclável - ACOMAR. O poder público fez a doação de outro espaço, bem como construiu um galpão, mais afastado do centro da cidade para alojar o material coletado diariamente. Os excertos seguintes comentam o assunto:

Surgiu a ideia da associação como lugar para quem não tinha onde colocar o papel, né, arrumaram com a prefeitura esse galpão para colocar ali. (Entrevista nº 016).

Eles iniciaram esse projeto aí porque tinha aquela turma lá do Campo Municipal, né, então eles fizeram para todos serem unidos, né. Só aquela parte lá não quiseram, daí ficaram lá e daí, porque nós ganhamos o galpão, daí passemos para cá, né. (Entrevista nº 004).

Resolvida a situação desses moradores, que ali se encontravam, meses depois, outras famílias passaram a ocupar novamente o mesmo espaço. Vejamos um depoimento que trata do assunto:

A turma voltou lá para o campo onde nós estávamos e começou tudo de novo. Construíram os barracos e já estavam puxando papel e plástico. Já começou encher de lixo de novo. Daí, acho que a prefeitura tirou-os de lá, não sei. (Entrevista 013).

Assim, essas famílias construíram seus barracos e passaram a realizar atividades de coleta de material reciclável, trabalho de diarista, entre outros. Os motivos pelos quais esses populares vivem desse jeito são os mais diversos: habitação, trabalho, renda. Os projetos desses indivíduos são por si só uma dimensão motivacional. Nesse aspecto, remetemo-nos a Follmann, que diz:

Mas as “razões”, os “porquês” não ficam por aí. Os motivos também são sempre expressões de valores, de interesses, de cálculos, de sentimentos, de convicções ou mesmo de senso do dever cujas origens podem ser as mais diversas. Não é fácil estabelecer boas distinções nesse nível. Em vários textos de sociologia, a categoria de motivação e mesmo a de projeto parece estar “encoberta” pela categoria de interesse social. (FOLLMANN, 2001, p. 57).

Esses novos moradores foram “convidados” a se retirarem do local, pois o poder público logo se encarregou de dar sequência à abertura da Avenida Salgado Filho. Essa Avenida, que findava nesse local, passou a ter sua extensão ampliada, sob alegação do surgimento de novos loteamentos naqueles arredores. Uma vez que a avenida foi pavimentada, parte do terreno municipal restante, em convênio com o Governo Estadual, passou a abrigar o atual Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial - SENAC. É possível observar, com base nesse exemplo, como o indivíduo promove políticas públicas em seu cotidiano e resistências, a fim de sobreviver.

Fatos de ocupações de áreas públicas por indivíduos sem moradia são comuns em todas as cidades brasileiras. Talvez em menor grau nas pequenas, embora também existam. Essas ocupações suscitam inúmeros debates e movem diversos tipos de políticas públicas municipalizadas, na busca de solução. Entre elas, estão os diversos tipos de financiamentos federais para a construção da casa própria. Tanto o poder público como os indivíduos entram em um jogo de forças, a fim de atenderem a seus anseios. Para o poder público, o objetivo é evitar as ocupações de áreas baldias e para os indivíduos, o objetivo é encontrar espaço, onde possam ter um local para morar. Observando o desenrolar desse jogo, a princípio, a vitória veio do poder público. Como que usando um coringa, resolveu momentaneamente o problema. É como se o objetivo tivesse um momento privilegiado dentro de seus diversos instantes. Assim, é preciso sempre ponderar que aquilo que é considerado um ponto final capaz de ser alcançado, muitas vezes, é o penúltimo (SIMMEL, 2006).

Voltando à análise da ocupação do antigo campo de futebol, na prática, o poder público tornou o espaço impróprio à edificação de qualquer espécie de barraco. Em alguns espaços, abriram valas com certa profundidade, justificando-as em função da necessidade de expansão da rede hídrica da cidade. Em outros espaços, acomodaram montanhas de blocos de pedras, que seriam utilizadas para a pavimentação de ruas. De uma forma ou outra, os espaços não apresentavam condições para construção de barracos, nem mesmo, para circulação de pessoas. Essa estratégia da gestão pública consiste em evitar que novos indivíduos venham a edificar barracos ou buscar esse espaço como local para moradia. Dessa forma, é possível resolver momentaneamente o problema de moradia dos indivíduos despossuídos nas cidades.

A expansão da rede hídrica na cidade, a continuidade da avenida, a criação de uma associação para os coletores de materiais recicláveis, bem como um galpão para armazenar o material recolhido são claras demonstrações de como o indivíduo, no seu cotidiano, promove políticas públicas. E essas políticas públicas mostram também as estratégias da gestão pública em atender aos anseios da comunidade como um todo.

Nesse mesmo contexto, é necessário destacar, ainda, que terrenos urbanos sem edificações são espaços utilizados de diversas formas. Podem ser usados para depósito de entulhos e lixo, pois as pessoas costumam se livrar do material indesejado. São usados também para circulação de pessoas, seja para encurtar distância ou, se oferecerem condições, para praticar algum tipo de esporte. Alguns municípios adotaram uma política séria, com o objetivo de tornar esses espaços úteis, melhorando a aparência da cidade. O embelezamento da cidade, buscando torná-la mais visível, faz parte das políticas de venda das cidades, como vimos. Tanto Vainer (2000) como Sánches (2003) destacaram a forma como os gestores públicos das pequenas cidades, também, passaram a adotar políticas de promoção da cidade. Esse fato, nas cidades em estudo, pode ser observado, uma vez que uma grande campanha de melhoria e embelezamento de terrenos baldios foi deflagrada, conforme poderemos ver no excerto seguinte:

[...] a rua eu mesmo varro, aqui na rua eu limpo, eu recolho o lixo, eu que até estou pensando em fazer uma caixa assim para botar o lixo da rua para recolher, para não deixar ali jogar no outro lado [...] então eu estou estudando aqui no meu terreno, o que eu posso fazer um espaço para isso, mas outras coisas assim eu mesma fiz: canteiros da rua, plantei grama, limpo, estou sempre arborizando cuidando, assim, para proteger, então eu cuido muito da questão do lixo, da limpeza, as coisas ao redor aqui, porque se a gente não faz, a prefeitura não pode fazer tudo, então eu faço a minha parte. (Entrevista 003).

Na medida em que se deflagram políticas para o embelezamento e venda das cidades, é necessário construir, junto à população, a ideologia de participação e pertencimento ao lugar. É o que mostram estes depoimentos:

A cidade toda, ela é linda, a gente gosta das pessoas que têm conhecidas que a gente sai na rua a gente toda hora está encontrando pessoas

conhecidas bate um papinho, mas está tudo bonito, a cidade está bem, a gente gosta de morar aqui. (Entrevista 010).

Mas no geral é bom viver aqui. A minha mãe mora em Chapecó, ela mora mais lá por causa dos recursos médicos, chegaram na idade [...] mas cada vez que o meu pai vem pra cá, ele respira fundo e ele diz: Minha filha, como eu queria morar aqui perto de vocês. Aqui é tranquilo, até os carros ficam abertos. A mãe adora essa rua limpinha, como é limpo, é bonito, as casas são todas caprichadas, é tudo bem pintadinho. Minha mãe adora isso. (Entrevista 005).

[...] acho não tem nada do que não gosta, não tem onde não gosta, se vai de um lado é bonito, vai do outro é também, as pessoas são boas, né, conversam com um, conversam com outro. (Entrevista 011).

É também nesses momentos que, no plano de políticas públicas, os gestores municipais convocam os cidadãos para assumirem parte da responsabilidade das ações para promover a cidade. Como já vimos, a globalização intervém nas pequenas cidades e nesse aspecto, é possível observar como as políticas de venda da cidade, com base nas estratégias de *marketing*, foram adotadas pelos gestores como política de desenvolvimento local.

### 5.2.2 O sossego no espaço privado

O barulho é uma das características de todas as cidades. Ruído dos motores dos carros, buzinas, máquinas em trabalho, fábricas em funcionamento, enfim, isso é comum em todas as cidades. Em cidades grandes, esse barulho será maior, dado o contingente populacional e a divisão do trabalho. Em cidades menores, os ruídos podem ser identificados, o barulho do moinho, o barulho da fábrica, o som de uma buzina chama a atenção de várias pessoas. Diferente dos grandes centros, onde é preciso maior concentração para identificar e diferenciar o som de qual fábrica estamos ouvindo. O som da buzina de um carro, talvez, não chame tanta a atenção, pois são ouvidas várias e a cada pouco. Esses aspectos caracterizam-se como um diferencial entre cidade grande e pequena e podem alterar o psíquico das pessoas, conforme relata Simmel (1967, p. 14):

O homem é uma criatura que procede a diferenciações. Sua mente é estimulada pela diferença entre a impressão de um dado momento e a que a precedeu. Impressões duradouras, impressões que diferem apenas ligeiramente uma da outra, impressões que assumem um curso regular e habitual e exibem contrastes regulares e habituais.

É verdade que nas cidades pequenas, à noite, praticamente, cessa o ruído, dando lugar à calmaria. Mas isso não ocorre, se um grupo de jovens, que em momento de descontração, resolve fazer uma demonstração e exibição do som de seus carros, em algum espaço público. Pode ocorrer que os vizinhos se sintam perturbados em sua privacidade.

Fatos assim eram comuns em uma das cidades em estudo, e procuraremos mostrar como essa situação se reverteu em uma política pública para a cidade. Isso ocorreu em um determinado restaurante que atende a seu público às 24 horas do dia. Diferentemente de outros restaurantes que preferem fechar suas portas, nas primeiras horas do dia seguinte ou no meio da noite. Esse restaurante possui um amplo espaço para estacionamento de carros, onde também servem seus clientes. Muito comum, nesse espaço, jovens se juntarem para exibirem seus carros e ouvirem som, na maioria das vezes, em alto tom. Diversos vizinhos, em suas casas, sentiam-se perturbados e recorreram aos órgãos públicos responsáveis, sem sucesso. A família moradora mais próxima, mais prejudicada pelo barulho excessivo, reagia de diversas maneiras. Conversas diplomáticas com os proprietários do estabelecimento, com os jovens, porém, nada parecia surtir o efeito desejado.

[...] a gente ergueu aquele murinho ali, porque [...] jogavam as coisas aqui para dentro jogavam: garrafinha, copos plásticos, quando tinha aquele murinho baixo e urinavam aqui no meu terreno virado para cá, vinham aqui naquele canto, daí nós o erguemos até ali, daí quando começou nosso primeiro contato, assim com ele por causa do barulho, ele se negou, não queria erguer o muro e eu não queria que ele erguesse, porque eu disse: você vai terminar com o sol que bate no meu terreno pela manhã e eu não quero, e ele disse: não tem problema, eu ergo o muro do meu lado, mas eu disse: meu rapaz, não é mais fácil você pedir para ele parar de fazer a baderna, olha quantas cervejas você terá que vender, para você tirar o dinheiro desse muro aí. Mas ele não se interessou. (Entrevista 005)

Em sua última tentativa, foi elaborado um abaixo-assinado, em que se coletaram inúmeras assinaturas de moradores próximos do local. Em seguida, foi entregue, em audiência, à promotoria pública. Desde então, por meio de um decreto,

tornou-se proibido som alto nesse espaço público após as vinte e duas horas. O abaixo-assinado foi elaborado, segundo orientações, para que a moradora mais atingida em seu sossego, pudesse buscar reforços para atingir seus objetivos, conforme ela relata:

Só aqui na vizinhança, foram mais de trinta. Está arquivado no fórum. O Dr. Luiz Fernando que me orientou, que se fizesse um abaixo-assinado. Aí eu comentei com ele de um que a gente fez há doze anos. Inclusive na época, eu me instruí no quartel, todas as vezes que eu liguei, durante todos os anos para o 190, por causa do Vinte e Quatro. Aí eles me deram um calhamaço de material, porque lá fica tudo arquivado, tudo gravado no quartel. É eles têm que dar, quando a população pede. (Entrevista 005).

Somente com autorização dessa mesma promotoria é permitido ultrapassar os limites estabelecidos. O resultado se mostrou satisfatório, porém, a polícia é chamada de tempo em tempo para alertar os jovens, que nesse mesmo espaço, ainda procuram desafiar a política instituída.

O respeito ao descanso e à “ordem” pública, como o silêncio após os horários instituídos (após as 22h30min), é estabelecido em praticamente todas as cidades brasileiras. Quando há alguma programação que ultrapasse esses horários, requer autorização dos órgãos competentes, promotoria pública por exemplo. É certo que eventualmente algum morador, em reunião, diversões e encontros festivos com amigos, possa extrapolar o permitido. Nesse caso, existe a compreensão por parte do demais moradores. Como sugere Jean Remy (1973), há um acordo subjetivo entre os moradores do espaço urbano. Para Michael de Certeau (1994), a convivência é um gerenciamento simbólico na esfera pública. Dessa forma, há certo respeito entre os moradores do espaço urbano, nas cidades pequenas. Para Simmel (1967), nas cidades pequenas, a subjetividade ainda é maior que a objetividade, mas, na medida em que as cidades crescem, aumenta também a objetividade dos indivíduos. Portanto, nesses casos, não haverá conflitos entre os moradores, se os acontecimentos forem esporádicos. Mas se o fato da perturbação do sossego e da ordem pública ocorrer regularmente, estabelece-se o conflito.

Voltando ao exemplo, a moradora que viu sua família ser agredida em seu sossego privado e que buscou de várias formas resolver o problema, ela enquadra-se como um sujeito de projeto. No entanto, perguntamo-nos: que análise poderia ser

feita sobre os jovens que extrapolam os limites permitidos pela regra e pelo acordo subjetivo ou simbólico dos habitantes daquele espaço? Voltamos a Simmel, a fim de entender esse quadro, que assim o escreve:

Tudo isso forma a transição para a individualização de traços mentais e psíquicos que a cidade ocasiona em proporção ao seu tamanho. Há toda uma série de causas óbvias subjacentes a esse processo. Primeiro, a pessoa precisa enfrentar a dificuldade de afirmar sua própria personalidade no campo abrangido pelas dimensões da vida metropolitana. Onde o aumento quantitativo em importância e o dispêndio de energia atingem seus limites, a pessoa se volta para diferenças qualitativas, de modo a atrair, por alguma forma, a atenção do círculo social, explorando sua sensibilidade e diferenças. (SIMMEL, 1967, p. 25).

Com base no autor, que destaca a atitude *blasé* do indivíduo urbano, é possível perceber como existe a busca pela afirmação da personalidade do indivíduo. Embora a extravagância não seja puramente de seu comportamento, existe a necessidade de ser diferente, de ser notado, ou ainda, de atrair a atenção. (SIMMEL, 1967).

É preciso ter presente que os jovens também estão perseguindo estratégias para atingir seus objetivos, ou seja, o som alto pode ser a busca de espaço para suas diversões. Nesse caso, existe um conflito entre diferentes projetos privados: o projeto de propriedade privada para o descanso e conforto, confrontando-se ao projeto de jovens, que buscam espaços de diversões e lazer. A nossa entrevistada de número (005) recebeu a seguinte resposta, quando estava em busca de coletar assinaturas para seu abaixo-assinado.

Eu vou assinar, porque às vezes eles se passam, mas os jovens não têm opção para se divertir nessa cidade. Eu iria concordar com você, se você fosse na prefeitura e conversasse com o rapaz, aquele, com o Juliano, para fazer tipo umas caminhadas com esses jovens [...] Eu não concordo de fechar, de acabar. Eu acho assim que têm jovens e jovens. (Entrevista 005).

Ela disse ainda:

Está certo que às vezes eles também vêm aqui perto da minha casa, também eu não posso dormir, mas eu não concordo de acabar de vez. Eu acho que tinha que ver para mandar eles lá para a Faísma, (parque de exposições) mas lá também é perigoso. (Entrevista 005).

Existe uma evidência de que as cidades estão enfrentando sérios problemas, em função da falta de espaço para os jovens. Já foi muito bem retratado pela mídia sobre como os jovens têm procurado encontrar espaços em postos de combustível, terrenos baldios, estacionamentos, entre outros. Na verdade, espaços que permitam 24 horas de atividades. Lugares de diversão e lazer que as cidades não oferecem.

### 5.2.3 Políticas públicas de saneamento

Um canal aberto naturalmente pelas nascentes de um pequeno rio cortava em toda extensão o terreno de uma propriedade urbana. Em períodos de chuvas, nesse canal, tendia a aumentar o volume de suas águas. Aos arredores desse canal, o proprietário costumava produzir hortaliças, como forma de lazer e subsistência. Ao fazer isso, usava dessa mesma água para irrigar as plantas. Em determinado momento, esse mesmo canal passou a ser utilizado por outros moradores como forma de depósito de lixo e deságüe de esgoto domiciliar. É certo que a água tornou-se imprópria para atividade de irrigação, bem como o mau cheiro resultou em problema para esse indivíduo. A princípio, esse problema aparentava ser privado, por referir-se à propriedade privada. No entanto, assim que esse fato foi relatado à Prefeitura Municipal, a seus gestores, passou a ser problema público. Público, porque é uma questão de saneamento básico e, é de direito do cidadão. Sobre esse aspecto, Jean Remy (1973) diz que uma propriedade familiar autônoma desenvolve um estilo de vida próprio e será considerada como legítima. Mas se ela tem um poder de orientação sobre a vida social, o caráter privado desaparece. O fato é que esse canal, quando apropriado por famílias (privadas), para efeitos de saneamento, envolve, ainda outras famílias, transformando o problema em público. Esse critério demonstra a heterogeneidade e ambiguidade das definições de público e privado.

A esse fato encaminhava-se como solução a canalização das águas dessa nascente, resolvendo os problemas de saneamento e mau cheiro. Todavia, o indivíduo que fez as reclamações era adversário político daquela gestão. Convém destacar que em cidades pequenas, as disputas políticas se acirram, de maneira a criar sérios conflitos entre famílias. E parece acertado afirmar que os problemas dos adversários políticos podem levar mais tempo para serem sanados. Nesse caso,



estabeleceu-se um conflito entre indivíduo e poder público, e está em questão o saneamento do esgoto e lixo doméstico. A importância desse debate é de esclarecer como o indivíduo, no seu cotidiano, promove políticas públicas, pois a legitimidade e a satisfação de desenvolver atividades em espaços públicos ou privados supõem, sempre, um jogo de interesses.

Agora, então analisaremos como se desenrolou esse embate. A primeira tentativa, como já dito, foi de maneira diplomática. Como não houve resolução para o problema, o indivíduo partiu para a segunda estratégia. Essa estratégia consistiu em tornar o caso global, ou seja, tornar o seu problema particular um problema de toda comunidade. Aqui nos voltamos a Sennett (1998), que analisa a entrada do espaço privado, no espaço público, criando uma sociedade intimista. Dessa forma, uma enorme placa com dizeres que denunciavam o “descaso governamental”, referente ao saneamento básico, foi colocada pelo indivíduo em sua propriedade. Essa placa era visível a todos que circulassem por aquela rua e foi mantida até que o problema de saneamento foi resolvido. Assim, o proprietário colocou o seu problema privado como um problema público, procurando denegrir a imagem da administração pública.

A resolução do problema ocorreu, quando se estabeleceu o saneamento, tanto na rua quanto no terreno do indivíduo que o reivindicava. A canalização de um dos afluentes do Rio Guamirim, transformado em depósito e desaguadouro de dejetos humanos, traria, então, novamente o equilíbrio e a realização do projeto do indivíduo. Em outras palavras, o projeto do indivíduo, que se via prejudicado em seu espaço privado, realiza-se a partir das estratégias criadas em seu cotidiano. Concluindo, podemos afirmar que o indivíduo é um ser de projeto, pois nele reside a capacidade de ação e, é nessa capacidade, que elabora suas estratégias.

### 5.3 A CARTA DAS CIDADES E ORIENTAÇÕES ÀS POLÍTICAS PÚBLICAS

Nos últimos anos, as cidades têm sido orientadas, administrativamente, ao mercado mundial e estão sendo moldadas a partir de valores culturais globais, ou seja, tornam-se grandes *Shoppings Centers*. Na verdade, as gestões públicas das cidades têm buscado, em suas políticas, torná-las funcionais, de forma que atendam

aos interesses do capital financeiro internacional. Essas ações têm, em primeiro plano, a atração de capital econômico para a cidade. Nesse sentido, em busca de um desenvolvimento social, econômico, político, ambiental e cultural equilibrado para as cidades, durante o II Foro Social Internacional de Porto Alegre, em 2002, foi elaborada a Carta dos Direitos Humanos nas Cidades, muito parecida com o Estatuto da Cidade.

O Estatuto da Cidade foi criado em 2001 e significou um marco de grande importância no controle da criação, construção e produção do espaço urbano. Esse estatuto surgiu, com o intuito de consolidar um sistema de desenvolvimento urbano, e, em sua amplitude, tem como foco principal interromper o processo de urbanização excludente. Tanto o Estatuto quanto a Carta são dois documentos muito importantes voltados para os problemas de nossas cidades. Acerca desses documentos, vejamos a citação que segue.

Mas, no primeiro caso, trata-se de um documento elaborado pelo poder institucionalizado (Câmara, Senado, Presidência), que precisou de mais de uma década para ser elaborado e, finalmente sancionado. No caso da Carta, trata-se de um documento espontâneo que resultou da tomada de consciência por parte dos cidadãos individuais. De várias partes do mundo, sobre a necessidade de salvar não somente as cidades, mas os direitos humanos dos cidadãos que habitam essas cidades. (FREITAG, 2002, p. 222).

Após a promulgação do Estatuto da Cidade, surgiu o Ministério das cidades, criado na perspectiva de transformação da realidade urbana brasileira. Com esse Ministério, propôs-se a constituição de um fórum nacional para debater as problemáticas das cidades, o que acabou se materializando nas Conferências e no Conselho das Cidades, os quais se tornaram um espaço de participação e controle social das ações, programas e projetos de política urbana. Em 2007, realizou-se a 3ª Conferência Nacional das Cidades, cujo objetivo era apresentar diretrizes para implantação de políticas públicas urbanas. Essas diretrizes seriam os resultados das principais resoluções tiradas pela sociedade, com base nas diversas Conferências Regionais de todo Brasil.

Voltando à Carta dos Direitos Humanos das Cidades de 2002, ela está dividida em partes, conforme esboçaremos, resumidamente, abaixo.

- I – Disposições Gerais

- Art. I – Direito à Cidade
- Art. II – Princípio de Igualdade de Direitos e de não Discriminação
- Art. III – Proteção dos Coletivos e Cidadãos mais Vulneráveis
- Art. IV – Cooperação Solidária
- Art. V – Princípio de Subsidiaridade
- II – Direitos Cíveis e Políticos da Cidadania Local
  - Art. VI – Direito à Liberdade e Integridade
  - Art. VII – Direito à Participação Política
  - Art. VIII – Direito à Associação, de Reunião e de Manifestação
  - Art. IX – Direito à Informação
- Direitos Econômicos, Sociais, Culturais e Ambientais
  - Art. X – Direito aos Serviços Públicos de Proteção Social
  - Art. XI – Direito à Educação
  - Art. XII – Direito ao Trabalho
  - Art. XIII – Direito à Cultura e ao Lazer
  - Art. XIV – Direito à Moradia
  - Art. XV – Direito à Saúde
  - Art. XVI – Direito ao Meio Ambiente
  - Art. XVII – Direito à Circulação na Cidade
- Direitos Relativos à Administração Democrática
  - Art. XVIII – Eficácia dos Serviços Públicos
  - Art. XIX – Princípio de Transparência
- Mecanismos de Garantia dos Direitos Humanos de Proximidade
  - Art. XX – Administração de Justiça Local
  - Art. XXI – Polícia Comunitária
  - Art. XXII – Mecanismos de Prevenção
  - Art. XXIII – Mecanismos Fiscais e Orçamentários
- Disposições Finais
  - Valor Jurídico da Carta e Mecanismos de Aplicação

A Carta dos Direitos Humanos das Cidades é um documento a ser adotado pelas cidades, cujas signatárias são cidades que estão de acordo com os

compromissos elencados no texto. Para ver a Carta na íntegra e acompanhar o programa geral, deve-se acessar o *site* Fórum Social Mundial de Porto Alegre.

O espaço público urbano foi progressivamente abandonado ou privatizado. A rua tornou-se espaço exclusivo para circulação rodoviária. Vimos, anteriormente, a disputa no cotidiano pelo espaço da rua. Tanto coletores de materiais recicláveis como pedestres disputam espaço entre a circulação de automóveis, nas ruas, exigindo constantemente a revisão e adaptação de novas políticas públicas. Nesse sentido, o exercício e a prática de direitos e deveres dos cidadãos ainda estão longe de serem alcançados. Nas cidades, onde existe urbanização, para alguns, outros são deixados de fora. Em outras palavras, se as ruas estão destinadas, primeiramente, à circulação de automóveis, o princípio de igualdade está ameaçado.

Na verdade, os projetos dos indivíduos entram em conflitos e, nessa ação, de um para com o outro, há o processo de socialização. A sociedade é uma pluralidade de indivíduos em que há uma inter-relação com efeitos recíprocos. Nesse aspecto, os diferentes projetos individuais, também os que se aproximam de um projeto comum, entram em relações recíprocas até que encontram o equilíbrio, embora não terminem. Novos projetos e estratégias surgem na medida em que o indivíduo cria e constrói novos objetivos a serem alcançados, na sua dinâmica para sobrevivência, conforme podemos visualizar com base na entrevista, que segue.

O que acontece é o seguinte, aqui um exemplo típico, existe um grupo do bairro, aqui do centro, ainda, que pediu que a prefeitura colocasse um órgão de orientação e atendimento sobre excesso de animais, cachorros, na rua, nas casas, não têm controle, não têm nada, como é que se diz, uma perturbação permanente, dia e noite, ninguém, não tem órgão que a gente possa se socorrer, outra, nós temos um abuso no trânsito de cargas pesadas, ninguém obedece, estoura um cano da CASAN, tu fica sem água 2,3 dias, porque não tem como arrumar na hora e não tem órgão que tranque esse movimento de carretas e carros pesados, devia ter um limite mas não tem. (Entrevista 009).

Existe uma proximidade entre as propostas da Carta das Cidades e os anseios dos cidadãos, destacando-se a rua como espaço público. Daí depreendemos que há uma preocupação com políticas públicas, que possam amenizar os problemas privados, como nos casos citados anteriormente: a água ou o perturbador som provocado pelos animais de estimação dos vizinhos.

O surgimento de um grupo, com o propósito de solicitar aos gestores municipais um órgão que regulasse o número de animais mostra como o indivíduo cria estratégias no cotidiano, a fim de alcançar seus objetivos. Lembrando que o cotidiano não é algo somente repetitivo, é um espaço de resistência e de criatividade. Se as estratégias iniciais não forem o suficiente para alcançar os objetivos propostos, novas alternativas poderão surgir, o que poderá levar a políticas públicas, que regulamentem tanto o trânsito como a questão dos animais de estimação.

Outro aspecto que a Carta e o Estatuto da Cidade abordam, com muita ênfase, é o Direito ao Meio Ambiente. Para análise, destacamos o Art. XVI Direito ao Meio Ambiente, parágrafo 2:

Os cidadãos e cidadãs têm direito a um meio ambiente sadio. Com este objetivo as autoridades municipais adotam, sobre a base do princípio de precaução, políticas de prevenção da contaminação, incluindo a contaminação acústica, de economia de energia, gestão, reciclagem e recuperação de resíduos e recuperação de encostas. Elas ampliam e protegem os espaços verdes das cidades. (FÓRUM SOCIAL MUNDIAL, 2003).

As questões ambientais, nas cidades, são preocupantes, devido ao enorme volume de lixo produzido pelos aglomerados populacionais. Assim, inúmeras políticas públicas buscam resolver ou sanar os problemas de poluição, principalmente a das águas. Na sequência, há uma foto que ilustra a poluição no leito do Rio Guamirim.



Figura 07 - Poluição no leito do Rio Guamirim

Fonte: Arquivo do autor.

Como no Oeste de Santa Catarina, as cidades surgiram de empresas de colonização, foram elas que definiram o local onde deveria ser a sede da empresa, bem como o centro religioso e a praça da cidade. Em todas as cidades e vilas, existe um riacho ou pequeno rio, que em outros tempos, servia para abastecer, com água potável, os habitantes, sendo, inclusive, algumas vezes, utilizado como energia hidráulica, embora também possa ter sido usado para despejo de dejetos e lixo, o que é deplorável. A questão que se coloca é esta: como o indivíduo pode promover uma política pública capaz de resolver ou amenizar essa situação? Veja-se, na sequência, a iniciativa de um promotor sobre o assunto:

Em face da poluição ocorrida no Rio Guamirim, circunstância que causa prejuízos não só à saúde, mas também à segurança e ao bem-estar da população migueloestina, criando condições adversas ao desenvolvimento das atividades sociais e econômicas, comprometendo-se os padrões estéticos e sanitários do meio ambiente local, decidi instaurar um procedimento administrativo - Inquérito Civil - na 2ª Promotoria de Justiça de São Miguel do Oeste, com atribuição na defesa do Meio Ambiente, por intermédio da Portaria 001/2007/2ªPJSMO. (Entrevista 018).

O Inquérito Civil foi de iniciativa do próprio Promotor em exercício em São Miguel do Oeste. E por meio de um Termo de Ajuste de Conduta, a gestão municipal teve prazo determinado para regularizar problemas de saneamento básico em um

condomínio de casas populares. Além disso, foi criado um amplo projeto para educação ambiental, envolvendo vários segmentos da comunidade, conforme mostra a entrevista:

O objetivo do projeto é criar e desenvolver uma proposta pedagógica direcionada à educação ambiental nas escolas municipais, estaduais e particulares, sediadas no município de São Miguel do Oeste, com o intuito de uma conscientização acerca da importância da preservação do meio ambiente, tendo, para tanto, o ecossistema local como referência. (Entrevista 018).

O projeto que envolve escolas municipais se encontra em andamento e objetiva desenvolver atividades que contribuam com a formação e conhecimento ecológico, com metodologias alternativas.

O Estatuto da Cidade prevê que as cidades com mais de 20 mil habitantes devem elaborar o Plano Diretor de forma participativa. Também a Carta sugere que as políticas públicas sejam construídas na coletividade e que haja imparcialidade e transparência na administração municipal. Acompanhamos, em São Miguel do Oeste e São Lourenço do Oeste, algumas reuniões, nas quais buscavam subsídios e manifestações populares, para a sua elaboração. Diversos segmentos sociais foram consultados e ouvidos nos municípios e a partir desses documentos, será elaborado um único documento final, buscando contemplar todos os segmentos e atender ao Estatuto da Cidade, é o que esperamos.

É bem verdade que, na história dos Planos Diretores, os documentos ficaram nas gavetas e pouco ou nada serviram para o planejamento urbano. Atualmente, o planejamento urbano, construído na coletividade, poderá ser fiscalizado pela população.

#### 5.4 ORIENTAÇÃO DAS POLÍTICAS PÚBLICAS URBANAS NO MUNDO GLOBALIZADO

O que se verificou nos últimos anos, provocado pela globalização financeira, foi uma surpreendente valorização do espaço urbano. Acontecimento que provocou uma corrida imobiliária tanto para especulação como para investimentos.

Mostramos, no capítulo primeiro, como a maior parte da população mundial passou a viver em cidades, sejam grandes ou pequenas, em aglomerados ou vilas, a verdade é que cada vez menos pessoas estão vivendo no campo. O fato é que os novos mercados globais e a nova estrutura do comércio mundial contribuem para eliminar a agricultura tradicional, causando um êxodo rural de grandes proporções. Tanto quanto a modernização agrícola, de que tratamos em capítulos anteriores, a globalização mundial é outro fator causador do êxodo rural. A agricultura tradicional e, no Sul do Brasil, a agricultura familiar, que emprega milhares de pessoas, sofre os impactos desses mercados globalizados, que expulsam inúmeros trabalhadores, os quais acabam se abrindo em centros urbanos. Dessa forma, as cidades, como um todo, têm seus espaços valorizados e constantemente, novas áreas precisam ser loteadas para acomodar essa numerosa população, que vem em busca de emprego e renda.

A necessidade de criar novos loteamentos, nas cidades em estudo, provocou acalorados debates políticos sobre a obrigação da administração pública em desburocratizar, reduzir os custos e tornar mais flexíveis as regras quando da formação de novos loteamentos. De sorte que as chácaras e áreas próximas das cidades passaram a ver vistas como ótimos investimentos futuros. E aos poucos, vários loteamentos particulares surgiram e são oferecidos como espaços habitacionais. Esses loteamentos particulares, a fim de se tornarem competitivos e com valores elevados, deveriam contar com toda infraestrutura necessária para o morador, bem como atender à legislação municipal. E isso realmente ocorre, porém algo que queremos destacar é o fato de os loteamentos não obedecerem ao traçado urbano projetado em outros tempos. Como salientamos anteriormente, as vilas, no início da colonização, receberam um croqui e um planejamento do traçado das ruas (largas e retilíneas), para que no futuro, não houvesse maiores problemas com o trânsito. O surgimento de novos loteamentos por iniciativa de empresários que têm, em seus projetos, o lucro, criou espaços diferentes do traçado inicial das cidades. Ruas estreitas, terrenos pequenos, ou seja, primam pelo melhor aproveitamento do espaço a ser comercializado.

O ser humano como um ser de projeto deve estar em contato com outros sujeitos, a fim de poder atingir seus objetivos. Em outras palavras, os projetos individuais, quando ligados ou engajados em projetos coletivos, são espaços que podem facilitar a sua realização. Na análise desta tese, mostramos que o projeto do



empreendedor é de vender os terrenos e obter lucro. O projeto dos demais indivíduos, que aqui tratamos como o coletivo, é o de comprar o terreno pelo menor valor possível. Assim, o mínimo que um irá dar é o máximo que o outro irá conceder. Logo, a dimensão estratégica, metodologia em um projeto, estará presente tanto no indivíduo quanto no coletivo, referenciando, então, a dimensão projetiva.

Os críticos da globalização trouxeram no centro do debate a necessidade do fortalecimento do poder local. Afirmam que o local requer o equilíbrio com o global, nesse caso, devemos pensar de forma global e agir localmente. Essa expressão ganhou força, quando se aprofundou a discussão sobre as questões ambientais e o modelo de desenvolvimento que entrava em esgotamento. Esse modelo de desenvolvimento foi descrito na Rio-92 como “[...] ecologicamente predatório, socialmente perverso e politicamente injusto.” Poderíamos acrescentar ainda, economicamente, espoliatório. Em busca de construir uma sociedade mais justa, com um ambiente equilibrado, surge o modelo de desenvolvimento sustentável.

A definição para desenvolvimento sustentável também passou a aquecer o debate político nas cidades. Assim, o meio ambiente e sua preservação passaram a ser vistos como exercícios de cidadania. É que o indivíduo deve buscar a harmonia com o seu meio, com ações ligadas à economia e à produção, reduzindo os danos à natureza. É nesse sentido, então, que surgem as proposições de agir sobre o seu local, a fim de contribuir para a preservação do ambiente global

As questões ambientais estiveram em foco nos últimos anos e moveram diversas políticas públicas municipais, que objetivaram a melhoria do espaço urbano. Um dos motivos principais é de apresentar aos investidores uma cidade, com padrões sanitários e estéticos, dentro das exigências das indicações da Constituição Brasileira de 1988, bem como em conformidade com os padrões exigidos nos mais variados relatórios resultantes de Fóruns Mundiais em defesas das questões Ambientais.

Nas cidades em estudo, os administradores foram enfáticos, durante a campanha política, ao apresentarem suas propostas de governo para os próximos anos, frisaram que iriam disponibilizar infraestrutura e áreas específicas na cidade para instalação de novas indústrias. Esse consumo de espaço, por meio de iniciativas da gestão municipal, busca atrair empresários e novos investidores, que futuramente, também conduzirão as políticas públicas das cidades. Trata-se de indivíduos que, por meio de políticas vantajosas, são privilegiados em seus

negócios, pela gestão municipal, que busca oferecer aos seus habitantes emprego e renda. A imagem de cidade, para esses empresários, é de uma localidade, em que prosperam os negócios, incentivados pelo poder do Estado e pelo poder local. Na verdade, essa política adotada nas pequenas cidades, é a política dos grandes centros urbanos ou a política de *marketing*, sobre a qual comentamos nos capítulos anteriores.

Procuramos mostrar, ao longo deste trabalho, que o indivíduo como ser de projeto é a referência para o entendimento das políticas públicas na cidade. Nesse caso, voltamo-nos a Simmel (2006), que afirma que a socialização somente passa a existir quando os indivíduos adotarem formas determinadas de cooperação e colaboração. Como vimos ao longo da tese, é no cotidiano que os indivíduos em interação criam, alteram, reduzem, destroem e recriam políticas públicas na cidade. E o indivíduo como ser de projeto, que busca um gerenciamento de si mesmo, desenvolve, cada vez mais, a capacidade de ação. E nessa capacidade de ação, o sujeito de projeto elabora suas estratégias, frentes a outros indivíduos ou grupos.

## 6 CONCLUSÃO

A questão da urbanização no Brasil, tem se mostrado em aceleração desde a II Guerra Mundial, movida pelo processo de modernização no campo. O quadro atual revela o contínuo aumento e concentração de pessoas vivendo nas cidades, provocado, agora, pela regulação que o mercado cria no campo. As exigências das agroindústrias obrigam os produtores a utilizarem cada vez mais tecnologias. Ao produtor cabe a capacidade extrema de adaptação ao sistema, dando respostas cada vez mais imediatas a ele. Logo, pequenos, médios e grandes centros urbanos continuam recebendo a população que deixa o campo e busca nas cidades melhores condições de vida. Isso reflete a dificuldade da população rural em acompanhar o processo tecnológico e as exigências do capital em relação ao campo e a produção agrícola.

Nesse contexto, durante a pesquisa procuramos buscar respostas à questão centralizadora de como o indivíduo, no seu cotidiano em pequenas cidades, promove políticas públicas. Com essa problemática inicial nos deparamos com critérios diversos para o estudo de pequenas, médias e grandes cidades. Embora a maioria desses, tem por base o número total de habitantes no espaço urbano. Assim, foi necessário centrar esforços para buscar uma criteriosa categorização para classificar pequenas e grandes cidades.

O estudo sobre as cidades é comumente analisado por meio de dados de médios e grandes centros urbanos. Esses estudos destacam o crescimento populacional urbano e os problemas sociais daí decorrentes. Nas pequenas cidades, os problemas sociais não são diferentes, embora ocorram em menor grau. Também o crescimento populacional, nelas, é um bom indicador para compreender o processo de urbanização e do êxodo rural. No entanto, o problema se encontra na diversidade de critérios utilizados para classificar pequenas e grandes cidades. Algo que dificulta o entendimento e classificação do que seja urbano, rural, cidade ou vila. Dessa forma, a tipologia apresentada nesta tese deve ser levada em consideração, quando procuramos, em estudo, diferenciar pequenas e grandes cidades. Assim, devemos observar a relação entre espaço e vida na cidade; proximidade do rural; relações sociais e culturais no espaço vivido pelos indivíduos e a interferência na racionalidade do indivíduo.

A globalização provocou um reordenamento na economia mundial a ponto de criar uma classificação para as cidades, resultando nas cidades globais ou as *Global Cities*. O impacto da economia globalizada também é observado nas pequenas cidades, embora não se enquadrem nessa categorização. Os principais aspectos observados foram a valorização e especulação imobiliária, os impactos nos Fundos de Repasses Municipais (FPM), provocados pelas crises globais e, principalmente, no tecido social ideológico, marcado pelo consumo anônimo, compulsivo e maníaco.

Em nossa análise sociológica, buscamos compreender como se organiza, na concepção do indivíduo, a dicotomia e a ambiguidade público/privado. A ambiguidade do conceito de público e privado está nos múltiplos critérios de análises. Foi a partir do século XVIII, com a queda do antigo regime e com a formação de uma nova cultura urbana, secular e capitalista, que iniciou o declínio da esfera pública. De sorte que uma nova geografia entre público e privado ia sendo moldada. E o fato de a personalidade das pessoas adentrarem no domínio público criou uma sociedade intimista. Na sociedade intimista, esvaziaram-se as relações sociais em conteúdo e credibilidade. Dessa forma, essas relações não são mais vistas em termos comuns, mas de forma individual, íntima. A erosão da vida pública está relacionada com esse vazio de coletividade, pois a vida pública depende de uma personalidade coletiva.

A oposição público/privado é essencial em um sistema de percepções espontâneas, porque se manifesta como uma categoria de contrato. Porém a concepção do uso não está somente na percepção, é, sobretudo, um elemento organizador da vida cotidiana. Logo, a legitimidade e a satisfação de desenvolver atividades, em espaços públicos ou privados, supõem um jogo de interesses. Esse jogo pode ser notado, tanto no individual como no coletivo, na busca de seus direitos e da sua liberdade.

Os anos 1980 foram marcados pelos movimentos sociais, que exigiam melhores condições de vida. Nos centros urbanos, inúmeros movimentos sociais nasceram, com o intuito de buscar políticas públicas básicas para os habitantes: moradia, saneamento básico, transportes, que são o essencial para o indivíduo urbano, estavam, todavia, ainda longe de atingirem patamares aceitáveis. Com a reorganização econômica mundial, as cidades só poderiam dar respostas concretas, se possuíssem um planejamento estratégico. A nova ideologia, provocada pelo

crescimento de novas políticas urbanas e pelas novas configurações mundiais, torna a cidade mercadoria. Nas cidades mercadoria, a parceria público/privado deve atender às decisões do mercado. Porém, o privado não se refere aos interesses dos grupos ou à vida social dos diversos indivíduos, que têm o direito à cidade. Esse privado diz respeito às empresas privadas, as quais ditam e organizam ou reorganizam o espaço urbano. É a mais pura linguagem do capital que expressa claramente os interesses privados dos capitalistas.

A dicotomia indivíduo/sociedade, que muitas vezes, também se refere a privado/público, comporta-se, segundo diferentes contextos históricos. A sociedade é uma pluralidade de indivíduos, que entram em uma inter-relação com efeitos recíprocos. No entanto, não se deve confundir as ligações superficiais entre indivíduos. A verdadeira sociedade só poderá existir, quando esses indivíduos adotarem formas determinadas de cooperação e colaboração. Assim, a pessoa, ao incorporar os elementos sociais em um processo de interação, poderá ou não provocar mudanças sociais, levando a sociedade a uma unidade.

Essas interações ocorrem no cotidiano do indivíduo, visto que o cotidiano não é simplesmente um lugar secundário. Em nosso estudo, mostramos os problemas pessoais do indivíduo urbano, no cenário social e na busca de sua sobrevivência, que resultaram em políticas públicas, pois a cidade altera a racionalidade e a personalidade do indivíduo, intensificando seus estímulos, além de desenvolver, em grande escala, a cultura objetiva em detrimento da cultura subjetiva. Dessa forma, há uma valorização do individualismo, já que esse se distancia das relações afetivas de seus concidadãos.

A relação entre a resistência e estratégia de sobrevivência cotidiana dos indivíduos urbanos e a promoção das políticas públicas, nas pequenas cidades, é a tentativa de dar sentido a sua própria vida. Essa valorização de si mesmo permite ao indivíduo se tornar sujeito histórico, na medida em que mobiliza sua capacidade para construir, criar e organizar projetos, restituindo certa autonomia individual. Essa autonomia individual, que está em sua motivação íntima, é a liberdade.

O individualismo deve ser visto de duas formas: o individualismo da liberdade e o individualismo da singularidade. O da liberdade é aquele que prega a liberdade individual e o ser humano como ser universal e igual. O individualismo da singularidade é aquele que surge no século XIX e se mantém até hoje e, se refere à compreensão da vida única e peculiar, com ideais de distinção, diferença e

interioridade. Com a globalização, há um aumento dos limites do homem, sendo que as regras não o atingem, tornando-o ainda mais livre. Essa liberdade o torna mais individualizante.

O indivíduo é um ser de projeto e busca constantemente alcançar seus objetivos, embora em um contexto de intenso processo de transação social, ou seja, confrontação entre dois pontos de vista diferentes e que não têm o mesmo peso de legitimidade. Acontece também o confronto entre projetos individuais e projetos coletivos que, para análise sociológica, ajuda a estabelecer relações entre a micro-observação e macrointerpretação.

A dimensão projetiva é motivacional e está envolvida em valores, sentimentos, interesses ou mesmo por aventuras. Não se pode descartar também que o indivíduo, como ser de projeto, traz junto de si legitimidade e justificativas para os caminhos a serem percorridos.

Assim, os projetos individuais ganham sentido, na interação com os projetos coletivos. Essa interação e a complexidade dos projetos individuais e coletivos é o próprio cotidiano do indivíduo, que dá sentido à sua existência. Logo, a dimensão projetiva está ligada a contextos específicos, como no caso, à emancipação do município. Esse objetivo está no projeto de cada indivíduo e, em interação com os projetos coletivos, surge como objetivo principal.

Nesse cenário, à medida que o indivíduo, em seus propósitos projetivos, não se equivoca e atinge seus objetivos satisfatoriamente, pode pensar que a mesma medida vale para todo grupo social. Também, passa acreditar que seus objetivos privados são os mesmos objetivos de todo o grupo. Então, pode pensar que os impulsos fundamentais para todos os indivíduos são: expandir sua esfera de poder, aquisição de novas propriedades e a defesa de novas conquistas

Dentro da transação social, mostramos que para sobreviver, na cidade, o indivíduo deve preparar projetos e métodos para alcançar seus objetivos. Assim, ele está constantemente criando e recriando estratégias para sua sobrevivência no espaço urbano. Isso é corroborado com as estratégias das empresas de colonização particulares que, ao buscar comercializar os lotes de terras com os novos proprietários, definiam onde seria a vila. Dessa forma, inúmeras cidades no Oeste Catarinense, bem como no Sul do Brasil, surgiram das empresas de colonização particulares.

Entre as estratégias usadas para atingir determinado objetivo, ficou muito claro, ao longo do trabalho, que os indivíduos procuram tornar públicos os seus desejos privados, ou seja, políticas de habitação, saneamento básico e até mesmo a conquista de um espaço na cidade. Essas são políticas públicas que resultam da resistência cotidiana do indivíduo urbano. Não se descaracteriza o apadrinhamento político e os favores aos seguidores partidários, que marcam a história política do país. Nas pequenas cidades, são visíveis as políticas que beneficiam os afiliados ou seguidores políticos, principalmente pelos resquícios históricos de um processo político bi-partidário.

Aos beneficiados com as políticas públicas urbanas, procuramos mostrar que nas pequenas cidades, existe uma relação muito próxima com o partido político do gestor. Também são mantidas relações aos moldes históricos do “coronelismo”, quando o apadrinhamento e a troca de favores era fator fundamental para políticas públicas e beneficiavam alguns indivíduos. Aqueles que não foram beneficiados poderiam atingir seus objetivos, se, na próxima gestão, a administração estivesse sob o controle de seu partido político.

É notável como os indivíduos que possuem certo poder na sociedade têm maior influência de intervenção sobre a gestão municipal, no que diz respeito à implantação de políticas públicas. O Padre como orientador religioso exerce grande poder na promoção de políticas públicas. Motivado pela confiança depositada em sua pessoa e pela capacidade de liderança, seja carismática ou política, que exerce sobre a sociedade. Por outro lado, vimos que o poder da promotoria pública também é caminho para atingir políticas públicas. Já em relação aos gestores, as políticas públicas a serem implantadas necessitam de reflexões e avaliações para não comprometerem as eleições futuras.

Convém frisar que, nos últimos tempos, as cidades estão sendo orientadas, administrativamente, ao mercado mundial, em outras palavras, moldadas com base em valores culturais mundiais. Com o surgimento do Estatuto da Cidade e a Carta dos Direitos Humanos da Cidade, criou-se uma perspectiva na transformação da realidade urbana brasileira. A partir daí, tanto na objetividade como na subjetividade dos administradores e até mesmo dos cidadãos, as políticas públicas urbanas, nas pequenas cidades, perseguem as mesmas ideologias do mercado mundial. Assim, o impacto da globalização tecnológica, nas pequenas cidades, reflete-se no espaço geográfico e na ideologia das pessoas. No espaço geográfico, busca-se tornar a

cidade um espaço desejável para os investimentos, tornando-a competitiva e atrativa. No ideológico das pessoas, o debate se volta para a limpeza, beleza, equilíbrio com o meio ambiente, segurança, o que torna a cidade um *lugar bom para se viver*.



## REFERÊNCIAS

ARANTES, Otília; VAINER, Carlos; MARICATO, Ermínia (Orgs.). **A cidade do pensamento único**: desmanchando consensos. Petrópolis: Vozes, 2000.

AZEVEDO, Janete M. Lins de. **A educação como política pública**. 2. ed. ampl. Campinas: Autores Associados, 2001.

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**: entrevista a Benedetto Vecchi. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

BAVARESCO, Paulo Ricardo. **Ciclos econômicos regionais**: modernização e empobrecimento no Extremo Oeste Catarinense. Chapecó-SC: Argos, 2005.

BAVARESCO, Paulo Ricardo; FRANZEN, Douglas Orestes. O desenvolvimento socioeconômico dos municípios de Bandeirante e Barra Bonita. **Revista de Administração, Contabilidade e Economia (Race)**, Joaçaba: Ed. Unoesc, v. 5, n. 1, p. 61-74, 2006.

BESSEGATTO, Maurí Luiz. **Um olhar estético e histórico de São Lourenço d' Oeste**. São Lourenço do Oeste, SC: Mimeo, 1999.

BETANINI, Tonino. **Espaço e ciências humanas**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

BOBBIO, Norberto. Estado, governo, sociedade; por uma teoria geral da política. 7ª Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. 8. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil, de 5 de outubro de 1988**. São Paulo: Ed. Atlas S.A., 1988.

BRASIL. **Estatuto da cidade, de 10 de outubro de 2001**. Legislação complementar sancionada pelo Presidente da República. Brasília, DF. 2001. Disponível em: <<http://www.planalto.gov.br/>>. Acesso em: 23 nov. 2007.

CÂMARA aprova projeto dos espigões. **Jornal Correio do Povo**, Porto Alegre, RS, Capa, 13 nov. 2008.

CÂMARA DOS DEPUTADOS (Org.). **Estatuto da cidade**: guia para implantação pelos municípios e cidadãos. Brasília: CAICA Polis, 2001.

CARLOS, Ana Fani A. **A cidade**. São Paulo: Contexto, 2001.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede - a era da informação**: economia, sociedade e cultura. v. 1, São Paulo: Paz e Terra, 1999.

\_\_\_\_\_. **O poder da identidade.** A era da informação: Economia, sociedade e cultura v. 2, 3ª ed. São Paulo: Paz e terra, 1999.

\_\_\_\_\_. **A questão urbana.** Rio de Janeiro: Paz e terra, 2000.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano:** 1. artes de fazer. 15. ed. Petrópolis RJ: Vozes, 1994.

CERTEAU, Michel de; GIARD, Luce; MAYOL, Pierre. **A invenção do cotidiano:** 2. morar, cozinhar. 5. ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 2003.

CHOAY, Françoise. **El urbanismo:** utopias y realidades. Barcelona: Lúmen, 1970.

COHN, Gabriel. **Sociologia:** para ler os clássicos. Rio de Janeiro: Livros, Técnicos e Científicos, 1977.

CONFERÊNCIA NACIONAL DAS CIDADES, 3., 2007, Brasília-DF.

**Desenvolvimento urbano com participação popular:** avançando na gestão democrática das cidades. República Federativa do Brasil. 2007. Disponível em: <<http://www.cidades.gov.br>>. Acesso em: 20 maio 2008.

DA MATA, Roberto. **A casa e a rua.** São Paulo: Brasiliense, 1985.

DE BONA, Avelino. **Evolução histórica de São Miguel do Oeste SC.** São Miguel do Oeste-SC: McLee, 2004.

DOIMO, Ana Maria. **A vez e a voz do popular:** movimentos sociais e participação política no Brasil pós-70. Rio de Janeiro: Relume-Dumará: ANPOCS, 1995.

\_\_\_\_\_. **Movimento Social Urbano, Igreja e Participação Popular.** Petrópolis:Vozes, 1984

DURKHEIM, Émile. **Da divisão do trabalho social.** 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

ELIAS, Norbert. **O processo civilizador:** uma história dos costumes. v. 2, Rio de Janeiro: Zahar, 1993.

\_\_\_\_\_. **A sociedade dos indivíduos.** Rio de Janeiro: Zahar, 1994.

\_\_\_\_\_. **O processo civilizador:** a formação do estado e civilização. v. 1, Rio de Janeiro: Zahar, 1994.

FIORINI, Cleusa de Fátima. **A vida e a obra cultural de Aurélio Canzi.** São Miguel do Oeste: GBS. 1999.

FOLLMANN, José Ivo. O lugar sociológico do sujeito individual. In: SEMINÁRIO "AS CIÊNCIAS SOCIAIS ENTRE A MODERNIDADE E A CONSTRUÇÃO DO FUTURO", n. 158, 1999, São Leopoldo. **Estudos Leopoldenses-Série Ciências Humanas**, São Leopoldo, RS: UNISINOS, v. 35, n. 155, p. 39-56, 1999.

\_\_\_\_\_. Identidade como conceito sociológico. **Ciências Sociais-UNISINOS**, São Leopoldo, RS: UNISINOS, v. 37, n. 158, p. 43-66, 2001.

FÓRUM SOCIAL MUNDIAL. Outro mundo é possível. Porto Alegre, 2003. Disponível em: <<http://www.forumsocialmundial.org.br/>>. Acesso em: 10 nov. 2009.

FREITAG, Bárbara. **Cidade dos homens**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2002.

FREY, Klaus. Políticas públicas: um debate conceitual e reflexões referentes à praticada análise de políticas públicas no Brasil. Disponível em <<http://www.ipea.gov.br/>>. Acesso em 05 ago. 2010.

GAUDIN, Jean Pierre. O significado do contrato nas políticas públicas. **Teoria & Sociedade**, Belo Horizonte: UFMG, número especial, Mar. 2005.

GIDDENS, Anthony. **A terceira via**: reflexões sobre o impasse político atual e o futuro da social-democracia. 5. ed. Rio de Janeiro: Record, 2005.

GOHN, Maria da Glória. **Movimentos sociais e luta pela moradia**. São Paulo: Loyola, 1991.

GONÇALVES, Terezinha Maria. **Cidade e poética**: um estudo de psicologia ambiental sobre o meio urbano. Ijuí/RS: Unijuí, 2007.

HECK, Marina. **Grandes metrópoles da América Latina**. São Paulo: Fundação Memorial da América Latina, 1993.

HELLER, Agnes. **O cotidiano e a história**. 4. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1992.

HIERNAUX, J. P; REMY, J. Rapport a l'espace, rapport au corp set integration sociale. **Recherches Sociologiques**, n. 03, nov. 1975.

IANNI, Otávio. **A era do globalismo**. 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1997.

\_\_\_\_\_. **Capitalismo violência e terrorismo**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE. Censo Demográfico 1940-2000. 2007. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/>>. Acesso em: 20 dez. 2008.

JACOBI, Pedro. **Movimentos sociais e políticas públicas**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1993.

JOVCHELOVITCH, Sandra. **Representações sociais e esfera pública**: a construção simbólica dos espaços públicos no Brasil. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

LACAZE, Jean Paul. **Os métodos do urbanismo**. Campinas-SP: Papirus, 1993.

LACLAU, Ernesto. Inclusão, exclusão e a construção de identidades. In: AMARAL JR., Aécio; BURITY, Joanildo de A. (Orgs.). **Inclusão social, identidade e diferença**: perspectivas pós-estruturalistas de análise social. São Paulo: Annablume, 2006.

LACLAU, Ernesto; MOUFFE, Chantal. Hegemonia y radicalización de la democracia. In: LACLAU, Ernesto; MOUFFE, Chantal. **Hegemonia y estratégia socialista**: hacia una radicalización de la democracia. Madrid: Siglo XXI, 1987.

LEDRUT, Raymond. **Sociologie urbaine**. Paris: PUF, 1968.

LEFEBVRE, Henri. **A vida cotidiana no mundo moderno**. São Paulo: Ática, 1991.

\_\_\_\_\_. **A cidade do capital**. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.

LIPOVETSKI, Gilles. **Os tempos hipermodernos**. São Paulo: Barcarolla, 2004.

LOJKINE, Jean. **O estado capitalista e a questão urbana**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

\_\_\_\_\_. **A revolução informacional**. São Paulo: Cortez, 2002.

LOPES, José Rogério. Urbanidade e cidadania: as modulações do urbano e o direito à cidade. **Ciências Sociais-UNISINOS**, São Leopoldo: UNISINOS, v. 37, n. 158, p. 67-92, 2001.

MARICATO, Ermínia. As idéias fora do lugar e o lugar fora das idéias. In: ARANTES, Otilia; VEINER, Carlos; MARICATO, Ermínia. **A cidade do pensamento único: desmanchando consensos**. Petrópolis RJ: Vozes, 2000.

BRASIL. Ministério das Cidades. Política nacional de desenvolvimento urbano. Desenvolvimento Urbano. República Federativa do Brasil. **Cadernos MCidades**, 2004. Disponível em: <<http://www.cidades.gov.br/>>. Acesso em: 10 jul. 2009.

MORIN, Edgar. **A cabeça bem-feita**: repensar a reforma, reformar o pensamento. 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

MP anuncia investigação sobre votação do Pontal. **Jornal Correio do Povo**, Porto Alegre, RS, p. 2, 17 nov. 2008.

MPE decreta sigilo nas investigações sobre o Pontal. **Jornal Correio do Povo**, Porto Alegre, RS, p. 2, 19 nov. 2008.

MUNFORD, Lewis. **A cidade na história**: suas origens, transformações e perspectivas. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1982.

OBERACKER JR., Carlos Henrique. A colonização baseada na pequena propriedade agrícola. In: HOLANDA, Sérgio Buarque de (Org.). **História geral da civilização brasileira**. Tomo II, v. 3, São Paulo: Difel, 1967.

OLIVEIRA, Isabel Cristina Eiras de. **Estatuto da cidade**: para compreender... Rio de Janeiro: IBAM/DUMA, 2001.

PIAZZA, Walter F. **Santa Catarina sua história**. Florianópolis: Lunardelli, 1983.

PONTAL: consulta mantém polêmica. **Jornal Correio do Povo**, Porto Alegre, RS, p.14, 12 jul. 2009.

REMY, Jean. La dichotomie prive/public dans l'usage courant: fonction et genese. **Recherches Sociologiques**, v. IV, número especial, 1973.

\_\_\_\_\_. Transformation de la relation entre usagers et services publics: nouveau mode d'accès à la citoyenneté? (1) In: GÉRARD, Philippe; OST, François; KERCHOVE, Michel Van de. **Droit et interet. Approche Interdisciplinaire**. v. 1. Bruxelles: Facultes Universitaires Saint-Louis, 1990.

\_\_\_\_\_. **La vie quotidienne et lês transactions sociales**: perspectives micro ou macro-sociologique. Belgica: Mimeo, 1990. p. 1-27.

\_\_\_\_\_. La vie quotidienne et lês transactions sociales: perspectives micro ou macro-sociologique. In: BLANC, M. (Org.). **Por une sociologie de la transaction sociale**, Paris: L'Harmatan, 1991. p. 83-111.

RENK, Arlene. **Sociodicéia às avessas**. Chapecó, SC: Grifos, 2000.

ROCHE, Jean. **A colonização alemã e o Rio Grande do Sul**. v. 2, Porto Alegre: Globo, 1969.

RUIZ, Martha Nélica. **El espejo intoxicado**. Barcelona: Octaedro, 2006.

RUSCHEINSKY, Aloísio. **Metamorfoses da cidadania**. São Leopoldo-RS: UNISINOS, 1999.

SADER, Eder. **Quando novos personagens entram em cena**: falas e lutas dos trabalhadores da Grande São Paulo, 1970-1980. São Paulo: Paz e Terra, 1988.

SÁNCHEZ, Fernanda. **A reinvenção das cidades**. Chapecó: Argos, 2003.

SANTOS, Milton. **Ensaio sobre a urbanização latino-americana**. São Paulo: Hucitec, 1982.

\_\_\_\_\_. **A urbanização brasileira**. São Paulo: Hucitec, 1996.

\_\_\_\_\_. **Espaço e método**. São Paulo: Nobel, 1997.

SARLO, Beatriz. **Cenas da vida pós-moderna**: intelectuais, arte e videocultura na Argentina. 3. ed. Rio de Janeiro: Edufrj, 2004.

SASSEN, Saskia. **The global city**: New York, London, Tokyo. Princenton/NJ: Princenton University Press, 1991.

\_\_\_\_\_. **As cidades na economia mundial**. São Paulo: Nobel, 1998.

SCHERER-WARREN, Ilse. **Redes de movimentos sociais**. São Paulo: Loyola, 1993.

\_\_\_\_\_. **Cidadania sem fronteiras**: ações coletivas na era da globalização. São Paulo: Hucitec, 1999.

SCHNEIDER, José Odelso. **Democracia, participação e autonomia cooperativa**. 2. ed. São Leopoldo-RS: UNISINOS, 1999.

SCOTT, James. Formas cotidianas de resistência camponesa. **Raízes-Revista de Ciências Sociais e Econômicas**. Campina Grande PB: UFCG/PPGS, v. 21, n. 01, p. 10-31, jan./jun. 2002.

SENNETT, Richard. **O declínio do homem público**: as tiranias da intimidade. Tradução Lygia Araújo Watanabe. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

SCHUTZ, Alfred. **La Construcción Significativa del Mundo Social**: Introducción a la sociología comprensiva. Barcelona: Paidós, 1993.

\_\_\_\_\_. **Fenomenologia del Mundo Social**: Introducción a la sociología comprensiva. Buenos Aires: Paidós, 1972

\_\_\_\_\_. **Fenomenologia e Relações Sociais**. Rio de Janeiro: Zahar, 1979

SILVA, Catia Antônia da; FREIRE, Désirée Guichard; OLIVEIRA, Floriano José Godinho de (Orgs.). **Metrópole**: governo, sociedade e território. Rio de Janeiro: DP&A: Faperj, 2006.

SIMMEL, Georg. A metrópole e a vida mental. In: VELHO, Otávio Guilherme (Org.). **O fenômeno urbano**. Rio de Janeiro: Zahar, 1967.

\_\_\_\_\_. Conflito e estrutura do grupo. In: MORAES FILHO, Evaristo de. (Org.). **Simmel**: sociologia. São Paulo: Ática, 1983. (Coleção Grandes Cientistas Sociais).

\_\_\_\_\_. **Filosofia del dinero**. Granada: Comares, 2003.

\_\_\_\_\_. **Questões fundamentais da sociologia**: indivíduo e sociedade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

SMOESTE poderá ter um albergue. **Jornal Folha do Oeste**, São Miguel do Oeste, SC, p. 09, 30 jun. 2008. Disponível em: <<http://www.adjorisc.com.br/jornais/folhadooeste/noticias>>. Acesso em: 13 dez. 2009.

SOUZA, Celina. **Políticas públicas**: uma revisão da literatura. Disponível em: <<http://www.scielo.br>> Acessado em 12/07/2010.

SOUZA, Jessé (Org.). **A atualidade de Max Weber**. Brasília: UNB, 2000.

SOUZA, Jessé; ÖELZE, Berthold (Orgs.). **Simmel e a modernidade**. 2. ed. Brasília: UNB, 2005.

SOUZA, Marcelo Lopes de. **Mudar a cidade**: uma introdução crítica ao planejamento e à gestão urbana. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

SOUZA NETO; João Clemente de. Mutações da esfera pública. In: BAPTISTA, Dulce. **Cidadania e subjetividade**: novos contornos e múltiplos sujeitos. São Paulo: Imaginário, 1997.

SPENASSATTO, Ledi Annoni Pinto. **A importância da imigração em São Miguel do Oeste para o desenvolvimento regional**. São Miguel do Oeste: Gráfica e Editora Ryus Ltda, 2008.

THOMPSON, Edward P. **A formação da classe operária inglesa I: a árvore da liberdade**. 4. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2004.

TOURAINÉ, Alain. **Crítica a modernidade**. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

\_\_\_\_\_. **O pós-socialismo**. São Paulo: Brasiliense, 1988.

\_\_\_\_\_. **Um novo paradigma**: para compreender o mundo de hoje. Petrópolis-RJ: Vozes, 2006.

TOURAINÉ, Alain; KHOSROKHAVAR, Fahad. **A procura de si**: diálogo sobre o sujeito. Lisboa: Instituto Piaget, 2001.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar**: a perspectiva da experiência. São Paulo: Difel, 1983.

UCZAI, Pedro (Org.). **Dom José Gomes**: mestre e aprendiz do povo. Chapecó-SC: Argos, 2002.

VAINER, Carlos. Pátria, empresa e mercadoria: notas sobre a estratégia discursiva de planejamento estratégico urbano. In: ARANTES, Otília; VAINER, Carlos; MARICATO, Ermínia (Orgs.). **A cidade do pensamento único**: desmanchando consensos. Petrópolis: Vozes, 2000.

VELHO, Gilberto. **Projeto e metamorfose**: antropologia das sociedades complexas 3ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 2003.

VIVER nas ruas é uma opção. **Jornal Folha do Oeste**, São Miguel do Oeste, SC, p. 09, 11 jul. 2009. Disponível em: <<http://www.adjorisc.com.br/jornais/folhadooeste/noticias>>. Acesso em: 13 dez. 2009.

VOTAÇÃO do projeto Pontal, hoje, deverá ser polêmica. **Jornal Correio do Povo**, Porto Alegre, RS, p. 09, 12 nov. 2008.

WAIZBORT, Leopoldo. **As aventuras de Georg Simmel**. 34. ed. São Paulo: USP, 2000.

WANDERLEY, Maria de Nazareth Baudel. **Urbanização e ruralidade**: relações entre a pequena cidade e o mundo rural; estudo preliminar sobre os pequenos municípios de Pernambuco. 2001. Disponível em: <[www.fundaj.gov.br/observanordeste/obed001f.htm](http://www.fundaj.gov.br/observanordeste/obed001f.htm)>. Acesso em: 10/01/2010.

WEBER, Max. **Economia e sociedade**: fundamentos da sociologia compreensiva. Tradução Regis Barbosa e Karen Elsabe Barbosa. Brasília-DF: UNB, v. 2, 1999.

WEBER, Max; WINCKELMANN, Jahannes. **Economia y sociedad**: esbozo de sociologia compreensiva. México: Fondo de Cultura Econômica, 1994.

WIRTH, Louis. O urbanismo como modo de vida. In: VELHO, Otávio Guilherme (Org.). **O fenômeno urbano**. Rio de Janeiro: Zahar, 1967.

ZEQUINI, Anicleide. **O quintal da fábrica**: a industrialização pioneira do interior paulista - Salto SP., séculos XIX e XX. São Paulo: Anablume; Fapesp, 2004.

20 VOTOS a favor, 14 contra o projeto Pontal. **Jornal Correio do Povo**, Porto Alegre, RS, p. 08, 13 nov. 2008.

2% DO eleitorado decide o futuro do Pontal. **Jornal Correio do Povo**, Porto Alegre, RS, p. 12, 24 ago. 2009.



## **ANEXO A – Entrevistas**

## ENTREVISTAS

Entrevista 001  
Novembro de 2008

- Qual é a sua idade?  
Estou com 39.
- Qual é sua origem étnica?  
Origem o que?
- Brasileira, alemã, italiana?  
Sou brasileira com alemão.
- Casada?  
Casada.
- Quantas pessoas têm na sua família Neli?  
Nove.
- Quantos filhos?  
Nove.
- Nove em toda a família e filhos.  
Sim.
- A senhora é daqui de São Miguel mesmo?  
Sô.
- Nasceu aqui?  
Nasci e mi criei aqui.
- Qual era a profissão anterior da senhora?  
Empregada doméstica.
- Que motivos lhe trouxeram a vir desempenhar esse tipo de atividades?  
Porque não encontrei mais emprego.
- Não encontrou mais emprego. Por isso você veio...  
Comecei puxa papel di ganhava um pouquinho mais do salário, ganhava mais do que o salário que assim, quando trabalhava de empregada.
- Qual a renda mensal da família?  
Só eu trabalho.
- E a renda mensal é quanto? Quanto você ganha por mês?  
Das veis é quinze em quinze dias que nós vendemos papel né, mas que nem muitos entregam, mas muitos não né. Tiram 100, 180, 150, né conforme o pouco que a senhora tem pra entrega, conforme o que a gente ajunta pra entrega.
- Recebe conforme você entrega a mercadoria?  
É
- O que recebe é o suficiente para sobrevivência sua e de sua família?  
Não é.
- É pouco?
- Qual a sua escolaridade? Que grau de estudo você tem?  
Eu não estudei sou órfão de pai e mãe só tenho, só a segunda série só.
- Você só estudou a primeira e segunda série!  
Sim.
- Gostaria de voltar a estudar?  
Há eu gostaria.
- Por que não está estudando?

Por causa que aqui na nossa comunidade, aqui na associação ta surgindo um projeto assim, de nós combina assim quas outras né, pra nois faze um colégio aqui, pra todo mundo estuda. Daí se elas conseguirem daí nois voltemos estuda.

- Certo, vão formar um colégio para o pessoal voltar estudar, todos quem não estudo vai ter a oportunidade de estudar. Que ótimo, aqui na associação mesmo, que bom.
- Como é seu dia- a- dia reserva algum tempo pro lazer, pra passear?  
Não eu não passeio, não, nunca passeio nunca me divirto nada.
- É só trabalhar!  
É só trabalha, chega em casa lava roupa, lava louça, limpa a casa e cuida dos filhos, só.
- As pessoas que trabalham nessa associação estão satisfeitas com o trabalho que fazem, você acha que estão satisfeitas?  
Eu acho que sim, porque agente vê todo mundo contente não vê ninguém triste aqui.
- Que bom, e você esta satisfeita?  
Eu to.
- Gostaria de trabalhar com outra coisa?  
Eu sim, se surgisse outra coisa pra gente trabalha é melhor né. Porque só essa profissão que nós temos não é vivência de uma pessoa, né.
- Quando vocês vão coletar o material cada um coleta pra si ou coletam juntos esse material?  
Não, cada um tem seu carinho, cada um puxa no seu canto, cada um sai , cada um vende seu pouco que coie.
- Certo, e daí traz aqui na associação e cada um tem seu espaço separado?  
Cada um tem seu pedacinho, que nem lá é o meu, ali, é da outra mulher, aqui é da outra, cada pedacinho de pau é um quadradinho.
- Vocês têm locais marcados pra coletar o material?  
Não.  
Vocês catam na rua?  
Só cato na rua aonde eu acho.
- Vendem os materiais juntos e repartem os lucros ou não?  
Cada um vende o seu.
- Estão fazendo um caixa pra comprar a prensa?  
Não associação mesmo, da assim, que nem a da outras do projeto. Tão conseguindo vê se pode equilibra, pra compra, porque quem vai da é a prefeitura pra nós.
- A prefeitura que vai da pra vocês!  
Que é o governo o prefeito, que já foi feito o pedido varias vezes, a ... que falaram né
- É a prefeitura que vai doar essa máquina, essa prensa no caso!  
E a picadora também.
- Onde comercializam o produto de sua coleta, a onde comercializam esse produto.  
Pra quem a gente vende?
- Isso.  
A gente vende pro Ricardo.
- Esse Ricardo é aqui de São Miguel?  
É ele é da fabrica de papel de guardanapo.
- Qual o valor que é pago?  
Quando eu vendia pra ele que é, antes deu entra aqui, era vinte e cinco o copo plástico né, e doze e quinze era o papel.

- O papel doze ou quinze depende do papel?  
Depende o papel, se é um papel duro ou mole útil, se é um papel grosso é doze.
- Se é um papel melhor...  
Assim, que da pra fazer guardanapo é quinze.
- Você comercializa o produto da sua coleta, junto com os outros ou individual, só com sua família?  
Só comigo e minha família.
- Só você e sua família. Da sua família é a senhora e mais alguém que coletam papel ou é só a senhora?  
Só eu, e o outro meu piá mais pequeno.
- Há tem mais o teu filho?  
Ele vai no programa da unoesc daí, na segunda e na quarta o resto ele me ajuda.
- Que idade tem seu filho?  
Quinze anos.
- Participa das reuniões da associação?  
Sim.
- O que você me diz da ACOMAR? O que você me diz dessa associação?  
Assim das pessoas que ta por aqui?
- De toda a associação, enfim de todos de quem ta aqui da associação em si, o que quê você acha da associação?  
O que quê a gente acha das pessoas, tem que agora ta tocando pra frente ta ficando um pouquinho melhor né, de primeiro não tinha resultado nenhum agora parece que ta querendo melhora a situação da gente, a prefeitura vai da material assim pra gente construí casa que a gente não tem.
- A senhora escudou que alguém vai ajuda a melhorar a vida de vocês?  
Assim eles tavam falando que vão ajuda.
- Não sabe se é a prefeitura quem que é.
- Você se sente bem em participar dessa associação?  
Eu sim.
- Como você se sente sendo um coletor de material reciclável? Como é que você se sente?  
Há eu me sinto com pouco de vergonha, chateada né, mais o que quê agente vai fazer, não tinha outra coisa tem que encarar isso que tem.
- Não te preocupe com isso que tudo que é trabalho...  
Muitas pessoas que falam pela gente e diz, ó a catadeira de lixo ó a catadeira de papel. rs  
Quais são seus projetos para o futuro?  
O que eu vejo, hoje em diante tem que melhora né não pode continuar sempre assim, sempre na pior.
- Não pode ficar tem que melhorar né!  
Tem que melhora sempre na pior.
- Como surgiu a idéia dessa associação ACOMAR você sabe?  
Não, não sei como surgiu ACOMAR, por causa que eu faz uns quatro mês, que eu to aqui.
- Quando você entrou já existia?  
Quando eu entrei aqui, já tinha desde o começo, eu já sabia que eu ia entra, mais eu não tava participando, sabe, participei de quatro cinco mês pra cá, por que não tinha vaga, tenque te vaga pra senhora entra, entende, nos canto, porque aonde a gente vai coloca papel.

- Tem que te a vaga?  
Tem que te a vaga surgiu uma vaga, um sai e o outro entra, sim porque aqui tem uma vaga, até agora não botaram ninguém, e daí surgiu a vaguinha e eu entrei.
- Faz quatro meses só que você esta aqui na associação?  
Sim.
- Então era isso ai muito obrigado.  
De nada, quando precisa de uma palavrinha me procure.
- Obrigado.

Entrevista Nº 002  
Julho de 2008

- Qual a sua idade?  
Trinta e um anos.
- A sua origem étnica?  
Origem brasileira, é isso.
- A senhora é casada?  
Eu sou separada faz 2 anos.
- Quantas pessoas tem na sua família?  
Nóis semos cinco.
- Quantos filhos?  
Tem quatro.
- A senhora é daqui de São Miguel ?  
Não, eu sou natural de Águas de Chapecó né, morei 14 anos na pedreira, na prefeitura lá em baixo, depois dos 14 anos vim aqui pra cidade, eu to morando no bairro São Luis.
- 14 anos você morou aonde?  
Na pedreira.
- Essa pedreira é aonde Justina?  
Lá em baixo pra lá do São Gotardo.
- Aqui no bairro São Gotardo, aqui em São Miguel.  
Sim .
- Essa pedreira o que você fazia lá?  
Há, eu quando não tinha o que fazer eu ia ajudar quebrar pedra, fazer pedra de calçamento.
- Você e seu esposo que trabalhavam lá?  
Sim eu e meu esposo, meu sogro e meus cunhados que trabalhava.
- A tua função lá era?  
Quebra pedra, daí depois de cinco anos eu resolvi de cata papel.
- Antes de trabalhar na pedreira o que você fazia?  
Eu era da roça, trabalhava na roça.
- Onde?  
Em Águas de Chapecó.
- Que motivo o trouxe a vir desempenhar esse tipo de atividade? Catador de papel?  
É que, é um serviço melhor né, agente... é sofrido o serviço né, so que a gente trabalha por conta tu não trabalha por dia assim, trabalha a vontade e eu gosto do meu serviço.
- Qual a renda, mensal da família?  
Há, as vezes da um salário, um pouco, depende a quantia que aumenta o papel, as veis aumenta, as veis baixa o papel, esse mês ta baixo o papel.
- Quanto que ta o papel?  
Ta 222 esse meis.
- Como assim, é por quilo como é que é?  
É 0,23 centavos o quilo.
- E você diz, duzentos e pouco é o que ?  
É o mil quilo.
- O que recebe é o suficiente para a sua sobrevivência e de sua família ?

É daí eu tenho o bolsa escola da piizada, a gente véve né, e daí a gente ganha as coisas do pessoal, o pessoal aguda a gente.

- Qual escolaridade que você possui? Não entendeu, o estudo que você tem?  
Há eu esse ano até parei de estudar né, eu vou começar estuda o ano que vem a partir do ano que vem.
- Você vai voltar estudar o ano que vem, aonde?  
Ali na Acomar nois vamos te a sala de aula, daí vai te o projeto de todas as letras, nois vomos estuda ali, tem a professora tudo já fazendo uma entrevista com nois já
- É ali mesmo que vocês vão voltar estudar, você e mais o pessoal da associação da Acomar.  
É, é 25 família nós vamo estuda?
- ótimo.
- Como é seu dia-a dia reserva algum tempo pro lazer?  
Não eu saio de manhã, que nem hoje de manhã eu fui trabalha daí cheguei em casa era 11 hora,daí agora saí de novo pra uma reunião só vou chegar em casa ali por umas 9 ou 10 horas da noite, as veiz não tem descanso né, quase direto.
- Você hoje de tarde tem reunião?  
É daí tem o curso, daí de associação e cooperativa daí pra gente sabe quanto tipo de material tem e quanto não tem né,que a gente não sabe, tem 18 tipo de plástico, papel tem uns 14 ou 15 né a gente quase não sabe né, daí nós vamos ganha a prensa e o picotado daí nós precisemos isso ali.
- Essa reunião é pra isso, é pra sabe os vários tipos de papel e plástico que tem é isso?  
é.
- Essa prensa essa picotadora você diz, vocês vão ganha de quem  
Da igreja luterana de Caxias do sul.
- Já foi confirmado é isso?  
Já foi confirmado é só liga pra cá, daí eles vão vê o local, porque precisa um lugar assim que tenha segurança pra eles trazer.  
Quando foi confirmado isso faz poucos dias?  
No mês passado.
- Numa reunião lá na associação, aonde que foi?  
Sim , eles ligaram pro Claudir aí o Claudir falou pra nós.
- Esse Claudir é quem ?  
Ele é representante de associação e cooperativa.
- De cooperativa?  
É, e associação daí ele tá por toda a região, ele é pago pela CUT.
- Esse Claudir ele é de São Miguel ou não?  
Não, os pais dele morra aqui em São Miguel, mas ele morra em Chapecó.
- É ele que vem na reunião.  
É o curso, ele e o outro, tem dois rapaz que vem.
- As pessoas que trabalham nessa associação estão satisfeitas com o trabalho que fazem?  
O pessoal tão inté, nois ganhemos 2 mil o meis passado pra compra capa de chuva daí compramos pro trabalho. Agora nós precisemo compra mais 2 carrinhos pra associação daí também, é que tem um pouco em caixa né, daí nois temos que gasta até o final desse mês, até hoje nós vamos faze a entrega das capa de chuva pro pessoal.
- E você esta satisfeita ?

Há, eu to porque, a gente precisa trabalha né, e ali quase não tem quem corre atrás, a maioria quem corre é só eu, tesoureiro e secretario quase não corre, mias é eu.

- Você pretende trabalha com outra coisa?  
Há, só se tivesse um serviço melhor assim, mas se não eu continuo assim porque assim eu trabalho por conta não precisa ta mandado de patrão nada tu vai a hora que qué e volta a hora que qué, e eu gosto desse serviço.
- Quando vocês vão coletar o material cada um coleta pra si ou coletam juntos esse material?  
Nois temos 19 lugar que o pessoal tão doando, daí nois coletamos assim tudo junto né uma partilha só, assim todo mundo vai daí nós coloquemos num monte só, depois nois vendemos e dividimos tudo junto.
- Há, então agora mudou, agora é coletivo todo mundo coleta e levam lá na associação e vocês dividem quando entregam pro...19 lugar sim e daí os outros separados ainda né.
- 19 lugar são assim e os outros são separados.  
sim.
- Só 19 lá na associação.  
Não, 19 lugar, assim nas lojas.
- Há, tá você fala coletivo esses 19 lugar que vocês pegam.  
Sim.
- Fora esses lugares daí cada um coleta pra si?  
Tem mais, o pessoal tem bastante.
- Tá mais daí coletam individual?  
Sim
- Juntos é só esses 19 lugar que vocês coletam, você se lembra de alguns desses 19 lugares?  
É tem a Bregomar, tem a Sapema, tem algumas farmácias ai tem um monte de lugar, as oficinas tem 9 oficinas doando o material pra nós.
- Vocês vendem o material juntos e repartem os lucros ou não?  
Sim, esses 19 lugar sim.
- Só esses 19 lugar os outros não?  
Daí os outros são separados.
- Mesmo os que pertencem a associação
- É estão fazendo um caixa pra comprar a prensa?  
Ainda não.
- Porque não estão fazendo?  
É que por enquanto o material dá pouco né, depois que nós tiver a prensa e o picotado daí sim é por enquanto só da pra come né, pra paga as conta.
- Onde vocês comercializam o produto de sua coleta?  
Nóis vendemos?
- É.  
Na fabrica de guardanapo a Rener.
- Onde vocês vendem?  
Na fabrica de guardanapo.
- Fabrica de guardanapo é aqui mesmo em São Miguel né.  
Bairro São Luiz.
- É de quem essa fabrica?  
Do Ricardo.
- Vocês só coletam papel papelão ou vocês coletam plástico e outras coisas também?



Juntemos plástico vidro vai ferro veio vai isopor vai tudo agora.

- E vocês vendem tudo pro mesmo?  
Não, nós só vendemos papel e plástico pro mesmo, e as latinha né, e o resto a gente vende separado.
- Vende separado mais vende pra quem?  
A gente vende pro Carlinho ali tem o ferro velho daí a gente vende pra ele.
- Qual é o valor desse outro material sem ser o plástico que você falou a latinha o papel, qual o preço do quilo por exemplo, quanto é o quilo do ferro?  
Do ferro é 20 centavos o quilo e o vidro é 25 o mil quilo.
- 25 reais o mil quilo?  
sim.
- Você participa de todas as reuniões?  
É de todas as reuniões, só não ando participando agora é da pesada que daí de sexta feira daí eu tenho que ir de manhã trabalha daí eu não posso, mas da reunião tudo as reunião eu tou presente.
- O que você diria da acomar da associação?  
Eu acho que agora ela tá mais organizada o pessoal estão ajudando tem o pessoal do sindicato nós ajudando tem o pessoal da caixa tem esses 2 rapaz que estão ajudando da cut e da ds tem um monte de gente que tão ajudando tem as 2 gurias estagiarias que ajudam nós também.
- Quais são seus projetos para o futuro?  
Nós temos uns projetos agora pra nós compra uns carrinhos né, e daí o uniforme nós já ganhemo e daí tem um monte de projeto, vê se a prefeitura ajuda com o carrinho o ano que vêm pra nós recoie o material a gente tá lutando aí vão vê se nós consegue né.
- Como surgiu a idéia da associação acomar?  
A isso ali, quem fundou foi o Lino né, ele era o projeto andorinha uma vez, daí não foi aprovado pela camarra Junior, daí depois o Lino pegou e colocou acomar daí ele deu os carrinhos deu material pra nós deu os bonés e deu os crachás pra nós até deu hoje, agora de novo deu crachá e assim tá indo.
- Há, o Lino deu boné os crachás e que mais os carrinhos, e agora vocês tão pretendendo compra mais uns carrinho como é que você disse antes?  
É capa de chuva nós temo já os uniforme nós ganhemos da empresa aqui em São Miguel só que não estou lembrada o nome, e daí as capas de chuva nois compramos daí nois compramos a cesta básica, nois ganhemos 2 mil reais né, pra nois gasta e daí agora nois ganhemo os crachá o Lino também fez 10 real cada crachá né, só que o sindicato que pagou.
- O sindicato que você fala e o sindicato dos bancários é isso?  
É sindicato dos bancários que tá ajudando nois bastante.
- A ajuda é somente para os associados da Acomar.  
É.
- Mas tem catador de papel que não é sócio? O sindicato ajudou esses também  
Não. Eles deram os uniforme pra nós porque nós é da associação, daí que ganhemo as capa de chuva os crachá e os carrinho pra ser tudo igual. Por que nós aprendemo como que é pra lida com os papelão e com os vidro. Que é pra nós usa luva quando vamo lida com lixo.
- Vocês foram proibidos de circular em algumas ruas da cidade por que atrapalhavam o transito com os carrinhos?

Sim, mas era só as rua do centro. Ma nós podia i depois das 6 horas da tarde que tinha os carinho da Acomar e com uniforme e crachá. Só que tem muito catador que tem seu carinho próprio, que ele mesmo fabrica. Pega duas roda de bicicleta e uns fero e te pronto. Daí sai pra rua e a culpa é de todos catador, associado ou não.

- Mas a associação foi criada com o objetivo de resolver esse problema dos carrinhos, não só dos carrinhos das carroças e outras que estavam atrapalhando o centro da cidade.

Era do projeto Andorinha, pra todos serem do projeto. Só que uns saíram e outros entraram ali no bairro. E agora tem catador em tudo os bairro que não são da associação.

- Esse projeto andorinha você podia me explicar como é que erra antes, como é que funcionava quando que você trabalha antes de começa essa Acomar era o projeto andorinha você fala, como é que era, me explica um pouco do projeto andorinha?

É que isso ali foi o Lino que fundou né, daí eu cheguei já por ultimo lá no bairro Agostini dai tinha aquele depósito daí a metade desse pessoal participava desse da Sibrazem antigo, Sibrazem né daí lá tinha bastante esse pessoal lá estudava, lá eles davam aula e tudo, e daí depois a câmara Junior não aprovou daí que veio a Acomar.

- Quanto tempo faz isso você se lembra?  
Já faz cinco anos.
- Depois disso de cinco anos pra cá que vem a associação Acomar?  
Sim, é faz cinco anos que foi fundada esse projeto andorinha daí dali depois foi um ano e pouco foi fundada a Acomar.
- E você continua na presidência da associação  
Sim, ainda estou na presidência
- Ficamos muito agradecido pelas informações e desejando sucesso e que você possam atingir os objetivos proposto pelos associados. Obrigado;  
Eu que agradeço.

Entrevista Nº - 003  
Novembro 2008

- Dia 17 de novembro, aqui com a Dona . . . , na rua Santo Molin com a Padre Aurélio Canzi, número 2423 as 16 horas;
- Então Dona lara me diz teu nome completo?  
Meu nome é .....
- E a origem étnica da Sra?  
Italiana
- Religião?  
Católica praticante
- A Sra frequenta então regularmente a igreja?  
Inclusive nos fazemos parte da diretoria da igreja;
- Qual a procedência da família da Sra?  
Vindos do RS, São Sebastião do Caíque, fazem já, agora dia 26 de maio de 2009, vai faze 65 anos que residimos aqui.
- A Sra sabe que motivos trouxeram os seus pais pra vim mora pra cá?  
Em questão das terras, eles vieram aqui trabalha nas lavouras, daí eles vieram pra melhora a condição de vida deles, por que no RS também eles moravam numa pirambeira, eles vieram pra cá também em busca de terras.
- Eles encontraram alguma dificuldade quando eles chegaram mora aqui? Vocês moraram primeiramente aqui? Diretamente aqui? Ou moraram em outro lugar antes?  
Quando eles vieram pra cá, eles tinham um galpão ali perto do Santo Molin, lá perto hoje da Credi, eles tinham um galpão lá que as pessoas que vinham do RS ficavam lá uns dias ate eles se localizar, construírem suas casinhas de madeira, pra as pessoas se localizarem daí vierem até aqui, e daí lá era o centro, lá o pessoal descia das mudanças pra depois se deslocarem aos lotes que as pessoas compravam, daí foi sempre nesse local que nos morramos.
- E hoje Dona , a Sra encontra alguma dificuldade para viver aqui?  
Não em relação ao que a gente já conheceu desenvolveu, não tem dificuldade, até é calmo aqui, um lugar tranqüilo, não tem muitas preocupações.
- A Sra me disse que é professora aposentada, a sra tem ate especialização ou só cursou o ensino superior?  
Eu fiz pós-graduação em Arte educação.
- E se a Sra tivesse seguido um mestrado ou um doutorado, a Sra gostaria de ta atuando em uma universidade?  
Adoraria, é um sonho que foi interrompido, por que quando a gente se aposenta a gente já se acomoda mas, eu tenho muita saudade da escola, dos alunos, eu choro, tem dias que eu choro, só de falar eu já tenho vontade de chorar, por que me dá muita saudade dos meus alunos, do serviço, daí o dia que eu recebi a carta do Governador que dizia que a gente ia se aposentar, daquele dia em diante que ele agradeceu o trabalho, foi o mesmo assim que perde um objetivo assim da vida mas, eu ainda tenho vontade de ir pra escola, vontade de estuda, por que é a melhor coisa que a gente pode saber, fazer, é ter conhecimento, ter um certo conhecimento que faz parte, (desde uma leitura) ou uma coisa, sempre a gente tem parece aquela necessidade de ta com as pessoas, relacionamento, convívio tudo isso faz falta.
- Quando vocês ficam doentes procuram os primeiros socorros onde?  
Uma que a gente quase nem é doente, não tem assim muito problema de saúde, então a gente procura, claro a gente vai, se é uma coisa menos, a gente trata em

casa mesmo, se é uma coisinha que se a gente acha que não tem necessidade de médico, senão a gente procura um medico mesmo.

- E antigamente era mais difícil, quando ficavam doente, de encontrar recursos, de ir até o medico?

Assim a minha mãe conta sempre que eles, (...) também era a vizinhança que ajudava, que conhecia os métodos de cura, todas as plantas, de uma erva, um remédio caseiro, eu ainda uso a banha com o açúcar numa ferida, essas coisas caseiras eu uso bastante, um banho de vinagre e sal, essas coisas a gente nem deixou de fazer, não é qualquer coisinha a gente corre lá no médico, no posto, alguma coisa assim, a gente procura primeiro resolve, depois procura uma assistência maior.

- O que a Sra leva em consideração quando a Sra escolhe um representante municipal?

Eu gosto de vê, ate assim eu não exijo que faça coisas pra mim, eu não quero, mas eu quero que ele faça certo pra sociedade, para o povo, faze a justiça, que ele faça justiça, que ele faça, que ele administre certo, os financeiros, na prefeitura, o que eles prometem que eles cumpram, que eles assim faze mais honesto, ser mais honesto e as pessoas, por que senão as coisas não andam e daí só fazem aqueles grupos e só determina das pessoas são beneficiadas, daí eu não gosto disso, eu gostaria que fosse atende todas as necessidades básicas, principalmente os mais pobres, que tem muita dificuldade de ter acesso, ajuda de custos, que é destinado ao município pra atende o pessoal que tem necessidade, graças que a gente não precisa não depende muito deles, então eu fico feliz que eu gostaria que eles fizessem pros outros, pra sociedade a justiça.

- E a Sra freqüenta algum espaço de debate, discussão sobre o andamento da cidade?

Olha, nós temos assim ali no conselho da igreja que a gente participa, a gente sempre tem um grupo, a gente nunca deixa de fala sobre política , todo grupo a gente fala de política, política mesmo, não politicagem, da política nacional, tudo quanto é grupo a gente se manifesta politicamente, assim então nós temos um grupo de professores aposentados pra gente não perde a auto estima daí então a gente leva essas questões sociais, pra gente debate todas as quartas feiras, a tarde a gente se reúne, nós somos um grupo assim de seis pessoas, nos visitamos outras pessoas daí a gente leva um tema, um recorte de uma revista, um jornal ou um livro, alguma coisa que se lê, aí a gente lê em grupo pra que a gente não perca aquele, aquela situação ou mesmo pra conhecer um pouco da realidade pra não fica tão excluído de tudo, e também a gente acompanha na televisão, no jornal, eu tenho assinatura de jornal, tenho algumas revistas também, então a gente não, fica assim tão alheio da questão política, mas a gente participa tanto no conselho da igreja, quanto na coordenação das capelinhas quanto no grupo de professores aposentados, o sinte dos professores, sempre se discute a questão política.

- E quando a Sra precisa de uma política publica como a Sra procede?

Olha esses dias até caiu um ônibus aqui na frente da minha rua, caiu aqui no valo e foi assim, a gente ligo, até admiro que eles vieram e atenderam logo, foi até assim questão de oito dias eles resolveram por que era um esgoto aqui da minha frente, da frente da casa que se tornou esse valo até que eles vieram mas assim que nem a rua eu mesmo varro, aqui na rua eu me limpo, eu recolho o lixo, eu que até to pensando em faze uma caixa assim pra bota o lixo da rua pra recolhe, pra não deixa ali joga pro outro lado, que eu faço isso errado, que eu quero corrigir isso , então eu to estudando aqui no meu terreno que que eu posso faze um espaço pra isso, mas

outras coisas assim eu mesma me fiz canteiros da rua, plantei grama, limpo, to sempre arborizando cuidando assim, pra proteger, então eu cuido muito da questão do lixo, da limpeza, as coisas ao redor aqui, por que se a gente não faz a prefeitura não pode fazer tudo então eu faço a minha parte, eu quero fazer a minha parte enquanto eu puder tiver força eu quero fazer.

- Que propostas que foram feitas pelos governantes que não foram cumpridas? E por que a Sra acha que eles não as cumpriram?

É assim, por que eles prometem muitas coisas, que nem assim agora calçamento, ruas tudo esburaquiada, então eles falam, falam, e na verdade é ruim aqui na cidade, saí de carro é uma lastima, esse asfalto que tem na cidade, então eles fazem isso, fazem aquilo, coisas básicas do dia-a-dia a gente tem dificuldade, então eu não gosto que eles prometem e não cumprem.

- E quando eles fazem uma proposta mais diretamente, que a Sra se recorde no decorrer da eleição e eles não cumprem essa proposta, o que a Sra faz?

Olha a gente sempre comenta, por que não faz, a gente fica comentando, mas na verdade a gente é até acomodado, a gente deveria agir mais, participa mais, que nem na reunião de vereadores a gente devia tá lá mais se manifestando, assim pedindo mais, quem sabe até ajudando esse pessoal, a gente as vezes até se omite até de algumas coisas, é acomodado.

- Qual espaço da cidade que a Sra mais frequenta?

Eu vou sempre na praça, a gente anda, caminha, eu caminho ali pela rua da ceval, tem muitos lugares que a gente anda, então eu gosto de ver os bairros quando a gente caminha a pé, por que a gente anda por todas as ruas, não tem espaço definido ao sair, a gente anda por várias ruas da cidade pra admirar, pra ver, pra ver a evolução que houve, a diferença de um lugar pro outro.

- Isso durante os dias normais e os dias de folga o que a Sra faz?

Olha, eu sou um pouco artista, um pouco não artista, não sou reconhecida, mas eu crio algumas obras, então eu pinto assim em casa, eu faço quadros, artesanato também, então eu tenho sempre me ocupado, que nem ontem era domingo, então eu fui mexer nas minhas flores, botei terra nas minhas flores, a gente tá sempre fazendo alguma coisa, a gente nunca diz assim, hoje não faço nada, sempre envolvida com atividade.

- E o que a Sra mais gosta aqui na cidade?

O que eu vou dizer que eu menos gosto, o buraco das ruas. O lixo, o,lixo, o lixo, quando eu vejo aqueles lixo, aí eu fico com uma pena, aquelas calçadas mal feitas também, ali tudo esburaquiada que a gente não pode nem caminhar, e também aquele lixo que amontoa na rua aqueles monte de lixo, e tem gente que espera tudo pra prefeitura fazer, também não dá, se tá na frente um poquinho da casa, a gente também pode reconhecer e se faz um pouco, pode se dedicar um poquinho, acho que a gente teria que trabalhar até mais pra organizar isso.

- E o que a Sra faz para melhorar a sua vida aqui na cidade?

O que eu faço, agora eu tô aposentada, Maria Santíssima, agora pra melhorar aqui a cidade, eu vou te dizer o que eu faço, eu já fiz muita coisa pra essas pessoas, agora em função de me aposentar, eu quase não fiz muita coisa mais pra cidade, não fiz muito mais, mas eu tenho, tô pensando em fazer mais alguma outra coisa, a gente se envolve um pouco mais com a igreja, parece que quando a gente fica veio a gente começa a ir na igreja, volta o outro lado, o lado mais espiritual, fica mais humano, mas a gente faz, faz as coisas pra família, faço alguma coisa pro vizinho, o que a gente puder ajuda, a gente tá sempre, se vem pedir a gente ajuda, mas a

gente não faz, realmente a gente devia fazer mais, a gente tem consciência de que a gente não faz.

- A Sra respeita as leis propostas pelos órgãos públicos?  
Há com certeza tem que respeita, acho que todo mundo, acho que como a gente tem direitos, a gente tem o dever também, a gente tem que ver essas questões assim de respeita.
- Paga corretamente então a água, luz, telefone e IPTU.  
Tudo, chego o dia do carne lá no banco, avisa na rádio eu corro busca, pago em dia, já tenho, já deixo agora, o salário de novembro é depositado já pra pagar os impostos, por que tem dois imóveis, eu já deixo, pra mim fica tranquila, eu acho que eles merecem também por que eles vem buscar o lixo sempre, muitas outras coisas assim pra cidade e também pra eles aplica lá nas outras coisas que eles precisam.
- Eles recolhem corretamente e diariamente o lixo?  
Sim;
- E antigamente Dona ... como é que funcionava?  
Olha acho que, a gente nem tinha tanto lixo que nem agora, sabe por que eu me lembro assim que a gente não tinha assim essa quantidade exagerada, não tinha tanto plástico, a gente o litro, a gente ia no mercado, a gente trocava o litro do refrigerante, e a gente trocava de tudo isso, a gente ia com a embalagem e trocava, hoje, é um consumismo muito exagerado, então é um acúmulo de lixo, eu meu saquinho de lixo e olho eu fico triste as vezes de ver tanto lixo que a gente tem do leite, a gente comprava o litro de leite todo dia, ia lá na vizinha, ela tinha a vaca, tinha o leite e comprava aquele litro de leite do dia, não tinha nem o descartável pra jogar fora, hoje não tá vai na feira, tu já pega aquele litro de leite descartável, daí tu já tem o litro do leite também descartável, (...), é um acúmulo de lixo uma vez não tinha tanto lixo, e era só a casca dos produtos que a gente comia, comia batata, comia as coisas mais caseiras e ainda a gente engordava o porco, e hoje não, hoje não tem mais porco aqui na cidade o suíno, e daí também se acumulou o lixo, daí outros levam o lixo embora, daí assim não tinha tanto lixo aqui, eu nunca me lembro, por que a cinza do forno e do fogão a gente levava na horta, as cascas a gente tratava os animais, e a gente não tinha, a gente usava o sabugo, a gente nem tinha o papel higiênico, a gente usava até o sabugo, nem tinha na época o papel higiênico e depois foi tudo moderno, moderno que cresce e junta um monte de lixo, um exagero de lixo, exagero, isso que eu faço separação de lixo, boto no meu lixeiro aí na cozinha, depois eu levo ali fora, daí o que é de casca eu tenho o tonel que eu cortei o fundo e enterrei no chão na horta e daí eu levo tudo lixo que se decompõe na horta, daí a gente tampa pra não entrar mosca, não entra nada, quando tá cheio daí eu puxo pra cima e daí boto em outro lugar e aquilo aproveito pra adubo, faço o composto e solto terra dentro, e não se tinha tanto lixo assim, agora tem mais lixo.
- Dona ... eu sei que nessa rua aqui tem aquele sistema de esgoto da prefeitura, vocês tão com o sistema de vocês integrado no deles?  
Sim, já faz anos, faz uns 25 anos, não quando eles fizeram o asfalto, que eles recuperaram isso.
- Que época que foi que eles fizeram o esgoto aqui Dona ...?  
Olha acho que faz uns 10 anos, não faz muitos anos que tem esse asfalto, no máximo uns 10 anos.
- E foi nesse período que?  
Não esse foi um pouco antes quando tinha calçamento eles fizeram o esgoto, quando eles fizeram o calçamento antes.
- E a senhora lembra quanto tempo faz que eles trancaram aqui o Rio Guamerin?

Olha eu acho que faz uns 20 anos.

- Foi antes do asfalto?

Antes do asfalto, primeiro que não tinha nem rua, aqui era só pique, não tinha aquela saída, que saí lá pro São Sebastião, era uns pique, nos era os últimos moradores da cidade aqui, por isso que até hoje a gente diz eu vo pra cidade, por que a gente era os últimos daqui, (...), há eu to pronta pra ir pra cidade por que pra nos a cidade é mais pra lá. Aqui nos moramos retirado, por que um pique aqui que subia pro São Sebastião e daí, daí não tinha, não tinha nem aberto as ruas, éramos os últimos moradores daqui, por que nos tinha a água aqui da fonte, e nos tínhamos, tanque aqui que nos lavávamos a roupa, a minha mãe lavava, roupa pra fora, nos também lavava até quando fiz o segundo grau normal a gente lavava a roupa pra fora e daí tinha toda essa água que corria, uma água maravilhosa que até hoje a gente chora de saudade, de me lembra da água daí, depois quando veio esse calçamento daí eles trancaram toda água pra nos, por que senão nos teria água, bem ali no calçamento, que minha mãe trouxesse um cano de lá, daí eles não deixaram também a água pra cá, por que era uma água muito boa, não tinha contaminação, depois encheu de moradores tudo ali, daí que começou a contaminar toda a água, mas antes não tinha contaminação a gente ia lá na vertente e tirava aquele balde de água fresquinha, daí tinha uma canaleta que descia, o pai fez uma canaleta com pé de coqueiro, cortava no meio o pé de coqueiro, tinha a canaleta que descia e durava muitos anos aquela canaleta, chegava dura anos e vinha aquela água, aquela bica, lá no tanque e nos tinha água sempre limpa pra lavar roupa, lava roupa o dia inteiro, e aquela água correndo pela bica, e nos sempre tinha água limpa, não precisava se preocupa de água sem nada, era muito, eu sempre sonho de noite com aquela água, me lembro sempre durante o dia como que desapareceu tudo dali, e que nos tinha assim, passarinho, era época de passarinho, saracura, tudo aqui por esses lugares, era lindo, borboleta, cigarra, nos tinha cigarra que cantava quando era dia que nem hoje assim, as cigarras cantava que fazia parece um conjunto musical de tão lindo, as borboletas, também, a gente tinha manchas de borboletas, hoje nem vê mais as borboletas nem tem mais borboletas pra mostra pra nossos sobrinhos netos, as vezes que mostra uma borboleta, nem tem pra mostra. Por que sumiu aqui, sumiu.

- A principio então vocês tinham uma canaleta que trazia água até aqui, vocês não chegaram a ir até ali onde corria a sanga?

Sim, sim, nos ia mais pra lá, nos ia mais pra lá, nossos tanques ficavam a uns 20 metros daqui, era tudo grama, tinha árvore plantada, tinha uns pé de uva japonês grande, enorme, uma sombra, daí tinha tudo arame pra roupa, nos sempre deixava a roupa estendida ali, nos lavava, nos tinha um tacho, um tonel, nos fazia fogo em baixo, que não tinha rinho, essas coisas, lavava as roupas, daí tinha as roupas limpa, branca, separava as roupas e estendia no gramado, no outro dia enxaguava as roupas se estendia e ficava branquinha, a gente não tinha essas coisas químicas, que a gente tem agora, nem se contaminava a água, até a gente fica de tanto químico que a gente usa pra solta na máquina e desce por esgoto, antigamente não tinha a gente só lavava a roupa com soda, só se misturava umas colher com água na panela se, mexia, se jogava naquele meio latão de água, se botava as roupas e fervia as roupas, se lavava tudo as roupas com aquela água de soda, por que não tinha rinho, não existia rinho, depois que veio, daí a primeira vez que usei rinho, daí era muito famoso, fazia aquela propaganda, aquele sabão moído se dizia na época, antes não tinha, depois, depois não faz muitos anos, anos assim que a gente conheceu o rinho, nem tinha nem kiboa, nem nada disso, era tudo meio

natural,então, mesmo que se lavava a roupa naquela água, não se contaminava por que não tinha química na água, podia ate se de que não era uma contaminação das próprias águas que tinha naquelas fontes, e não duro muitos anos acho, que uns 30 a 40 anos minha mãe lava roupa.

- Tua mãe sustentava a casa?  
Sustentava tudo, toda família foi criada lavando roupa, a família inteira, pagamo estudo, nos ia busca, lá no hotel Lodi, nos tínhamos as famílias, tínhamos o hotel Oeste, o Anoni, fazia a volta, na segunda a gente fazia a volta nas famílias, quando a gente ia busca, trazia essas roupas nas costas, ou no carinho de mão, lavava durante a semana, depois passava, nos tinha fogão a lenha, com ferro de brasa, botava as brasas, botava cedo de manha, passava aquelas roupas, daí enquanto se cozinhava se passava roupa, se cozinhava o feijão, ocupava o fogo pras duas coisas, hoje é tudo no gás, tudo no elétrico, se perdeu muitos valores, , muitos valores, olha eu tenho saudade da água, que nos tinha da fonte, tenho saudade daquele tanque, do jeito que a gente lavava a roupa, a gente batia aquelas roupas ensaboava, tinha sabão caseiro, feito de soda mesmo, e não tinha essas coisas todas químicas que a gente usa, por isso que aumento tanto o lixo, é pote pra tudo.
- A Sra possui água tratada da CASAN, ou tem algum poço por aqui por perto?  
Eu tenho água da CASAN, por que quando nos fizemos essa casa, nos tinha poço, daí eles mandaram fechar, eles não queriam disseram que tava contaminado e a gente não fez exame, não fiz uma analise e daí eles mandaram fecha, mas bem que eu gostaria de ter o poço.
- Tem alguma fonte de água aqui no terreno da Sra?  
Tem varias nascentes aqui, mas a gente tem medo por causa da poluição?
- A que distancia mais ou menos que ta a nascente daqui da tua casa de ali no lajeado?  
Tem ate daqui uns 3 metros fora aqui do meu pátio, no dia de chuva verte água aqui que é uma nascente e dá nascente ali tem mais uma que é antes da ponte ate chega a ponte tem mais duas a três.
- Você descarta algum tipo de lixo no lajeado Guamerin?  
Acho que o esgoto, a água do tanque vai pro esgoto.
- Esse esgoto, ele tem tratamento?  
Olha, eu tenho as caixa séptica aquela que o engenheiro mando coloca, aquela caixinha eu limpo sempre, aquelas caixinhas eu já limpei umas quantas vezes, cada ano eu faço um limpeza, mas assim eu não boto nenhum produto, nem uso nenhum produto e aquilo vai direto pros canos, passa ali na frente da minha casa.
- Onde será que eles que eles descartam esse esgoto?  
Deve ser aqui, por vai aqui pra honda, por aí, esse esgoto aí que vai, por que tem aonde canos aqui, pois é, deve de ser ali pelo centro deve atravessar, por que esse, essa fonte aqui desce aqui atrás dá Joni Gol aqui, ginásio de esporte aqui, vai descendo daí, ali em baixo na honda por ali tem um esgoto que desse ali tudo canalizado, vai descendo ali pra feira e vai indo, por que ele vai indo pro centro da cidade, vai descendo por ali tem o canal dos esgoto ali.
- Que seria na verdade o canal do Rio?  
É o canal do Rio, é o canal do Rio, por que se a gente vê, outros tratamento eu não vejo nada, por que não se vê.  
Então fica a pergunta onde que eles despejam esse esgoto que passa aqui no centro da cidade, da rede de esgoto?
- Como a Sra vê o lajeado?



Olha eu sempre leio as notícias no jornal, ouço as notícias da radio também, a gente tem uma preocupação por que eu já fui lá vê, e a poluição é da gente arrepia, a sujeira, os plásticos, o lixo que tem lá, os panos, as roupas, e as coisaradas que tinha lá, um dia eu fui depois de uma enxurrada eu me assustei, depois da enxurrada eu vi tanta coisa, não sei se continua ainda, mas aquilo é uma coisa muito, por ser uma cidade tão pequena em relação a outras cidades maiores, eu não achei ainda por que tem tanta contaminação, de coisas e quem é que joga tudo aquilo, dá onde vem tanto lixo assim, fazem uns dois anos atrás, quando o [...] os estudantes estavam se manifestando até lá nos fomos passear um domingo pra ver mas eu achei o lugar muito lindo, lá o lugar se fosse recupera tudo aquilo, aquele espaço meu, um espaço geográfico muito lindo.

- A Sra ta falando daquela queda que tem lá na Linha Santa Catarina?  
Aquela queda que tem lá, um lugar muito lindo, muito bonito, uma vez faz uns 20 anos atrás nos ia lava o carro lá, mas depois eles começaram a dizer que é poluído, daí começaram fazer calçamento aqui, começaram tranca, canaliza tudo, e disseram que desembocava lá, daí a gente não foi mais lava, mas a gente chegou a uns 20 anos atrás, nos ia no domingo, no sábado a tarde a lava o carro naquele riacho, e depois a gente não foi mais, mas uns 2 anos que eu fui lá pra ver que eu vi até os pano grudado nas arvores, não sei se continua ainda, por que eu vi coisas muito feias lá, cada vez tem mais e mais pois é quem é que joga aquilo? Quem é que joga tudo aquele lixo?
- Por que você acha que provocaram tanta poluição nele?  
Falta de consciência, falta de consciência, eu acho que o respeito do próprio meio as pessoas não se dedicaram não se deram conta do cuidado que precisaria ter, por que tudo isso é nosso, tudo é nosso, tudo e nosso nós que vamos respira, a gente que não respira aquele ar.
- A Sra acha que é possível recupera o lajeado?  
Olha eu acredito que se o pessoal pega firme e tive assim umas idéias bem concretas, e algumas meio simples que tem condições de fazer da pra realiza.
- A Sra acha que o Governo promove algum tipo de política pra despoluir o Guamerin?  
Muito pouco, eles não estão preocupados com isso, eles não querem essas coisinhas eles querem coisa que dá voto.
- Me dá uma sugestão Dona ... pra diminuir a poluição no lajeado.  
Olha se cada um fizer a sua parte em casa recolhe seu lixo, não jogando essas coisas (...) por exemplo, uma coisa que eu brigo muito aqui com a minha vizinhança é quando varrer, eles já varre dentro do bueiro, das boca de lobo, eu so doente de braba quando vem a sujeira do vizinho de cima, vem e desce tudo dentro do meu bueiro, eu cuido do meu bueiro, ninguém jogue sujeira dentro do meu bueiro, as vezes cai uma sujeira ali que não é possível, mas primeira coisa devia de cuida na frente da casa e não joga dentro dos bueiros, tem gente que varre toda sujeira dentro do bueiros. Daí entope e daí quando vem a água leva tudo e vai desbocando em algum lugar, tudo no lajeado, primeiro tem que fazer a parte dele em casa, ali na própria boca de lobo dele ali, ontem a boca de lobo perto da casa deles já teria que cuida ali, por que é muito, eu vejo na cidade também ali a falta de cuidado com essas bocas de lobo, ma o que custa alguém ir lá e quando vem a enxurrada ajunta aquelas folhas, tira e bota de lado ou atira no canteiro pra aproveitar aquela terra aquelas folhas, não eles deixam que a água leva, que a água leva, acho que não é;
- A Sra acredita que a população pode se conscientiza sobre as questões ambientais?

Pode por que tu sabe que uma vez, o professor A. nos fizemos um curso de meio ambiente, ele sempre dizia temos que plantar arvores, temos que plantar, ai ele tava lecionando no Colégio São Miguel e daí assim ele dizia assim, que a gente tem que arboriza, a gente teria aquela meta de arboriza e muitas coisas mudaram hoje sabe o meio ambiente a questão do lixo, as pessoas já tem alguma atitude, já viu que mudou algumas atitudes mas a gente precisa sempre continua não dá pra desistir;

- Será preciso duras penalidades Dona ...?  
Precisa, por que o certo não seria neh, mas hoje pela situação, de algumas situações precisa penalidades, por que a falta de consciência e muito neh, e então há necessidade de uma questão assim mais severas pra que as pessoas tomem atitudes necessárias.
- E qual sua sugestão pra que a gente possa viver em uma São Miguel mais saudável?  
Olha essa questão assim, eu vejo o problema dos transgênicos, dos enlatados, de todos esses descartáveis, esse consumismo exagerado, então é uma, isso é uma coisa que ta muito assim como é que se diz, acentuado aqui e nos tamo já vivendo que nem cidade grande, e nos somos interiorzao, e a gente ta deixando as coisas assim naturais tudo o que é nosso, e a gente ta se deixando leva mais pra um consumismo da televisão da propaganda, nos podia ter alguma coisa mais do nosso meio aqui, valoriza sabe mais os nossos produtos, as feiras municipais, a própria água outras coisas mais do próprio meio.
- Muito obrigado Dona ... pela sua colaboração.

Entrevista - 004  
Novembro de 2009

- Qual a sua idade?  
Quarenta e oito sou da classe 56, estou com 48 por ai.
- Qual a sua origem étnica?  
Eu nasci no Rio Grande mais, documento é tudo daqui de São Miguel.
- Você é brasileiro, Italiano, Alemão?  
Brasileiro.
- O senhor é casado?  
Sou disquitado.
- Quantas pessoas tem na sua família?  
Tem 2. Só que junto não tem nem um.
- Tem dois filhos ?  
É, e uma afiliada.
- O senhor é daqui de São Miguel mesmo.  
Eu nasci no Rio Grande mas eu entrei aqui com 7 anos, que eu vim pra São Miguel.
- Qual era a profissão anterior do senhor?  
Trabalhava na roça, no interior, trabalhei muitos anos lá, de empregado, mais daí depois, ainda, machuquei meu braço ai né.
- Ta com o braço machucado, ta com problema no braço?
- Que motivos trouxe a vir desempenhar esse tipo de atividade?  
Há a falta de emprego né, por que já não podia trabalhar de empregado por causa do braço, já ali me complico bastante e depois machuquei minhas costas também, daí já não conseguia quase trabalha né, então eu entrei trabalha com papel aqui.
- Qual a renda mensal da família ?  
Dá a base de uns cem, cento e pouco, mais que eu tiro né, aí as vezes a gente machuca as costa fica mais de uma semana ou mais ai sem trabalha.
- Aí tem que espera melhora  
Melhora pra pode ... pra volta o trabalho.
- O que recebe é o suficiente para sua sobrevivência e de sua família ?  
Há, não é afinal né, mais, faze o que, tem que tenta é pouco né fio.
- Qual a escolaridade que você possui ? Qual o grau de instrução que você tem ?  
Eu estudei até a quinta série, mais sei mais faze meu nome, conta assim mais, bastante dificuldade no estudo.
- Como é seu dia-a-dia reserva algum tempo pro lazer?  
Lazer que disse ?
- Passear, assim sair se divertir, jogar uma bola?  
É mais o serviço de casa, não saio assim quase né, fim de semana no mais é só, por casa.
- Como surgiu a idéia da associação ACOMAR?  
É projeto porque eles iniciaram esse projeto ai por causa que tinha aquela turma lá do campo Municipal né, então eles fizeram pra todos se unidos né. Só aquela uma parte lá não quiseram daí ficaram lá e daí porque nós ganhemos o galpão daí passemos pra cá né, Daí muito daqueles da turma disistiram né, tão puxando lá não tão com nós. No início foi lá, por que tinham que tira daquela área lá, então ali era pra se todos unidos com a turma lá, só que daí não quiseram ficaram lá então.
- As pessoas que trabalham nessa associação estão satisfeita com o trabalho que fazem? o que você acha?

Há eu creio que sim né, porque nós temos que ganha nosso pão de cada dia né, emprego não tem. Temos que trabalha nisso ai pra pode . . .

- E você está satisfeito?  
Eu to porque outro serviço eu não consigo fazer né, porque a gente tem instrução, mais a fábrica do Dinon não quis me pegar né;
- E você gostaria de trabalhar com outra coisa?  
Gostaria mais na roça.
- Gostaria de trabalhar na roça?  
É.
- Quanto vocês vão coletar o material dada um coleta pra sé ou coletam juntos esse material?  
Não cada um pra si só . .
- Cada família. Tem mais alguém da sua família que coleta papel contigo?  
Não.
- É só você?  
Só eu.
- Você tem local marcado para coletar papel?  
Também não, pego na rua assim.
- Coleta na rua?  
Conforme sobra.
- Vendem o material juntos e repartem os lucros? Vendem juntos com a associação ou cada um vende o seu?  
Cada um vende o seu, a carga que dé.
- Só tem local para guardar aquina associação, seria aqui né cada um o seu espaço separadinho né?  
É.
- Estão fazendo um caixa para comprar a prensa? Você sabe?  
É Já ta encomendada, já esta tudo, o projeto tá pronto né.
- Existe um projeto para conseguir essa prensa?  
É
- Onde comercializam o produto da sua coleta ? A onde vocês vendem?  
Há nois vendemos ali pro Ricardo né esse que tem a fábrica de guardanapo.
- Há esse que dá fabrica de guardanapo?  
Esse pega que nós temos um convênio com ele e nós vendemos tudo pra ele.
- Qual o valor que vocês vendem? Como é ? Por quilo, como é que é?  
A base, o plástico ta 0,30 centavos o quilo, o papel acho que ta 0,20 e 0,25 centavos o quilo.
- Sua família comercializa esse produto ou comercializam juntos com os outros não né ?  
Não, só eu puxo, eu tenho uma cunhada que puxa mas puxa pra ela.
- Participa das reuniões da associação?  
Sim só quando algum dia que eu tava machucado ai eu não podia vim né, ai fiquei for a se não. . .
- Você se sente bem em participar dessa associação?  
Eu me sinto porque entrei desde o começo do tempo que nois ficamos lá com , a ceval né, ai outra, eu fui pra lá depois passei depois passei pra cá né desde o começo.
- Como você se sente sendo um coletor de material reciclável ?

Eu me sinto ali né porque, tem que trabalha né, porque tem que ir a luta dia-a-dia né?

- Quais são seus projetos para o futuro ?  
Há o projeto é a gente tenta o melhor né,. Tendo um pouquinho mais que a gente tem compra alguma coisinha e que a gente faz parte do governo né. tem que aponta alguma coisinha também né.
- Você é tesoureiro aqui da associação ?  
Sim
- Mas é isso ai, muito obrigado

Entrevista nº005  
Setembro 2009

- Suas Procedência, a Srª nasceu aqui? Por que o... é procedente daqui.  
Não eu nasci em Palma Sola.
- Palma Sola. Casaram ou vei para cá antes?  
Não eu vim para cá porque meu pai é Sargento da polícia militar. Eu tenho um irmão que é Major da polícia militar e um cunhado que é Sargento da polícia ambiental e . .
- Há é por isso que as vezes eu via a polícia ambiental e pensava o que (...) está se envolvendo com a polícias ambiental.  
Não é meu cunhado
- Há bom  
Na verdade meu irmão é comandante da polícia ambiental em Chapecó
- É todo mundo da polícia então  
É o outro é advogado
- E não conseguem resolver esse problema  
É pelo fato de ter meu irmão na polícia, ele sempre disse nega, me chamam de nega, nunca me peça qualquer favor relacionado ao meu trabalho a e minha profissão pra mim te favorecer que eu não faço eu posso de ajudar a te indicar o caminho mesmo que tudo o que eu fiz foi por orientação dele né, tipo assim gravar, filmar e daí levar para o Ministério Público né, fiz abaixo assinado com a vizinhança, ele assim é muito inteligente, só que não se envolve, por isso que ele saiu aqui de São Miguel, por ele ser caxias durão entendeu mesmo dentro do batalhão com os subordinados dele ele nunca tolerou indisciplina ele era odiado, odiado e com ele veio esse ódio pra mim porque eu era irmão dele também. Também fui bastante perseguida por alguns entende, por qualquer coisa então ficavam ligando para poder montar assim ... por causa dele e ele sempre muito reverente aquele meu irmão. Ele só me dizia o que fazer e eu procurava... ta bom dá licença que a mãe ta dando uma entrevista para o professor (...). Então o que em fiz foi assim, mas eu nunca pude contar com a ajuda direta de quem tava ali que podia fazer alguma coisa que nem o Oda esse meu cunhado que é da Ambiental também, entende Oda por favor venha medir os decibés que é ambiental que também é da área deles né, mas ele também não queria se envolver tinha medo que podia ser perseguido entende, por ser meu cunhado. Olha eu sofri muito faz muitos anos, faz mais de, eu acho mais de 14 anos que a gente ta na luta já.
- Vocês moram aqui faz quanto?  
Faz dezessete anos
- Aqui nessa casa?  
Sim, mas uns três anos isso não estava pronto, isso aqui não existia não tinha aqui a borracharia, nosso terreno era tudo aberto, era tudo aberto.
- Eu me lembro disso aqui, tinha os guri que moravam aqui, tinha o (...) quando . . .  
Tinha aquele muro ali, se você virá ali olha tinha aquela fileira de tijolo deitado ali em baixo ta vendo bem embaixo ali, tem um meio metro, aquele murinho só existia depois até aquela parte ali tu ta vendo ali a maior depois, tu ta vendo porque tem dois muro, por que aquele muro bem altão o cara ergueu de novo desde baixo do lado de lá até em cima porque a gente ergueu aquele murinho ali, porque eles vinham fazer xixi aqui no meu terreno
- Jogavam as coisa aqui para dentro

jogavam garrafinha copos plásticos, quando tinha aquele murinho baixo e urinavam aqui no meu terreno virado para cá vinham aqui naquele canto, daí nós erguemos até ali, daí quando começou nosso primeiro contato assim com eles por causa do barulho ele se negou, não ele queria erguer o muro e eu não queria que ele erguesse porque eu disse você vai terminar com o sol que bate no meu terreno pela manhã e eu não quero, e ele disse não tem problema eu ergo o muro do meu lado, então erga, mas eu disse meu rapaz não é mais fácil você pedir para ele parar de fazer a baderna, olha quantas cervejas você terá que vender para você tirar o dinheiro desse muro aí. Mas ele não se interessou, no caso eu tava com a (...) com, naquela vez, com trinta dias, meu leite sumiu assim da noite para o dia de tanto que eu chorava, o quartinho dela era aqui, fiz um quarto coisa mais linda pra ela, tudo sobre medida lindinho, não pude deixar minha filha aqui dormir nunca, porque ela acordava assim, desesperada nos gritos, quando eles faziam cavalinho de pau aqui, erguiam aquele som, zunia as janelas, olha eu sofri muito.

- Bom esse é um dos problemas que vocês enfrentam com o restaurante, porque ele fica aberto 24 horas né?  
24 horas
- Em funcionamento  
Eu soube, o (...) foi ver, que parece que eles não tem o alvará para 24 horas eu fiquei sabendo. Mas eu não sei, o (...) foi atrás e depois, mas ele foi e eu não sei se o (...) se desgostou, mas ele foi até lá na delegacia, e falaram para nós que não era para comentar isso e que eles não sabiam de nada, mas que eles sabiam que não tinha alvará para funcionar 24 horas ali.
- Então provavelmente eles têm uma proteção muito grande aí  
Eu pergunto para ti, porque? Como?
- É deve ter . .  
Quanto dono passou ali gente
- Sim, tem que ser muito protegido porque com tudo o que foi feito, foi feito um abaixo assinado, isso foi o ano retrasado 2007 ...  
Eu acho que foi até por sinal a primeira vez há treze anos ou quatorze anos atrás quando eu procurei o ministério público eu fui muito mal tratada por um promotor que não sei o nome dele, não sei mesmo, mas fui humilhada assim que eu sai chorando de lá, ele me mandou calar a boca, deu toda a atenção só para o João na época que era o proprietário ali, tudo para ele, tudo o que o João fazia então ele dizia muito bem, muito bem, muito bem então é isso, o Sr vai fazer isso, você se compromete em levantar o muro e vai acabar com o barulho então, então tá feito, então . . . entendeu, assim sem falar nada ele não deixou falar e eu alterei a voz e fiquei nervosa e ele me mandou calar a boca, mas ele não me deu abertura para me ouvir nada, não quis saber de nada, quando , doze anos depois, quando veio o (...), meu Deus, foi outra, outra pessoa, que tratamento fui muito bem atendida por ele que pessoa Maravilhosa. Paulo, quando eu fui lá ele me ouvia, ele queria saber tudo assim certinho, ele pediu para as pessoas vizinhos ir lá, ele ouviu ele registrou, aí quando eles foram lá os meninos, bem ao contrário, disse olha meu filho você gostaria que eu fosse na tua casa três, quatro, cinco, seis da manhã na frente da casa do teu pai e da tua mãe soltar foguete como tu larga lá para essa senhora, não poder dormir, pensa bem. Se eu fosse lá essa madrugada, a noite inteira largar foguete na frente da tua casa, para teu pai e tua mãe não dormir, o que você acha, e ali então foi ele foi maravilhoso falou, falou.
- Vocês colocaram a casa a venda né?
- Vocês colocaram a casa a venda, duas vezes pelo menos.

Colocamos. Mas eu fui prejudicada. Meu imóvel caiu assim, olha eu não sei em percentual, porque eu não entendo, mas eu acho que caiu, assim, uns 30%, mais ou menos, em valor de mercado, por causa do restaurante, e mais ainda depois do Natal, quando a polícia entrou em greve. Lembra que nós ficamos todos a Deus da ará na cidade, um caos total a cidade toda, mas principalmente aqui, né Paulo.

- Quantas assinaturas vocês coletaram?  
Foram mais de trinta.
- Aqui na região toda?  
Só aqui na vizinhança, foram mais de trinta.
- Isso está arquivado no fórum?  
Sim, está arquivado no fórum. O Dr. (...) que me orientou, que se fizesse um abaixo assinado. Aí eu comentei com ele que um que a gente fez há doze anos atrás. Inclusive na época eu me inscrevi no quartel, todas as vezes que eu liguei, durante todos os anos para o 190, por causa do vinte e quatro. Aí eles me deram, meu Deus! Um calhamaço de material. Porque lá fica tudo arquivado, tudo gravado no quartel. E lês tem que dar, quando a população pede. Hoje eu fiquei sabendo que eles não gravam mais.
- E este restaurante, quem é o proprietário dele, é esses que cuidam?  
É de um senhor, altão, loirão, magro, loiro, cabeça branca que era o proprietário do posto também e era socio do João. Lembra do João que agora tá na (...), ou não tá mais. Ele tem uma coluna no jornal, ele fala sobre motores.
- Ele que é o proprietário?  
Não ele não é mais. Ele era sócio desse cara, que mora no Rio Grande do Sul, se não me engano. É ele tava falindo, perdendo tudo. A família veio, tomo conta do que sobrou e levou ele embora.
- Tá, tá.  
Ele é dono do prédio aqui do vinte e quatro, da borracharia e do terreno aí. O posto é do (...).
- O terreno então, como tem todo esse espaço aí é ocupado. Na verdade deveria ser ocupado pelos ônibus de excursão, que na verdade era essa a intenção do restaurante.  
Os promotores me disseram que de maneira alguma poderia acontecer isso aí, porque é um pátio privado.
- Privado?  
É isso aí. E como é um pátio privado ele não podia deixar acontecer o que acontece.
- Por que aconteceu um movimento público. Se tornou uma coisa pública, perderam, sem controle.  
Sem controle. Até Paulo, quando eu ligo, agora raramente, porque eu cansei de um jeito que eu apelei pro Ivotil 2,5 mg, aí tomo umas seis, seta gotinhas e depende, quando é muito barulho eu tomo umas dez e ligo o ar condicionado no máximo, aí eu apago né, porque não tem outro jeito.
- Tem noites que, provavelmente nós vamos enfrentar hoje a noite, ou amanhã, ou talvez não o pessoal vai lá pra baixo. Os últimos dias têm sido mais tranquilo.  
O carnaval também foi tranquilo.
- Na verdade tá mais calmo esse ano.  
Mas até pelo fato de que o movimento deles caiu muito depois daquele acontecido. Ainda tem uns bobons que vem frequentar.  
Daquela acontecido. Deve ter acontecido coisas mais sérias e também não sei se você soube daquele caso ali da (...), que a polícia atirou atrás do carro do piá e até perfurou o carro dele tudo. Podia ter matado o guri! Gente do céu! Ele não quis para,



né, correu pra casa, mas não deu tempo dele chegar em casa e a polícia atirou mesmo né. Não sabia quem era. Então eu acho que ali foi o início da calma.

- Da calma, ah, ah.  
Que daí mexeu com outro pessoal.
- Ah! Daí mexeu com outro pessoal. Eles são, eles têm aí uma empresa de ônibus de transporte coletivo, têm um poder maior.  
Eu sempre coloco nas mãos de Deus, tudo na minha vida. Aqui em casa não é um mar de rosas, mas eu sempre coloco nas mãos de Deus. Quando nós fizemos o abaixo assinado, essa mulher me deixou uma hora esperando ela, eu e a dona (...), até ela vim nos atender. E ela sabia o que era porque a secretária pediu e a gente falou. E quando ela veio ela ficou lendo, lendo, lendo e depois de uns quinze minutos, sem falar nada pra gente, ela falou: Eu vou assinar, mas não concordo. Eu vou assinar porque as vezes eles se passam, mas os jovens não têm opção para se divertir nessa cidade. Eu iria concordar com você se você fosse na prefeitura e conversasse com o rapaz, aquele, com o Juliano, pra fazer tipo umas caminhadas com esses jovens. Cara, eu pensei, você não tem noção mais como tá os jovens de hoje. Ela disse: Eu não concordo de fechar, de acabar. Eu acho assim que têm jovens e jovens. Aí ela disse: Tá certo que às vezes eles também vêm aqui perto da minha casa, também eu não posso dormir, mas eu não concordo de acabar de vez. Eu acho que tinha que ver pra mandar eles lá pra Faismo, mas lá também é perigoso. Por fim ela começou colocar tanto, tanto...
- Como se nós tivéssemos que resolver uma coisa que é pública, que nós temos que tomar, vamos dizer, como se nós vamos resolver uma coisa que é um problema público. O problema está estabelecido no caso do som, se tivesse um comportamento, uma organização, de tal horário de som, tudo bem.  
Se eles tivessem pulso firme pra mandar, chega e diz: Olha é assim. Veja quem colocou ordem aqui foi o (...), o pouco que ele ficou ali. Ele chegava e dizia: olha piizada, vamo manera aí! A piizada desistia, mas ele não agüentou muito tempo. Até o Mezzomo foi pra fazer o termo de ajuste de conduta e assinou. Quando o promotor chamou ele no fórum, ele foi e assinou.. Concordou tudo. Essa outra mulher aí agora, é barra pesada. Agora parece que eles compraram a wisqueria.
- É o borracheiro me falou que elês compraram a wisqueria lá fora.  
Então pensa, tem dias que as meninas da wisqueria vêm aí fazer ponto, tem finais de semana, dias de menos movimento, as gurias vêm aí. Eu vejo aqui, elas param aí com umas roupinhas, abertas. Essa mesma mulher que disse pra mim que não concordava e olha onde que o filho dela tava... Eu não fui quem chamei a polícia. Aí eu fui ver e aí eu vi ela e o marido dela lá do outro lado e o piá algemado.
- Ela tinha sido alertada. Fora isso Dona (...), viver aqui em São Miguel é bom?  
A cidade é maravilhosa. Quando a gente sai a gente tem vontade de voltar logo, pela tranquilidade. Você, vou te dar o exemplo de Chapecó, meus pais moram lá. Eles têm alarme em toda a casa, até na grama, no muro se pula, já dispara, é aquele inferno aquele alarme, Deus me livre, até passarinho se passa na frente dispara.
- Gato, cachorro.  
Deus me livre, a gente acorda com o coração a mil. É alto, alto, alto aquilo. Até para acionar é horrível. Pai você acorda a vizinhança quando você aciona! Agora na formatura da minha filha, veio a mãe e o meu irmão solteiro, meu pai ficou, porque alguém tem que ficar, sempre pra cuidar a casa, nem com alarme.
- Quantos habitantes tem Chapecó?  
Cerca de 270 mil.

- Já é um centro bem movimentado.  
Aqui não né Paulo. Aqui você sai, eu deixo o portão horas da madrugada aberta, portas e janelas aberta, porta destrancada, ninguém rouba nada. Uma vez roubaram dois passarinhos, uma vez só. Eu tava deitada, deixei o portão aberto, e eu escutei os guri: Olha lá! Vamos pega! E aí eu pensei que era os brinquedos das meninas que eu deixei lá fora, e aí eu pensei; ah deixa que levem! Só isso. A cidade é boa. Tá certo que tem outras coisas assim, tá crescendo bastante. Você viu quantos terrenos aí? Bom olha o valor dos imóveis! E a construção que não para mais, é prédios, casa, tá crescendo. A nossa Unoesc, também maravilhosa, cada vez mais cursos, crescendo. Agora a única coisa que eu acho que podia melhorar eu não concordo com a política assim, eles se prendem muito na política e a cidade assim podia crescer mais.
- A política, a senhora quer dizer na política partidária?  
É.
- Não numa política de ter um projeto de política.  
Eu não entendo de política, mas o que eu vejo...
- Brigas de partidos políticos. Eles não têm um projeto de crescimento da cidade que todos pudessem dar continuidade.  
Veja quantas indústrias que vão pra tudo que é lugar, menos pra cá. Olha Maravilha né!
- Sim. Falta um incentivo. Não sei exatamente o que está faltando.  
É Isso.
- Nós temos aqui um problema que é, eu também acho que é isso, briga partidária. É uma briga por partidos políticos. Mas tem uma política de planejamento para o desenvolvimento de São Miguel do Oeste para dez, vinte anos.  
Eu acho que eles podiam se reunir para fazer mais na área industrial né! Eu acho também, gerar mais empregos. Você vê assim, esses jovens que se formam, essa turma aí da minha filha de Biomedicina, vão fazer o quê? Se os pais não tiver condições de montar um laboratório, numa cidade pequeninha, para fazer análises, o que eles vão fazer? Isso não é só a Biomedicina, e as outras áreas?
- Que continua formando.  
E as gurias aí trabalhando de balconista, de secretária, né.
- Até porque a nossa região está deslocada do foco industrial, até porque o nosso espaço geográfico é diferente. Olha a distância nossa daqui a Chapecó. Então isso fica bem mais complexo.  
É isso que me preocupa. Mas no geral é bom viver aqui. A minha mãe mora em Chapecó, ela mora mais lá por causa dos recursos médicos, chegaram na idade. Meu pai é diabético e a mãe tem pressão alta. Por causa disso que eles não vêm pra cá Paulo, mas cada vez que o meu pai vem pra cá ele respira fundo e ele diz: Minha filha como eu queria morar aqui perto de vocês. Aqui é tranquilo, até os carros ficam abertos. A mãe adora essa rua limpinha, como é limpo, é bonito, as casas é tudo caprichado, é tudo bem pintadinho. Minha mãe adora isso. Meu Deus como ela pego no meu pé porque esses nove anos eu não arrumei essa casa! Porque eu fiquei de um jeito que eu não queria mais.  
- Sim eu acredito. Eu sempre falava pra (...), nós vamos perder o (...) de vizinho bem logo, por causa desse restaurante. E aí a última vez que foi colocada a placa, eu disse: Agora é a vez mesmo, foi depois daquela.
- Só que uma placa sem nada, sem telefone, e-mail.  
O (...) quer vender, mas eu acho que ele não quer ao mesmo tempo.
- Não.

- Ou ele colocou um preço muito alto, porque a nossa região aqui é muito bom de morar aqui.  
 À um ano atrás avaliou em trezentos mil e hoje nós pedimos os mesmos trezentos mil e mesmo assim não vai. Por causa do vinte e quatro.
- Mas como eu falei antes, foi aprovado um projeto pra construir um anel viário em São Miguel do Oeste, e provavelmente ele vai sair lá pelo trevo e vais sair ali no bairro São Sebastião, vai deixar fora. Isso aqui, eu acredito, vai deixar de ser BR, porque aqui encima vai deixar de ser BR federal. Por isso tem esse posto que é o combustível mais caro da cidade, porque ele é BR. Chega a variar de oito a nove centavos por litro o combustível.  
 Mas tem o Bertamoni também.
- Mas é também BR, é mas é a concorrência, mas também é BR, BR federal. Enquanto isso é possível. Eu vi isso no jornal, na rádio, no jornal também, mas até quando eles vão construir isso! Tá aprovado. Talvez é como aprovaram aquela vez a ferrovia, que nunca saiu do papel.  
 Ah sim.
- Mas futuramente, eu acho, que vai sair sim, até por causa desse trajeto pra Dionísio que está com muito tráfego de caminhão pesado. Se isso for verdade, esse restaurante não poderá funcionar vinte e quatro horas, porque no centro da cidade não é possível ter isso. Até porque vai ficar fora de rota.  
 E esse bar que fica do outro lado ali.
- Tem assim um movimento muito grande.  
 Eu achei que seria uma coisa muito grandiosa assim.
- Se bem que qualquer coisa que for colocado vai atrair o público, porque aqui caiu muito o movimento.  
 E a sujeira! O que é aquela fossa ali atrás.
- Sim eu passo ali atrás e vejo. Eu já liguei duas vezes pro pessoal da saúde.  
 Você viu os ratos vierem comer os restos de comida ali de noite, ou não Paulo?
- Já vi sim. Agora não. Mas uma vez que eu ia ali no posto compra cigarro de noite, aí eu via ratos, baratas de tudo e mais um pouco. Eu disse pra (...), também, mais uma alternativa é denunciar isso aqui para o pessoal da saúde. Porque isso aí tem alimento.  
 Uma hora eu quero fica ali meio na surdina, e eu quero filma.
- Mas isso tem que ser feita a denúncia, porque eles têm que corrigi, porque ali é um ambiente que serve refeições. Isso é uma denúncia pra questão da saúde, secretaria da saúde. Nós uma época íamos almoçar aí, eu e a Giovana, mas depois nunca mais, nem pra compra cigarro. A última vez que eu fui ali fiquei quase grudado no chão onde pisava.  
 As mesas, podre, aquele plástico! Ali no outro, diz que o proprietário não vai permitir aglomerações de carros de som alto. Diz que vai ser um ambiente familiar. Ele quer receber famílias pra almoçar, jantar.
- Que era o que acontecia aqui. Eu lembro que dias de chuva, a gente saia de carro daqui e chegava ali e eles vinham pegar a gente de guarda chuva no carro pra não se molhar. Na época do Mário, o primeiro. Aquele pessoal que veio, que eles compraram a casa. Eu acho que eles não tão mais aí.  
 Agora eles compraram a rodoviária, o restaurante da rodoviária do Cedro e ele tem mais um.
- Então ele deve ter vendido aqui.  
 Aqui ele passou a bola né, porque estava se incomodando. Não se incomodando tanto comigo, porque eu o que deu, deu, o que não deu, eu não fui mais atrás.

Porque depois daquele balde de água fria que eu recebi do promotor lá, eu perdi totalmente a fé, sabe, no homem. Só entreguei pra Deus. Daí depois que Le entregou foi o (...), ele foi lá conversou, concordou, assinou, beleza. Aí tava uma calmaria. Aí entrego pra essa mulher, aí virou um inferno de novo. Tu já conversou com ela?

- Uma vez que eu fui lá compra cigarro, depois eu nunca mais entrei lá. Mas assim, tu nunca conversou como eu por telefone. Mas é uma mulher, assim de baixo nível, é um horror. Uma pessoa mal educada. As palavras que ela usou pra falar comigo, foi um horror. Daí eu desisti, porque eu vi que não tem como dialoga com uma pessoa assim.
- E o que vai ser feito de agora em diante, desses carros, desses sons? Vão continuar ligando?  
Olha, quando a coisa chega num nível que não dá para suporta, olha eu me obrigo, eu ligo.
- Liga pra polícia?  
Eu ligo. Mas muitas vezes eu escutei assim oh. Olha a senhora pega e joga pedra, a senhora atire pedra, faz o que a senhora quiser lá. Paulo em outras palavras, eles têm medo de vir ali. Uns não, mas uns sim. Eles não vêm porque eles têm receio do tipo de gente que tem ali, o que vão fazer com ele, como vão receber eles. Daí eu disse bom, se vocês não vêm, eu to indo, eu vou lá. Daí eles falaram, pelo amor de Deus a senhora não vá, a senhora não vá! Se eles vão fazer alguma coisa contra a senhora nós não podemos fazer nada, bem assim ele falou.
- Aquela vez...  
Não agora, faz uns três meses, uma noite que tava... tava um pandemônio. Eles disseram que não podem identificar. Eu disse, eu vô lá pega a placa. Vou chegar lá no meio e vou ligar. Você quer que eu faça isso? Eu faço para ti! Daí ele disse: Pelo amor de Deus a senhora não faz isso. Não vai porque vão te pular.
- Então até a nossa segurança pública tá falha. Eles não têm coragem.  
De uns anos pra cá, tá feio.
- Tá, tá feio. O país de um modo geral, começa lá de governo maior, de um modo geral até aqui embaixo.  
Eu me lembro quando meu pai era policial, sabe, caco com ele não tinha vez. Sabe ele usava bigode, ele descia o sarrafo. Ele dava uma olhada, era um esparramo.
- Essa questão dos direitos humanos aí.  
Mas naquela época não tinha... Hoje ele dá um tapa num cara é abuso de autoridade e é processado.
- Não pode fazer nada.
- Tá tudo uma bagunça. Os filhos, na nossa época, se nós desobedecia, nós não apanhava? Deus o livre levanta a voz pro pai. Eu nunca levantei. O pai só olhava pra mim e eu Deus o livre.
- Só uma olhada.  
OP pai nunca me bateu, mas ele só olhava, chegava.
- A gente conhecia o olhar do pai e da mãe de longe.  
O olhar.
- No meio de todo mundo, conforme o olhar, a gente já sabia.  
Da mãe eu apanhei. A mãe descia a varra valendo. O pai nunca encostou um dedo. E nós tinha mais medo dele do que da mãe. Hoje os filhos da gente, pelo amor de Deus do céu. Eu aqui em casa de três, só com a mais velha que eu falo pra ela as coisas, falo por bem, ela escuta, se ela quer teimar comigo, eu dô um grito e ela me obedece, até hoje. Ela tem vinte e três anos. A do meio eu não posso nem fala com

ela que é um horror. A (...) tem uma personalidade. A (...) ainda apanha. Quando eu pego a cinta d'ela, eu sei que eu perco o controle. Se você é mole é porque é mole, se você for duro daí o problema é porque foi duro.

- Será que conforme a (...) falou, se tivesse um espaço aonde os jovens pudessem se reunir será que iria resolver o problema aqui? Você acredita?  
Olha.
- Tendo um espaço público para eles poderem estrapolar?  
Pois é. Foi sugerido até pelo promotor. Não sei se pelo (...) ou Guto que sugeriu que fizessem esse lugar lá no parque da Faismo. Mas aí eu me lembro ela não concordou. Que ela acha muito perigoso o trajeto na volta. Ida e volta. Vão lá bebem, bebem... e depois na volta podem provocar um acidente e tal, então.
- Parece que pros nossos jovens qualquer tipo de esporte ou coisa tem que ter bebida né. Não tem outra coisa pra fazer.  
E o tal do craque tá tomando conta dos nossos jovens hoje. Que coisa.
- Falando do (...), da (...) ali. O pai da (...) faleceu. O pai e eles eram compadres. O João era afilhado do pai e da mãe. Ali na casa deles teve um problema há muitos anos atrás. Que eles tiveram uma briga com a prefeitura.  
Sim. Uma tubulação. Na verdade isso aí há muitos anos atrás era um córrego.
- Sim era uma nascente do rio Guamerim.  
Era uma nascente.
- E eles começaram a despejar os dejetos. Eu escrevi sobre isso no trabalho também. Sabe eu fui lá umas duas ou três vezes fui conversar com a mãe da Marilete pra ver se ela não tinha uma fotografia daquela placa. Ela deve ter, mas ela tem medo quando eu vou falar sobre isso, ela tem medo. E agora que tu falou da (...) eu pensei quem sabe eu pedindo pra (...), talvez, porque a (...) foi minha colega de aula. Vou pedir pra ela.

Entrevista nº 006  
Agosto de 2009

- Qual o nome, origem étnica, religião e procedência da família? (Identificação)  
Meu nome completo é (...), sou de origem italiana e somos e freqüentamos a Religião católica, inclusive participo muito da comunidade e na Igreja.
- Você sempre morou aqui?  
Não, meus pais que me contam, eu não lembro muito bem mas sei que meus pais vieram da Linha 2º, interior de Vila Maria Rio Grande do Sul, na década de 54. Naquela época eu tinha cinco anos de idade, então eu vim pra cá com cinco anos, isso em 1954. Então fazem . . . 54 anos que estou aqui.
- Quais as maiores dificuldades que enfrentaram aqui.?  
A distância que nos encontramos dos grandes e médios centros, especialmente quando necessitamos de recursos na área da saúde e educação a nível superior e de pós-graduação, pois os centros que possuem esses recursos em partes é São Miguel do Oeste e Chapecó, os quais ficam em média 80 km de distância da cidade.
- Como foram os primeiros anos?  
Recordando as histórias contadas por meus pais, forma anos muito difíceis, pois eles chegaram em Iporã para instalar um pequeno comércio, de compra e venda de produtos agrícolas e porcos e também a instalação de uma loja de roupas, tecidos, mantimentos e outros. Comentavam, sobre as dificuldades de acesso aos locais, falta de luz, água, transporte, enfim viviam um completo isolamento, precisando manter-se com o que produziam e comercializavam, pois foram um dos primeiros moradores da vila.
- Escola e educação. Como freqüentaram a escola? Qual o grau de instrução?  
Meus pais atribuíam imensa importância ao processo educacional. Eram pessoas extremamente participativas na comunidade escolar, atuando nas diretorias por diversas vezes. Acredito que davam enorme importância a esta questão, por ser algo que não puderam ter em sua vida e sentiam, no cotidiano as dificuldades pela falta de instrução. Meu pai lia e escrevia fluentemente, minha mãe, apenas assinava o nome e soletrava, algumas palavras. Vale destacar, que freqüentou o Mobral na década de 70 e no ano de 2004, voltou a estudar nos programas de alfabetização de adultos, oferecidos. Atualmente lê e escreve, com algumas dificuldades. Também lembro das dificuldades para estudar. Eramos em 4 irmãos. Os mais velhos, de 1ª a 4ª série estudaram aqui, para concluir o ensino fundamental (5ª a 8ª série) tivemos que ir estudar em internatos, em, São Carlos- SC, Caxias do Sul - RS e Erechim- RS. Nossa irmã mais nova precisou desta condição apenas para cursar o ensino médio, pois na década de 70 já havia escola de ensino fundamental de 1ª a 8ª série na vila.
- Quando ficavam doentes onde buscavam socorro? Como iam até lá?  
Lembro das idas ao Dentista, nos períodos de férias escolares, na cidade de Palmitos –SC e o hospital, que lembro, que a gente ia em caso de doenças não graves era Mondaí, a 10 Km. Em casos sérios as pessoas eram levadas, com o meio de transporte que dispunham, geralmente caminhão, para Passo Fundo – RS.
- Quais eram os meios de locomoção?  
Como meus pais lidavam no comércio, tinham uma caminhão, e para passeio, muitos anos depois, lembro de um fusca e de uma Brasília.
- Como escolhe os representantes municipais?  
Procuro escolher os representantes avaliando sua trajetória de vida, de participação e envolvimento com as questões sociais. Analisando também os projetos que

delineiam para seus governos, se são viáveis e necessários. Também procuro perceber quais são as prioridades dos planos de governo.

- Conhecia os candidatos à representatividade? Freqüenta algum espaço de discussão política de sua cidade?

Sim conhecia todos os candidatos. Sim, participo do Conselho tutelar, da diretoria da igreja, do coral e sempre que tiver algum espaço de discussão procuro estar presente.

- Quando necessita algo da prefeitura como procede?

Dirijo-me até o setor competente e encaminho um documento, solicitação do que estou requerendo. Também converso com os vereadores ou como prefeito, pois conheço todos eles, com alguns até brincamos juntos quando éramos pequenos ou quando nós íamos na escola.

- Quais foram as propostas feitas ou promessas que os governantes municipais não cumpriram? Por que não teriam cumprido?

Não cumpriram os elementos do seu plano de governo no que se refere a investimentos significativos no plano de cargos e salários dos professores, investimentos em formação continuada para os educadores. Também faltaram os investimentos propostos na área das indústrias, o que fortaleceria espaços de empregos.

- Qual é a reação da família, ou vizinhos quando do não cumprimento das promessas de governo?

Vale destacar que por se tratar de uma cidade pequena, esta apresenta muitas intrigas e desavenças em torno das questões políticas. Se é o partido ao qual as pessoas apóiam que esta no poder, tudo se admite, caso seja o partido oposto ao seu, tudo é criticado, é um pouco assim que se estabelecem as relações políticas nesta cidade. Cito um pouco da sua constituição enquanto cidade para tentar explicitar esta questão:

Iporã é atualmente, pequena cidade do extremo oeste catarinense, que teve suas características de colonização e emancipação marcada por alguns fatores, pelo menos como observei e observo. A história é mais ou menos assim.

A vila se estrutura as voltas dessa sanga que dividia duas forças políticas e econômicas da localidade. A sanga dividia também a vila. As forças políticas e econômicas que se estruturaram estavam baseadas no comércio local, com mesmas características, lojas que comercializam tecidos, confecções, mantimentos, compravam e vendiam produtos agropecuários principalmente suínos. Assim, tinha uma casa comercial de um lado da sanga de propriedade de uma família de origem alemã do MDB que também tinha comércio. Além da disputa econômica estas famílias e comércio s disputavam pelas benfeitorias do poder público.

Durante o período que o município era comandado pela ARENA realizava os investimentos naquele lado da sanga. Quando a municipalidade estava sob o poder do MDB, realizavam os investimentos naquele lado do comércio daquela família.

Outra questão interessante é que os moradores também se aproximavam deste comércio, como clientes, ou como vizinhos motivados pelas razões políticas.

Atualmente a casa Comercial da família de italianos destituiu seu comércio, mas a disputa pelos investimentos, marcados pela divisa da sanga continuam pois os antigos proprietários e descendentes destas firmam permanecem no local e ainda é possível perceber os fatos se repetirem.

- Qual o espaço na cidade que mais freqüenta? E para o lazer?

O clube da cidade e a igreja. O lazer se dá, basicamente, pelas visitas a familiares e amigos, jogos de cartas e participação nas atividades do coral. há poucas oportunidades de lazer na cidade.

- Você gosta de morar na sua cidade? O que faz para melhorar ainda mais o convívio?

Gosto. Procuo participar das reuniões na comunidade e sempre que possível dar minha participação. Agora que estou participando do conselho tutelar, então tenho visto coisas muito tristes que acontecem aqui na vila. A gente tem conversado com as famílias e com as crianças e jovens, mas está cada vez mais difícil.

- Respeitas as leis proposta pelos órgãos públicos de sua cidade?

Respeito, Bem acho que respeito inclusive participo, embora as vezes nãoo estou de acordo com algumas coisas mas acredito que isso faz parte do nosso compromisso como cidadã.

- Você já se deslocou para cidades maiores que o seu lugar? Qual a sua reação quando isso aconteceu ou acontece?

Sim, inúmeras vezes. Quando fiz isso pela primeira vez, quando criança, foi inicialmente de medo e após de encantamento.



Entrevista 007  
Agosto de 2008

Estamos aqui com mais um sócio da ACOMAR. São 17 horas e 20 minutos

- Qual é sua idade.  
30 anos.
- Qual é sua origem étnica? Sua origem, você é alemão, brasileiro?  
Brasileiro.
- Você é casado?  
Sou amasiado, como diz o outro.
- Quantas pessoas têm na sua família?  
Semos seis na casa.
- Você sua esposa e quantos filhos?  
Quatro filhos.
- Quatro filhos?
- O senhor é daqui de São Miguel?  
Sou daqui mesmo, que eu nasci na Anchieta mais vim morra pequeno aqui ainda.
- E quanto tempo faz, que você está morando aqui?  
Dezoito anos.
- Você veio com que idade?  
Com doze anos.
- Trabalhava em que lá antes?  
Aqui eu trabalhava de chapa.
- Você veio pequeno, quando veio de lá?  
Muito pequenininho.
- Qual a profissão anterior, assim, antes de você trabalha na ACOMAR?  
Autônomo.
- Autônomo, você trabalhava, fazia o que?  
Negócio de carregamento de caminhão.
- Chapa como você falou!  
É
- Que motivo o trouxe a vir desempenhar esse tipo de atividade? Que motivo te levou pra você trabalha com...  
É que eu vi que o nosso ganho tava muito pouco, daí tentemos pra vê se melhora tudo essas coisas, que agente precisa melhora, pros filhos da gente.
- Procurar uma coisa melhor né, por isso você mudou!
- Qual a renda mensal da família?  
Em torno... Não da bem um salário.
- Não da bem um salário mínimo.
- O que recebe é o suficiente pra sua sobrevivência e de sua família?  
Meio apertado, mas a gente passa.
- É pouco né.  
É pouco.
- Qual a escolaridade que você possui?  
Como é que é?
- O grau de instrução, assim que estudo você tem?  
Primeira serie, to agora de novo to estudando no CEJA.
- Há que bom, mas você fez primeira....

Primeira série nem fiz as primeiras séries nem sabia meu nome quando fui pro CEJA.

- Aí agora você tá começando lá no CEJA.  
Pra mim tentar conseguir alguma coisa a mais.
- Como é seu dia- a –dia reserva algum tempo pra lazer, assim pra passear pra se divertir?  
Não, não sobra tempo pra nada quase, tem que trabalha direto. Se não o cara não consegue tira pra come.
- Até final de semana?  
Não, final de semana não, final de semana fico por casa. No sábado de tarde as veiz as veiz a gente trabalha sábado a tarde, às vezes até no domingo, puxo carga duas carga o que da, depois descansa.
- As pessoas que trabalham nessa associação estão satisfeito com o trabalho que fazem? Você acha que estão satisfeito?  
Eu acho que sim...
- Na tua opinião.  
Na minha opinião, eu acho que sim, mas da pouco, não tem outra solução pra nós né, vamos te que fica por aqui mesmo, é a única renda que conseguimos ganha pra vive, não temos serviço, imagina.
- E você está satisfeito?  
Eu por enquanto eu to.
- Gostaria de trabalhar com outra coisa?  
Se tivesse oportunidade era bom?
- No que você gostaria de trabalhar?  
Aí você me apertou! Qualquer coisa, sendo serviço trabalho qualquer coisa, se a gente não sabe, a gente aprende.
- Tá certo, quando vocês vão coletar o material cada um coleta pra si, ou coletam juntos esse material, vocês coletam juntos o pessoal da ACOMAR ou vocês coletam pra si?  
Cada um pra si por enquanto, até que vem a prensa, aí nós vamos trabalha todos juntos né, uns saem e outros ficam enfardando, até que vem a prensa vamos trabalha assim, depois vai mudar.
- Vocês coletam em bairro diferente um do outro, como é que é?  
É a gente às vezes coleta a onde... Quando agente se encontra bastante entre os papeiros se encontra na rua, mas a gente tenque desvia dos outros, porque se não os outros pegam, tiram o papel do cara.
- Há, às vezes tu vai num bairro que outro colega tá coletando?  
Mas o cara se encontra varias veiz, durante o dia é varias veiz o cara se encontra, não é só uma veiz, que o cara se encontra.
- Certo, vocês têm locais marcados pra pegar o papel, papelão, algum lugar marcado? Você tem?  
Eu tenho, um ponto, eu tenho no Andrômeda...É por enquanto é só no Andrômeda eu acho... por enquanto.
- Vendem os materiais juntos e repartem os lucro ou não?  
Não, cada um vende e fica com a sua parte não tem, nois não dividimos, nois não temos, nois não conseguimos, nois não temos dividindo ainda, não sei como é que se explica.
- Estão fazendo um caixa pra comprar a prensa?

Aí eu não sei, porque aí é com a Justina daí ela é a nossa presidente, ai eu não sei, não faço idéia.

- Onde comercializam o produto da sua coleta? Onde vocês vendem?  
Nois vendemos com o pro Ricardo.
- Pro Ricardo, Ricardo de que?  
Há não sei.
- Não sabe, mas é um cara aqui de São Miguel que compra?  
É um cara da fabrica de guardanapo.
- Aqui de São Miguel?  
É.
- A onde é essa fabrica de guardanapos é aqui perto, você sabe?  
É pertinho é aqui na... já me esqueci o nome é bem pertinho.
- Bairro São Luiz?  
Não me...esqueci o nome não me lembro.
- Ta, tudo bem.
- Qual o valor que ele paga o papel?  
Ta com vinte e dois o papel.
- Vinte e dois o quilo?  
O quilo.
- O papel?  
O papel! o plástico ta vinte e quatro se não me engano.
- E o ferro?  
O ferro não recicla ainda, nois vendemos pra um outro cara ai, que compra.
- Outro cara que compra o ferro e quanto que ele paga o quilo?  
Tá 18 e 20 centavos quer dizer o ferro, que nem lata e ferro maciço é 18 e ferro fundido é 20.
- Esse cara que compra o ferro ele é daqui de São Miguel?  
Ele é daqui ele compra pra revende.
- Há ele compra pra...  
Ele compra de nois pra vende pros outros caminhoneiros que vem de outras firma de fora.
- Você sabe onde é que ele tem essa?...  
Sei é do ladinho da minha casa.
- E aonde é isso?  
Aqui pertinho do mercado Giongo.
- Aqui mesmo no bairro, esse bairro aqui é bairro...  
São Luiz.
- São Luiz né?
- Vocês comercializam os produtos de sua coleta junto com os outros ou individual, só de sua família, só você e tua família o que você coleta é comercializado separadamente dos outro aqui da Acomar?  
É isso ai.
- E da sua família só você que coleta papel?  
Na minha família, tem uns quantos, mas na minha família minha casa só eu e minha esposa, mas só que agora ela não ta trabalhando ainda por que ela ta de nenê novo.
- Ela trabalhou contigo antes de ter o nenê, mas só que agora...  
Sim ela vai só espera o nenê fica um pouco maiozinho ela vai puxa de novo.
- Vai volta trabalha contigo certo, participa das reuniões da associação?  
Eu participo.

- Todas as reuniões que tem você participa?  
Quase todas, têm umas que o cara as veis não pode as veis... Quase todas que é bom o cara sabe coisas novas, as moças que vêm ai, dão bastante orientação boas pra gente.
- Elas vem aqui no dia da reunião também?
- Elas vêm acompanhar?
- O que você diria da Acomar, o que você que você me diz da associação Acomar?  
Eu acho que foi uma associação, assim foi muito bom como eles pegaram tenta e montaram, que nem eles montaram a associação pra nós trabalha por que se não o que ia se de nós aqui, se tu vai vende o papel na rua... Não na rua porque se não vendesse pro Ricardo eles tão pagando o que, acho 16 ou 17 o quilo.
- E esse Ricardo paga mais?  
Paga mais, é o único que ta pagando mais.
- Você se sente bem em participar dessa associação?  
Há eu me sinto.
- Como você se sente sendo um coletor de material reciclável?  
Na verdade nem sei.
- Se sente bem? ta bom assim?  
Ta bom assim não tem outro emprego vão tenta....
- Quais são os seus projetos para o futuro o que tu pensa pro teu futuro pra tua família pra os teus filhos?  
Há eu quero muito de bom pra eles vix...Então por isso que eu to dando de duro pra trabalha agora, pra os meus filhos não fica assim como eu to né, quero que eles tenham emprego mais melhor, acho ganha mais, porque eu ganho muito pouco não dá nem bem um salário, porque eu quero que a minha família ganhe mais né.
- Projeto para o futuro que melhore?  
Melhore a situação.
- Como surgiu a idéia da associação ACOMAR? Você sabe?  
Não esse não era do meu tempo, eu quando entrei não faz muito tempo, hoje faz uns oito a nove meis por ai, eu já puxava antes, mas só que entrei na ACOMAR né, então faz uns 8 a 9 meis, mais não faz.
- Você trabalhava antes em outra associação?  
Não, daí eu era chapa, só que nois puxava papel né, mais na hora que não dava serviço daí eu puxava papel, daí quando o cara me chamava eu ia, trabalha de chapa no descarregamento de caminhão.
- Então era isso muito obrigado.  
Muito obrigado digo eu.

Entrevista – Nº 008  
Julho de 2008

Qual é a sua idade?

Oitenta e dois.

A sua origem étnica? Sua origem?

Minha origem é... bastante sangue de índio.

Bastante sangue de índio! É brasileiro?

Brasileiro.

O senhor é casado?

Casado, só que sou viúvo.

Quantas pessoas tem na sua família?

Minha família tem, os que tão vivo tenho dois filhos e quatro filha.

Dois filhos e quatro filhas?

É que tão vivo, são só estes que tão vivos os outros já faleceram.

Já faleceram! O senhor é daqui de São Miguel?

Eu sou sim, eu morro aqui em São Miguel.

Mas o senhor é daqui ?

Só que eu sou natural do Rio Grande do Sul.

Do Rio Grande, Gaúcho!

Do Rio Grande do Sul de Nonoai.

Quanto tempo o senhor morra aqui?

Òia, o que que eu vou te dizer agora, seguramente... 60 anos passei pra Santa Catarina.

Qual era a profissão do senhor anterior, antes de trabalhar com o papel?

Antes de eu trabalhar, eu me criei junto com meu pai trabalhando sempre junto com ele, desde menino aprendendo sempre foi uma boa pessoa tive bom ensinamento uma boa alegria que eu tive na minha vida, só não estudei por que onde fui criado não tinha professor não tinha igreja nem católico, que dirá evangelho, então me criei trabalhando assim sabe... Sempre tive uma boa conduta sabe, sempre acompanhei uma boa coisa, nunca fui de me uni com grupinho né, então me sinto muito feliz.

Certo, você trabalhava com que antes? Na roça?

Na roça, na roça sim comecei trabalhar na roça, e vim pra Santa Catarina já com 18 anos por ai e comecei trabalhar na roça sim pioneriro, um pouco plantava pra mim um pouco trabalhava pros outros sempre a vida pioneiro, maioria né.

Certo, que motivos o trouxe a vir desempenhar esse tipo de atividade, cata papel?

Catado, é eu trabalhei ali em maravilha últimos tempo, daí quando não tinha muito emprego né, eu trabalhava por dia assim na roça, eu quando tinha tempo e não eu catava papel, catava ferro, plástico, alumínio, né cobre, então meu trabalho foi esse nunca perdi tempo pra trabalhar, então sou catado já muito tempo eu catava ali em maravilha entregava pros cara lá em Chapecó depois eu vim pra cá pra São Miguel do Oeste comecei trabalha também ali com outro homem ali.

Quanto tempo o senhor é catador de papel aqui em São Miguel?

Aqui em São Miguel do Oeste aqui na ACOMAR faz... eu acho que deve de fazer um ano que eu comecei trabalhar aqui junto com eles.

Mas antes disso o senhor trabalhava...

Trabalhei 2 anos como catado de papel aqui em São Miguel junto com um homem que tinha prensa né, dali aprendi bastante, me pago por meis, mas eu catava por fora e eu sempre entregava né, então eu sou catado... Eu aprendi trabalhar na

maquina e pouco estudo tive né, aprendi faze meu nome malemá, só agora minha vista não me ajuda mais, nem minha idéia não é mais já... Mas me sinto muito feliz.

Qual a renda mensal da família?

A minha família só tenho um filho só que tem renda né, um não tem renda por que ????? a nossa comunhão????? Mas as minhas filhas tem Araci que tem essa renda aqui que ela trabalhava por fora faz os biquinhos dela ela faz crochê, tricô, não sei como que diz elas trabalham com varias matérias né.

Só o senhor que trabalha aqui na associação? Ou tem mais alguém da sua família aqui?

Só tenho minha filha aqui.

Tem uma filha do senhor que ajuda o senhor fazer esse trabalho?

Esse trabalho a Araci.

Certo, e o salário que o senhor recebe é suficiente pra sua sobrevivência e de sua família?

Há eu nois que passo com meu salário de aposentado, sou aposentado né.

Hà o senhor é aposentado também?

É sou aposentado mas a hora que eu tenho tempo,tendo saúde eu não posso fica parado eu tenho que fazer alguma coisa então já vi que aqui é um serviço que a gente não se preocupa muito,então agenda com tempo, com dia melhores com a saúde que nos ajuda, então meu serviço é esse ai.

Qual a escolaridade que o senhor possui, qual o grau de instrução que o senhor tem?

Olha como quer dizer o grau?

O senhor estudou...

Não estudei, só aprendi em casa faze meu nome.

É nunca foi a aula?

Nunca fui a aula, tive um pouco de aula ali em Maravilha de noite né, estudava de noite, mas depois nos tava nos acampamento por lá, molho todo o material sabe, estragou eu não fui atrás né.

Como é seu dia-a-dia reserva algum tempo pra lazer pra sair?

Sim sempre tiro meu tempo pra sai, sempre reservo, sabe um troquinho da pra viajar pra Maravilha.

Tem família em Maravilha?

-Sim tenho, tinha duas filhas em Maravilha e dois filhos, e duas filhas aqui, que eu morro com elas.

As pessoas que trabalham nessa associação estão satisfeitos com o trabalho que fazem?

Sim a Araci esta satisfeita com esse trabalho.

A sua filha o senhor fala?

Sim a minha filha é ela não vai desistir de trabalhar aqui.

E o senhor esta satisfeito?

Eu to satisfeito por que, através de meu ramo de vida,eu tenho feito alguma coisa sempre faço pra desperta né o troquinho que a gente recebe,tudo ajuda.

Gostaria de trabalhar com outra coisa?

Não, minha senhora não gostaria porque não tenho estudo, mesmo não tenho tempo,a gente tem que ter mais obrigação né.

Quando vocês vão coletar o material cada um coleta pra si ou coletam juntos esse material?

Eu coloco junto com minha filha.

É, mas aqui na associação cada um pra si ?

Cada um pra si, só quando recebe uma adoção né, daí é coletado entre todos né. Vocês têm local marcado pra coletar esse papel?

Pra pega papel? Eu não tenho esse lugar marcado, só que a minha filha tem.

O senhor cata na rua?

Cato na rua sim.

Ela tem um lugar marcado?

Ela tem um lugar pra pegar.

Vocês vendem os materiais juntos, e repartem os lucros? Eu digo junto com a associação?

Separado.

Separados de outros, mas cada quinze dias vocês vendem pra alguém? Essa vem aqui buscar?

É, recolhe.

Recolhe, mas cada um tem seu espaço, por exemplo, aqui é do senhor aquela parte é só do senhor, não é do outro colega do lado, do senhor e da sua filha?

Eu e minha filha sim, eu divido com ela nois se combinemos e se acertemos.

Estão fazendo um caixa pra comprar a prensa?

Há temos encaminhando esse caixa, só falta união desse povo que se une né, por que um fica criticando, um do outro isso aí nunca vai adiante, porque a gente gostaria cada um que viesse na união, e faz tudo certo.

A união é tudo.

É tudo.

Onde comercializam o produto de sua coleta? A onde vendem?

Nós vendemos ai prum cara que tem uma prensa, o tal de Ricardo né.

- O Ricardo!

Ele pega esse material aqui no galpão.

- Qual é o valor que vocês vendem é por kilo como é que é?

É por quilo sim, é 30 centavos o plástico e 20 o papel.

- E tem o ferro também, o alumínio?

É o ferro paga 12 centavos o quilo, nos sempre entregamos ali em baixo ele vem pega em casa quando temos uma carguinha trouxemos com o carrinho ali, então outro não tem pra pega esses ferro, alumínio podemos entregar tudo junto, no bairro tem bastante que compra cobre, alumínio né.

- O senhor participa das reuniões?

Participo, não todas as vezes a gente esquece, as veis ta chovendo eu não posso me molhar, tenho que me cuida muito a saúde.

- O senhor se sente bem em participar dessa associação?

Sinto, me sinto bem aqui.

- Como o senhor se sente sendo um coletor de material reciclável?

Eu me sinto bem, porque eu não me envergonho de se catado, eu chego no lugar pra pega, não tem ninguém pra impedir, porque a gente cuida muito né, a gente não deixa o material extraviado, chega na bolsa abre e pega aquele troço fenoso e fecha de novo.

- Quais são seus projetos para o futuro?

Há meus projetos são bom, pra mim são bom pelo menos eu sou evangelho sabe.

- Pensa coisa boa para o futuro...

Coisa boa pro futuro sempre não temo mal vicio, o que destrói uma pessoa é o vicio.

- É né, o senhor sabe como surgiu a idéia da associação ACOMAR?

Isso daí, esse vizinho daí que vai da.

- Ele sabe!

Ele sabe, quando eu entrei aqui eles estavam trabalhando já, então a minha filha foi convidada e ela me convidou e eu acompanhei ela.

- Então era isso aí, seu (...), muito obrigada.  
Obrigado por a senhora ter essa paciência de vim entrevista nois aí.  
De nada a gente tá aí pra isso.



Entrevista - Nº 009.  
Setembro de 2008

Estão construindo a Macodesc. Aquele prédio de nove andares, ali em baixo tinha diversas vertentes que se unia mais na parte de baixo onde que essa água era canalizada, até a residencia que fica de frente ao praça do (Bertuol) onde tem um prédio de dezessete andares hoje, essa água ia até lá, mas quando abriram a rua, não sei quem, queria explora essa água e andaram detonando, isso a muitos anos no tempo que o (...) era prefeito, não me lembro a época, mas é velho o tempo que tinha isso aí.

- Hoje é dia 25 de setembro, as 17:15 horas, aqui na casa do Senhor (...), na rua Barão do Triunfo 426.  
Rua Barão do Triunfo;
- E qual origem étnica do Senhor?  
Brasileiro, os antecedentes, o pai não, o avô veio da Itália;
- E a religião do Senhor?  
Religião católica;
- A família do Senhor veio da onde mesmo?  
Eu vim de Cachoeira do Sul, na época morava lá, eu vim no ano de 1953, vim pra cá morando no interior de São Miguel, por que na época o município era muito extenso, hoje já onde morei, inicialmente, já é outro município, mas na época era sempre São Miguel (aham);
- Quanto tempo o Senhor morra aqui? Aqui nesta casa?  
Aqui nesta casa eu to morando desde 1959, em 1958 construí em 59 casei e vim mora aqui;
- Que motivos trouxeram o Senhor a sair do interior e vim aqui na cidade?  
A convite de trabalho em escritório;
- O Senhor encontra alguma dificuldade para viver aqui onde o Senhor morra?  
Não, não, absolutamente nenhuma;
- E antigamente encontrou alguma dificuldade? Como que era aqui?  
Antigamente tinha muita dificuldade, distancia dos centros grandes, que nós dependíamos muita coisa de Chapecó, e ir a Chapecó era um dia de viagem, barcas, rios, estradas horríveis, condução precária, jipe, chovia não podia mais viajar, uma série de empecilhos né, mas vencemos;
- E os Senhor freqüentou a escola?  
Aqui sim, mas inicialmente estudei e fiz parte do ginásio em Cachoeira do Sul, e depois eu complementei os estudos aqui no colégio peperi, fiz parte da faculdade em Santo Angelo, que na época era mais próximo, que Chapecó não tinha (aham);
- Então o Senhor tem até o ensino superior?  
(Mas não completo), mas não completo;
- E o Senhor gostaria agora de volta a estudar?  
Gostaria, mas o problema é o seguinte que a gente tem dificuldades, eu tenho problemas cardíacos, não compensa mais isso aí, é muita dificuldade por que teria q me locomove a Chapecó ou aqui, mas a idade também, não, não, não, não poderia falar assim neh, mas se eu tivesse saúde perfeitamente boa eu voltaria a estuda, haa voltaria;
- O Senhor acha que o estudo poderia ter melhorado mais a vida do Senhor?  
Poderia completamente, tudo o que se aprende a compensa vem;

- Quando o senhor fica doente ou alguém da sua família, onde vocês vão busca os primeiros socorros?  
Inicialmente aqui, primeiramente aqui, o recurso aqui, quando o recurso é precário aí nós se dirigimos, na época que eu comecei foi pra Passo Fundo, por que fui a Porto Alegre os primeiros socorros mas não achei convincente, Passo Fundo sim, Passo Fundo me tratei quase trinta anos com um médico só, que acabou falecendo à poucos dias e hoje Curitiba.
- Mas o SUS o não vai, vai direto no particular?  
Não, eu tenho um plano de saúde com a UNIMED;
- E antigamente como que era?  
Antigamente dependia tudo particular, não existia plano de saúde, a única coisa que existiu após o começo da minha vida aqui o INPS, que na época devia ter esse nome INANPS, INANPS, mas era um atendimento muito precário, para se conseguir qualquer coisa dependia de ir lá onde está o posto de saúde hoje, (...) filas enormes, tinha que ir de madrugada para ser atendido as 10 horas, e quando conseguia fixa, não tinha atendimento nenhum praticamente.
- Só voltando um pouco, como vocês vão até Curitiba, de carro próprio?  
De carro próprio.
- O que o Senhor leva em consideração quando o Senhor escolhe os representantes municipais?  
Esse é um problema seriíssimo e muito serio por que nos temos que analisar os candidatos e os que nada fizeram e que são hoje candidatos novamente, esses aí devemos dispensar da votação
- O Senhor frequenta algum espaço de debate e discussão aqui sobre o andamento da cidade?  
Não, não;
- E quando o Senhor precisa de alguma política pública, como o Senhor procede?  
Em primeiro lugar eu não procuro recursos por questões políticas, não tenho assim vinculo político em nada, quando procuro, alias quando preciso de alguma coisa eu procuro o órgão da prefeitura e me oriento onde que devo proceder e como devo proceder;
- E o Senhor sabe alguma proposta que foi feita pelos governantes e que não foi cumprida?  
A muitíssimas, isso não tem número que se possa explicar por que são muitas, muitas;
- E por que o Sr. Acha que eles não cumpriram?  
O que acontece é o seguinte, aqui um exemplo típico, existe um grupo do bairro aqui, que é o centro ainda, que pedi que a prefeitura coloque um órgão que de orientação e atendimento sobre excesso de animais, cachorros, na rua, nas casas, não tem controle, não tem nada, como é que se diz, uma perturbação permanente, dia e noite, ninguém, não tem órgão que a gente possa se socorre, outra, nós temos um abuso no transito de cargas pesadas, ninguém obedece, estoura um cano da CASAN, tú fica sem água 2,3 dias, por que não tem como arruma na hora e não tem órgão que tranque esse movimento de carretas e carros pesados, devia ter um limite neh, ( devia sim) mas não tem;
- Quando não cumprida a promessa que foi feita, que que o Sr. Faz? O que a família do Sr, Faz?  
Tem que ficar quieto por que não tem onde se socorre, vai, vai se agarra aonde;
- Então o Sr. Não se manifesta;

Não, não, não, temos que engolir quietos e pronto, só que a gente grava na próxima eleição e saberá dar o troco (não vota) exatamente;

- Qual espaço da cidade que o Sr mais freqüenta?

Olha eu não sou de sair, eu sou muito caseiro, eu tenho minha horta, o dia que eu tenho de folga me ateno na horta, procuro fazer uma coisa ou outra ( aham) arruma, planta, e não gosto de sair, não sou assim de, não tenho prazer de sair visita vizinho, não, não, é em casa com a família neh;

Mas assim tirando isso, aqui na cidade o que o Sr mais gosta, mesmo não saindo muito, deve ter algum lugar;

Sim, sim, sim, eu vou no mercado, eu vo na (...), caminhar, um pouco me distraí, mas clube não freqüento, é em casa neh;

- E o que o Sr menos gosta aqui na cidade?

O abandono por órgão público, abandonam muito, nós não temos passeio, limpeza de terrenos vagos, não temos orientação pra isso aí, acho grave esse caso aí, passeio quebrado, passeio mal feito, isso não tem órgão que execute, isso eu acho que;

- E o que o Sr faz pra melhora isso? O Sr faz alguma coisa?

Olha eu procuro ter dialogo com os candidatos e apontar esses problemas aí que eles venham lembrar durante a época que eles vão atuar na camara, ou que tenham contato com a prefeitura para ver se solucionam esse problema neh, mas o interesse deles é o meu voto, depois eles não, eles brigam, falam mal do prefeito, criticam, mas faze não fazem ( é verdade);

- O Sr respeita as leis propostas pelos órgãos públicos?

Procuro respeitar o máximo;

- Paga corretamente suas contas de água, luz, IPTU?

Tudo direitinho, a obrigação primordial é pagar todas as contas, IPTU, água, luz, isso é primordial;

- Eles recolhem corretamente o lixo domiciliar aqui?

O lixo domiciliar sim, a única coisa é o seguinte, é o lixo provocado por árvores, quebra um galho, um caminhão, as vezes encosta e quebra um galho, derruba um galho, cai folhas, a limpeza assim de varrimto não tem, é abandono, agora o lixo sim, o lixo é recolhido;

- E os resíduos do banheiro, vocês possuem foça séptica?

Não, nós fizemos aquele sistema de orientação que a prefeitura tem um órgão de engenharia que eles orientaram um sistema em que só vai o esgoto da prefeitura, que é elaborado por eles já água, o resto é tudo decantado aqui no próprio terreno, sempre pela norma da prefeitura;

- Vocês possuem água tratada pela CASAN, ou vocês tem algum poço?

Tenho poço artesiano;

- Tem alguma fonte de água aqui no terreno?

Não, não, tinha uma vez em baixo da casa, mas secou, quando chove um pouco ela verte, mas some neh;

- A que distancia o Sr sabe que é, eu distancia que é do lajeado, do rio, ali me baixo?

Que seria o guamerin, haa dá uns 500 metros talvez um pouco menos;

- O Sr tem preocupação com a poluição que o lixo pode provocar?

Muita, muita, muita, por isso que o lixo, por exemplo, nós ensacamos e não deixamos ele exposto, assim nem nada;

- Vocês separam ele?  
Não, não, separa não, por que não temos assim um preparo para fazer essa separação, que não, uma que a prefeitura devia ter caixas, como é que se diz, locais para separação do lixo, (é depósito) é como tem aqui no colégio das freiras, aí do lado já tem neh, mas nós aqui não temos isso;
- Vocês não descartam nenhum tipo de lixo no lajeado;  
No em absoluto
- Até por que a tem a distancia;  
É pela distancia;
- Como o Sr vê o lajeado?  
Poluído, poluído, abandonado, o problema é o seguinte, existe leis para conservação, para isso, para aquilo, mas ninguém cumpre, um exemplo típico, nós temos o esgoto cloacal na cidade, mas a maioria invés de leva esse esgoto no feito pela prefeitura o cloacal, eles usam o pluvial, aí que vem o problema, cheiro tem tudo o que é de ruim;
- Por que o senhor acha que provocaram tanta poluição nele?  
São diversos fatores neh, muito carro, ninguém anda a pé, poluição, é transito intenso, uma poluição diária, muito abuso, ninguém encosta o carro e vamo dizer hoje no banco a pé, ninguém faz isso, pega o carro e vai, ajuda a poluir, e depois mesmo assim tem gente que joga lixo nos terrenos baldios, esse problema que eu acentuei antes, desrespeitam, ao tem um exemplo típico aqui, vai ver o lixo que tem ali, é um desrespeito total neh, não tem um órgão que multe, que oriente, essa proprietária de fazer assim, fazer assado neh, não tem e nem multa se quer tem;
- É esse lixo que ta aqui não vai chega, mas tem o pessoal que joga o lixo direto no rio;  
Há tem quem ta perto joga no rio como joga aqui no terreno baldio, joga no rio, tando perto só que aqui não posso afirma, por que tamo distante desse rio neh;
- E o Sr acha que é possível recupera o lajeado?  
Completamente, mas impondo determinações severas (leis neh) leis;
- O Sr acha assim que o Governo municipal promove alguma política publica para o lajeado?  
Que existe lei, isso existe, só que o órgão fiscalizador não, um exemplo, tem aquele vizinho lá na frente, tinha três cachorros, não havia quem agüentasse, eu solicitei a prefeitura, um órgão que viesse aí pra me socorre neh, foram lá disseram que eles, o dono do terreno, que eles tavam pagando aluguel e que o dono do terreno permitia os cachorros e eu não tinha direito nenhum de reclama, fico nisso neh, é sujeira, é isso, inclusive existia um órgão para a SUCANO, acho que é, que descobriram que tinha uma fossa aberta e daí deram um prazo pra cobrir, não sei se fizeram, também não me interessa, não compete a mim examinar isso aí neh;
- Mas assim pra despoluir o lajeado o Sr acha que tem alguma?  
Tem é só faze cumpri a lei, como eu fiz aqui por que os outros não fazem, por que o meu esgoto não vai lá pelo, uma ele vai para o esgoto cloacal, direto neh, e completamente tratado (uhum) completamente, e de acordo com a lei da prefeitura, veio a fiscalização, examino tudo direitinho e aprovou;
- O Sr acha que se as leis elas fossem cumpridas diminuiria?  
Executadas neh, obrigar a executar essas leis, claro forma feitas pra isso só que ninguém as cumpre, e ninguém a fiscalização não cobra;
- O Sr tem alguma sugestão assim pra reduzir a poluição do rio?

Isso aí fazer cumprir as leis (aham);

- E o Sr acredita que a população poderia se conscientizar mais sobre as questões ambientais?  
Poderia claro que poderia, mas como é que eu vo dizer, se tem um órgão, se não tem um órgão vai cobra do cliente ninguém vai cumprir
- Vai ser preciso dura penas penalidades;  
Exatamente, pra que faz as leis e não fiscaliza depois neh;
- O Sr me dá uma sugestão para gente viver em um ambiente mais saudável aqui em São Miguel, ainda não está assim poluída ao extremo até por que;  
Mas vai chegar, rapidamente vai chegar, nós temos a poluição sonora, que é excesso e abuso de cachorros na cidade, ali naquela casa tem 2 hoje, o vizinho ali tem 3, aqui atrás tem 1, você veja bem some dá 6, mais um ali no outro vizinho dá 7, sete animais numa questão de 20 metros de distância, só isso aí é uma poluição sonora dia e noite, e onde que está a lei, não existe pra executar;
- Me conta assim Seu (...) como que era antigamente a cidade? O rio era aberto? Me conta como é que funcionava as coisas antigamente:  
Muito bem, inicialmente cada, cada um tinha seu poço de água potável, não era assim fiscalizado, mas volta e meia se levava no posto de saúde pra fazer exame e nunca deu problemas assim graves neh, podia ver assim inconveniências, mas não era assim acentuadas neh, e tinha seu poço, tinha como é fossas tudo no terreno assim, mas era reduzido o numero de pessoas, então o terreno absorvia tudo isso aí sem alastrar assim a céu aberto, mas hoje, hoje mudou a população aumentou, já não dá mais pra dizer o que Foi, só que tivemos melhores condições de vida, já tivemos. Era bem arborizada a cidade, tinha, se iniciou o calçamento e depois o asfalto, não tinha assim tanta poluição a água era potável não tinha distribuição pela CASAN, um certo tempo depois claro houve, mas ninguém morreu de doenças graves por motivo de água contaminada;
- E o lajeado assim como que era?  
O lajeado era diferente, a água mais limpa, (dava pra pesca) exatamente, não tinha tamanho pra pesca, mas se tivesse podia pescar tranquilamente, por que acontece que quem conhecia as vertentes mesmo, só que onde tinha as vertentes permitiram loteamento sem controle aí acabou, foi-se. Vou te orientar mais uma, o hotel Oeste antigamente ele era servido das vertentes do Guamerin, ali tinha uma caixa de água e essa água ia por gravidade natural até o hotel oeste. Hoje pelo amor de Deus, mata meio mundo se vai usar essa água (ta contaminada) completamente contaminada, estragaram tudo, tudo, ali não dá e como é que vai recupera tudo isso aí, precisa lei drástica neh, e precisa compreensão do povo senão não chega a lugar nenhum, que é difícil;
- E se o Sr olha, tudo vai e volta na política NE;  
Exatamente, por que um candidato combate o outro, só sabe dizer o que recebeu de herança e não fazem nada só sabem brigar um com o outro, discutir dizer o que deixou de fazer, o que devia ter feito (fala mal da família) onde que devia se ater, devia ser uma família na prefeitura, com os contribuintes, mas existe muito desrespeito, muito;
- Mas então tah, muito obrigado;  
Estamos aí o dia que quiseres estamos aí.

Entrevista nº 010  
14/11/2008

- Qual é a origem étnica do Sr?

A étnica que você diz é italiana, a raça que você diz seria italiana.

E a religião?

Católica.

Vocês freqüentam a igreja regularmente?

Regularmente.

Qual é a procedência da família do Sr? Do seu pai? Da sua mãe?

São de Caxias do Sul, lá de Caxias do Sul.

Há quanto tempo vocês morram aqui neste local?

Eu faz exatamente 66 anos, nasci aqui.

O Sr sabe , já que o Sr nasceu aqui que motivos trouxeram o teu pai a vir morar aqui em São Miguel?

Bom meu pai ele gostava muito de pinheiro, de serraria, aí então, uma empresa a Barth e Benetti e a Willy Barth, que hoje tem a avenida o nome, contratou ele pra instala uma serraria aqui em 1940, e por isso ele veio aqui, tinha muito pinheiro, a região toda era pinheiro.

Você encontra alguma dificuldade para viver aqui, e os teus pais encontravam alguma dificuldade?

De dificuldade dos meus pais você imagina a 68 anos atrás, o que era isso aqui, eles chegaram aqui e não tinha absolutamente nada, há não ser dois a três moradores que fazia pouco tempo que estavam ali neh, então encontraram todo tipo de dificuldade, nós hoje, estamos onde em SMO, cidade gostosa de vive, boa de vive.

O Sr freqüentou a escola?

Sim, o primeiro, o primeiro colégio que era o colégio São Miguel, e depois estudei no peperí, no primeiro ano do peperí, estudei no peperí.

O Sr gostaria assim se pudesse voltar a estudar?

Tranquilamente, só que agora já com essa idade, já com os filhos com netos a gente não tem mais, teria possibilidade assim, eu tenho consciência quem tem tempo, quem pode poderia voltar a estudar, mas pelo que eu tenho e pelo que o estudo me trouxe vamos deixar assim por enquanto.

O Sr acha que a sua vida poderia ser bem melhor, por que você tem uma vida boa, se tivesse estudado mais, se tivesse completado um ensino superior?

Lógico, inclusive terminou a 5ª série aqui, não houve mais colégio aqui, a dificuldade naquela época era muito grande, faculdade não tinha, então era muito longe, a faculdade mais perto seria Palmas no Paraná, aí em 1985 eu desci com meu irmão pra São Leopoldo RS, pra termina o 2º grau e começar a faculdade. Eu terminei o 2º grau, mas não quis mais fica e vim embora, ele ficou e hoje é um advogado bem sucedido morra ainda lá, então a vida é assim, eu não quis mais estuda por conta que teve que volta pra inclusive ajuda meu pai.

E teve que volta pra ajuda ele no que? No serviço?

Naquela época, o meu pai compro um depósito, uma fabriq ueta de refrigerantes, e precisava de gente pra trabalha e de gente de confiança, eu já tinha 16 anos , então eu vim trabalha com ele, depois mais tarde voltei há São Leopoldo para servir o quartel, depois voltei e continuei trabalhando com ele.

Daí o Sr continuou cuidando da fábrica até se aposenta, ou teve outros ramos que o Sr se dedicou?

Não nós continuamos trabalhando com bebidas até 1995, eu continuei, faleceu meu pai em 82, e agente continuou e eu fiquei até 95, quando encerramos as atividades com as bebidas.

Quando vocês ficam doentes onde vocês procuram os primeiros socorros?

Bem, a gente tem plano de saúde, a UNIMED, e a primeira coisa que a gente faz é a UNIMED.

E antigamente o Sr se recorda como é que funcionava essa questão quando ficava doente ia onde? Tinha médico? Tinha que pagar? Como é que funcionava quando ficava doente?

É isso a gente tinha que pagar, era o hospital Cristo Redentor, bem no inicio, onde hoje tem a prefeitura municipal, ali tinha o hospital, o diretor daquele hospital era o Padre Aurélio Canzi, isso bem no inicio era o dono praticamente do hospital, que deu todo esse terreno que até hoje, a parte onde tem os padres lá praticamente toda aquela quadra ali era do Padre Aurélio Canzi, ele deu a metade da quadra pra por o hospital, e naquela época já tinha os outros médicos Dr João, não lembro bem o nome, mas a gente tinha que pagar tudo, era tudo hospital particular.

Era precário?

Não mas vamos dizer que fosse precário naquela época era o atendimento normal, hospital de madeira, paredes de madeira, mas tudo bem cuidado, e eles cuidavam muito das pessoas doentes, dentro do possível daquela época, lógico que depois foi melhorando, o cristo redentor mudou, todos conhecem aqui em SMO para cima do colégio são Miguel.

O que o Sr leva em consideração quando escolhe um representante municipal?

Primeiramente a honestidade e a vontade de ajuda o município, isso é primordial. Acho que é isso que você tem que prestar atenção na pessoa, vê o que é que ele fez o que que ele pra poder votar nele.

O Sr frequênta algum espaço de discussão sobre o andamento da sociedade aqui na cidade?

Não, eu frequênto muito e inclusive sou um dos diretores do clube esportivo guarani, no esporte, eu sempre trabalhei dentro do esporte, mas hoje , mas dentro da cada vês enquanto aparece dentro da câmara de vereadores eu e meu irmão, só pra olha, ouvi o que tão falando mas muito pouco, mas é mais dentro do esporte.

E quando o Sr precisa de alguma política publica como o Sr procede? Onde o Sr vai procura?

Você diz essa política publica em que se eu preciso da ajuda de alguma coisa?

Isso alguma coisa aqui pra rua, algum cano que estora alguma coisa assim nesse sentido.

Há sim, isso aí logicamente a gente tem telefone, a primeira coisa que a gente faz é telefonar e dizer, nós precisaria aqui nessa rua o recolhimento de lixo que a gente limpa o terreno, coloca na rua precisaria recolher isso aí, ou então, se estora um cano a gente liga pra CASAN toma providencia, que nem agora hoje tem um cano estorado e já tão ali trabalhando, alguém telefone, não fui eu, mas então a gente faz o pedido pros órgãos públicos direto na prefeitura , se é serviço da prefeitura, se for da CASAN, CASAN, se for CELESC, CELESC.

O Sr se recorda de alguma proposta que foi feita pelos governantes eleitos e depois não foram cumpridas??

Olha recorda eu não recordo, mas que tem bastante tem, assim agora você me pegou meio de surpresa não me lembro, não lembro mas tem tantas coisas que

foram prometidas e não foram feitas, de repente você tem que ver se eles conseguiram fazer e se puderam fazer de repente não teve condições de fazer.

Alguma proposta que foi feita mais diretamente, que eles não cumpriram e como é que o Sr procedeu, como é que o Sr fez, o Sr tomou alguma atitude, ou não fez nada, a família, os vizinhos, vocês procuram fazer alguma coisa pra aquele político fazer o que foi prometido?

Não geralmente a gente não vai atrás, a gente pode até conversa numa reunião, uma reunião de festa, alguma coisa, fala com o prefeito, como eu sou amigo do prefeito, a gente, os vereadores que a gente conhece, todas as pessoas, dizer ó, você prometeu o calçamento lá que tá acontecendo, aí eles dão umas explicações que geralmente a metade não aceita, é mas a gente reclama é nesse sentido, quando se reúne, se encontra ou fica mas fácil agora pra mim ir lá na prefeitura arruma uma briguinha, eu não costumo fazer isso não, por que eles sabem do compromisso deles.

O Sr é aposentado?

Isto.

E como é o seu dia-a-dia, você frequenta algum espaço na cidade? Fica em casa? Como é o dia do Sr?

Eu na verdade continuei trabalhando, eu to trabalhando de caminhoneiro, eu tenho um caminhão e trabalho de caminhoneiro, hoje eu to em casa por que só viajo domingo agora. E volto na segunda só.

Qual é o espaço da cidade que o Sr mais frequenta?

Eu gosto da praça, a gente saí a noite caminha um pouco, vai em um restaurante, ou então, eu vo toma um chimarrão, como eu so caminhoneiro em um posto de lavagem, ou numa oficina mecânica, uma revenda de caminhões.

O que o Sr mais gosta aqui na cidade?

A cidade toda, ela é linda, a gente gosta das pessoas que tem conhecidas que a gente saí na rua a gente toda hora tá encontrando pessoas conhecidas bate um papinho, mas tá tudo bonito, a cidade tá bem, a gente gosta de morra aqui.

Então não tem nada que o Sr não goste?

Não sei exatamente o que é que não gosta, eu precisaria analisa, assim de repente assim eu posso dizer, não, não gosto disso, não gosto daquilo que tem muita coisa pra fazer, mas eu não posso dizer que não gosto de alguma coisa agora. O que não to gostando muito é dos buracos que tem na rua, tá terrível, os buracos e o asfalto tá precisando arruma isso tudo, tá muito ruim, então isso eles vão ter que arruma, por que não adianta só pinta, pinta, pinta em cima dos buracos que não vai resolve nada, que nem tão fazendo pintura agora, mas tão, lá em cima na Willi Barth tão fazendo toda uma faxina, uma limpeza, lá na Santos Dumont, lá também, na 282 tão fazendo aquele passeio, devagar eles vão deixar bom, mas no centro da cidade tá muito ruim, tá muito buraco tem que dá um jeito nisso aí.

E o Sr faz o que pra melhora mais ainda a vida do Sr?

Há meu Deus do Céu, o que que eu faço, eu trato de viver bem, não, dentro do possível a gente faz alguma coisa que, que chega nas mãos, um conselho, um papo, uma opinião, isso sempre a gente tá aí pra colabora com alguma coisa.

E o Sr respeita as leis propostas pelos órgãos públicos?

Geralmente essas leis a gente é obrigado a respeita, inclusive e se a gente não respeita as leis vira no que, acho que a gente boto os home lá, eles botaram as leis e a gente é obrigado a aceitar também, por que a gente também é dono dessas leis, é culpado neh,

O Sr paga corretamente água, luz, telefone, IPTU, e eles recolhem



corretamente o lixo domiciliar do Sr?

É tem o lixo domiciliar é todos os dias, tá muito bom, o negócio do lixo, está muito bom, só que o lixo, aquele lixo que eu falei antes de limpa terreno, a gente limpa terreno põe ali na rua dá uma ligadinha. Teve uma época aí que ficou seis meses, um monte de lixo ali a gente reclamou diversas vezes, até que um dia a gente fez até um protestozinho aí que eu não vo dize como, e no outro dia já recolheu.

Podia dize pra mim, isso não vai implica em nada.

Vai sim, vo deixa quieto.

Antigamente, onde que vocês descartavam o lixo?

Normalmente, todos que tinham terreno, que tem terreno hoje, o terreno é muito grande, normalmente ia enterrando no terreno, a maioria do lixo, por que antigamente você fala antigamente, vamo dize, vamos supor que tenha duas épocas de lixo, antigamente praticamente tinha o que só o lixo orgânico, esse lixo reciclável não existia, plástico não existia, sacolas não existia, então existia o que papel, papelão, caixas e isso aí, e apodrecia fácil, então você enterrava no terreno, agora depois que veio essas garrafas peti, sacolas de mercado, essas coisas, a gente tem que descarta no lixeiro da rua pra prefeitura recolher.

Vocês possuem fossa séptica conectada com sistema de esgoto da prefeitura?

Tudo isso é uma lei, é obrigatório ter em cada residência, obrigatório ter principalmente onde tem rede de esgoto, que aqui na nossa rua tem, isso é obrigatório ter.

Vocês possuem água tratada da CASAN, ou tem algum poço artesiano que vocês pegam pra consumo da casa?

Não é água da CASAN, só água da CASAN.

Tem alguma fonte de água aqui do Rio Guamerin aqui no terreno, ou tinha?

Tem, tem duas fontes, que é onde inicia o Guamerin, é aqui na padre Aurélio Canzi, logo aqui acima estão as duas fontes.

Mais ou menos a que distancia aqui da casa do Sr, o Sr acha que estão essas nascentes?

100 metros

o Sr descarta ou descartou algum tipo de lixo no lajeado?

Não de maneira nenhuma, isso a gente não pode por, esse lajeado eu conheço a vida inteira, inclusive no inicio do depósito de bebidas, que nós tinha a fabriqueta de refrigerantes, esse refrigerante era feito com essa água, mas ela estava numa chácara, era uma chácara, essa rua Santo Molin não existia, nem a Padre Aurélio Canzi, isso aqui era uma chácara e essas fontes estavam nessa chácara e a gente usava, encanava e usava para fazer bebidas, ela é uma água muito pura, lógico que hoje não se pode usa mais, porque está no centro da cidade.

Como o Sr vê o lajeado?

Há esse lajeado aí tá bem diferente, do que a gente conheceu ele na época de criança a gente conheceu era praticamente um rio, hoje é uma sanguinha, e esse lajeado ele deveria ser mais cuidado, deveria ser limpado, cuidado, e faze uma coisa bem feita pra que não fosse desviado tá, aí tem muita coisa que tão pondo nesse lajeado que mais tarde eles vão se arrepender.

Por que o Sr acha que provocaram tanta poluição no lajeado Guamerin?

Isso aí acho que falto leis, falto leis, cuidado da própria administração municipal, mas a gente não vai citar nomes por que, desde o início isso tudo era uma coisa diferente da outra, vinha uma lei, uma citação, vinha uma outra, vinha um outro prefeito, vinha e todos queriam o melhor, mas sempre foi muito difícil cuida dessa

sanga, então o que nós temos q fazer agora é justamente o poder público é agora cuida bem do rio guamerin, proteger esse rio, nós não podemos pensar atrás, temos que pensar pro futuro, então agora esta na hora de cuidar muito bem dele.

Então o Sr acha que é possível ainda recupera o lajeado?

Tranquilamente, claro que é possível.

O Sr acha que o governo municipal promove alguma política de despoluição aqui pro lajeado?

Olha a única coisa que eu tenho visto aí, é uma vez por ano aí alguma entidade, alguma entidade, sem que não pertence ao poder publico tem feito umas limpeza e tal, e a prefeitura pelo que eu vi até agora, um ou outro lugar põe uma maquina pra limpa, obstruir, mas uma lei que leve a cuidar bem da sanga Guamerin até agora não vi.

O Sr acha que essas atitudes que essas empresas tem, elas minimizam um pouco a poluição no lajeado?

É lógico, tudo o que é feito pra limpeza, o recolhimento de lixo, ou alguma coisa, tudo ajuda, minimiza tranquilamente, mas se você vai lá pra baixo, no bairro santa Catarina lá pra baixo, vai ver que lá ta acumulando lixo, ta indo tudo lá pra baixo, então lá é que a prefeitura tem que começar a limpa e cuidar pra população da cidade não larga mais nada no rio Guamerin.

Você tem alguma sugestão pra reduzir a poluição do lajeado Guamerin? Que o Sr acredita que seja eficaz e que vá fazer alguma diferença?

Como eu falei, você tem que administração municipal tem que tomar cuidado de providencias nisso, aí a FATMA pra ter cuidado de por, de exigir, o que a FATMA sabe que tem ser feito, que o poder municipal faça, que é não deixa desmata todo barranco, não deixar construir casas em cima dessa sanga, ou bem na beira da sanga, tem que ter uma lei pra deixar as casas bem longe da sanga, os casebres e limpa periodicamente a sanga, não deixa inclusive larga esgoto direto na sanga, não pode ser feito isso, que a gente sabe que tem então eles tem que tomar providencia nisso aí, eu acho que é só cumprir lei, cumprindo lei tranquilamente dá pra cuida desse Guamerin.

É com lei, mas o Sr acha que a população poderia ser conscientizada de que se parar de jogar lixo no lajeado, tranca o cano e para de larga o esgoto , o Sr não acha que vai diminuir uma grande parcela simplesmente se a população se conscientizar?

Tranquilamente, isso aí eu acredito que 50% da população a culpa é do habitante, é das pessoas que não tomam providencia nisso, que não cuidam do rio, não podem larga nada, absolutamente nada dentro da sanga, não podem larga, que largue boa, pega água da CASAN e larga dentro da sanguinha, é mais tem que ser boa, limpinha.

O Sr tem uma sugestão para que a gente possa viver em um ambiente mais saudável aqui em são Miguel?

A sugestão é essa aí, é o Guamerin tem que ser limpo e as empresas, também que as industrias, por que temos poucas industrias dentro do centro, que cuidem pra não larga muita fumaça tóxica, ou alguma outra coisa e a gente vai viver bem desde que todas as pessoas, os moradores se conscientizem que tem que uma maneira de não larga lixo nas ruas logicamente na sanga.

Seu (...), uma ultima pergunta, conta pra mim como que foi tua infância, aqui morando perto do lajeado, vocês brincavam lá, depois teu pai construiu a fabrica de refrigerantes e vocês pegavam água, como é que era esse contato de vocês com o lajeado?

Isso era um contato como crianças do interior, qualquer interior que você for hoje e você vê uma sanga com uma garotada brincando na água, correndo jogando uma bola no potreiro, na grama, foi isso aí, a gente foi crescendo nisso aí, aí começou vindo as ruas, começaram a melhorar, naquela época não tinha ruas era uma ou duas ruazinhas de chão, quando chovia era um barral terrível, mas eu fui crescendo nisso, aí com 6 anos comecei a estudar veio o colégio São Miguel, a gente começou a estudar no colégio, mas como toda infância de criança do interior, era um interiorzão, aí com 12,13 anos, o meu pai foi em 52, 53, o meu pai comprou essa fabriqueta, era um início de fabriqueta, que a pessoa que fez nem tinha começado a trabalhar, o meu pai comprou e começou a fazer refrigerantes, trouxe a tecnologia, as essências, o que tinha que ser feito de Caxias do Sul e artesanal, e dessa sanga do Guamerin, da nascente do Guamerin, a gente encanou água direto pra dentro da fabriqueta de refrigerantes, era uma água muito boa, tinha sido analisada lá em Caxias do Sul, meu pai levava tudo pra Caxias do Sul, por que lá tinha parentes, amigos e começou a fazer com isso aí, mas a fábrica realmente foi 4 a 5 anos, por que veio as indústrias grandes de RS oferecendo pra nós, seria melhor trazer engarrafado, trazer pronto e revende do que fábrica, então a gente praticamente parou, essa água passou a ser usada somente pra lavar alguma coisa, pra usar nos banheiros, nos chuveiros e com o tempo daí foi aberta a rua e foi separada a chácara, foi feito um loteamento, daí parou de ser usada, e hoje tem duas famílias usando dessa água, mas elas usam pra lavar a roupa que tá correndo sempre, temos canos lá, que nos deixamos lá, cai direto na sanga ali e começa a correr ali, ali começa a sanga.

Então aqueles canos que tem lá foi a família do Sr que colocou?

Isto

O Sr sabe pra termina, se tem mais alguma indústria que utilizou a água da nascente, ou ainda tem que utilize?:

Olha eu não to apar de alguma indústria que tenha pego mais essa água, por que depois que ela cai aqui na sanga ela começa logo depois no meio da cidade aqui ela já está poluída, por isso que ninguém tá pegando essa água que eu saiba, indústria nenhuma pega não.

Mas talvez diretamente aqui na nascente? Será que não?

Não aí ninguém pega, não que eu saiba, só se está clandestino.

O Sr acha que tem alguma família aqui do centro da cidade que joga esgoto direto dentro do lajeado?

Olha eu não posso dizer isso pra você, isso aí quem teria que responde essa pergunta seria as pessoas encarregadas do município da fiscalização, eu acho que tem, quem eu não sei, a gente tem que fiscaliza isso, eu acredito que tem sim, sempre tem essas pessoas que não cumprem a lei, fazem um chuveiro, um banheiro e abrem um cano, põe ali na sanga e ninguém vê, e fica pro resto da vida aquilo ali, inclusive essa sanga não poderia ser coberta, toda sanga em qualquer cidade tem que ser aberta, só que tem umas que são cobertas e embaixo desse piso, embaixo desse concreto aí é que tem ver o que é que tá acontecendo, a céu aberto a gente não vê nada.

Muito obrigado seu (...), foi de grande valia essa entrevista.

Espero que te ajude

## Entrevista Nº - 011

Agosto de 2009

Dia 26/08 às 14:00 na Rua Santo Molin com Padre Aurélio Canzi,

Qual é a origem étnica do senhor?

Italiano

- E a religião?  
Católica
- E a família do senhor veio de qual lugar?  
Nós viemos do encantado, nós viemos morar pra cá, nós nascemos lá, tanto da minha parte como da parte da minha esposa. (Elis- Encantando –RS) isso.
- E o senhor sempre morou aqui depois que veio pra cá?  
Quando viemo pra cá , sempre morei aqui nessa casa de baixo, depois construímos o prédio aqui e moramos no apartamento.
- Quantos anos faz que o senhor morra aqui mesmo?  
Vai faze 46 anos, agora dia 5 de dezembro
- E quantos motivos trouxe o senhor pra mora pra cá?  
Ai ai, um motivo, tinha um cunhado meu que veio mora prá cá com outro cunhado e trabalhavam com o Zamboni de armarinho a pronta entrega, e o meu cunhado meu não gostou, só chorava não queria sabe, então o Igor me mando me telefona se eu queria vim pra cá vê e ia compra a parte do Vilmo digo óia vo vê, porque tava pela fabrica de queijo onde eu morava lá na sociedade, era difícil sai, mas dei uma jeito que sai e vim pra cá , gostei do lugar , ele quis vender a parte da caminhonete, comprei a parte. Desci 30 dia vim embora vim mora pra cá e até hoje to aqui.
- E o senhor encontra alguma dificuldade pra mora aqui ou não?  
Naquela época era difícil também era tudo a base do barro (...) mas fui levando né, fui levando e levando a caminhonete dirigia pra fora, fazia a pronta entrega né como se dizia.
- Devia ser um banhadão aqui, devia ser um banhado grande aqui.  
Não, não era tão grande o banhado, era um riacho que passava aqui passava bem no canto dessa outra casa destruída, ele fechava bem pra cá depois do canto da tela, e agora sumiu também o banhado foi tudo canalizado.
- Mas o senhor teve dificuldade assim quando o senhor veio mora aqui?  
Ah no começo um poço né dificuldade, eu trabalhava, a minha esposa gostava e não gostava , porque não tinha serviço pra faze, só serviço de casa, lá tinha outros serviço mais né fui levando né (sim) fazendo né, dificuldade ou não dificuldade já que tava aqui né tinha que erguer a cabeça né (é) bola pra frente né.
- O senhor compro só um pedaço de terreno aqui na esquina ou um pedaço de terra grande?  
Não aqui comprei a casa aqui naquela que a guria mora faz 6 meses, eu tava morando nessa casa ai de baixo que agora a minha filha compro ai eu comprei, comprei la e comprei e comprei aqui tinha 2 mil metro de terra né, eu comprei tudo isso aqui, era grande então) sim era grande
- Tá então o senhor freqüentou a escola?

Um pouco, eu quase não fui na aula, sempre trabalhei na vida, sô bastante, sô bastante atrasado nem corretamente eu não sei, tem que dizer a verdade.

- O senhor estudou até que serie?  
Nem no 2º livro, naquela época era o 5º livro a soletra, naquela época a soletra, o livro maior que a pessoa tinha que estuda, era a soletra chamada de soletra, eu nem cheguei nem no 2º livro, daí eu tenho muita dificuldade pra lê, ponto virgula, dois ss, s, ponto, ç to mais por fora.
- Mas o senhor tem uma vida boa eu acho.  
Graças a deus sempre fui alegre, sempre fui contente sempre, sempre sorri, e ainda so assim, tive duas terríveis operações quase me fui má to aqui.
- E o senhor acha que se o senhor tivesse estudado a vida podia ter sido melhor?  
Podia, podia seria melhor, a tinha medo de faze negócio, talvez se tivesse estudo podia ter feito negócio muito bom, entende, então ai talvez nesse lado que me faltou estudo.
- Mas é que é difícil naquela época  
Agora as minhas filhas eu dei um jeito de dá o estudo pra elas né.
- Filhos garantidos – E quando o senhor fica doente ou a sua família vocês vão aonde? Vocês procuram aonde no SUS, direto no médico?  
Como assim?
- Quando vocês ficam doente assim que acontece alguma coisa digamos .  
Na primeira operação que eu fiz foi em 2005, e a outra tive que paga por conta, foi repentina, tive que paga por conta ai não foi fácil.
- Como vocês vão até o socorro, vão de carro próprio, chamam alguém?  
A vamos com algum conhecido de carro, se precisa ele leva a gente né nem pega ambulância e essas coisas.
- E antigamente como que era?  
Á apê, cansei de sai daqui com a filha no colo ir até la em cima, tinha barro, ai tinha o Dr. Clóvis aquela época, a minha filha ficou mal, não vinha mais o fôlego, sai daqui ela não vinha mais o fôlego, cheguei la a pé, eu e a esposa, não demorou 5 minutos ela volto a a a respira.
- Era difícil então
- O que o senhor em, consideração quando o senhor escolhe um representante municipal, quem nem agora tem as eleições o que o senhor vê assim, olha na pessoa, se ela é honesta vai pela...  
A gente olha muito nesse lado ai, se é honesta né, no fim eu agora não sei se vo vota, porque passou a minha hora de vota, já tenho 71 anos, pode ser que ainda vo vota esse ano aqui, ai eu vô vê e vô estuda os candidatos qual é que é melhor né se vale alguma coisa.
- O senhor participa de algum espaço assim de debate aqui na cidade  
Não, não, não entendo.
- Quando o senhor precisa de alguma política pública que nem aqui pra rua, ou pra casa do senhor, ou aqui o senhor vai aonde?  
Não maioria é os filhos né (os filhos que vão) eu desisti, eu já to
- O senhor já viu alguma proposta feita pelo governo que não foi feita? Que não foi cumprida?

Não atualmente não vi nenhuma não (nenhuma que não foi cumprida) não foi cumprida francamente nenhuma que eu vi não.

- Assim quando o senhor ta de folga qual é o espaço que o senhor mais freqüenta aqui na cidade:  
Que eu freqüento(é) faço a minha caminhada volto e escuto musica,(caminhada pela cidade ) caminho pela cidade, faço minha caminhada.
- O que o senhor mais gosta aqui em São Miguel do Oeste?  
Da cidade, adoro o povo daqui, o povo unido povo querido eu adoro muito São Miguel do Oeste e não vo sai daqui não de jeito nenhum. (que bom eu também não quero sai daqui)
- E o senhor ( Falha na fita) menos gosta
- O que não gosta aqui na cidade.  
Minha filha acho não tem nada do que não gosta , não tem onde não gosta ,se vai de um lado é bonito , vai do outro é também, as pessoas são boas né conversa com um conversa com outro
- E o senhor faz alguma coisa pra melhora mais ainda, já que o senhor gosta de mora aqui.  
Há, eu gostaria de vê , assim uma fazendo esses prédio bonitos onde que ta crescendo São Miguel do Oeste, ta crescendo, ta ficando bonito, eu gosto de vê , eu gosto de vê isso ai né bem assim de vê, assim gente com os filhos , né, não é tão grande afinal é bem bom prédio, e agora as pessoas junto também faze né subi, na vida né aqui em São Miguel né, aqui dentro.
- E o senhor suspeita das leis adotadas pelos órgãos públicos?  
É tem leis que dá dá , como se diz , que a gente gosta de vê fala, de vê e ouvi né , se é bonito se não né é a gente fica dentro das coisas.
- E o senhor paga corretamente luz, água, IPTU, e eles recolhem o lixo diariamente daqui da frente?
- O lixo todo dia eles recolhem.
- Todo dia então sempre tem coleta né
- Todo dia tem coleta menos domingo que eles não passam , segunda passam.
- E o senhor possui água tratada também da CASAN né
- Sim , nos temos água tratada , e temos um filtro, água que nos filtremo, água água que vai pra caixa é toda filtrada, tem um filtro grande aqui em cima, então a água passa ai e vai pra caixa, e da caixa vem pro canos.
- Alem de ter água da CASAN, vocês ainda filtram a água?
- Ainda filtrada, ainda filtrada
- O senhor tem alguma fonte de água aqui no terreno?
- Aqui não, naquela casa ai tem, mas não se usa ela né, na casa de baixo
- Quantos anos tem aquela casa ali?
- 46 anos que to aqui , 52 anos que vai faze (52 anos).
- O senhor sabe mais ou menos a que distância que ta a fonte ali do rio? Se ta mais perto ou mais longe?
- Como a fonte?
- O rio passava ali atrás né
- Sim

- A fonte tá perto ou tá longe?
- A fonte nossa (é) ela tava longe uns 20 metros aquela época, naquela época antes de ser tapado né) sim, sim nós pegava água só daquela né era boa água.
- O senhor tem consciência assim que o lixo pode causar a poluição pode ele causa, assim quando é jogado no chão, sem tratamento, sem reciclagem assim?
- Não, eu não tenho esse conhecimento, agora muito bom não deve se né, o lixo que fica aí dá mau cheiro, fica jogado aí , é ruim né porque joga no rio , joga, jogado do saco.
- Manda pra reciclagem
- É reciclagem né
- Quando o senhor veio mora pra cá, eles já tinham tapado o rio? Ou não?
- Não não eles só taparam depois i era aberto, tudo aberto aqui né.
- Então o senhor como mora perto do rio mas ele tá tapado não joga nenhum tipo de lixo.
- Não eu não joga(é tudo recolhido) é tudo recolhido né , passa os lixero ou né, não custa , põe numa bolsa põe na beira da estrada.
- Vocês não fazem , vocês não escolhem, põe um tipo.
- Há tipo de um, tipo de outro é as vezes eles escolhem aqui (eles escolhem) as caixinha de leite de um lado, a latinha do outro os plásticos do outro isso a gente faz aí, depois botam fora , depois que fazem botam fora
- Como o senhor vê o lajeado Guamerim? Como o senhor vê ele passando aqui atrás?
- Aqui tudo bem, agora La pra baixo eu não sei como que tá , agora aqui é, deve, ser limpa né, ali pra baixo eu não sei
- A que distancia que ta a foca que a senhor construiu do prédio do rio, mais ou menos e da casa? Ta longe?
- Há uns 15 metros, 12 a 15 metros.
- Por que o senhor acha que foi provocado tanta poluição ali no lajeado?
- Ambiente , ambiente, poluição como é que se diz (no rio)
- Por que o senhor já foi olha lá pra baixo não é feio, meu Deus, é lixo. O problema também é o seguinte, falta de arvore na beira do rio, tinha que ter 30 a 40 metros de cada lado, arvore, mato em primeiro lugar, a água se matem, ela não, quando seca, ela não desaparece que nem agora, agora não tem mais nada faz um pouco de sol, não tem mais água, por que , porque tudo o mato, até na beira do rio né ao fica difícil né.
- O senhor acha que é possível recuperar o lajeado?
- Eu acho que sim , se a turma colabora por que que não todos tinham que planta arvore, planta tudo de acordo aí, faze encanamento até onde precisa aí eu acho que dá.
- O senhor acha que o governo, o município aqui, a prefeitura faz alguma política pra despoluição do lajeado?
- Olha isso ai eu não posso dize nada por que na política, na conversa assim na assim no radio é difícil que eu vejo alguém fala do rio Guamerim, como é preciso faze aquilo, faze isso.
- O senhor tem alguma sugestão pra alem destas de planta arvores, para diminuir o impacto no lajeado? Por que aqui ele já ta canalizado neh, passa muito perto o canal do prédio?

- Passa aqui em baixo no canto da casa amarela, ali passa o canal, aqui não ta canalizado, nós não canalizamos, uma parte dessa água, a vertente aqui, nós canalizamos, tubo de 30, passa a água e vai pro ouro verde neh.
- O Senhor acredita que a população de São Miguel tem que se conscientizar mais da importância do rio?
- Poderia, por que que não poderia, se cada um fizesse um pouquinho de si, pode melhorar, agora se jogar lixo, joga aquilo, o rio fica sempre poluído, mas se segura essa parte aí, todo mundo, o rio fica melhor, a água fica mais limpa, por que assim joga garrafa, joga, aí fica sempre, mas pode sim, tendo boa vontade do povo pode melhorar bastante.
- O senhor acha que com duras penalidades iria dar mais certo?
- É um pouco mais dura, um pouco mais dura, não deixa assim corre por 30 dias....(ñ consegui entender)
- Por que eu ã acredito que seja o caso do senhor, mas tem muita gente que morou aqui em São Miguel que jogou direto lixo no rio ou o encanamento das focas direto no rio, isso é o que mais polui.
- Justo, justamente néh, aí entope, neh, vai entupindo (vai Poluindo tudo) vai poluindo tudo, se limpasse sempre seria mais fácil e segura.
- A gente vive numa cidade boa, nas o senhor acha que, dá uma sugestão pra mim, do que poderia ser feito, pra nos viver ainda melhor aqui em São Miguel do Oeste? Pra ter um ambiente mais saudável aqui na nossa cidade.
- Aqui, o ambiente nosso, também não é tão ruim, o ambiente é saudável, um pouco de mais capricho entre nós, nós e não pelo pior ( é verdade), se você faz pelo melhor, tudo vai melhor neh.
- Muito obrigado,
- Obrigado você.



*Entrevista - Nº 012*  
Janeiro de 2009

- Vou conversar com o Seu (...) que chegou nessas localidades no ano de 1956, né seu (...)?  
Em 56 eu tava em santa Rita já.
- Isso. Pois bem seu (...), o senhor veio de que região?  
Antes de vir morar aqui em santa Rita eu morei em São Miguel do Oeste né, que naquele tempo ainda era Vila Oeste né, não era... foi criado mais ou menos na mesma época, foi criado o distrito de Vila Oeste.
- E pra vim para São Miguel vocês vieram da onde?  
Viemos de Caxias do Sul.
- Caxias do Sul?  
Isso.
- E vieram de... aquele tempo tinha ônibus? Como é que vocês fizeram pra vir até aqui?  
Não a primeira vez que eu vim para São Miguel do Oeste eu vim junto com o agrônomo. Ele ia fazer a divisão das terras e como a minha esposa ela já esteve aqui em tempo de solteira com o irmão dela e tinha casa e comércio e ela então soube que quando é que esse agrônomo dimensar, aliás não agrônomo ele vinha medi terra. Então aproveitemo a carona para ela vim rever os conhecidos, amigos dela, né. Então eu tirei lá uma semana de férias na firma que eu trabalhava e vim passear né. E deu no acaso de entra em contato ali com pessoas que tinham marcenaria aqui, carpintaria, e eles tavam precisando de um marceneiro né pra fábrica de móveis e me convidaram então pra vim trabalha prá cá. Foi então que eu comprei a parte de um sócio deles né. Comprei a parte dele e vim morar pra cá né.
- Veio morar aqui?  
Isso. Isso aconteceu e vim de mudança pra cá em abril de 1953.
- Quando vocês vieram já tinha estrada, tudo pronto, feito prá cá?  
Sim. A estrada era estrada de chão.
- Chão batido?  
Chão batido, então levemo dias. Que quando eu vim para cá eu vim com um caminhão que puxava madeira era aqui de Chapecó, ele puxava madeira de lenha pra Caxias do Sul e então aproveitemo a voltra que ele ia vazio e trouxemos a mudança. Então viemos de mudança até Chapecó com a mudança passemos lá de noite e no outro dia então seguimo pra São Miguel com um outro caminhão, mas levemo dois dias né.
- Dois dias pra chegar até aqui. E me diz uma coisa e depois vocês vieram, no Santa Rita, aqui?  
É em junho de 1956, quando nós viemos vendi a minha parte lá na marcenaria, comprei a casa de comércio que tinha aqui, né e vim mora pra cá em junho de 56.
- Já tinha casa de comércio?  
Já.
- De quem era esse comércio?  
Era do sobrinho do diretor da empresa aqui da madeireira santa Rita, era Narciso Veroneze o nome dele, era o leão dourado farroupilha Rio Grande do Sul.
- Aqui então as terras eram vendidas colônias ainda?  
Era tudo colônia ainda.
- Tudo mato?

Já, só que já... existia aqui no bairro, hoje bairro né, naquele tempo era Linha Santa Rita, já existia uma parte das terras daqui que já era loteamento registrado em Chapecó, né.

- E ainda existe...  
Não aqui ainda era município de Chapecó né. Era distrito de Vila Oeste, né. É registrado já esse. Esse eu acho que foi, se não foi o primeiro, já foi um dos primeiros loteamentos que surgiu no município de São Miguel do Oeste.
- Certo.  
Ali justamente onde to morando agora né.
- Mas trabalhavam na roça também ou não?  
Não. Naquele tempo lá eu comprei a casa de comércio e comerciava né.
- Certamente.  
Era só comércio. Compra e venda de produtos, de mercadorias e de produtos agrícolas né.
- Certo.  
Só que depois mais tarde comprei uma chácara né da própria firma que eu era sócio, até da firma também, comprei uma chácara então coloquei um chiqueirão pra engorda de criação, engorda de porco.
- E esses porcos eram...  
Eram porco comum.
- Mas abatiam aqui mesmo ou...  
Não, não. Ia tudo pra fora.
- Pra fora?  
Tudo pra fora.
- Certo, aqui nessa nossa região quando vieram os primeiros moradores que compraram terras, colônias de terras, tinha em cima algum caboclo que morava por aí espalhado, ou não?  
Ah, tinha bastante. A maioria dos proprietários de terra eram tudo oriundos do Rio Grande. A maioria eram italianos, também tinha algumas famílias de alemães, de origem alemã, mas todos eram agricultores, proprietários de terras, mas tinha além disso, além deles, dos agricultores, tinha o pessoal que trabalhava na madeireira né, que aqui no Santa Rita tinha três serrarias funcionando né. Então tinha os que trabalhavam na serraria e os que trabalhavam no mato na derrubada dos pinheiros, preparavam as toras né, e junto com eles ainda tinha, além desses que eram, como é que se diz, é efetivo né, olho todo então tinha também pionada que vinha de fora, mas vinha a maior parte das vezes em época de safra né, e da ante-safra, eles derrubavam o mato pra fazer roça né.
- Ah é!  
Então eles eram contratados pelos agricultores pra derruba o mato e pra depois na safra pra colheita do milho, do soja, do... que disse do soja não, porque naquele tempo não existia soja ainda né, do feijão.
- Feijão e o milho mais...  
É feijão e milho né.
- É.  
Então eles vinham, que nem nessa época agora. Durante o inverno eles aproveitavam, derrubavam o mato, né e logo no começo da primavera quando o mato tava seco botavam fogo e os colonos então depois faziam a plantação né e depois voltavam uma parte, uma parte deles voltavam pra fazer a colheita quando o milho tivesse maduro.

- Esse milho era comercializado tudo aqui?  
É ou era gasto na própria propriedade né com o gado e a criação de porco. E a sobra então era vendida ,justamente esta sobra né que eu comprava e revendia como intermediário né e revendia pro pessoal que vinha de fora né.
- Vinham por esta estrada que hoje liga São Miguel do Oeste até Mondaí? Essa estrada já existia?  
Já existia naquele tempo. Lá a gente chamava de estradão, que era a estrada maior do que as outras do interior né, então chamava de estradão. E já existia até esse estradão ali, passava bem em frente a minha casa, ali onde é que tem entre o mercado do Paulo ali do Cuca né, a minha casa ali entre meio ali passava, só que ela era um estradão, mais era um zigue-zague né, porque naquele tempo as estradas eram feitas tudo a picareta, tudo de machado e picareta né. Então eles sempre procuravam o lugar mais plano né, pra evita.... na época de chuva, né, que a estrada fosse interditada por causa da chuva né.
- Barro, atoleiro, dava.  
Barro, atoleiro dava.
- Esses primeiros moradores que vieram aqui, que estavam , que lidavam na agricultura, não sabe se tem encontrado alguma coisa de que tinha vestígio de antes da chegada dos colonos, primeiro morador, vestígio de algum índio ou caboclo que andava por esta região?  
Ah teve aqui. Até faz muitos anos atrás foi encontrado peça de fuzil, cartuchos né, vazios, facões e até nas próprias serrarias né, quando serrava os pinheiros de vez em quando encontravam bala né que era cravada na madeira.
- Dentro da madeira?  
Dentro da própria madeira né. É que aqui passou a Coluna Prestes , então aqui tinha né, pelo que eu fiquei sabendo dos mais antigos aqui né, tinha um pequeno destacamento dessa Coluna que tava acampado aqui mesmo, aqui perto, onde que tá agora o campo de aviação.
- Ah é!  
É.
- Tinha então, provavelmente, tinha ali, devia ter uma campina, alguma coisa.  
É, eu acho que era um pequeno destacamento que tavam acampados ali né. Então naquele tempo lá, tempo da Coluna Prestes, né. Eles acampavam aqui esperavam, plantavam, colhiam o produto pra depois seguir adiante.
- Seguir viagem?  
Né.
- É.  
Então tem esses vestígios né e além disso né, ainda, ainda foi encontrado pedras, que costumavam ser usadas pelos índios né pra corta árvore, corta madeira, inclusive uma que eu... foi achada na minha roça né, eu dei ali pra um colégio.
- No colégio?
- É uma pedra que foi preparada pra corta madeira.  
Pra corta madeira. É o machado né. Ou uma cunha.  
Isso uma cunha.
- Pra corta madeira. Essas peças que tem da Coluna Prestes que foi encontrado, facão, arma, isso não tem nada guardado? O senhor não sabe se...  
Ah não existe mais quem encontro... diz , a gente ficou sabendo porque eles mesmos disseram, mostraram né, só que achara, que aquilo não tinha valor nenhum né.

- Se perdeu com o tempo.  
Se perdeu.
- Então, se passou a Coluna Prestes provavelmente aqui tinha que ter picadas velhas, aqui.  
Ah, existiam picadas velhas.
- É.  
Existia.
- Cada um de...  
Porque na época, por exemplo das frutas né, no mato né, então eles costumavam entra no mato pra ir a procura de frutas silvestres e também a caça de caça né, bichos pra caça. Então existia né. E pra pescar também, pra chega até a beira dos rios pra pode pesca né, pra se alimenta. Então havia picada pra né.
- O senhor sabe da história, que os primeiros moradores da nossa região, aqui da primeira colônia forte que teve, parece que foi em Mondaí, que se chamava Porto Feliz.  
Isso.
- Depois mais tarde, também uma colônia que se iniciou com Poloneses aqui em Descanso...  
Descanso.  
Né, ia a Descanso, como é que era o primeiro nome na linha lá que era, sempre foi Descanso ou teve um outro nome antes e eu não lembro?  
Não, não sei. Não sei te dizer. Parece que tinha um outro nome na... Chegaram os primeiros né que criaram núcleo ali, parece que eles tinham dado um nome, um outro nome, não existia nome. Depois ficou conhecido como Descanso, porque era um ponto de repouso pra segui viagem adiante.
- Isso.  
Né. Só que muitos resolveram fica por ali. O que aconteceu também com São Miguel do Oeste, foi a mesma coisa. Que são Miguel do Oeste não era para ser a sede da colonização de São Miguel do Oeste era Bandeirante.
- Ah é!  
A sede da colonização né, da área que era para ser colonizada aqui nessa região era Bandeirante. Eu conheci, era até amigo de um dos proprietários das terras de lá né que era o se Gaston de Leite e que naquele tempo a empresa, colonizadora era Arabebera, conhecido né, como Bate de Leite. O Leite era de Caxias do Sul e o Bate era de Carazinho, né. Se juntaram os dois, compraram aquela globa de terra né e justamente aquele dimensor que eu falei antes, no início né, que veio pra cá pra fazer a medição das terras, né e lá então que foi criada a sede da colonização.. Só que o pessoal quando vinha de fora, quando chegava em São Miguel do Oeste, então a firma esta mandou construir um galpão grande para os colonos que vinham pra cá vê as terras pra os compradores, pra eles pousarem pra depois segui adiante né, no dia seguinte, segui até Bandeirante, que aí eles iam vê as terra , escolhe as terra e tal né. Só que quando chegavam aqui diziam não, não chega pra diante, eu não vou mais e foram ficando né, que diz que no fim a sede, São Miguel se torno a sede do....
- Do município.  
Da colonização...
- Que era pra ser Bandeirante...  
Era pra ser Bandeirante.
- Que nem o senhor falou de Descanso que era um ponto de parada, muitos antigos dizem que Descanso se originou o nome da Coluna Prestes que teria parado lá.

Isso também é.

- Também foi, mas antes disso já tinha parada lá o senhor... Já tinha, antes da coluna chegar, já tinha. Já tinha gente morando ali.
- Sim porque a Coluna passou em vinte e cinco né, aqui.  
Sim.  
E bem antes disso já tinha né, porque vinte e dois tinha Porto Feliz.
- Isso.  
Que era atual Mondaí né que...  
Não sei se, quantas famílias, ou quantas pessoas existiam né, mas que já tinha estradilha, picada, sei lá o que era né, mas tinha gente, já morando ali.
- E esse nome aqui que tem agora a Linha Cruzinhas. Do que veio esse nome de Cruzinhas?  
Cruzinhas foi, é que quando... na época em que vinha os colonistas, colonistas das famílias do Rio Grande né, que vinham pra cá pra mora pra cá. É teve uma época, teve uma época ali, que eu não me lembro o nome, até minha mulher sabe, porque naquela época ela tava aqui. Que teve uma época que houve uma epidemia de tifo né e ali parece que moravam duas crianças, tinha né. Acamparam né, por causa do tempo né, uma família que vinha vindo do Rio Grande. Acamparam ali nas imediações, né que fica ali por perto do aeroporto e se acamparam ali porque não tinha condições de continua viagem. Naquele tempo vinha de carroça né, não tinha condições de ir de avião e por causa das crianças que tinham, que tavam doente então resolveram para ali né, pra depois segui viagem. E as crianças, são duas crianças, parece que vieram a falece, e naquele tempo lá com... aqui mesmo na nossa comunidade, não existia nem cemitério né. Então enterraram as crianças na beira da estrada e colocaram duas cruzinhas, duas cruces né. E aí quando a gente se dirigia a Descanso, de São Miguel do Oeste pra Descanso né, aí se perguntava tu mora aonde? É lá nas Cruzinhas.
- Lá onde têm cruzinhas.  
Que era o ponto de referência né e fico o nome de Cruzinhas.
- Cruzinhas. E até hoje conhecida como Cruzinhas.  
É como Linha Cruzinhas né.
- Aqui na comunidade de Santa Rita, quem que deu o nome, que escolheu a padroeira Santa Rita pra....  
Quem escolheu foi o senhor José Veroneze. Ele era sócio e diretor da empresa, da madeireira Santa Rita lá de Farroupilha. Já lá em farroupilha ele sempre foi devoto de Santa Rita de Cássia. Então quando se reuniram os sócios né, que resolveram cria uma sociedade e compra as terras daqui né pra explora madeira, então na hora de escolhe um nome, um nome pra dá pra madeireira né ele se lembro de bota madeireira santa Rita né. Que justo no mesmo lugar madeireira Santa Rita porque era daqui é que veio o nome Linha Santa Rita porque instalaram a primeira serraria aqui né e que então tinha a sede onde que ficava o gerente, que era o filho dele, o Ampélio Veroneze né, que foi escolhido pelos sócios da empresa pra ser o gerente da serraria né que depois foi montada outras, né. Montaram três serrarias, então ele era o que dirigia a serraria aqui com trabalho... E por isso então que ficou conhecida como Linha Santa Rita, por causa da...
- Em que ano, o senhor lembra em que ano foi levantada a capela aqui da...  
Agora a capela, se não me engano, foi em mil novecentos e.... não sei se foi em quarenta e quatro ou em quarenta e cinco.
- Aqui no mesmo lugar onde tem a Igreja hoje?

Aonde que tem, não. Ela tava aqui embaixo né. Ali quase em frente a minha casa, onde é que tem a residência agora do (...) né, que fica entre o mercado do Paulo e a residência do (...). Ali que cruzava o tal do estradão. E ao lado do estradão, ali mais ou menos tem a casa do (...). Foi erguida a capela pelo mesmo diretor da empresa né, Veroneze. Ele que mando ergue a capela né. A capelinha ele trouxe lá de Farroupilha, a imagem da primeira santa que ainda se encontra na igreja agora, é uma pequeninha, que ainda nós conservamos na igreja, né.

- Guardada na igreja.  
Mas é que foi tudo início da madeireira Santa Rita né, é que veio tudo o resto do povo.
- E daí logo também foi levantado a escola. Quando que foi que...  
A escola, a primeira escola, que foi a madeira doada pela madeireira mesmo, ela foi erguida logo atrás do chamado de capitel né capelinha, que naquele tempo era chamada de capitel né logo após o capitel no mesmo terreno ali é que foi erguida a primeira escolinha e servia de escolinha e servia também de igreja quando o padre vinha reza a missa.
- Ah! Fazia tudo ali?  
fazia tudo ali. E foi justamente nessa escolinha que foi feita a primeira reunião, porque naquele tempo, se reunia as famílias nos domingos. Se reunia as famílias no domingo de tarde rezava um terço, mulher ficava do lado conversando, uma coisa outra e os homens jogavam baralho, uma coisa né. Então foi ali que o padre, ele era quase junto do padre Aurélio né e que ele veio um domingo aí e reza missa né e aí então foi fundada a capela né capela Santa Rita né. E então foi eleita a primeira diretoria né, justamente nessa escolinha e daí começo a funcionar né então a sociedade da capela Santa Rita.
- Santa Rita, teve um ano que foi incendiado a escola aqui no Santa Rita né, o senhor recorda?  
Eu me recordo. Até fui eu o primeiro a dar o sinal do incêndio que a, a... naquele tempo, eu não me lembro mais do ano, mas deve ter sido em sessenta poucos né era a escola de madeira. Foi no tempo, eu não me lembro o ano, só lembro que quem era prefeito naquele tempo era Deulino Baldissera né. Ele que era. Foi ele, por intemédio dele que nós conseguimos a construção da escola. De antes disso a escola funcionava na própria igreja né. Depois da igreja nova que nós construímos de madeira né, depois da capelinha, aquela, foi construída uma igreja né. Era como além da igreja, servia também pra escola né. Só que as crianças foram aumentando. O número de crianças né, de alunos e não comportava mais né. Aí então nós pedimo, naquele tempo, pro prefeito que era o Deurino Baldissera né, que em véspera de eleições, então nós pedimo: oh você qué voto construa a escola nova, se não nós vamo parti pra outro. E ele: não pode deixa que eu dou um jeito. Quando foi dois dias depois já tavam encostando a madeira lá. Já tinha carpinteiro fazendo medição da quadra lá pra ergue a escola né. E depois então aquela vez que aconteceu que queimo a escola, é foi perto da meia noite, onze horas. Meia noite eu acordei com um barulho assim de, de... parecia um tiroteio né que era coisa quebrando assim né. Aí eu levantei né, olhei aqui do lado da igreja, que ficava do outro lado da estrada né, onde tinha a igreja de madeira e aí pelo clarão, assim né que alguma coisa tava acontecendo na escola. E aí sai pra fora de casa né. Sai fora e vi que a escola tava ardendo né. Aí eu corri pra cima aqui e comecei a toca o sino. Aí começo a aparecer gente né, mas até que o pessoal chegou lá com os baldes, lá pra... não havia mais maneira....
- Não tinha mais.

- Né o fogo já tinha tomado conta de tudo. Depois descobrimo que o cara que boto fogo, ele entro primeiro na igreja pra rouba. Como não achou nada de valor, até ele acho que os cálices que tinham era de ouro né, aí ele pego e levo pra estada né ,deixo no barranco e entro na escola pra vê se tinha alguma coisa pra rouba. Eu acho que ele acendeu vela pra pode enxerga né e ou esqueceu, ou esqueceu a vela acesa. Lá né tinha papéis encima da mesa e pego fogo, ou ele deu fogo na escola de propósito. Porque naquele tempo já tava funcionando o depósito de fumo, já tava, que ficava do outro lado da estrada. Sabia que lá tinha o guarda, quem sabe talvez... foi o que ele declaro depois quando foi descoberto né, que prenderam o cara. Ele botop fogo na escola, só que ele acho que não ia queima tudo, que ia só queima uma mesa ali, alguma coisinha né, mas era tudo de madeira, inclusive até o assoalho né pra chama a atenção do guarda, ele acho que o guarda ia saí de lá pra vim na escola e enquanto o guarda vinha pra cá ele podia ir lá e fazer o roubo que ele pretendia fazer.

- Tá certo. Lembra quem que foi o primeiro que dava as aulas aqui na escola, o primeiro professor?

Ah! A primeira professora mesmo, eu só me lembro, eu só me lembro do sobrenome dela, era Mingori.

- Mingori?

- É não me lembro o nome dela. Não sei se foi a primeira ou se antes dela já tinha outro né. Até tem o Do clésio que pode dize mais do que eu porque ele já morava aqui a mais tempo do que eu né, então ele deve sabe quem era. Eu só me lembro de uma das professoras, que era uma das... quando vim aqui ela já tava lecionando aqui, que era Mingori. Até se não me engano parece que ele tinha um problema no braço, assim, né, se nasceu, de nascença, ou o quê né. Ela era assim meio...

- Defeito.

É.

- E nos finais de semana, qual era o divertimento que vocês tinham?

Ah! Aqui a rapaziada ia joga bola. Os jovem né se juntavam no potreiro ali, que não tinha campo de futebol. Então se juntavam num potreiro qualquer, combinavam né. No início era aqui em baixo na parda, no potreiro do falecido Cristiano Vladir. Era o potreiro mais ou menos chato né, grandinho né. Quando tinha uma turminha que jogava... que trabalhava aqui nas serrarias, então eles se juntavam aqui encima, pra aqui onde é que tem, o, a... Aqui no trevo, aqui perto do trevo, onde é que tem esse ferro velho agora. Então tinha ali um chatinho, ali então eles se reuniam ali, os jovens. E os velhos né vinham pra cima com as famílias né, vinham pro terço né, que naquele tempo se rezava terço aos domingos de tarde e depois então, nós tinha feito tipo de um quiosquezinho, uma bodeguinha né, que é da igreja né. Então ficava lá jogando baralho né e depois arrumemo uma cancha de bocha, então começo também o jogo de bocha e era passatempo do domingo, era esse.

- E a caçada também saia?

Claro.

- Caçada e pescada?

Claro que saia. De vez em quando saia a passarinhada também.

- Passarinhada?

É.

- Tinha bastante naquele tempo, também ainda...

Ah tinha! Tinha. Quase todos os anos a gente fazia, nessa época agora, no inverno, a gente fazia passarinhada e convidava o pessoal mais graúdo da cidade. Vinha o

seu Ernesto Guime, Estringuine, Padre Aurélio. Padre Aurélio ajudava a caça também.

- Ah é! Ele caçava no mato também?

Ele passava aqui na minha casa né, desde sábado, rezava a missa de manhã cedo lá na cidade e depois vinha pra cá arregaçava a batina e se mandava no mato. Depois no sábado ou domingo a gente fazia passarinhada. Então um ajudava de um jeito, outro ajudava de outro né, o vinhozinho lá e...

- Passava o tempo.

Passava o tempo.

- Seu Plínio e aqui pra cima quem vai a Dionísio Cerqueira essas localidades, Guaraciaba, Cedro, vem depois da, de... Começa a colonização de São Miguel do Oeste, Vila Oeste e depois começa lá pra cima a colonização que chega os moradores pra lá, ou tinha já contato com pessoas que tavam morando?

Não que, eu acho que depois que, depois que começo a chega gente, lá da maioria do Rio grande do Sul que vieram daqui pra São Miguel, pra Vila Oeste. Alguns vieram pra Vila Oeste aqui, né, que com destino a bandeirante. Só que em vez de ir a Bandeirante ficaram posando aqui. Então aqui, Bandeirante, São Miguel e Bandeirante e São Miguel a Guaraciaba era quase o mesmo caminho né. Então uns iam pro lado de Bandeirante e outros seguiam um pouco mais adiante pra vê, pra explora as terras ali, e foram ficando. Eu não sei se Guaraciaba, ou Cedro, ali aquela região, não sei se é com certeza que Guaraciaba pelo menos a colonização eu que começo logo depois.

- Sim.

Né

- É foi mais tarde né que.

Isso.

- Porque ali eu acho que essa estrada que passava, essa picada, a estrada que ia a Bandeirante, ela passava depois pela Canela Gaúcha eu acho saia lá pela Canela.

Isso é.

- E daí seguia.

la seguindo, seguindo a diante. Depois de Bandeirante que surgiu a colonização né foram vendendo as terras ali em Bandeirantes Também né e aí surgiu Paraíso, Índio, e assim por diante.

- E daí que vai surgindo a gente pode... A gente observa que estas cidades, elas ficaram bem fora, que nem se era Bandeirante, São Miguel fico fora da onde seria a passagem.

Pois é.

- E a Canela Gaúcha também fico lá e não desenvolveu mais.

Pois é.

- E aonde passava a picada ali por Canela Gaúcha, dá seguia por linha lá por Derrubadas...bandeirantes Cedro.

Isso!

E fico tudo, fico fora e desenvolveu mais pra cá né...

- Isso.

Né pra cima isso...

É depois mais tarde então surgiram quase, quase na mesma época, surgiu Romelândia né. Que Romelândia começo quase que era o nome mesmo de Romelândia vem de Romeu. Seria o Romeu Granzotto irmão né, irmão do Irineu que ainda mora aqui. Ele era o Romeu. Esse Granzotto era o meu cunhado, irmão da minha...



É e depois a estrada aqui foi melhorada né. Foi melhorando porque as empresas mesmo depois, após umas aberturas, aqui né, se encarregaram de conservar um pouquinho melhor a estrada pra poder né, estima-se fazer as viagens mais rápido né. E também o custo né, do tal custo de fazer balsa nas Antas pra depois fazer lá embaixo. Também mante, mante dois lugares pra embalsa madeira, acharam melhor desisti de embalsa aqui pelo rio das Antas, então iam direto pro rio Uruguai em Mondaí.

- Pro rio Uruguai?  
É
- Essa estrada que o senhor diz até a Barra do Viado ela passa por onde? Hoje ela tem essa estrada ainda?  
Existe a mesma estrada que desce lá.
- Ela vai aqui pela...  
Ela vai aqui pela 282 né, até onde que tem a esquerda... onde tem o motel aquele a direita, tem um motel a esquerda, tem um espaço grande, ali...
- Sim eu acho que foi usado pro atalho.  
Isso. Pois é ali encostado na boate tem uma estrada que desce e por ali então seguia lá embaixo.
- E que madeira você serrava de tudo, ou tinha escolhida?  
Não a madeira serrada era só pinheiro.
- Só pinheiro.  
A madeira serrada só pinheiro. Era plancha. É só tinha duas bitolas. Era plancha de três polegadas de grossura né por quinze centímetros de largura ou trinta né, mas sempre pela mesma grossura. E o comprimento era cinco metros e meio ou quatro metros e sessenta. Comprimento menor, menos do que isso eles não aceitavam pra exportação. Agora madeira puríssima, né então só ia cedro e louro e tinha também a, é, um,... só aceitavam se desse tantos cúbicos de madeira né. Disse que tronco menores, por exemplo que não alcançassem aquela quantia de cúbicos eles não aceitavam pra exportação, né. Então eram tudo árvores grandes né, grossa e comprida.
- E quem que levava essas balsas, rio abaixo no rio das Antas?  
Ah! Eram chamados balseiros. Dizem que as minas mantinham gente trabalhando pra fazer os pacotes como se diz né, pra arrumar as balsas, arrumar as madeiras quando dava enchente então tinha os balseiros que eram práticos né. A gente procurava lá mesmo em Mondaí né que eram dono de lanchas né, então eles tinham lancha e a lancha então virava a balsa dentro do rio né pra ela não encalhar nas beiradas.
- Sim.  
Né, então esses eram práticos do rio né que eles eram gente velha antiga né que conheciam o rio né.
- Caboclo velho e tal né?  
Isso né. E esses então eles eram contratados, justamente, pra fazer a viagem né que dava parece que não sei quantos dias, cinco, seis dias até chegar no ponto lá.
- Daí vendiam lá e depois...  
Era vendida lá porque naquela época quando dava enchente então tinha os compradores né da Argentina que arrematavam toda a madeira né.
- E ela ia até onde essa madeira?  
Até o Rio da Prata.
- Até na Prata?  
Até na Prata.

- É uma viagem e tanto né?  
Ah! É.
- Isso é dia e noite, não para mais.  
O rio Uruguai ele desembocava no rio da Prata né e lá tinha uns diversos pontos onde que...
- Por que depois que botava a balsa, a balsa na água, não tinha mais parada, tinha que segui.  
É que as vezes aqui logo adiante aqui do rio Uruguai, depois de Mondaí tem um alto salto que chamam...
- É o salto do lucumã, que chamam.  
Pois é. É isso. Por isso que esperavam, sabê que desse. O rio tinha que aumenta até um certo nível, a água aqui em Mondaí pra pode solta a balsa. Porque se soltasse antes ou depois, se arriscava a balsa desmancha no salto. Então ela tinha que alcança um certo nível. No que ela dava no ponto, né, e sabia que dali ela ia aumenta um pouquinho mais ou então soltavam porque se dali baixasse, aí dava azar.
- Aí se ia a balsa.  
É.
- Interessante que o rio das Antas...  
E todos os radioamadores e, justamente, o Ampílio Veroneze que era o diretor da empresa daqui, também era radioamador, então eles se comunicavam. Tinham radioamador rio acima, então eles se comunicavam, diz: olha que a água tá subindo tanto por horané. Aí se comunicavam aqui. Daqui se comunicavam em Mondaí né. Aí em Mondaí aplicava um superaviso, diz: O rio tá aumentando, que o volume maior de água vinha de cima né, aí eles iam se preparando já né. Então já pegavam as notas fiscais né, pra como é que se diz... a receita federal libera e tudo mais né, a madeira pra exportação e os balseiros se preparando pra viagem, já fazia casinha tudo, com fogão e tudo encima das balsas, pra...
- Fazer uma casa?  
Fazê uma casa né.
- E a erva mate? Tinha erva mate também se...  
Não, aqui também tinha.
- Se vendia essa erva?  
Vendia. Só que naquele tempo, não é que nem hoje tudo empacotadinho. Naquele tempo ainda comprava em saco. Eu também ali vendia erva mate, que a maior parte dos colonos não fazia. Não fazia porque não ficava, feita em casa assim, ela não ficava muito boa. A maioria comprava erva que , que nem eu os colono comprava em saco, saco de cinqüenta quilos.
- E qual é que era as ervateiras que tinha aí o senhor lembra alguma?  
Elas vinham de fora. A que eu comprava muito naquele tempo depois que eu vim mora aqui era Caldato.
- Caldato.  
Caldato.
- De Campo Erê?  
Isso.
- Vindo da...  
Da fazenda Caldato. Ele no começo, quando ele começo trabalhava com erva e antes disso então ela vinha do Rio Grande né. Vinha de diversos lugares aí do Rio

Grande. Aqui do campo né, a maioria era aqui do campo né, de Carazinho, Palmeiras.

- Aqui tinha uma ervateira que era a Mate Laranjeira, o senhor não ouviu falar, não lembra ?  
Aqui também a Cicã.
- Eu não sei se era Cicã.  
A Cicã também tinha botado soque de erva aqui embaixo no Guamerim.
- Ah é ?  
Ali onde é que tem o clube. Onde é que tem a igreja.
- Sim, sim.  
No Guamerim. Ali tinha o soque de erva que era da Cicã, da madeireira Cicã né. Só que a erva que era produzida aqui a maioria ia tudo pra Carazinho. Depois que surgiram outros né, pequenos né. Depois surgiu a Escoteiro ali e a coisa né. Eu me lembro que de fabricação que tinha a Santa Rita também, que eu comprava também da Santa Rita. O Santa Rita tinha um moinho, ali no famoso né, e ele que me fornecia farinha de milho. Naquele tempo né até eu comprava cigarro pra ele porque os viajantes, os vendedor de cigarro, eles não vinham até lá né, eles não saiam fora do estradão.
- É.  
Né, então ele toda a semana , ele, ele deixava a encomenda, dizia: Óh, eu quero tantos pacote desse cigarro, tantos daquele, tantos daquele outro, me deixava o dinheiro né e eu comprava. Sabia o dia certo que vinha o vendedor, comprava pra ele , no dia seguinte ele subia com a carroça né. Então me trazia galinha, ovos, queijos e farinha né. E de volta então levava até outras mercadorias, que também viajante que não ia pra lá né, é então encomendava pra ele, ou ele levava de volta. O que ele fazia? Trocava com égua, com outras coisas assim.
- Trocasse por umas lá ou outras que ele tinha a mais mesmo...  
Não, é que tinha caminhoneiro, por exemplo, que não queriam sair fora da estrada, que as vezes chegavam a traçar, naquele tempo, já andava mesmo que chovesse né, não dava tanto atolador né, e quando entrava ia embora o caminhão também. Então ele me mandava mercadoria dele pra cá né, e eu vendia pros caminhoneiros né, fazia o serviço de vendedor.
- ..  
É ele também tinha soque de erva, então comprava dele também.
- Também a erva? Aqui tinha trânsito de Argentinos que vinham pra cá ou que circulavam por aqui ou tinha...  
Não, naquele tempo não havia muito argentino. A maioria era caminhoneiro do Rio Grande, passando aqui com carga de pinhão, que levavam pra Argentina.
- Ah é! Pinhão que...  
Pinhão que era levado pra lá, pra plantio né, faze muda, e era proibido né.
- Sim, era o tal do contrabando do pinhão.  
Contrabando do pinhão.
- Isso no ano de cinqüenta e ... sessenta mais ou menos.  
É por aí.
- Por aí né.  
É. É que houve uma época aqui, houve uma época aqui, antes disso. Isso foi durante a segunda guerra mundial, por isso que existia a picada aqui. Devia existi picada aqui né, depois da Coluna Prestes. Eu acho que a própria Coluna Prestes que abriu estradinha, a picada pra Dionísio Cerqueira e aproveitaram a época da segunda guerra né, o pessoal faze com trabalho de primeira né, que...

- Ah é!  
E era muito então. Era essas picadas ali então elas... os contrabandistas, entendeu né...
- Seu Plínio...  
Que iam pra Argentina pra fazer contrabando de pneu.
- Seu Plínio qual foi que no seu período, que foi o mais difícil no início que o senhor recorda assim que foi dificuldade que enfrentaram...  
Pra mim, pra mim foi logo que eu vim de, de mudança pra cá, porque eu não pude trazer muitas coisas. Então naquele tempo, também, não tava dizendo ali só havia dinheiro, quando, quando a madeira era exportada né e que colônia quase não existia dinheiro, que não tinha como o que vende né e também era difícil, não é que nem hoje que tem esses caminhoneiros ali que carregam... vão pra tudo que é canto. Naquele tempo o único comércio que tinha daqui era pra Caxias e Porto Alegre né, mas não era com aquele caminhoneiro que arriscava, a maioria, a maioria dos caminhoneiros eles traziam mudanças pra cá e na volta como não tinha outra coisa, então levavam feijão, levavam outra coisa, que né, ovos...
- E então era...  
Salame da colônia né...
- O transporte que era a coisa mais difícil na...  
É isso.  
E a... foi a época mais difícil né, tanto que lá depois quando tive , me ofereceram de compra aqui né, o restante daqui e tava com intenção de volta pra Farroupilhané, aí então o diretor da empresa ali o Veronese, aquele né, o tal do Veronese, que era o gerente da empresa aqui. Então ele, aliás, era cunhado dele né o Artur Guerra né que tava na gerência da empresa aqui, que era amigo da gente. Então ele disse: Plínio tem um negócio assim, assim, assim. Eu já tava com intenção de volta pra Caxias né, é a situação não tava muito boa, dinheiro não entrava né, teve época ali que pra dizer a verdade até passei fome né. Pra compra meio quilo de carne, tinha que tá pedindo afiado, e sem saber quando o dia for de paga. Vou morrer em São Miguel e não é porque a gente não trabalhava, a gente trabalhava, só que não entrava dinheiro.
- Não circulava dinheiro.  
Não circulava dinheiro né. Eu então tinha resolvido de volta pra Caxias, aí foi nessa época então que surgiu né, esse amigo ali o Veronezense, que o Artur Guerra que então ofereceu, diz: oh tem, diz ele, é meu tio né, tá com vontade de volta pra Farroupilha, tá vendendo, talvez vocês não querem compra lá? Digo: vocês não têm prática de, de comércio assim? Não diz ele, mas eu trabalhei pro pai. O pai tinha fazenda lá em Caranquilha. Diz, eu trabalhei com ele o tempo de rapaz, diz ele. Se precisa, diz ele, ajudo. Digo: mas e dinheiro? Digo, aqui eu vô vender minha cota, mas eles não têm dinheiro pra me pagar né e eu vou comprar com que e se eu pudesse vender aqui eu compro lá tudo bem, não mas aqui não tem dinheiro né, já tô saindo por causa disso. Diz ele: não, mas eu empresto uma parte, eu empresto, diz ele. Meu tio, diz ele, ajeta pra nós o meu. Se for assim vamos conversar né. Deu negócio.
- Mas.  
Isso foi em cinquenta e seis.
- Um recado que o senhor deixaria, assim, pros jovens de hoje, pros nossos estudantes, nossos jovens.  
É difícil, dar conselho, na situação em que se encontra o país, com todo esse desemprego. A rapaziada também deve tá desanimada, até não poder mais, porque

se você em situação diferente, a gente podia dar um conselho diferente, mas o conselho que a gente poderia dar hoje seria que eles tenham sorte de quando tiver certa idade encontra um bom emprego né. Aproveita o estudo, não deixa de estudar porque não sabe o que reserva o amanhã né, por via das dúvidas continua estudando, se forma, né, e procura, se não dá realiza os sonhos deles, mas que se ajeitam, quem sabe lá um dia, né, eles consigam realizar o ideal deles.

Entrevista - Nº 013  
Agosto de 2008

- Qual a sua idade?  
Vinte e quatro.
- Qual a sua origem étnica? Sua origem?  
Sou brasileiro sou aqui de São Miguel mesmo
- Brasileiro ?  
Sim
- Você é casado ?  
Sim.
- Quantas pessoa tem em sua família ?  
Cinco
- Quantos filhos ?  
Dois . . um e um da minha irmão que mora junto.
- Há tua irmã mora junto  
Sim
- O Senhor é daqui de São Miguel  
Sim daqui mesmo.
- Qual era a profissão anterior?  
Chapa
- Chapa ajuda assim a descarregar os caminhões, as carretas é isso né.?  
Sim.
- Que motivos o trouxeram a vir a desempenhar esse tipo de atividades seu (...) ?  
A falta de emprego aqui na cidade.
- Qual é a renda mensal da família ?  
A não chega dá um salário.
- E o que recebe é o suficiente para sua sobrevivência e de sua família ?  
É dá pra i quebrando o gáio.
- Qual a escolaridade que possui ? O grau de instrução, assim, quanto de estudo você tem ?  
Primeira série.
- Gostaria de voltar a estudar ?  
Agora eu to estudando no CEJA, lá em cima.
- Há ta estudando no CEJA, começou esse ano ?  
Sim esse ano.
- Como é seu dia-a-dia reserva algum tempo pro lazer, pra passear?  
Não não tem condições.
- Tu fica, trabalha a semana inteira fica aqui, com a coleta de papel e final de semana?  
Daí no final de semana sim no domingo, no domingo nós vamo jogar futebol.
- Há então vocês tem tempo pro lazer ?  
Tem.
- As pessoas que trabalha nessa associação estão satisfeitas com o trabalho que fazem ? O que você acha ?  
Não porque é muitos, muitos que entregam e daí problema de, o pessoal da cidade vendem muito extenso (escasso) daí você não tem como tu fica satisfeito porque não tem serviço uma manhã inteira você não consegue um carrinho de papel, ai

problema é esse, não tem mais quase material né a maioria da turma ta vendendo, o pessoal da loja é isso ai.

- E você ta satisfeito?  
Tem mês que eu não consigo paga a luz, nem água né a prefeitura paga para mim, por que eu morro aqui no galpão mesmo. Daí dá pra leva.
- Há tu mora aqui tu cuida a Associação Você é o responsável pela associação ?  
Não só pelo Galpão.
- Pelo Galpão, para cuidar da . . .  
Para não roubarem o material.
- O material que os outros colocam ali, você ganha alguma coisa por cuidar aqui?  
Não.
- Você só ganha o lugar para mora ?  
É pra mim se livra do aluguel e a água e luz.
- Já ajuda bastante né ?  
É ajuda um eito.
- Gostaria de trabalhar com outra coisa ?  
Sim, já tava pensando ai, e que eu tentei mas não sei se vai dar certo um negócio ai vo i pro Mato Grosso né, trabalha lá de trabalho no posto sabe ? Aqueles caminhão que tem no posto e vou vê se acerto vou.
- Quando vocês vão coletar material cada um coleta para si, ou coletam juntos você e outros associados ?  
Não Cada um coleta para si porque não temos ainda imprensa (prensa para enfardar papel), não temos a picotadora que dizem, se quando vim assim ai, daí vamo continua vamos faze tudo as meias, daí não tem. Puxemos com tudo o pessoal daí na hora de entrega ai de o que dé nós vamo reparti, isso com nas empresas. Picotadera como se vê né
- Vocês tem locais marcado para coleta o papel ?  
Algum de nós sim, outros não, porque quem começou, os primeiros tem os luga, as veis tem loja que dão né outras lojas que não dão, daí esses, os primeiros eles tem os luga próprio para pega os papel e quem não tem daí sofre mais, daí tem que cata na rua daí quase não acha.
- -Vendem o material juntos e repartem os lucros ou não?  
Não. Não aqui só tem o costume do interior né. Cada um pra si né, quando vende aqui né daí aquele que tiro mais ganha mais aquele que tiro menos ganha menos.
- Estão fazendo um caixa para comprar a prensa?  
Não
- Não tão fazendo.  
Não tem condições né  
Onde comercializam o produto da sua coleta? Pra quem vocês vendem ?  
Pro Ricardo nas Fábrica de Guardanapo.
- Qual o valor ?  
Vinte e dois parece.
- Vinte e dois o papel?  
É parreio, é ele paga 22 centavos parreio o papel plástico, isso pra nós tem que se na ACOMAR né pros outros é mais barato um pouco mais barato.
- Vocês vendem só papel, ou vocês vendem ferro latinha também ?  
Ferro e latinha também
- E é pro mesmo ?  
Não é pra outro pro Carlinhos.

- É pra outro, o Carlinhos, esse Carlinhos é daqui ?  
Sim ele mora aqui, aqui pertinho, logo aqui pertinho ai.
- Há aqui perto da associação mesmo e ele compra o que que ele tem ali que ele compra?  
Ferro veio.
- Ferro velho ele tem, ele paga quanto o quilo de ferro de latinha ? Você sabe?  
Ele paga, até esses dias tava 16 agora aumentou para 20 centavos e a latinha daí tava 3 pila o quilo.
- Participa das reuniões da associação?  
Eu sim sempre.
- O que você diria da associação ACOMAR  
ta bom
- Você se sente bem em participar dessa associação ?  
Sim, sim porque nós semos tudo unido né não tem do que se queixa.
- Como você se sente sendo um coletor de material reciclável ? Se sente bem  
Me sinto.
- Quais são seus projetos para o futuro?  
Há não tem nenhum.
- Não tem ?  
Não tem é vive por vive.
- Como surgiu a idéia da associação ACOMAR?  
Há não sei, acho que surgiu pra tirá aqueles lá do campo. Mas eles voltaram, não sei.
- Quem voltou para lá? Os mesmo ou ...
- Não era outras família que viram lá de baixo. Por que nós saimo e a turma volto lá pro campo onde nós tava puxando papel e plástico. Daí já começo enche de lixo de novo. Daí acho que a prefeitura tiro eles de lá não sei.
- Quatro mês que você mora aqui e já existia quando você chegou aqui?  
Já existia a tempo  
-Então era isso e muito obrigado.



Entrevista - 014  
junho 2009

- Qual o nome, origem étnica, religião e procedência da família?  
Nome (...), brasileiro, técnico em Contabilidade, casado com Irma Santolin, nascido na cidade Guaporé – RS, em 27 de maio de 1946, residente na AV. Catharina Seger 850, em São Lourenço do Oeste -SC
- Tempo de residência na cidade, quais os motivos que trouxeram á vida urbana?  
Vim morar em São Lourenço, SC, dia 26 de janeiro de 1969, com a finalidade de trabalhar no Escritório de Contabilidade na época Dificuldades da vida na cidade. Como foram os primeiros anos?  
Na verdade não tive muitas dificuldades de residir na cidade, pois quando vim do Rio Grande do Sul, eu já morava na cidade, aqui eu morei no Hotel do “Seu Hilário” por um longo tempo, mas me adaptei muito bem, só o que mais sentia eram saudades dos meus pais, familiares e amigos. Os primeiros anos de vida, nesta cidade, foram muito bem vividos. Formei uma sociedade no Escritório de Contabilidade com o Dorvalino Benetti, onde comecei a formar o pequeno patrimônio, comprei alguns lotes urbanos, casa de moradia, casa para o Escritório, carro, etc.
- Escola e educação. Como freqüentaram a escola? Qual o grau de instrução?  
Do primeiro ao quarto ano fiz em uma escola no interior do Município de Guaporé, e o Ginásio que na época era do quinto ao oitavo ano. Fiz o quinto e o sexto ano na Escola Técnica Rural de Guaporé, aonde ia e voltava diariamente de ônibus, e o sétimo e oitavo ano fiz na Escola Técnica Rural Visconde de São Leopoldo, em São Leopoldo-RS. E o segundo grau, fiz o curso de Técnico em Contabilidade no Colégio Imaculado Coração de Jesus, na cidade de Guaporé-RS, formando-me no dia 11 de dezembro de 1968.
- Quando ficavam doentes onde buscavam socorro? Como iam até lá?  
Quando vim morar em São Lourenço, já existia hospital na cidade, portanto não havia muitos problemas para o atendimento médico, e quando eram casos mais graves, a gente ia para o Francisco Beltrão ou Pato Branco de táxi.
- Quais eram os meios de locomoção?  
Ônibus, táxi e carros particulares, muitas vezes de carona em Caminhões, que transportavam madeiras.
- Como escolhe os representantes municipais?  
Os representantes municipais (Prefeito, Vice Prefeito e Vereadores), sempre foram escolhidos pelo voto popular em nosso município. Em 1982, por exemplo, a Lei Eleitoral, permitia que cada partido político, podia lançar até 3 candidatos a Prefeito e 3 a vice Prefeito. No caso em que fui Candido a Prefeito em 1982, tive como Companheiro o Professor (...), como candidato também do meu partido e (,,), como candidato a Vice-Prefeito.
- Conhecia os candidatos à representatividade? Freqüenta algum espaço de discussão política de sua cidade?  
Com certeza, todos os candidatos que concorrem a cargos eletivos no executivo e legislativo, eram nossos conhecidos. Eu ainda participo da política, sendo na

atualidade o Delegado do Partido, com direito a voto na escola dos candidatos a Governador, vice e Deputados Estaduais.

- Quando necessita algo da prefeitura como procede?  
Sempre que necessito de alguma coisa da Prefeitura, procuro a pessoa responsável no setor, dentro da Organização pública (prefeitura)
- Quais foram as propostas feitas ou promessas que os governantes municipais não cumpriram? Por que não teriam cumprido?  
Num programa de governo, o candidato ou partido político, traça seu plano de trabalho, sempre pensando no desenvolvimento do município e o bem atendimento dos anseios dos munícipes. Quando da execução do programa de governos, nem sempre aquele projeto idealizado na campanha política serve ou é o que o povo quer, daí a necessidade de mudar o projeto inicial. O ideal para o nosso município na atualidade seria conseguir a instalação de indústrias, para ocupar a juventude que está deixando nossa terra para trabalhar em outros municípios, deixando com isso menor desenvolvimento municipal.
- Qual é a reação da família, ou vizinhos quando do não cumprimento das promessa de governo?  
A ansiedade é que um dia se concretizem as necessidades para toda a comunidade
- Qual é a reação da família, ou vizinhos quando do não cumprimento das promessa de governo?  
A maior parte do tempo vivo em minha casa. Durante os dias da semana trabalho da empresa Infohause. E no fim de semana meu lazer, quase sempre é na Piscina Clube.
- Você gosta de morar na sua cidade? O que faz para melhorar ainda mais o convívio?  
Cada cidadão cria seu mundo, alguns, grande virtuoso, cheio de opções de lazer, tumultuado, mas nós que fomos criados em família humilde, gostamos de viver em cidade considerada de porte pequeno onde conhecemos quase toda a população, onde temos a oportunidade de cumprimentar a todos, estendendo-lhes a mão sempre que possível, bater um papo em qualquer lugar, sempre agradável. O melhoramento do convívio é ter sempre na cabeça, que aquela pessoa que está perto de você é o cidadão mais importante para você nesta hora, portanto valorizar a todos indistintamente sem observar a sua situação financeira, cor, idade, religião, agremiação política etc.
- Respeitas as leis proposta pelos órgãos públicos de sua cidade?  
Com certeza, observamos rigorosamente as leis municipais. Em algumas ocasiões até podemos burlar a lei, mas em casos extremos.
- Você já se deslocou para cidades maiores que o seu lugar? Qual a sua reação quando isso aconteceu ou acontece?  
Nós já moramos na Capital do Estado por um período pequeno, mas podemos dizer que foi uma boa experiência, pois vimos o outro lado da vida. Onde tudo tem e nada se aproveita, pois lá aparentemente tem lazer, mas não se pode praticá-lo sem riscos, tem espaço para passear, mas não se pode passear, tem muitas opções de viver, mas é muito perigoso se expor, portanto para nós que somos simples e gostamos de viver junto ao povo, o melhor lugar hoje é em São Lourenço.

Entrevista - Nº 015  
Agosoto de 2008

- Qual é sua idade?  
Cinquenta e cinco anos.
- Qual é sua origem étnica?  
Brasileira.
- A senhora é casada?  
Não.
- Quantas pessoas tem na sua família?  
Semos em seis... sete.
- Quantos filhos?  
Tenho seis.
- A senhora é daqui de São Miguel mesmo?  
Sim.
- Nasceu aqui?  
Não, no Rio Grande.
- A senhora veio do Rio Grande, que cidade?  
É Irai.
- Quanto anos faz que a senhora veio de lá?  
Eu vim de lá eu tinha sete anos eu vim com minha vó.
- Qual era a profissão anterior da senhora?  
Agricultora..
- Que motivos a trouxe a vir desempenhar esse tipo de atividade? Coleta papel?  
Por que eu vim morra na cidade e daí aqui não tinha outro serviço, trabalhei 3 anos na prefeitura e daí fiquei desempregada e daí eu vim trabalha, catador de papel.
- A senhora fazia o que lá?  
Eu era barredora de rua.
- Qual a renda mensal da família?  
Agora...
- Um salário?
- Não... não dá um salário, nem dá, das veis tem meis que tiro 100 reais das veis não dá isso da oitenta, cinqüenta até trinta deu, é conforme a gente puxa né.
- O que recebe é o suficiente pra sua sobrevivência e de sua família?  
Mas não dá muito é só coisa... mais sempre né.
- Na sua família é só a senhora que trabalha?  
Sou só eu.
- Qual a sua escolaridade? Que estudo você a senhora tem?  
Eu... eu não tenho estudo nenhum.
- Nunca estudou na vida?  
Eu estudei mas é que não aprendi nada.
- E gostaria de volta estuda?  
Eu sim... eu já me escrevi aqui pra volta estuda.
- É se escreveu a onde?  
Aqui no garpão mesmo.
- Há ta vocês vão formar uma turma pra uma professora vim da aula pra vocês aqui?  
É sim, daí nós vamos estuda aqui daí.
- Como é seu dia-a-dia reserva algum tempo pro lazer?  
Há um pouco.

- Pra passear? Final de semana a senhora...  
Muito pouco, não saio quase eu tenho que vim aqui enfarda papel das vezes, as veis eu vou puxa papel na rua também nos domingos, ai nos domingo da mais papel daí, que dia de semana.
- As pessoas que trabalham nessa associação estão satisfeitas com o trabalho que fazem? O que que a senhora acha?  
Eu to contente, que o pouco que dá sempre ajuda né.
- Gostaria de trabalhar com outra coisa?  
Se tivesse outro serviço sim, só que não se tem outro serviço ai se não é esse.
- Quando vocês não coletar o material cada um coleta pra si ou coletam juntos com os outros sócios?  
Não cada um coie pra si.
- Vocês tem locais marcado pra pega o papel?  
Não eu tenho só num lugar que eu pego na minha advogada, se não , não tenho eu cato na rua assim
- Vendem o material juntos e repartem os lucros ou não?  
Não cada um vende pra si.
- Estão fazendo um caixa pra comprar a prensa?  
Nós por enquanto... ainda não mais imo faze, temo fazendo né assim que vai... nas reunião nois falemos isso ai que tem que faze né via vim a prensa pra nois já foi marcado já.
- Vai vim da onde a senhora acha?  
Há eu não sei da onde que eles... a Justina que sabe da onde que vai vim.
- Onde comercializam o produto da sua coleta? Onde vocês vendem?  
Pro Ricardo.
- Qual é o valor?  
Há depende ele... não sei que preço ele paga, acho que é 20 centavo.
- Só vende papel ou vende ferro e latinha também?  
Latinha pra ele das veis nois vendemos se não é só o papelão, plástico, ferro ele não compra de nós ainda.
- E se a senhora junta o ferro, cata na rua o ferro a senhora vende pra quem?  
Detalho pro Carlinho.
- Participa das reuniões da Associação?  
Eu sim.
- O que você diria da associação ACOMAR?  
Há eu pra mim ta bom.
- Você se sente bem em participar dessa associação?  
Eu sim.
- Como você se sente sendo um coletor de material reciclável?  
Muito bem, é o serviço da gente né.
- Quais são seus projetos para o futuro?  
Trabalha.
- Como surgiu a idéia da associação ACOMAR?  
Mas quando eu entrei aqui já tinha e daí agora, eu não posso lhe explica..
- Quanto tempo faz que você ta nessa associação?  
Fazem dois anos e pouco já.
- Então é isso ai, muito obrigada

Entrevista Nº16  
Julho de 2008

- Qual é sua idade?  
Vou fazer sessenta e cinco anos, junho que vem.
- Qual é sua origem étnica?  
A minha origem é de Brasileiro e Alemão.
- A senhora é casada?  
Não, não sou casada, eu tava casada pela igreja né mais o meu marido é falecido então, por esse motivo eu to sem me aposentar até agora.
- Há a senhora não tá aposentada então?  
Não, não to, por isso eu estou trabalhando eu não agüento trabalhar mais eu tenho que ir eu preciso.
- Faz tempo que ele faleceu?  
Faz já uns seis anos.
- E a senhora não conseguiu se aposentar ainda?  
Não, nem aquele encosto que ele ganhava não quiseram me dar, fui lá no NPS e não quiseram me dar.
- Quantas pessoas tem na sua família?  
Que tá comigo é minha filha que eu fui morar com ela eu tava sozinha né e tem três filhos dela e o marido dela.
- Quantos filhos a senhora tem?  
Eu tenho duas... eu tenho quatro mais duas é falecida, é só essas duas uma que mora em Guaraciaba e outra que eu to morando com ela ali no São Luiz.
- A senhora é daqui de São Miguel mesmo, ou nasceu em outra cidade?  
Eu sou residente nascida em Nonoai, e daí eu vim eu era criança quando eu vim pra cá né mas me criei aqui né.
- Qual era a profissão anterior da senhora?  
Eu trabalhava na roça, só que nunca recebemos nenhum papel naquele tempo não existia essas coisas aí por causa de isso aí não ajudou nada.
- Que motivos a trouxe a vir desempenhar esse tipo de atividade? Cate papel papelão?  
Sabe que esse serviço de cate papel é muito bom, mas pra quem tem saúde né quem tem fôlego bom pra caminhar e as pernas boas, é muito bom um serviço que não é obrigado a fazer, trabalha quando pode e se fizer bastante ganha bastante, se fizer pouco ganha pouco é aquilo né, eu to contente aqui né por que eu já fiz mais de dez anos que eu trabalho com o papel, mas só que eu puxava quando eu morava ali na rosinha daí eu vim morar com minha filha, daí aqui comecei puxar lá em casa daí lá não dá porque fica feio né deixava amontoado perto dos moradores daí as mulheres que estavam associadas aqui daí me deram um lugarzinho aqui daí me associei aqui.
- Qual a renda mensal da família?  
Olha, isso aí eu nem posso dizer até porque... quem trabalha, é só um que trabalha o Néri trabalha aqui no agente de saúde eu não sei quanto que ele ganha, não sei se ele ganha 200 ou se ele ganha 300 não sei.
- Que seria o seu Genro que a senhora tá falando? A senhora mora junto com sua filha e seu genro né?  
É meu genro sim, os outros não trabalham eles estão estudando.
- Mas o salário da senhora, assim mais ou menos?

O meu salário, quando deu bastante esse mês deu 20 real, eu gasto tudo eu remédio porque eu compro remédio pra mim toma né.

- O que recebe é o suficiente pra sua sobrevivência e de sua família?  
É meio tentiado dá pra passar né.
- Qual a sua escolaridade? Até que série a senhora estudou?  
Olha eu estudei dois anos mas os pouquinho trabalhava na roça pra ganha comida pra nois come, e trabalhava pra planta também trabalhava de pião e em casa então trabalhava o dia que pegava uma forguinha daí eu ia estuda, depois fui morra com uma pessoa também que eu tinha que i trabalha, fala bem a verdade eu tenho um ano de estudo só, só que ai pra lê eu não enxergo mais pra lê, e agora escreve eu não aprendi nada..
- Gostaria de voltar estudar?  
Gostaria, mas não enxergo mais não adianta volta.
- Ta com problema de visão então?  
Eu minha visão não presta mais, eu enxergo bem pra anda, mas pra lê de noite ou custura essas coisas assim eu não enxergo mais daí não é fácil.
- Como é seu dia-a-dia reserva algum tempo pro lazer, pra passear?  
Não eu só tiro os domingo, só, pra fica descansando e daí os domingos descansa, não dá pra passeia né é isso ai.
- As pessoas que trabalham nessa associação estão satisfeitas com o trabalho que fazem? O que que você acha?  
Pois olha o que eu converso com eles estão feliz né, porque é dali que eles tiram o pão de cada dia pra come né.
- E a senhora está satisfeita?  
Eu sim eu to feliz, até que eu não me aposento eu quero ta ali né porque outro lugar eu meio que caminhei pra mim arruma outro serviço mais liviano pra mim mas não arrumei daí eu vim aqui .
- Gostaria de trabalhar com outra coisa?  
Eu gostaria de arrumar um serviço que não tivesse que anda correndo pra lá e pra ca daí eu tando parado ainda vai.
- Quando vocês não coletar o material cada um coleta pra si ou coletam juntos com os outros associados?  
Não cada um pra si.
- Vendem o material juntos e repartem os lucros ou não?  
Cada um pega o seu e entrega e vem o dinheiro acertado pra cada um.
- Vocês tem locais marcado pra pega esse material/  
Eu tenho lugar, só que não Sá muito onde eu pego lá no INPS aqui no posto, no posto de consulta em cima lá em cima no salão eu não pego mais, porque eles dão pros outros.
- Estão fazendo um caixa pra comprar a prensa?  
Eu acho que estão fazendo, agora eu não converso com isso ai né, quem luta com isso é a Justina e a Iraci e aqueles maior que são sócios ai né que tão, ta o nome deles no livro eu só me matriculei né só que eu não ajudo, assim que nem sai que nem muitas vezes que as muie tem que sai não isso ai é difícil, seu toca de vim de lá de casa meio depressa no galpão eu não agüento eu desmaio.
- Onde comercializam o produto? Onde vocês vendem esse produto?  
Esse produto nois vendemos pro Ricardo, ele pega aqui e leva lá no galpão dele lá.
- Qual o valor que vocês vendem?

Olha o valor é conforme o que nem o papel é um preço, o plástico é outro só que eu não sei certo uma hora é um preço uma hora é outro né.

- A senhora se lembra o preço do papel?  
O preço do papel diz que era acho que era 25 e o plástico era 28.
- Participa das reuniões da Associação?  
Sim eu não perco nenhuma só quando eu não posso vim daí eu não venho, eu gos de vim.
- O que a senhora diria da ACOMAR?  
Pois oia eu, que eu posso dizer que é uma grande coisa pra nois.
- Você se sente bem em participar dessa associação?  
Sim, me sinto bem.
- Como você se sente sendo um coletor de material reciclável?  
Eu e sinto feliz, bem mesmo porque outro, no outro lugar a gente tem compromisso com o patrão né e ai não a gente faz como a gente pode.
- Quais são seus projetos para o futuro?  
Há meus projetos para o futuro por enquanto ta parado, não tenho mais futuro nenhum to veia não adianta mais quere faze nada.
- Como surgiu a idéia da associação ACOMAR?  
Surgiu a idéia da associação com o lugar que não tinha pra colocar os papel daí né arrumaram com a prefeitura esse garpão pra colocar ali, agora não sei se vão faze outro ou vão fica aqui mesmo.
- Quanto tempo faz que a senhora ta na associação? Que a senhora trabalha aqui?  
Aqui na associação acho que faiz uns dois a três anos, agora pra puxa papel faz mais.
- Então era isso muito obrigada.  
De nada, desculpe.

Entrevista Nº 017  
Agosto 2008

- Qual é sua idade?  
43 anos.
- Qual é sua origem étnica?  
Brasileira.
- A senhora é casada?  
Sim.
- Quantas pessoas tem na sua família?  
Sete.
- Quantos filhos?  
Quatro filhos, é três filhos e daí tem a que é minha mãe né, que morra comigo, e tem meu esposo e mais um rapaz.
- A senhora é daqui de São Miguel/  
Não, sou de Guarujá do Sul.
- Veio de lá, de Guarujá faz tempo?  
Faz 20 anos.
- Qual era a profissão anterior?  
Agricultora.
- Que motivos a trouxe a vir desempenhar esse tipo de atividade?  
E que na colônia nós trabalhava assim de pião né, não tinha terra própria né e foi um tempo que trabalha pro outros também não adianta, então isso aqui é uma oportunidade, que pelo mentos um serviço fixo por mês né, que a gente trabalhava por dia né, a gente trabalhava em terra arrendada né então nois resolvemos...
- Qual a renda mensal da família?  
Um salário.
- Vocês, a família toda que trabalha ali na associação?  
Não, eu tenho meu marido que ele é agente de saúde.
- Há ele trabalha como agente de saúde!  
Ele trabalha como gente de saúde.
- A senhora e mais quem que trabalha ali?  
Eu só entrei ali pra ajuda a mãe que ela tava doente, não podia ir, mas quem trabalha lá mesmo é só ela.
- Só ela! É eu por enquanto não entrei ainda na ACOMAR.
- Pretende entra?  
De repente né vamos né, se eu não arruma outro serviço ai, daí eu tenho que entra ali.
- O que recebe é o suficiente pra sua sobrevivência e de sua família?  
É meio difícil, porque é só um salário, porque o que a mãe ganha não da pra conta, porque aquele dia entreguemos o papel, deu 19 real o papel que ela junto né, então dá pra dize que é um salário só.
- Qual a escolaridade que possui?  
Quinta série eu estudei.
- Até a quinta série você estudou! Gostaria de voltar estudar?
- Oh, de repente né porque, para mim sai e abandona tudo né, só se for pela parte da noite ou da tarde né, que daí... porque tem as três crianças que estudam e ele trabalha e a mãe as veis tem que atende porque as veis ela fica mal de repente, tem



pressão alta e pressão baixa, sofre da, sofre da coluna um montão de problema ela tem sabe, daí as veis tem que fica atendendo ela que as veis fica mal de repente.

- Ai dificulta pra você ir pra aula?  
É.
- Por que tem o compromisso de cuidar ela né!  
É, porque ela é doente né, porque até que ela ta com a gente né, e filha dela mesmo que pode cuidar dela é só eu, eu tenho uma irmã que orra em Guaraciaba mais também né, o marido ela bebe, ela já tem o sogro dela que ela ta cuidando, que sofreu um derrame daí pra fica com 2 pessoas doente também não é fácil.
- Como é seu dia-a-dia, reserva algum tempo pro lazer?  
É tem dia né, que sobra aquele tempo passeia um pouquinho conversa né.
- As pessoas que trabalham nessa associação estão satisfeitas com o trabalho que fazem? Na tua visão você acha que estão satisfeitos?  
Há tem algum que reclama né que ganha pouco né, a gente vê que é sofrido esse serviço sabe, é muito sofrido e o pessoal muito se obriga a trabalha ali por que não tem outro, já é um dos motivos por causa mesmo do estudo que não tem né, já se torna mais difícil pra arruma outro trabalho, então é ali que eles tem que trabalha né.
- Gostaria de trabalhar com outra coisa?  
Eu sim, eu trabalhava até pouco tempo né, mais depois fiquei bastante doente também, daí depois a mãe veio morra comigo, mas trabalhei sempre de doméstica.
- No que você gostaria de trabalha?  
Agora? O serviço que viesse não reparava, o importante é ajuda ele, porque, muitas vezes a gente se aperta né porque um salário, só pra todos nós aqui muitas vezes gastemos em farmácia mesmo porque um só não é fácil.
- Porque ele ganha só um salário e a tua mãe?  
20 real por mês bem dize, porque...
- É conforme a que ela vende de papelão ela recolhe e vende...  
Eu ganho essa bolsa escola né, que me ajuda bastante, ainda bem né porque a gente, a roupa pras crianças eu sempre faço no crediário e dá pra cobrir com esse dinheiro que se paga.
- Quando vocês vão coletar o material cada um coleta pra si, ou coletam juntos esse material?  
Não, cada um coleta pra si.
- Vocês tem locais marcado?  
Que nem pra mãe que ela é uma pessoa bem de idade, então eles aqui ali, no caíque, ali no postinho eles dão pra ela, e lá na farmácia do NPS só que ela pega, em outros luga não.
- São esses dois lugares?  
Esses dois local só que... ela pega, porque até esses dias eles falavam, pra deixa um lugar mais perto pra ela, porque ela é uma pessoa doente não pode e ela não aguenta nem com o carrinho ela puxa na bolsa, ela não pode com o carrinho, nem o carrinho de mão, eu mandei ela pega ela não agüenta, é muito fraca.
- Tem que idade a sua mãe?  
64 anos.
- Vendem o material juntos e repartem o lucro ou não?  
Não, cada um vende pra si e daí...
- Estão fazendo um caixa pra comprar a prensa?  
Há eles, como a (...) falou né, tão fazendo, não ganha né isso ai, pra continua o trabalho.

- Onde comercializam o produto da sua coleta? Qual o valor?  
O valor, é 22 centavos o quilo de papelão e o plástico daí é 25 né, é um pouquinho mais.
- O ferro?  
É 15 centavos, enfim que a mãe até agora não coletou né só to dando o preço que eles pagam.
- Sim. Onde vocês comercializam o produtos de sua coleta? Pra quem que vocês vendem?  
Tudo pro mesmo dali; o Ricardo esse, eu não sei o nome dele completo só sei que o primeiro nome é Ricardo.
- Vocês comercializam o produto de sua coleta junto com os outros, ou individual só de sua família?  
Não, só da família?
- Participa das reuniões da associação?  
Sim.
- O que você diária da ACOMAR? O que você diz da associação?  
Há a associação é uma coisa boa né que até muitos, vem ali vizitá né, e vê a situação deles e ajudam tem pontos que eles ajudam bastante então né, só que precisava ter união né o povo ali tem que te união, porque se não tem união é muito impossível de ir pra frente né eles precisam ter união entre eles.
- Você se sente bem em participar dessa associação?  
É ate agora né.
- Como você se sente sendo um coletor de material reciclável?  
Há agora nem posso dizer, eu estou recentemente começando né, mas eu acho que é bom, porque o pouco que caminha bastante né pega um pouco de peso, já é uma grande coisa, assim um dinheirinho a mais né.
- Quais são seus projetos para o futuro?  
Há sempre cada um pensa pra um dia melhora né, e isso ai espero que melhore.
- Melhora em que sentido? Que você gostaria que melhorasse?  
Há sim melhora na vida sobre trabalho, coisa assim né porque até agora é o pouco, eu acho assim pela minha idade, muitos as veis né não querem pega porque eu bati numas quantas portas né, sempre não consegui né e um pouco por causa do estudo que eu tenho pouco, mas eu espero que um dia, Deus vai abrir uma porta pra mim né.
- Como surgiu a idéia da associação ACOMAR? Você sabe?  
Não sei, não sei porque né faiz pouco tempo...
- Faz pouco tempo que você está nessa atividade, então muito obrigado.  
Eu que agradeço.

Entrevista 018  
Janeiro de 2009

- Explique para nós como surgiu a idéia de mobilizar a comunidade as instituições em prol da poluição sobre o Rio Guamerim

Em 3 de agosto de 2007, em face da poluição ocorrida no Rio Guamerim, circunstância que causa prejuízos não só à saúde, mas também à segurança e ao bem-estar da população migueloestina, criando condições adversas ao desenvolvimento das atividades sociais e econômicas, comprometendo-se os padrões estéticos e sanitários do meio ambiente local, decidi instaurar um procedimento administrativo – Inquérito Civil - na 2ª Promotoria de Justiça de São Miguel do Oeste, com atribuição na defesa do Meio Ambiente, por intermédio da Portaria 001/2007/2ªPJSMO.

Para tanto, num primeiro momento requisitei ao 11º Pelotão da Guarnição Especial de Polícia Militar Ambiental a realização de uma inspeção pormenorizada e levantamento de local, com o objetivo de constar eventual poluição ocorrida no Rio Guamerim.

Também requisitei a Vigilância Sanitária Municipal a realização de um estudo detalhado acerca da situação do Rio Guamerim, e ao Gerente Regional da CASAN de São Miguel do Oeste informações sobre a existência de estudos nas águas do mencionado Rio, já que este Rio desemboca no Rio Famoso que abastece os municípios vizinhos de Descanso e de Belmonte. Aqui, com relação às solicitações endereçadas a Vigilância Sanitária Municipal e a CASAN, registro que nenhum elemento importante foi encaminhado à 2ª Promotoria de Justiça de São Miguel do Oeste, o que demonstra, principalmente por parte do Município, a total falta de compromisso e preocupação com o tema saneamento básico.

Num segundo momento, depois de uma conversa com o Vice-reitor da Universidade do Oeste de Santa Catarina – UNOESC, campus de São Miguel do Oeste, , a referida Universidade, no ano de 2008, iniciou o desenvolvimento e a elaboração de um projeto de pesquisa intitulado DIAGNÓSTICO PRELIMINAR DE ASPECTOS AMBIENTAIS GERAIS DO RIO GUAMIRIM NO ESPAÇO URBANO DE SÃO MIGUEL DO OESTE, projeto que contou com a participação de sete (07) professores e de cinco (05) alunos bolsistas, envolvendo os cursos de Biomedicina, Ciências Biológicas, Geografia, História e Agronomia, sendo que os resultados desse projeto de pesquisa trouxe informações importantes acerca da poluição do Rio Guamerim, em especial na área urbana do município de São Miguel do Oeste. Saliento, também, a importante participação do curso de Jornalismo da UNOESC, que elaborou um documentário de quinze (15) minutos sobre a problemática do Rio Guamerim.

Diante das informações levantadas decidi, ao mesmo tempo, elaborar um projeto de educação ambiental intitulado “MIGUELZINHO, O AMIGO DE SÃO MIGUEL DO OESTE”, o qual tem como objetivo criar e desenvolver uma proposta pedagógica direcionada a educação ambiental nas escolas municipais, estaduais e particulares sediadas no Município de São Miguel do Oeste, com o intuito de uma conscientização acerca da importância da preservação do meio ambiente, tendo, para tanto, o ecossistema local como referência. Mais especificamente, objetiva o referido projeto oportunizar atividades de recreação e lazer conciliando os alunos com a integração ao meio ambiente local, abordando valores de respeito à conservação e preservação do ambiente natural, desenvolvendo atividades que interfiram na formação do conhecimento ecológico, utilizando metodologias

alternativas em conjunto com arte-educação e proporcionando a formação de multiplicadores das ações relativas a sustentabilidade ambiental.

O presente projeto ainda apresenta caráter de autosustentabilidade, através da produção de gibis, camisetas, vídeos etc., e conta com a participação de escolas da rede municipal, estadual e particular do Município de São Miguel do Oeste, as quais, além das informações levantadas no mencionado inquérito civil e no DIAGNÓSTICO PRELIMINAR DE ASPECTOS AMBIENTAIS GERAIS DO RIO GUAMIRIM NO ESPAÇO URBANO DE SÃO MIGUEL DO OESTE desenvolvido pela UNOESC, receberam camisetas, gibis, vídeos etc, vez que todo o material servirá para discussão em salas de aula.

Torna-se importante consignar que o projeto intitulado “MIGUELZINHO, O AMIGO DE SÃO MIGUEL DO OESTE”, que teve iniciativa na 2ª Promotoria de Justiça de São Miguel do Oeste, com atribuição na área do Meio Ambiente, conta com o apoio Universidade do Oeste de Santa Catarina, Campus São Miguel do Oeste - UNOESC, do ROTARY CLUB, São Miguel do Oeste, LIONS CLUBE, São Miguel do Oeste, LIONS CLUBE, São Miguel do Oeste/Universidade, da SICOOB, da Associação Comercial e Industrial de São Miguel do Oeste, e da Prefeitura Municipal de São Miguel do Oeste, por intermédio da Secretaria de Educação.

Anoto que o projeto foi lançado na Escola Municipal de Educação Infantil e Ensino Fundamental São Batista de La Salle, em 2 de abril de 2009, e na oportunidade se fizeram presentes alunos, professores, a Diretora de Departamento de Ensino do Município de São Miguel do Oeste, integrantes da Secretaria de Educação, pais de alunos e imprensa local.

O objetivo do projeto é criar e desenvolver uma proposta pedagógica direcionada a educação ambiental nas escolas municipais, estaduais e particulares sediadas no Município de São Miguel do Oeste, com o intuito de uma conscientização acerca da importância da preservação do meio ambiente, tendo, para tanto, o ecossistema local como referência.

Por se tratar de um projeto voltado ao ecossistema local, o trabalho de conscientização e a confecção do material distribuído aos alunos das escolas participantes é voltado para a realidade do Município de São Miguel do Oeste, circunstância que facilita a interação dos alunos com a realidade local.

**OBSERVAÇÃO** - A entrevista foi gravada em DVD e está disponível para maiores consultas junto a UNOESC- Campus de SMOeste.

Entrevista - Nº 019  
Junho 2009

- Qual o nome, origem étnica, procedência e região da família?  
Bom, meu nome é (...). Sou descendente de oriundos de italianos, mais precisamente naturais de MazonVicentino na Itália. Religião católica, sempre fui católico apostólico romano, e a minha família originariamente veio de Nova Bassano, hoje município, pertencia antigamente a Nova Prata, em função de que a data do casamento do meu pai, o resultado dos foguetes resultou da queima de toda a madeira da construção da casa onde iria morar. Mudar de residência obrigando-se a trabalhar num frigorífico desde criança onde eu nasci então em Dois Lajeados no Rio Grande do Sul e até os sete oito anos permaneci digamos na Vila. Meu pai trabalhando, que foi um dos primeiros que obtiveram carteira profissional de trabalho em 1932. Posteriormente fomos para a lavoura, mas como era de quatro irmãos eu era o de maior idade, tinha de oito pra nove anos, não havia como sobreviver da lavoura e trabalhar no frigorífico. Deixando disso, fomos para Serafina Correa quando o pai continuou trabalhando no frigorífico e como éramos família numerosa, nós morávamos numa área de terra até crescer uma vilazinha nova, é uma área de terra correspondente digamos a meio hectare de terra onde tínhamos vaquinha de leite, galinha, arrendávamos terra na vizinhança pra trabalhar, criávamos sempre um porquinho. Então passamos por dificuldades quando comecei a ir na aula em 1939, concluindo daí cinco anos de primário na época. Posteriormente curso de admissão em Veranópolis e ginásio em um ano Científico em Porto Alegre. Depois deixei os estudos e interrompi durante cinco anos, aliás não, três anos voltando posteriormente após serviço militar fazer curso técnico de contabilidade. Na falta de dinheiro pra fazer um vestibular, ou de pagar pensão pra ficar oito ou dez dias pra fazer vestibular, fez com que eu ficasse sem estudar até 59, quando então ingressei na Faculdade de Direito em Passo Fundo e antes da formatura fiz vestibular pra pedagogia que cursei dois anos. Deixando da cidade de Guaporé onde exercia atividade de professor, radialista, tendo trabalhado inclusive na polícia a convite resolvi vir pra São Miguel do Oeste em 1966. Quando aqui posteriormente exigindo curso de professor, diploma pra professor, resolvi então fazer curso de História na primeira turma que se formou em Palmas no Paraná, tendo Licenciatura Plena em História, com relação a isso. E com a cidade me identifico plenamente por que quando vim aqui isso aqui era uma vila, havia três ou quatro de pedras irregulares tão somente e meia dúzia de casas de alvenaria e nada mais! Então hoje praticamente cresci com a cidade me identifico com ela, mesmo por que, sou bastante extrovertido e criei logo de inicio comecei a dar aulas, conheci a população da cidade, me envolvi em esportes, inclusive fiz uma campanha depois de um ano conseguimos implantar o Basquete em São Miguel do Oeste em 16 de maio de 1967. Ai fundei a Liga Esportiva Fronteiriça que até hoje existe, faziam campeonatos com, aliás o Fronteira lá de Palma Sola, onde o pau comia solto, participava Campo Erê, Pinhalzinho, Maravilha, toda região. Em 1967. E fui presidente depois quando foi oficializado em 1974 até 1982, continuei sendo presidente. Tendo posteriormente ajudado também fundação e criação na associação dos professores do Município, a tal de ASMOP, temos terreno temos construção que hoje está dada as traças. Tem uma construção que é utilizada por criação de alguns colonos aí, por que, tanto os professores, quanto advogados e médicos são desunidos. Se soubessem a força que tem como o boi não iriam pro açougue, e como não sabem se unir e lutar por uma causa, cada qual é individualista , dá nisso aí.

- O Senhor comentou que veio para São Miguel à convite? A convite de quem? Não. Tinha um cidadão, que até foi, era proprietário aqui depois da tal de Genera, depois Princesa do Sul, vendeu aqui e foi pra Clavelândia que era o Alberto Consoli, hoje falecido, se não me engano, mas é que um irmão dele era padrinho de crisma de um irmão meu e ele se encontrava comigo, quando ia buscar as filhas que estudavam em Passo Fundo e se encontrava comigo no hotel, eu estava cursando direito. Então ele me convidou, insisti que viesse e eu disse “Não, primeiro eu quero me formar depois eu” já havia sido convidado antes de me formar pra vir pra cá, pra ser Secretário de Educação e uma série de coisas, por que aqui em terra de cego quem tem um olho é rei, né? E aqui praticamente não tinha ninguém! Pessoas assim com preparo, com curso superior havia um médico ou dois e dois advogados, só.
- E o Senhor veio e se envolveu na política nesse momento? Aceitou cargo? Não, de início não eu fiquei até, fiquei dez anos até 1976 completamente alheio à política pelo seguinte: que no Rio Grande havia lá, por exemplo, uniam-se o PSB o PL e a UDN, e aqui o PSB, hoje PP, era uma brigada com os dois, era uma briga de foice. E eu então, logicamente, em função da clientela não me manifestei, fiquei, né? Tinha algumas amizades com algumas pessoas, mas eu não sabia a que partido pertenciam na época, entende? Ai foi na época da Revolução quando depois criaram a tal de ARENA e MDB. Tá? Então eu fiquei assim até 76 fiquei assim. Em 76, por sinal até, fui com os jogos abertos em Chapecó, é 1976, conduzi a delegação de São Miguel do Oeste até Chapecó pela primeira vez. Ai quando voltei, tal, faltavam o que? Poucos dias para campanha, naquele tempo a orientação e as exigências eleitorais eram diferentes um poço “Não, mas você é candidato a vereador”, digo “Mas como? Mas não teve inscrição nem ficha em partido”, “Não, não. Você é candidato a vereador e pronto”. Mas eu fiz não deu um mês de campanha, mas me senti bem por que na época não fiz duzentos votos, embora os eleitores fossem poucos, né? Mas olha que houve dois, duas urnas do município que eu não obtive voto, e naquele tempo abrangia Paraíso, Bandeirante, Barra Bonita, né? O município era grande inclusive nem conhecia todo o município. E como tal depois houve um período de seis anos de vereador então assumi 81/82 fui vereador convocado como suplente, fiquei dois anos como suplente.
- O senhor comentou que quando veio pra cá exerceu a atividade de professor.
- Sim. Advogado e professor, eu já comecei como advogado por que era formado advogado, e o estranho é por que eu vim pra cá com inscrição 3659, pedi a transferência do Rio Grande do Sul pra cá, só que aqui praticamente levaram quase seis anos pra me dar a transferência, demorou mais tempo do que eu levei pra me formar. Me deram carteira aqui 1644 em setembro de 71, ou seja eu estava aqui desde março de 66, já vim com o processo pronto para transferência e pra lidar com a capital era terrível! Não havia comunicação, não havia telefone, não havia nada! Pra ti ir a capital devia ir a Curitiba ou então maioria ia a Porto Alegre. Então via Lagoa Vermelha, Vacaria, Lages pra depois então descer a Florianópolis, né? Era uma verdadeira aventura ir daqui a Florianópolis. Eu fui a primeira vez em 69, pra tratar de umas verbas e sai daqui em 29 de setembro de 69, fomos a Pato Branco, chegamos ao escurecer atravessamos estavam abrindo o asfalto, fomos a Guarapuava, depois descemos e fomos a Florianópolis. Três ou quatro dias depois eu sei que nós regressamos de fusquinha, para conhecer Brusque, Blumenau, Jaraguá do Sul, São Bento do Sul e assim por diante fomos em Curitiba. Em Curitiba fizemos a volta via Cascavél, Medianeira, Parque do Iguazu que naquele tempo era

permitido cruzar para chegar aqui, então aproveitei para conhecer os lugares, a gasolina era barata.

- As primeiras dificuldades na vida da cidade, quando o senhor veio para cá?  
Olha quando eu cheguei aqui, infelizmente era o seguinte eu tinha duas filhas, estávamos acostumados cidade com todo conforto, calçamento, televisão luz e tudo. Chegamos aqui paramos dois dias num quarto de hotel, 22 dias por que não tinha nem peça para o escritório e nem casa pra morar, então eu saia o dia todo a cata disso ai. E logicamente a mulher desesperada as crianças por que quando era dez horas a gente tinha que ascende a vela pra ver se a luz tá acesa ainda, era uma luzinha fraca até as dez e meia, então você vê, não se utilizava fogão a gás, não tinha luz elétrica durante o dia, enfim era difícil. Acostumado numa cidade com todo o conforto, ai você chega aqui, ia pro colégio, terra vermelha. Tive que comprar bota de borracha pra toda a família por que ir pro colégio era um sacrifício.
- E esses benefícios de luz e água, veio com o tempo?  
Veio como tempo né? Depois a luz começou já em sessenta e..., não já começaram a instala energia elétrica e tal, ouve aqui qüiproquó, havia barbaridades na política na própria justiça, que eram coisas que eu não estava acostumado, mas que eu não aprendi a convive. Quer dizer eu aprendi, melhor, a conviver com esses... com essas... com essas formas de agir tanto da polícia quanto da justiça me mantendo na minha pra não me envolver ou pelo menos pra ter distancia, por que era necessário ficar quieto. E agora então resolvi já que, praticamente, hoje estou no primeiro dia do resto da vida que tenho pela frente eu pretendo escrever alguns fatos pra ver como a justiça e a própria polícia são venais em alguns processos do qual participei, não vou dar nome aos bois, mas vou fazer referencias às circunstâncias e os fatos como vinham a ocorrer que são verdadeiras barbaridades. Então eu... são assim a primeira vista, e profissionalmente logicamente eu sempre fui assim ajudar as pessoas pobres e coisa. Tão como havia lecionado no Rio Grande por dez anos passei a dar aulas no colégio São José e no Colégio Pepperi também, e mais tarde então lecionei também na Escola Básica.
- Tinham quantos colégios aqui quando o senhor veio?  
Tinha o São José o Pepperi e a Escola Básica
- A questão da Saúde como procedia quando alguém ficava doente na família?  
Era um problema era um dilema. Havia dois hospitais de madeira um onde hoje tem a prefeitura do Dr. Clóvis , por sinal conterrâneo lá do Rio Grande, e tinha o Dr. Missin. Então não havia, ali pra se deslocar se alguém fosse doente pra Chapecó também você fazia o que? Você tinha que ir via Mondaí, Palmitos lá por baixo, daqui a Chapecó dava 200 quilômetros, estrada de chão. Então naquele tempo até nós tinha alguns filhos, fulanos naquela época, já quando eu cheguei, já registravam aqui mas antes o pessoal esperava pra ir registrar em Chapecó os filhos ou em Mondaí quando tinha dois três filhos iam registrar, as vezes acontece ai na documentação de processos aparece irmão de diferença de idade de dois, três meses, eles faziam assim registravam tudo na vez pra não paga multa.
- E os meios de locomoção na época eram quais?  
Olha, os meios de locomoção só tinha ônibus que vinha de Passo Fundo e ia até onde, dexa-me ver aonde, acho que Medianeira no Paraná, era a empresa Hélius que até hoje tá aí. Tinha dois ou três por dia, tal e coisa. Chão batido, não havia estrada assim de asfalto coisa nenhuma, vinha pela balsa por Mondaí não havia ponte sobre o rio Uruguai, não é? E em dia de chuva talvez o ônibus viesse talvez não. E eu comecei atender São José do Cedro, ia lá uma vez por semana, não tinha carro na época, mas atendia muito e então quando não vinha ônibus e chovia tinha

que contratar um jipe pra me trazer de volta pra São Miguel. Um jipe a única condução que dá pra se desloca na época. O dia que chovesse tinha que pega e não viaja, por que tava sujeito a ficar na estrada.

- Esse jipe servia de taxi então?

Sim. Taxi. Taxi era só por jipe. Aqui em São Miguel havia uma Aero 62, uma Rural e um daqueles jipão comprido de quatro portas. Depois começou a aparecer, as estradas melhoradas.

- Aqui na cidade a prefeitura começou?

Não, não aqui na cidade havia na época meia dúzia de quadras asfaltadas que era a rua sete de setembro, que é aqui onde tem o Museu hoje que é antiga prefeitura até a altura da Ford, depois ali não tinha por que tinha pedra então deixaram duas quadras sem asfaltar e asfaltaram adiante e depois mais uma outra, um treichinho na Willie Barth mais por questão política que tudo resto, não gosto de falar nomes, tal mas, onde tiveram que se enterrar dinheiro que se destinava a estrada da madeira, então ali o calçamento custou uma fortuna por metro, e beneficiava parentes de certos administradores.

- Tanto na época em que o senhor veio pra cá, como na atual, o senhor pode comentar separadamente ou como desejar, como o senhor escolhe os representantes municipais?

Em primeiro lugar eu sempre fui meio esquisito eu sou eleitor desde 1950 e na ocasião votei para presidente da república em cinco partidos diferentes, que eram pessoas que eu conhecia pelo menos pela biografia e outros a gente conhecia pessoalmente. Depois nem sempre fui assim bairrista em votar na pessoa da cidade, digamos se fosse pra deputado ou coisa assim, por que não via qualificação ou condições para representar o município então isso deve ser analisado, o que infelizmente hoje o povo não analisa. Eu via pela biografia, pela forma assim, e escolhia o elemento que entedia que teria condições culturais ou mesmo de trabalho em representar o município, por que convenhamos, na época com hoje apresentam-se pessoas não que tenham condições de administrar ou de resolver alguns problemas ou de fazer leis, vota-se naquele que é mais popular por que esse ganha voto o partido e o partido precisa por alguém lá. Então infelizmente utilizam o Zé-ninguém da vida ou qualquer um pra angariar votos e as vezes se elege ele e não se elege um bom. Então nesse aspecto eu sempre fui criterioso não voto em pessoas que não tem qualificação e principalmente se não tiver vida ilibada, não tem meu voto. Por que eu já fui candidato várias vezes, três ou quatro vezes candidato a vereador nunca me elegi por quê? Não sei mentir e político tem que mentir, tem que ser trapaceiro tem que ser sem vergonha, na sua quase totalidade. Aparentemente não mas eles fazem por baixo, então eles aguardam uma tetinha, aguardo isso, aquilo. Nunca dei dentadura nem óculos pra ninguém, nunca paguei consulta médica, graças a Deus nesse ponto. Era candidato “se quiser votar em mim por aquilo que eu sou tudo bem. Se esperarem dinheiro ou auxílio esqueçam por que eu não dou”.

- Conhecia os candidatos à representatividade? E freqüentava algum espaço de discussão política na sua cidade?

Olha eu sou o seguinte, eu gosto de política sempre fui ligado a política, mas eu sou muito ponderado e verifico que com a grande maioria você não pode discuti e nem tratar do assunto, por que são apaixonados, não enxergam aquilo que está errado, não querem ver, são obcecados, e tão quando se trata dessa pessoa não dá. É bom você falar em política com pessoas que admitem, “Não, tem no meu partido, o fulano errou, devia ter feito isso, devia ter feito aquilo”, né? Querem tapar o sol com a



peneira, então não dá. Então quando se trata de pessoas culturalmente atrasadas politicamente ou apaixonados eu nem abordo o assunto. Embora eu goste de ler livros de política, livros e jornais, notícias nos jornais, sempre procuro estar integrado pra que no momento necessário eu pode discutir com conhecimento! Por que se não tem conhecimento no assunto eu não discuto. Tenho por hábito isso, não conheço o assunto não estou interado, não me envolvo. Agora se eu tiver certeza que tem conhecimento que está bem informado então nós conversamos.

- O senhor disse que já foi vereador, mas na Câmara de Vereadores o senhor discutia?

Sim, inclusive tenho até hoje vários projetos que eu fiz e até gozaram da minha cara pelo seguinte, “Mas como? Tal e coisa, você é novo aqui, quer fazer isso, quer fazer aquilo”, só que eu apresentava projetos assim de estrutura ampla, muito pouco apresentava projeto pra atender uma, como é que se diz, um interesse particular. Eu por exemplo nunca esqueço numa ocasião apresentei um projeto pra ampliação dos pavilhões da FAISMO, você vê, isso são trinta anos atrás, me acharam ridículo “Que que eu queria com isso?” olha eu digo “Não, eu to pensando daqui a trinta, quarenta anos, São Miguel vai desenvolve” né? “Não mas não tem dinheiro pra isso, pra aquilo” tá. Apresentei um projeto da construção da ponte internacional entre Paraíso e Argentino, tenho até fotografias! Foi em Junho de 1980 só que quando construíram a ponte e coisa, hoje os pais são outros, ninguém falou também não me envolvi contanto que saia, né? Saiu agora questão de alguns anos, por sinal contra todas as normas de exigências do DENIT, altura, estrutura uma série de coisas, né? Mas fizeram. Eu então indicava coisas assim genéricas onde se havia necessidade de pensar num futuro, por que geralmente o pessoal pensa pequeno “Á não vou votar para abrir aquele pedacinho de estrada entre aquele vizinho e um outro lá, tenho oito votos na próxima eleição” o vereador geralmente pensa assim! O prefeito se não é administrador, ele não sabe dizer não, então ele não é bom prefeito. Por que ele tem que agradar os eleitores, os conterrâneos aos partidários pra obter votos pra próxima eleição, e hoje infelizmente tudo é assim a começar lá de Brasília. Infelizmente você vê né? Aqui no município pelo que se observa não (ruído inaudível) entra e sai há um critério geral de atendimento geral de todos os setores, mas eu não digo que possa haver total isenção em alguns aspectos. Mas que hoje os políticos visam mais o cargo políticos pra obter vantagem isso é!

- Acabam organizando políticas públicas em prol...

Mas claro! O que eu ia dizer aproveitam pra por um parente, um apaziguado, um prosélito. Pessoas por exemplo, uma pessoa excelente, um bom cidadão etc. Mas se deixa levar pelos companheiros não sabe dizer não. Eu nunca esqueço nós tivemos um Hélio Wasum, foi nomeado é verdade na época da ditadura, que pra mim não foi ditadura por que hoje criticam a ditadura, os militares da época, no entanto quem deu férias de 30 dias para os operários foi na ditadura, quem criou FGTS foi na ditadura, quem criou PIS/PASEP para os funcionários foi na ditadura, quem criou o décimo terceiro foi na ditadura, quem fez o salário e determinou férias para as empregadas domésticas foi Ernesto Geisel que foi na ditadura, que veja o pessoal as vantagens que tem, quando se construiu Brasília que teve o milagre brasileiro foi na ditadura, abriram-se rodovias Brasil de ponta a ponta que os governos posteriores não fizeram se quer nem fechar os buracos. Querem fazer estradas e coisas gastam mais em fazer propaganda política do governo do que propriamente investem na construção de infra-estrutura, pontes, rodovias e assim por diante.

- Quando necessita de algo da prefeitura, como procede?  
Eu normalmente, noutros tempos era bem mais fácil falava com um funcionário, era o prefeito, não existia essa sistemática toda, informática, tal e coisa. Então hoje quando precisa eu vou lá e me informo “O que que precisa?” vou lá e peço. Tá então tem que fazer um requerimento, então você pega faz o requerimento leva lá e aguarda que atendam, né? Por que normalmente o vereador atendimento assim ele dá pra alguns amigos, tal e coisa, se esforça, vai lá traz, né? Pra garanti o voto na próxima eleição. Mas eu como sempre fui um tipo que independente, pela minha cultura pelo meu preparo, de tá me informando com eles eu pego o telefone na prefeitura digo “Tem que fazer isso, tem que fazer aquilo”. Um exemplo: cortei uma árvore lá em casa, um cedro, que eu plantei. A árvore estava provocando sujeira, as raízes estavam provocando até derrubar o muro do vizinho, peguei fui lá tirei a licença na polícia ambiental, embora eu tivesse plantado e fosse dentro do meu terreno, mas fui e paguei minhas taxas como paga qualquer cidadão que é acho que é correto.
- Quais foram as propostas feitas ou promessas que os governantes municipais não cumpriram? E por que não teriam cumprido?  
Mas olha essa pergunta é tanto quanto, não inoportuna, por que é o seguinte: você sabe que todos os políticos prometem mundos e fundos, você é vereador promete que vai aumentar o salário dos funcionários, que vai apresentar o salário mínimo do Brasil, eles não sabem nem qual é a função do vereador, o vereador sequer pode apresentar um projeto pra que haja despesa por parte executiva, podem apresentar mas é mera demagogia, por que o vereador como tal está proibido de apresentar projetos que venham a causar despejas para prefeitura, á não o Zé-povo, o ignorante, o burro que não entendem “Não mas o vereador pediu aumento pra nós” aí depois de um tempo o prefeito dá um aumento “Ali viu, o vereador conseguiu” vereador não tem nada que ver com isso, então infelizmente é assim, então há muitas coisas que prometem, há poucos dias conversando com um cidadão que se diz político tem família na política, diz “Não, por que o prefeito de São Miguel prometeu que em quatro anos ia construir quatro distritos industriais, ia criar quatro distritos industriais. E já passo o ano e não fez um, só fez um.” Mas eu argumentei “Mas cidadão ele falo em quatro anos de governo, ele não disse em um ano de governo vou fazer quatro, o senhor está interpretando de forma errada.” Ele não compreendeu completamente, no primeiro ano deve ver as áreas, quais são os setores que vão naqueles distritos industriais, tem um que parece-me que é, como se diz? É... confecções! Foi criado, foi desapropriado, foi pago. Estão vendo mais um ou dois quem sabe pra que outro setor? Logicamente nos quatro anos pode ter os quatro distritos criados. Agora também não devemos ser assim tão intransigentes “Não, mas ele prometeu que ia dar quatro!” Mas então você vê tem um ano e só tem um, tem mais três anos pela frente. Quer dizer são pessoas ferrenhas nesse aspecto não admitem, acham que tem. E a gente sabe político promete que vai faze isso, faz aquilo. E na grande maioria não depende dele, depende da verba, depende da arrecadação, hoje existe a lei da responsabilidade fiscal que limita os gastos em determinados setores, como empregados, com a educação, com a saúde, como deve ser empregado. Então há uma, né? O que realmente se observa nessas prefeituras é um excesso de funcionários, isso há né? Há algumas prefeituras que ainda controlam, quando são pequenas, mas mesmo assim tem que dar, ajeitar um emprego pra um amigo e coisa, criar um cargo e tal, por que tá dentro daquela verba e não pensam em pesar pra investir. Ai depois só compram uma máquina quando vem um dinheiro que um deputado arruma lá em Brasília ou no estado com ajuda e

coisa, então compram uma máquina e inauguram. Festa, foguete! Viagem do governador! Se fizessem um levantamento de todas as viagens que um governante faz, governante do estado ou do país, com essas comitivas, por que você vê: viajam de avião ou de carro, tem os guarda-costas tem o motorista, tem aquela comitiva toda. Se fizéssemos o cálculo aqui, fazendo o cálculo de inaugurações que fizeram aqui na região, inaugurar uma sala de aula. Se eles fizessem o cálculo da despesa que dá o deslocamento do governador pra vir inaugurar uma sala de aula com toda sua comitiva e seu aparato, dá pra fazer outra sala de aula. Mas não pensam isso, pensam na promoção e lá adiante pra se candidatar.

- Qual é a reação da família ou vizinhos quando do não cumprimento das promessas governo?

Normalmente é de revolta, inconformo. Agora tem o seguinte também, muitos também, como eu mencionei agora pouco, não esperam o dia exato ou terminar o tempo, “Não, mas nós estamos com a máquina sem condição vocês aguardam se não dá esse mês, se não chove nós vamos passar” “Não, mas disseram que vinham esse mês e não vieram!” Isso é natural, por que nós brasileiros, nós só cobramos, nós queremos que o governo nos dê, mas agora trabalha e ajuda não ajudamos. Então nós temos uma praga agora é Bolsa Escola, Bolsa Saúde, Bolsa Família, computador na escola. Computador pra escola é uma doença, é uma doença contagiosa que vai pega dentro de alguns anos que dentro de uma sala de aula você não aproveita mais ninguém pra trabalha por que o computador resolve! Eu quando professor já tive alunos quando existia aquela maquinazinha de puxa com a mão assim, a soma vinte, a que puxava, botava saia no papel; eu ensinava pros alunos contabilidade bancária outras assim, “Não, mas pra quê professor? No banco tem máquina!” Cheguei pra uns alunos que não vinham na aula, “No dia que eu fizer teste quem não vier no teste tem três”, “Mas professor com três dá pra passar, o governo passa a gente” qual é o animo que você vai dá aula? Eu quando estudei eu segui as exigências você não sabia a lição você tomava Simão, você ficava de castigo até aprender! Eu sei minha tabuada do um à 12 pode pedir do jeito que quiser que eu sei até hoje, que eu aprendi no primário. Hoje você pergunta pra qualquer marmanjo de faculdade eles não sabem nem quanto é sete vezes sete, você vai num comércio qualquer balconista, qualquer funcionário “Á essa lâmpada aqui á R\$ 2,50, á isso aqui mais R\$ 1,20. Tãtã á dá R\$ 4,70” “É?!”. Cheguei numa loja poços dias fiz uma relação, a moça tá escrevendo o código o artigo e o preço, e eu só olhava o preço, eu fui somando de cima pra baixo, mas eu do lado de cá quando ela somou digo 261 e 30 “Mas como?” ela com a máquina “Mas como é? O senhor tem máquina?”, digo “Não, eu não preciso de máquina, eu sei somar!” E hoje infelizmente você pega... você fazia trabalho de faculdade você tinha que fazer um teste, quando eu fiz faculdade tive presta exame oral na frente de uma banca examadora, hoje o aluno faz uma monografia o que que faz? Manda um digitador, você escolhe a tese o digitador faz o trabalho pra ti entrega pra professor, o professor o professor pra não se incomoda, pra não ter trabalho, dá dez no trabalho você tá aprovado. E você aprendeu? Nada! As vezes você saiba alguma coisa ou talvez nem tenha conseguido ler o trabalho que alguém digito pra ti e você pagou. Eu sei por que eu já vivi nesse meio e sei. Já tive colegas que mandei fazer um trabalho sobre direito tributário, cada qual de um município, todos fizeram o mesmo trabalho só que em grupos diferentes, ai eu peguei e corriji o trabalho e não dei nota, ai vieram reclamar, “Não, mas eu gostaria de saber qual desses trabalhos é o original? Por que esses trabalhos aqui são iguaiszinhos embora de três grupos diferentes, então e tenho medo de dar nota pra um grupo e os outros receberem

nota igual sem terem feito nada.” Você vê? Achando que eu não iria corrigir o trabalho e não ia ver. Eu sempre fui Caxias comigo mesmo pra exigir do aluno, eu acho que o professor quanto mais exigentes com relação ao aluno o aluno se obriga a estudar. Professor dá nota, você estude. Não tem problema você não se arrepende. Eu tive professores que forem duros comigo eu agradeço a eles. Eu conheci um professor que ficou pra dar aula no meu lugar no colégio Peperi por que ele queria ser candidato, queria se promover. Ai ele chegou sabe o que ele fez? Chegou não dava nenhuma matéria por que tava em campanha e era tudo oito e nove. Um dia ele manda a namorada dele na sala de aula pra aplicar a prova e os alunos “Sim mas que matéria? Ele não deu?” E todo mundo com oito e nove. Tempos depois teve uma reunião de professores com os alunos “Mas que que adianta nós tira nota boa se nós não aprendemos nada? Professor não dá matéria”. Eu acho que em primeiro lugar deveria ser feita uma análise um estudo de cada professor ver como se comporta na sala de aula por que pra mim professor é aquele: não que transmite o conhecimento, mas aquele que faz com que o aluno assimile os conhecimentos, aprenda, entenda a matéria. Não adianta eu to chegando na frente de um aula qualquer ai, naquelas que eu estou bem preparado, “bah, mas como ele fala bonito professor” mas e o aluno aprendeu alguma coisa? Então você tem que dar a teoria e dar um exemplo prático pro aluno assimila, então ele não esquece, eu tenho um exemplo de uma ocasião, dei aula de Direito Usual, terceiro ano, técnico em contabilidade, e em 86 nos encontramos eu e esse meu ex-aluno e ele era promotor e fez concurso pra juiz, hoje é aposentado como juiz. Ele chegou de uma sala de aula assim, nós estávamos no corredor ele chegou pra mim assim “ôô professor” eu disse “á, professor você também, né?” ai ele disse “Professor Seganfredo, eu nunca me esqueço da sua primeira aula de direito” “Sim mas por que, foi novidade, por que?” “Não, o senhor deu tal assunto, e o senhor deu uns exemplos práticos que eu guardo até hoje, e são vinte anos decorridos, aqueles exemplos me serviram na vida” e esse meu aluno, ex-aluno foi promotor, foi juiz, foi advogado hoje é aposentado e advoga, né? Então ele realmente era aqui do interior, uma pessoa simples, mas estudava. Então ele prestava atenção na sala de aula. Então quer dizer, eu pra mim aula é você saber fazer com que o aluno assimile, eu já fui procurado por aluno dizendo o seguinte “Professor queremos fazer um abaixo assinado pra tirar professor da escola” “Não mas ele tem mestrado, tem doutorado” “Sim mas ele não sabe dar aula, a gente faz uma pergunta e nessa pergunta ele responde fazendo outras pro aluno, por que ele não responde”.

- Qual o espaço na sua cidade que mais frequênta? E pra o lazer? Olha normalmente, eu na minha idade, eu gostava de carnaval, mas depois que viro aquilo, gente enchendo a cara, passando a mão na mulher, aquilo em salões; o carnaval perdeu aquela faze que ele tinha, aquelas marchinhas e coisa, hoje é bebedeiras e drogas e coisa assim. Eu já alguns anos estou afastado e não frequênto. Nem grupo de idosos eu não frequênto hoje. Televisão muito pouco por que eu prefiro ler. Eu sou dado a leitura, hoje eu, meu maior laser é leitura, de 72 pra cá eu fui anotando eu li 600 livros, em trinta e oito anos. 600 livros. Só que aminha biblioteca além de ter dado doações pra biblioteca de Bandeirantes, Barra Bonita, Descanso, Biblioteca do Peperi, dei 320 volumes que versavam sobre História lá na UNOESC, e depois eu vendi pra um colega que queria uns livros pra mostra uma biblioteca não interessava se fossem aproveitáveis ou não, mas queria mostra pro outro que tinha lido, vendi 600 livros e mesmo assim disponho hoje de 12 a 15 mil volumes. Por que na televisão pouco de bom você encontra hoje, pouco de bom. Fazer o que? Eu fico lendo, estava lendo por sinal esta madrugada, ontem à noite

um livro de uma coleção que eu tenho lá, acho que último de lá, sobre um julgamento que houve na História, guerra entre Portugal e Espanha num discurso do Padre Antonio Vieira, umas colocações que ele fez lá, eu gosto, gosto de leitura e de toma conhecimento e gosto de falar com pessoas esclarecidas. Pouco freqüente bar ou coisa assim, gosto dessas festinha de final de semana nas comunidades, come um churrasquinho ou coisa assim, mas lugares pra freqüente, clube atualmente na minha idade não, eu gosto muito de viajar e conhecer é o que me interessa.

- Referente à questão passada, o senhor toma alguma atitude além da revolta frente às promessas não cumpridas dos governantes?

Eu simplesmente sou uma pessoa que gosto de analisar as coisas, não isso é promessa de campanha é humanamente impossível de fazer. Por que eu vejo que são poucas pessoas que vêem os fatos e as causas desses fatos pra depois tirar as conclusões. Eu normalmente tal assim aconteceu isso, “mas por que?” não mas aconteceu isso e isso e isso e aquilo. Então você veja hoje por exemplo em São Paulo aquelas inundações aquelas, você vê aquela lixeira toda, o que que você diz? “O governo é culpado” você já culpa o governo, mas quem é que amontoa o lixo lá? Então você vê aqueles montes de lixo e aproveitam pra jogar e se vê livre do lixo. O pessoal não contribuiu, então as inundações por que? Por que as bocas de lobo, as sanguinhas que nem aqui em São Miguel o Guamirim, você encontra pedaço de mesas cadeiras trancando o curso d’água, lógico! O governo tem culpa? O governo não pode estar aí fiscalizar toda hora, ele faz as obras necessárias e depois o pessoal também tem que cuidar. Mas hoje não, temos os telefones públicos o pessoal que que faz? Pegam, quebram, tapam por que é perto da comunidade onde tem traficando de droga ou coisa e pra não chama a polícia vão e estragam o telefone, senão os vizinhos chama a polícia. Ou seja, nós trabalhamos com verdadeiros vândalos e esperamos que o governo faça, então acha que a pessoa pra criticar tem que ver o seguinte, você prometeu, você tinha conhecimento que não podia fazer? Se sabe que não tem verba por que que promete? Então aí você tem que cobrar! Mesma coisa aquele cidadão que falou que o prefeito prometeu que ia fazer quatro distritos industriais, só fez um! Um momentinho, mas ele não disse que faria quatro em um ano, disse que faria quatro em quatro anos, e você está cobrando quatro num ano. O que é diferente, perigo de pegar quatro áreas e deixar do que você pegar e estruturar, só pra dizer depois “Mas eu criei” sem calçamento, sem infra-estrutura, sem coisa nenhuma. Ainda mais hoje se torna difícil administrar uma cidade por que? É o que você vê essas avalanches e essas coisas que vocês percebem em Rio, São Paulo e em todo o Brasil é o que? Pessoal que constroem em área de risco, pra não paga construção, por que o loteamento é irregular, ou coisa tem aqui em São Miguel já existe várias disso aí! O Fulano quer faturar um dinheiro vende um cantinho do terreno dele “Á mas aqui tem um morro atrás da casa pode construir aí, me paga tanto” aí constrói clandestinamente, sem fiscalização, começa tira terra quando vê vem água de cima desmorona. E continua morando aí. Quer dizer, nem sempre a responsabilidade é do administrador. Embora as vezes ele tem conhecimento e faz ouvidos moucos, faz de conta que não sabe. Se você que é jovem começar a analisar assim, você vai ter a conclusão de quantas coisas erradas o das quais nós mesmo temos culpa e atribuímos a culpa aos outros. Infelizmente o pessoal hoje não tem cabeça pra pensar, pra raciocinar. Nós somos daqueles que queremos receber do governo, hoje por exemplo o empregado tá dizendo pra trabalhar só 40 horas semanais, por que 44 é demais. Na Corréia do Sul, depois daquela guerra toda que houve, se reestruturou hoje é a oitava economia do mundo, trabalham 52 horas semanais e que são mais automatizados que nós. No

Brasil você vai pagar um empregado você gasta 102% você paga R\$ 500,00 então você tem o que, faz o calculo 100% a mais você paga, então ele te custa mil reais por mês, porque? Por que tem fundo de garantia, tem FGTS, tem PIS/PASEP, férias, décimo terceiro, época e os dias que ele não trabalha. Nos EUA sabe quanto que ele gasta? 9%! E lá não tem indenização, férias não é 30 dias! Lá você tem 30 dias você tira 10 dias de férias, e o resto você negocia como quer? Quer trabalhar, quer se divertir, quer tirar intercalado você faz. Né? Não existe os encargos que tem aqui? Por que que hoje tem muita gente desempregada, querem todos os direitos, mas e o trabalho? Ganham emprego no dia seguinte já tão perguntando quando é que vão entra de férias, ou não querem trabalhar “por que ficar trabalhando o mês todo pra ganhar só isso aí!”. Acontece que as empresas muitas não podem pagar aquilo por que os encargos sociais são pesados. Entende são coisas assim que infelizmente as pessoas não sabem analisar. Então o empregado quer direito, que querem os sem-terras? O sem-terra não quer terra. O sem-terra quer continuar vivendo em circunstâncias assim pra ganhar salário do governo e sexta básica. Eu tive aqui um caso prático, gente que quando veio o primeiro assentamento aqui, na primeira invasão de terras aqui Entre Rios, tinha um cidadão me procurou aqui que queria se separar da mulher, tá fiz a ação. Não achava ele pedi um dia “Tava onde?” “Palma Sola, no sem-terra de Palma Sola” ai eu disse “Mas como?” “Não, mas acontece que aqui já fazia dois anos e se eu continuasse aqui não ganhava mais, ai eu fui pra Palma Sola, no outro grupo pra continuar ganhar.” Tempos depois me aparece na televisão liderando um grupo lá em Faxinal dos Guedes” por que aqui também tinha pedido aquela vantagem de ganha uma sexta básica e salário todo mês. Enquanto eles giram e andam é que nem pedra, pedra que rola não cria limo, quer dizer não criam base. Então pura e simplesmente estão nessa bagunça e o governo dando dinheiro pra continuar, é só o governo deixar de dar dinheiro diz “Ou vocês vão trabalhar ou não” ou então tem estrada pra construir “Vamos pega vocês tem trabalho aqui, tá? Vamos trabalha. Vamo paga vocês um salário vocês vão é trabalhar”. Mas não, deixa que passa, deixa que leve. Tem os trouxas que trabalham e pagam imposto! E não cobram. Por que muito pouco a gente cobra, ninguém quer se incomodar.

- Você gosta de morar na sua cidade? O que faz para melhorar ainda mais o convívio da sua cidade?

Eu acho que é o seguinte, pra melhorar convívio você tem que ajudar as pessoas que necessitam na medida do possível, você tem que ser cordial, cumprimentar, enfim, né? Não conheço mas você vê que a pessoa tá intrigada quer saber de tal coisa você pode se aproximar dizer “Não olha, vai por aqui, vai por ali” não custa nada! Não custa nada e você está fazendo um bem. Mas infelizmente o que estraga aqui é o seguinte, nós temos a nossa cidade é admirável, cidade bonita, bem traçada, gente boa hospitaleira, mas a gente só pensa no ter. Você vê São Miguel é uma cidade cuja um habitante e meio tem uma condução, você sabia? É. São Miguel do Oeste são 35 mil habitantes para 22.393 veículos, ou seja, um veículo para cada habitante ponto seis; mais do que Chapecó mais do que qualquer outra cidade do estado. Por que? Voga o que? Apresenta é lataria. Você tem condução você tem um carro, caindo aos pedaços, mas é um carro, você tem! Eu vejo pessoas aqui que entram na justiça pra cobrar R\$200,00 ou R\$300,00 por que parece que tão morrendo de fome e tão de carro. Pra isso tem, deixam de pagar o comércio, deixam até passar fome os filhos em casa, mas é diferente, é uma forma de responsabilidade total. Isso eu falo por que eu vivo e eu convivo com isso ai na profissão.

- Respeita as leis propostas pelos órgãos públicos da sua cidade?  
Quer dizer o seguinte, você respeita as leis, só que você vê, um exemplo: o que sai lá de cima que não respeita. Eles fazem uma forma que sirva a eles, você vê quem acompanha o noticiário vê esse congresso, nesse senado, câmara de deputados, vale tudo! Eles acham sempre um furinho pra não cumprir a lei, eu acho que a lei deve ser cumprida, por que já dizia um Historiador Capistrão de Abreu dizia o seguinte “No Brasil são inúmeras as leis só falta uma lei que diz, sejam cumpridas as demais leis”, é! Essa lei não tem! Por que todo mundo procura burla a lei, um sonega no imposto, um sonega na carteira do profissional que trabalha contigo, é desse jeito. Então infelizmente... e o pior de tudo é que você não pode exigir: Fulano rouba uma galinha a polícia daqui faz um escarcéu prende o Fulano. Deu uma cantada de uma mulher, tal e coisa, Fulano tá Maria Da Penha pega ele processa ele vai preso depois a mulher se desmente diz que não era verdade. Ai processa a mulher por que movimento a justiça. Em Brasília no senado, no congresso e essas esferas ai fazem o presidente diz que não toma conhecimento, diz que não sabe de nada disso ai, se ele não sabe que é presidente! E os legisladores lá Sarney e companhia, sabem que isso ai é assim mas não enxergam, ai vem o Lula e defende “um homem honrado que nem o Sarney não pode nem ser processado” mas o que que é isso?! A gente sabe os cambalaxos, as fortunas que ele tem lá no Maranhão juntamente com o filho, as filhas e a família. Então o que que você pode esperar de uma população que vê os líderes descumprindo as leis, corruptos, ladrões pra não dizer em outras palavras, e você vai ter que cumprir a lei e pagar imposto! “Não, mas a ordem é essa! Você não pode fazer assim!” “Á mas se são lá em cima os políticos que desviam dinheiro são julgados” Mas depois já prescreveu por que já passou o prazo. Quantos governadores e prefeitos foram assim “Não, mas tal e coisa cabe recurso”, os processos deviam ser julgados dentro de um ano trinta dias pra isso, sessenta pra isso e noventa pra aquilo, deu resultado acabou, se foi condenado, foi condenado. Mas não ainda tem escape, ai eles saem da posição pública por que não pode ser político, ai eles dão um cargo lá uma tetinha pra continuar no partido. O Brasil desde que foi descoberto por Portugal é isso. E nós ostentamos inclusive um dos melhores lugares com os mais corruptos do mundo, isso é uma horária, agora em cultura nós perdemos para o Paraguai, para a Bolívia pelo Equador, e no entanto o governo dá computadores nas escolas os alunos ficam na frente do computador fazendo brinquedo, tal e coisa, e o professor lendo revista ou livro conversando com os outros professores “Não, meus alunos tão ocupados tão estudando”.
- Pois bem Sr (...), agradeço as suas palavras, acredito que serão úteis para as análises que pretendemos.  
Se está bom assim, eu estou a disposição.

Entrevista - Nº 020  
30 de Julho de 2008

- Qual é sua idade?  
Trinta e um anos.
- A sua origem étnica?
- ,A sua origem Italiana, Alemã?  
Brasileira.
- Casado?  
Separado.
- Quantas pessoas têm na sua família.  
Cinco.
- Quantos filhos?  
Quatro.
- O senhor é daqui de São Miguel?  
Não eu nasci em Chapecó, mas faiz quatro anos que eu morro aqui.
- Qual era a profissão anterior?  
Eu trabalhava na roça.
- Que motivos o trouxe a vir desempenhar esse tipo de atividade.  
Nós viemos morra pra cá, não tinha serviço nos trabalhava na pedreira, e da pedreira resolvemos cata papel.
- Qual a renda mensal da família?  
Agora baixou papel né antes dava até um salário, um salário e pouco agora não chega nem um salário.
- O que recebe é o suficiente para sua sobrevivência e de sua família?  
As veis não dá né. É pouco.
- Foi para a escola ?Que estudo você tem?  
Eu estou estudando, não sei bem lê, mas estou estudando, estou fazendo alfabetização, faz dois anos que comecei no colégio aqui perto, ali no Kaique.
- Como é seu dia- a- dia reserva algum tempo pro lazer, assim pra sair passear?  
Não tenho tempo pra passear só vou trabalhar.
- As pessoas que trabalham nessa associação estão satisfeitas com o trabalho que fazem? O que você acha?  
Sim todo mundo gosta né só que nós aqui em São Miguel, aqui tem muita gente que vende papel né, a gente tem dificuldade, tem bastante gente que vende o papel daí o pessoal vem, cata na rua, e as veis consegue e as veis não consegue.
- E você esta satisfeito?  
Eu por enquanto sim.
- Gostaria de trabalhar com outra coisa?  
Eu queria arruma um emprego com carteira né. Mas é difícil.
- Você pretende trabalhar com que daí?  
Nem sei, no que dá, de pedreiro, servente né.
- Quando vocês vão coletar o material cada um coleta pra si ou coletam juntos esse material?  
Por enquanto temos coletando pra si, por que não temos prensa e o picotado né, não temos como ponha tudo junto por que um puxa mais e outro puxa menos, não tem lugar fixo.
- Vocês não têm a prensa ainda?  
Não não temos e precisa o picotado daí.



- Vocês têm local marcado pra coletar esses papéis papelão?  
Sim eu tenho porque já faz cinco anos que eu trabalho, daí eu já tenho lugar é só ir todo dia buscar, mas tem algum que não tem e ai tem que cata na rua as veis consegue e as veis não consegue.
- Vendem os materiais juntos e repartem os lucros ou não?  
Não cada um vende individual, vende o que catou, que nem por dia, se tu ir trabalha tu consegue, se tu não ir trabalha tu não consegue.
- Então só ganha se catou papel?  
Se trabalhou.
- Se não catou daí não ganha?  
Daí não ganha nada
- Estão fazendo o caixa pra comprar a prensa?  
Não
- Vai melhora a situação de vocês tendo a prensa e o picotador?  
É os documentos de escritório vem tudo pra nós daí.
- De toda a região aqui?  
Sim aqui de São Miguel.
- Onde comercializam o produto da sua coleta?  
Vendemos, é nós vendemos pra fábrica de guardanapos pro Ricardo.
- Aqui de São Miguel?  
Sim aqui mesmo.
- Só coletam papel papelão?  
Plástico, a latinha, o ferro, alumínio.
- E essas outras coisas comercializam com quem?  
O alumínio e essas outras coisas nós vendemos pra ele, e o ferro nós vendemos pra outro.
- E esse outro é quem?  
Tem um aqui que compra.
- Aqui de São Miguel? Qual é o valor que vocês vendem, é por quilo ou como que é?  
É tudo por quilo.
- Quanto é o quilo?  
Vinte e dois o papel, vinte e cinco o plástico, e dezesseis centavos o ferro e dois e meio o alumínio.
- Como você já me falou que comercializam individuais, onde só sua família comercializam esse produto, ou comercializam junto com os outros?  
Só minha família.
- Você tem associação juntas, más cada um junta e vende separadamente o seu produto?  
Cada um tem lugar separado na associação.
- Na associação cada um tem uma parte separada, seu espaço ali aonde guarda o material, e vende pra quem quer?  
Não nós vendemos só pra um, cada quinze dias o cara vem carrega,daí.
- Participa das reuniões da associação?  
Eu as veis participo as veis não
- O que você diria da ACOMAR, o que você diz dessa associação?  
Há eu pra mim é o melhor porque tem umas pessoas que colaboram, ajudam nós tem muitas famílias que podiam puxar em casa, mas em casa é perigoso rato e coisa né e aqui não tem né, tudo mundo puxa aqui daí, em casa é mais limpo daí, por causa que eu também puxava em casa é muita sujeira,agora faz na associação.

- Como você se sente sendo um coletor de material reciclável?  
Eu me sinto bem na cidade o pessoal que bem nós, tanto faz os ricos, a maioria dos ricos apóiam a gente.
- Você gosta de morar em aqui?  
Gosto por que logo fiz bastante amizade. Por onde em passo já me conhecem.
- Quais são seus projetos para o futuro?  
Nós temos um projeto agora pra nós reforma as casas mandemos um pedido pra vim, trinta e quatro mil né, daí depois que vem o pedido daí dez anos daí e que nois vamos começar a pagar né, pra nois reforma as casas pra fazer casinha.
- Esse projeto é da prefeitura?  
Mas eu não sei, mas falaram na associação que os que são associado vão ganhar uma casinha. Assim financiada. Não sei se foi o Lino que trouxe essa idéia.
- Ele é aqui de São Miguel?  
Sim ele é aqui de São Miguel presidente dos bancários, ele que trouxe isso, aqui aquela vez era o projeto andorinha, mas como não funcionou a câmara Junior fez um galpão no bairro Agostini, daí era pra ser aprovado daí não foi aprovado aquela vez era outro prefeito, daí agora com esse prefeito nois ganhamos apoio, daí nois conseguimos a associação.
- Então era isso. Obrigado  
Eu que agradeço.

Entrevista nº 021  
Setembro de 2008

Qual o seu nome completo?

Meu nome completo é(...).

Sua origem étnica?

Italiana.

Religião?

Católica.

De onde veio a sua família?

Meus pais vieram do Rio Grande do sul.

Vocês sempre morram aqui depois que vieram para cá?

Não, meus pais quando chegaram em SMO solteiros ganharam terras de seus pais na localidade de Sanga Curta, Descanso, aí depois, com o tempo eles compraram outras terras na cidade de SMO, interior e permaneceram 19 anos nestas terras e depois é que vieram para cidade de SMO, hoje 33 anos que eles vivem neste local.

Você já nasceu aqui?

Eu já nasci na cidade de SMO.

E você sabe que motivos trouxeram os seus pais para morarem aqui?

Olha era procura de mais terras, por que onde eles residiam tinha poucas e muitos filhos, então eles vieram pra este lugar onde tinha mais terras e foram colocar os filhos, irmãos do pai, do meu pai, pra esses se colocarem neste lugar.

Que dificuldade você encontra para viver aqui onde você está residindo?

Mas olha, dificuldades quase que não tem neh, por que cada um tem seu trabalho, sua renda, saúde, trabalho, então dificuldade quase que não tem.

E antigamente também era assim, ou melhorou muito nos últimos anos?

O pai conta que antigamente dificuldades financeiras principalmente, por que a colheita que eles faziam quase que não tinha aonde vende, então a maioria tinha suas mercadorias, então eles não compravam, cada um plantava e tinha suas mercadorias, quase não tinha venda.

Você freqüentou a escola?

Eu freqüentei, fiz o segundo grau completo.

E gostaria de volta a estudar, termina o ensino superior?

A gente nunca fala não pra isso, quem sabe mais tarde.

Se você pudesse volta você acha que isso mudaria a sua vida?

Claro, sempre muda, por que com estudo sempre as coisas é um pouco mais fácil de acontecer.

E quando vocês ficam doente, onde buscam os primeiros socorros?

A gente tem sorte de ter saúde, mas já precisamos, já fomos ao SUS aqui da cidade, já procuramos.

E como vocês vão até lá?

A gente tem carro então é tranquilo pra ir.

E antigamente era assim?

Os pais conta que tinha dificuldade par tudo, inclusive na época, a dificuldade não tinha carro, então era bom , mas era difícil.

O que você leva em consideração quando escolhe os representantes municipais?

A gente sempre procura assim a consideração pessoas que a gente entende que possa fazer o melhor ne.

Você participa de algum espaço de discussão sobre o andamento da sociedade?

Agora sim, por que é época de política, então a gente gosta de ir assim até os comícios, e tal, agora época de política a gente vai, mas só neste tempo mesmo neh.

Quando necessita de alguma politica publica como voce procede?

Não sei responde.

Que propostas foram feitas pelos governantes municipais que não forma cumpridas? Voce se recorda de alguma?

Olha tem varias propostas que eles não assim, eles sempre falam que querem melhora saúde, sempre falam que querem melhora, abaixa os impostos que é o que a gente mais sofre com isso neh, impostos, e nem sempre eles conseguem fazer isso neh, o que desejar seria isso.

Por que você acha que eles não cumpriram?

Olha, por que eles não cumpriram, acho que eles não conseguiram né, eles as vezes não tem dinheiro pra isso.

Quando não cumpridas as promessas municipais o que a sua família faz? E os vizinhos? Como vocês se manifestam frente a isso?

Todo mundo se cala, ninguém faz nada, fica ouvindo, ficam armando, mas não vão atrás assim de uma solução né, nem mesmo a gente, derepente pouca força pra isso.

Tere, como é seu dia-a-dia?

É quase uma rotina, levanta de manha vai pro trabalho, de noite vai pra casa, não tem assim muitas novidades praticamente uma rotina, nem sempre a gente gostaria que fosse assim, mas faze o que né, se torna.

E os fins de semana? Tira pra descansar?

Eu descanso só aos domingos a tarde, mas eu ainda consigo passeá um pouquinho, fazer alguma coisa.

Qual o espaço da cidade que você mais freqüenta?

Eu mais, as vezes eu vo num barzinho, calçadão faço um joguinho de sinuca, coisa que eu gosto neh.

E para os dias de folga o que você faz?

Dias de folga, eu não tiro folga é só aos domingos a tarde.

E o que você mais gosta aqui em SMO?

O que eu mais gosto, haa aqui tem vários lugares bonitos de freqüentar, aqui na cidade seria a gruta, às vezes a gente faz um passeio também lá.

E o que você menos gosta?

Bom, ta tudo bem não sei do que eu não gosto.

E o que você faz para melhora a vida na cidade e com seus vizinhos?

Olha as vezes a gente toma chimarrão junto né, conversa, não é sempre que a gente tem esse tempo, mas quando dá pra gente fazer isso de noite, quando a gente tem um tempinho, toma um chimarrão com o vizinho conversa um pouquinho.

Vocês respeitam as leis propostas pelos órgãos públicos?

Sim respeitamos.

Pagam corretamente contas de água, luz, IPTU?

Tudo em dia, graças a Deus tudo em dia.

Eles recolhem corretamente o lixo domiciliar?

Sim é recolhido.

Os resíduos do banheiro vocês possuem fossa séptica?

Não o banheiro não tem fossa séptica.

Possuem água tratada da CASAN?

Da CASAN sim.

Vocês têm alguma fonte de água aqui no terreno?

Não, aqui não tem nascente.

Vocês tem noção de quanto o lixo pode contamina o meio ambiente?

A gente sempre ouve fala, lógico que tem noção de que isso pode dificulta as coisas.

Vocês descartam algum tipo de lixo no lajeado Guamerim?

Não a gente procura preserva, uma que a gente morra bem longe disso né, o lajeado Guamerin é bem longe, mas assim não.

Como você vê o lajeado?

Pois é, eu passo pouco lá naquele lado, mas eu vejo ele bem sujo, bem poluído, bastante sacolinhas jogadas nas beiradas, ta bem poluído.

Por que provocaram tamanha poluição nele?

Descuido, as pessoas não tem, elas não tem assim, como é a palavra que eu vo colocar, orientação as vezes neh, não tem consideração.

Será que é possível recuperar ele?

É possível lógico, com apoio das pessoas tudo é possível.

O governo municipal promove algum tipo de política pra despoluição do lajeado que você sabe?

Olha que eu sei não, mas nos colégios assim eles devem orientar professores e alunos que eu já vi até campanhas de ir lá limpa, alunos, meus conhecidos falaram que assim dia disso de limpa, acho que eles trabalham sim.

Você acha que essas políticas públicas minimizam esses impactos?

Minimizam sim, mas resolve pro completo não.

Qual seria tua sugestão para diminuir a poluição no lajeado?

Consciência, se as pessoas, todas as pessoas que assim fazem esse tipo de coisas tivessem consciência não iria ter problema pra resolver.

Você acredita que a população poderia ser conscientizada sobre as questões ambientais?

Sim acredito.

Ou será que é preciso duras penalidades?

Olha ate isso derepente ajudaria.

Qual sua sugestão tere para que a gente possa viver em uma sociedade mais saudável?

Conscientização de uma forma ou de outra, colégios, alunos, até os ribeirinhos, aqueles que morram lá, tinha que conscientiza eles, palestra com eles, orienta, por que eles nem sempre fazem as coisas pensando que ta, pra eles é certo, mas ta completamente errado, por que eles não tem formação pra isso.

Assim, vocês que morram aqui perto do lajeado, por que ele passa aqui em baixo, quando vocês vieram morar aqui ele era Berto, ou já era canalizado?

Ele é canalizado ate á, começa a canalização atrás daquele prédio aqui ó, esse prédio do Filipini, ali ele começa a canalização dele, por que ali tem a fonte fechada, mas dá em baixo do asfalto ele corre aberto, ali ele começa a ser canalizado.

Quando vocês eram crianças vocês brincavam nele?

não, por que ali assim ele é meio pequenininho, ele quase é na verdade ali como é a nascente é um barrinho assim, não dá, não tem como brinca ali, acho que nunca teve crianças que brincavam ali naquele valo, por que é pequenininho.

Muito Obrigado Tere pela sua disposição.

Não há de que, tomara que seja aproveitado o que eu falei pra você.